
DR. JAMES DOBSON
KURT BRUNER
CPAD
A TRANSIÇÃO
SEM PAIS


DR. JAMES DOBSON
KURT BRUNER
CPAD
A TRANSIÇÃO
SEM PAIS

# SUMÁRIO

NOTA DO AUTOR

ANTONIO

PARTE UM

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOUE

CAPÍTULO DEZ

PARTE DOIS

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOUE

CAPÍTULO UINTE

CAPÍTULO UINTE E UM

CAPÍTULO UINTE E DOIS

CAPÍTULO UINTE E TRÊS

CAPÍTULO UINTE E QUATRO

CAPÍTULO UINTE E CINCO

CAPÍTULO UINTE E SEIS

CAPÍTULO UINTE E SETE

CAPÍTULO UINTE E OITO

CAPÍTULO UINTE E NOUE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTH E TRÊS

CHPÍTULO TRINTH E QUHTRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CHPÍTULO TRINTA E OITO

CRPÍTULO TRINTA E NOUE

PARTE TRÊS

CAPÍTULO QUARENTA

CAPÍTULO QUARENTA E UM

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

CAPÍTULO QUARENTA E QUHTRO

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

CAPÍTULO QUARENTA E NOUE

CAPÍTULO CINQUENTA

CAPÍTULO CINQUENTRE UM

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

CAPÍTULO CINQUENTA E NOUE

CAPÍTULO SESSENTA

CHPÍTULO SESSENTR E UM

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

# A TRANSIÇÃO

## SEM PAIS

**DR JAMES DOBSON E KURT BRUNER**

Traduzido por Degmar Ribas e Michael Ribas

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro
2014

Todos os direitos reservados. Copyright © 2014 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: Fatherless – A Novel

Faith Words, Nova York, EUA

Primeira edição em inglês: 2013

Tradução: Degmar Ribas e Michael Ribas

Preparação dos originais: Ana Paula Nogueira

Adaptação de capa: Elisangela Santos

Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

CDD: 813 – Ficção

ISBN: 978-85-263-1226-5

eISBN: 978-85-263-1284-5

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: Agosto/2014

Tiragem: 3.000

# NOTA DO AUTOR

Um lar feliz é a mais alta expressão da imagem de Deus na terra. E existem forças, que não são visíveis aos olhos humanos, trabalhando para destruir esta imagem. Casamento e paternidade ecoam no céu, algo que o inferno não pode subsistir.

Em 1969, comecei trabalhando como professor assistente de pediatria da Escola de Medicina da University of Southern California e compunha a equipe do Children's Hospital em Los Angeles. Esta afiliação continuou até 1983. Em 1977, fundei o que se tornou um ministério dedicado, pelo mundo inteiro, à preservação do lar, o que me colocou em um breve conflito cultural após o outro, involuntariamente confrontando forças muito mais escuras do que eu conhecia. Eu não finjo compreender o que ocorre no campo do invisível. Mas sei que todos nós vivemos o que C. S. Lewis chamou de "território ocupado pelo inimigo". As Escrituras nos dizem que Satanás "sairá e enganará as nações" no fim da história. Um foco central desse engano será, acredito eu, o estágio final de um assalto que começa quando os nossos primeiros pais acreditaram na mentira de um rebelde.

Nas últimas quatro décadas, tenho aconselhado presidentes americanos e encorajado mães exaustas à medida que elas se envolvem em diferentes frentes da mesma batalha. Uma parte da minha função tem sido fornecer relatos inteligentes sobre a guerra contra o homem bemsucedido. A tarefa agora obriga questões problemáticas.

O que acontece em um mundo onde crescer com o amor protetor de um pai se torna a exceção e não a regra? A pobreza e a violência dos centros urbanos nos oferecem uma antecipação de quão profunda e sabiamente aquelas ondas vão se propagar.

O que acontece quando o número de idosos excede, em muito, o número de jovens? Especialistas nos dizem que o declínio no casamento e na paternidade está abastecendo uma queda, sem precedente, na fertilidade. O crescimento da população global cessará em breve, e então retrocederá. As famílias vão diminuir em um ritmo nunca visto desde o século XIV com a Peste Negra. Como nós já estamos vendo em lugares como o Japão e a Rússia, crises econômicas sempre acompanham a diminuição da população à medida que os poucos jovens e saudáveis estão sobrecarregados com o peso do envelhecimento e da fraqueza. As melhores projeções mostram os Estados Unidos em uma trajetória para baixo

em poucas décadas.

Esta série de livros é um relato fictício daquilo que correntes demográficas, sociológicas e culturais preveem. Mas também é a celebração do desígnio de Deus para as famílias, as quais mantêm uma beleza complacente e um poder redentor que as forças mais ardentes do inferno não podem destruir.

James C. Dobson, PhD

*17 de agosto, 2041*

# ANTONIO

Eu não esperava que a pessoa que estava me matando bocejasse, entediada.

A pequena inscrição debaixo do nome dela, Hannah, diz ESPECIALISTA EM TRANSIÇÃO. Eu reconheço o título do formulário de permissão pela internet: ela é uma das “profissionais altamente treinadas e calorosas, que proporcionam serviços essenciais aos nossos heroicos voluntários”.

Provavelmente, o seu calor se havia esgotado um pouco antes, naquele dia. Ela disse que eu sou o quarto voluntário, depois do almoço. Eu vi que havia pelos menos três outros, na recepção, esperando, nervosamente, os seus últimos momentos, naquela mesma sala. Hannah vai jantar tarde, esta noite.

Eu não cheguei a ver o médico. Acho que isso era de se esperar. Os médicos não medem a temperatura, nem verificam a pressão sanguínea. Eles delegam procedimentos de rotina, como o meu. Eu sou apenas outro cavalo manco, que precisa de um fim rápido e indolor para a minha desgraça. Não, não um cavalo. Os cavalos, pelo menos, trazem valor à fazenda. Eu trouxe apenas gastos para mamãe e Jeremy, durante dezoito anos, um peso morto, em uma época em que a humanidade precisa de todas as mãos trabalhando.

Hannah me mostra uma roupa, que parece um lençol feio. “Precisamos que você tire suas roupas, e vista esta”. Ela fala alto, como se eu fosse surdo. Ou lento.

Eu percebo a preocupação de Hannah. Eu percebo que ela nunca trabalhou com alguém tão incapaz. A maioria dos voluntários, provavelmente, tem algo parecido com mobilidade. Mas eu não posso oferecer nenhuma ajuda, enquanto ela tenta tirar a minha camisa. Eu sinto o rosto dela roçando o meu, e sinto o aroma salgado de uma umidade nervosa em seu rosto, enquanto ela tenta tirar meu braço sem vida de sua manga. Então, eu sinto que ela abre o meu cinto, para remover minhas calças e minha cueca. Rapidamente, ela me cobre com a roupa. Ela é fina demais. A sala fica fria e, repentinamente, lúgubre.

O rubor no rosto de Hannah diminui, enquanto ela esfrega álcool em meu braço. O cheiro fere minhas narinas. Em sua terceira tentativa de encontrar uma veia viável, ela suspira, diante da inconveniência de membros tão magros. Aos dezoito anos, eu sou, aproximadamente sete décadas mais jovem que o cliente usual de Hannah. Eu tenho certeza de que ela esperava menos contratempos. Eu acho que todo trabalho tem os seus aborrecimentos.

Eu gostaria de poder conversar com ela.

*Então, conte-me algo sobre você.*

*Tem um companheiro? Tem filhos?*

*O que uma garota tão bacana como você está fazendo, matando um sujeito como eu?*

O riso alivia a tensão. Mas eu nunca fiz ninguém rir. Eu sempre fiz com que as pessoas ficassem desconfortáveis — como um inseto feio, mas inofensivo. As pessoas recuam, instintivamente. Eu acho que, de qualquer maneira, uma risada seria inadequada.

Eu sei o que Hannah está pensando. “Como pode um pai impor tanto sofrimento a um filho?” O oposto de minha pergunta: “Por que uma mãe faria tal sacrifício?”

E nenhum sacrifício era necessário.

As noites sem dormir.

Os olhares de condenação.

Anos preciosos e uma pequena fortuna gasta, para me ajudar a enfrentar um mundo feito para pessoas muito mais capazes que eu.

Que desperdício.

Hannah olha para a tabela com os meus dados. “Eu vejo que você acabou de fazer aniversário”, a sua própria tentativa de uma conversa.

Eu me pergunto se ela percebeu que o meu aniversário foi no mesmo dia em que os demógrafos previram que os Estados Unidos cruzariam a linha rumo ao despovoamento. Eles erraram por três, mas isso não tem importância. A data era simbólica, e, mesmo assim, foi o tema de todas as manchetes, programas de entrevistas, comentários políticos, simpósios acadêmicos e banquinhos de bar durante toda a semana. Eu suponho que seja adequado que o meu compromisso de transição acontecesse no mesmo dia. Agora, nós estamos, oficialmente, no mesmo barco furado, que o resto do mundo desenvolvido.

Assim sendo, eu estou fazendo a minha parte. Desde que completei dezoito anos, na última quinta-feira, não preciso mais da autorização de minha mãe. As mães nunca gostam quando seus filhos se alistam. Mas eu sei que estou fazendo o que é melhor.

Quando as primeiras gotas da toxina amarela começam a entrar em minha corrente sanguínea, Hannah se concentra no quadro de hábitos saudáveis, na parede, acima de meu ombro esquerdo. Ela age com uma persistência resoluta, e, ainda assim, maternal. Eu quero que Hannah olhe nos meus olhos. Ela não olha. Ela não consegue olhar.

De certa forma, eu gostaria que mamãe tivesse vindo comigo, para segurar minha mão, ou para acariciar meu braço. Mas ela nunca foi boa com esse tipo de coisas. Eu me lembro da ocasião em que ela me levou às pressas ao pronto socorro, depois que meu irmão mais velho quebrou um vaso, e grandes cacos de vidro entraram em meu pé. Ela se obrigou a ficar ali, ao meu lado, enquanto a enfermeira removia os trapos que Jeremy tinha usado para deter o sangramento. Então, ela pediu desculpas, e se esquivou, para fi-car no corredor. A enfermeira me disse que eu não precisava chorar, porque eu veria mamãe depois de alguns minutos, depois de concluídos os pontos.

Durante nosso jantar de despedida, ontem à noite, mamãe disse que o seu coração estava doendo, como quando papai partiu. O que mais ela poderia dizer? Aqueles dias foram difíceis. Foi quando Jeremy disse a mamãe que ele odiava a Deus. Eu nunca entendi o que Deus tinha a ver com isso. E ainda não entendo.

Eu não consigo me lembrar do rosto de papai. Eu só me lembro do cheiro de sua loção pós barba. Eu sinto falta do seu cheiro. Mamãe disse que sente falta dos sussurros brincalhões dele, ao ouvido dela. Ela ficou vermelha, quando disse isso.

Eu tenho certeza de que, secretamente, papai culpou mamãe pela minha condição. Como muitas pessoas sensatas, ele quis parar depois de ter tido um filho. Mas mamãe tinha insistido que Jeremy precisava ter um irmão. Eles imaginaram que viria uma menina saudável. Eu não sou nem uma coisa, nem outra.

Eles dizem que a inscrição na transição é “um ato heroico para o bem público”. Na verdade, estou fazendo isso por mamãe. Ela merece ter uma vida. Além

disso, eu estou cansado de viver do lado devedor da contabilidade. Ninguém nunca me chamou de débito, é verdade, mas a expressão se encaixa bem. Em vez disso, as pessoas simulam solidariedade enquanto calculam, mentalmente, os custos. Os números mais recentes mostram outra queda significativa na relação entre trabalhadores produtivos e dependentes idosos e incapacitados. A matemática não mais funciona. Pessoas como eu impedem que trabalhadores jovens e saudáveis tenham inovação e crescimento desesperadamente necessários. Eu não vou deixar que isso continue. Eu sei que não valho nada, mas tenho meu orgulho.

O procedimento deve demorar, em média, “quarenta e cinco minu-tos”. O relógio na parede diz que ainda me faltam 21 minutos. Hannah consulta o seu relógio de pulso, antes de pegar uma máscara transparente, que está pendurada ao lado de minha perna direita. Ela diminui um pouco a folga no tubo de ar preso à máscara, a etapa seguinte em uma sequência cansada, mas eficiente. Colocando a máscara sobre minha boca e meu nariz, gentilmente ela passa uma tira elástica pela minha cabeça, antes de digitar o meu peso no regulador digital.

Eu acho que eu sou um covarde esbanjador, por escolher o gás sonífero opcional. Eu sei que eles aperfeiçoaram o tratamento, para eliminar a dor. Eu prefiro deslizar para o sono a contar os segundos finais, como na véspera do Ano Novo. Além disso, a taxa extra era simbólica.

“Agora, respire normalmente”. O som da voz de Hannah traz algum conforto. Eu estou contente porque a minha especialista em transição é uma mulher, talvez até mesmo uma mãe. Eu aposto que ela aceitou esse emprego por um instinto maternal, para criar um mundo melhor para o seu filho recém-nascido, ou talvez uma sobrinha, ou uma prima. Ela acredita que isso é o melhor para todos, especialmente para mim.

Eu não percebo a música, até que um som no corredor perturba a melodia que parece um ronronar. Hannah desvia os olhos do quadro, com uma expressão de preocupação. Ela ouve atentamente, como se esperasse que uma voz no intercomunicador confirmasse um alarme falso. Mas o som aumenta. Uma porta é aberta e fechada. Outra porta bate, desta vez acompanhada de uma conversa abafada.

— Por favor, senhora, eu preciso que a senhora volte à sala de espera. — Uma mulher fala com intensidade sussurrada, como um assistente em uma igreja, que

repreende uma criança irreverente e inquieta.

Hannah parece alarmada. Isso já aconteceu antes.

— Eu não ligo para as suas normas idiotas. Eu quero ver o Antonio!

— Mamãe?

Hannah vai até a porta, com a mão dirigindo-se à tranca. Tarde demais. A porta se abre, desequilibrando Hannah em direção à minha cama. Eu sinto uma ligeira pontada, pela agulha sacudida. Nenhum dano, apenas a vergonha por uma mãe que interrompe o meu primeiro e único ato de independência.

— Senhora Santos? — pergunta Hannah, recuperando sua compostura profissional. — Eu devo insistir em que a senhora saia. Nós acabamos de iniciar uma fase delicada no procedimento, e...

A voz e o corpo de Hannah ficam como congelados. A trinta centímetros da ponta do nariz dela, está a ameaça de um pequeno e fino bisturi. Na outra ponta da faca, eu vejo o braço estendido e trêmulo de mamãe.

— Pare com isso imediatamente! Eu mudei de ideia. — Uma coisa estranha a dizer, uma vez que ela não havia consentido.

Eu fiquei surpreso por ver mamãe com um bisturi. Ela deve tê-lo apanhado em outra sala de transição. Eu tinha me esquecido do processo de doação de órgãos. Eles vão extrair meus órgãos úteis nesta mesma cama.

Por trás do ombro de mamãe, eu consigo ver a camisa azul do segurança do edifício, que entra em cena, sem fôlego, pela subida de três andares de escadas. A cena se desenrola lentamente diante de mim, como um filme de câmera lenta. Eu percebo que o relógio na parede passa de vinte para vinte e um. Faltam dezenove minutos.

— Por favor, senhora. — O guarda parece jovem e cansado. — Pos-so… posso acompanhá-la de volta?

Nossos olhares se encontram. Em uma fração de segundos, mamãe e eu conversamos, silenciosamente, em meio a lágrimas que começavam a se formar.

— Deixe-me ir, mamãe. Você merece isso.

— Eu não quero que você se vá.

— Você sabe que é melhor. Eu sou um peso para você, para Jeremy, para todos.

— Você é parte de mim. Parte de nós.

— Eu quero ir.

— Não.

A expressão nos olhos dela me indica que isso é algo mais que um drama de arrependimento no último minuto. É um ato de persistência materna obstinada.

Mamãe agita o bisturi, em direção à agulha e à máscara.

— Por favor. Tire isso agora. — Um terno apelo, de uma mulher para outra, que também é uma exigência não negociável.

— Eu não posso fazer isso. — responde Hannah firmemente. — Uma parte da solução já entrou no sistema dele. Se eu interromper o processo agora, seu filho pode sofrer uma morte lenta e dolorosa.

— Mas ele…

— O tratamento é cumulativo — interrompe Hannah. — Até mesmo uma pequena dose é fatal. Quanto mais ele receber, mais rápido será o processo.

— Eu não acredito!

— Por favor, escute o que estou dizendo, senhora Santos. É tarde demais. Dê ao seu filho essa misericórdia.

As palavras ferem. Uma acusação clara. “Como pode um pai impor tanto sofrimento a um filho?”

Mamãe não conseguiu eliminar defeitos genéticos. Ela me forçou a viver aprisionado em um corpo deformado e doentio. Ela precisa profanar também meus últimos momentos, o meu ato heroico?

Os nossos olhos se encontram outra vez.

— Antonio, me perdoe.

— Claro.

— Eu fiz o que pensei que era melhor.

— Eu sei. Eu entendo. Agora, deixe-me ir.

Eu me sinto atordoado, e luto para manter meus olhos abertos. Uma longa piscada, antes de forçá-los a se abrir outra vez. Faltam dezesseis minutos.

Pressentindo uma oportunidade, a camisa azul enrugada se lança à frente, agarrando, desajeitadamente, minha mãe por trás. O guarda tenta forçá-la a baixar os braços e soltar o bisturi, mas a surpresa faz com que o corpo dela reaja instintivamente. A faca é empurrada para frente, roçando a parte inferior direita do queixo de Hannah.

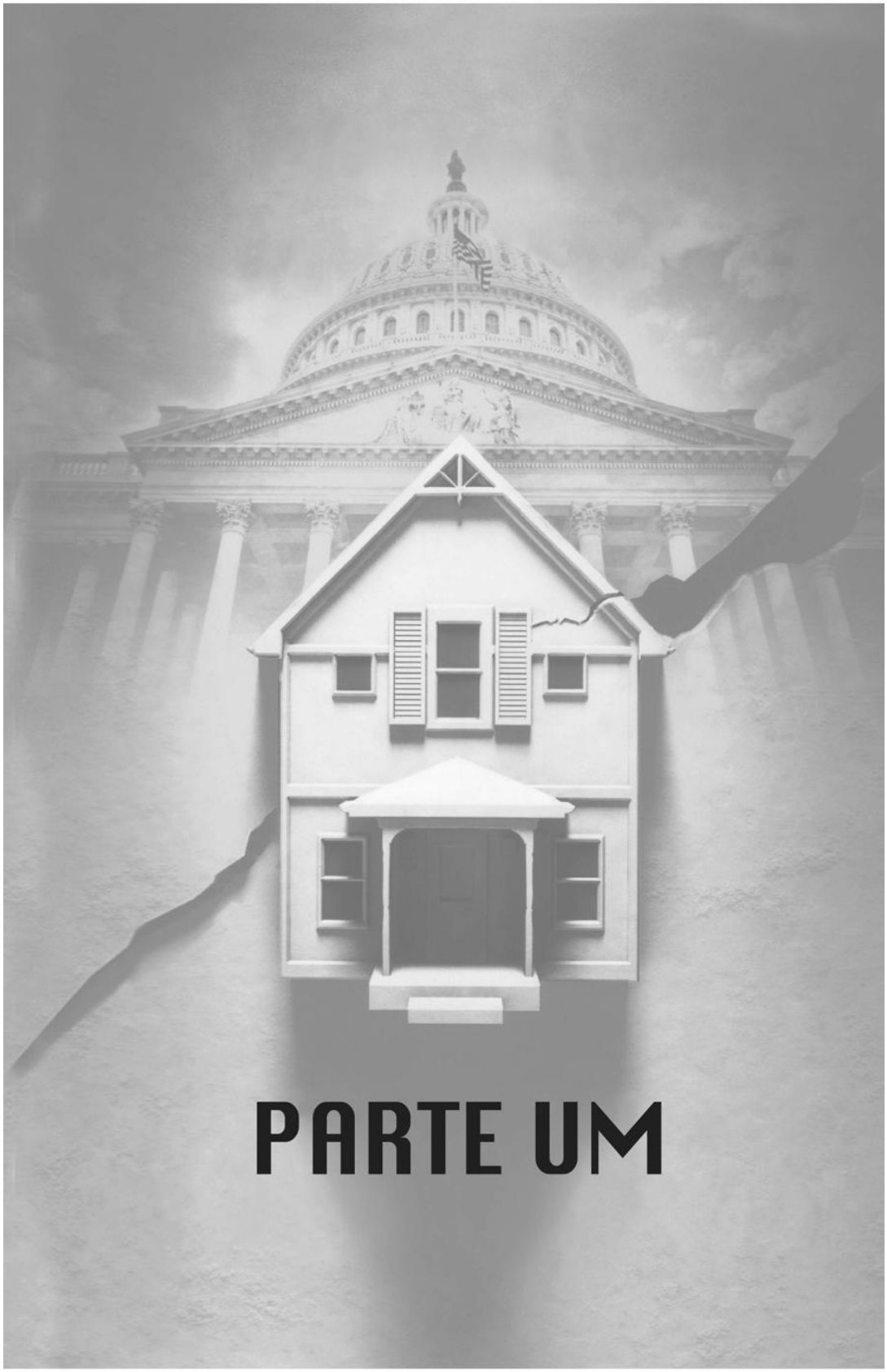
O guarda e mamãe caem, desaparecendo do meu campo visual. Eu ouço uma pancada brutal, e sinto a força de um crânio esmagado contra a borda metálica de minha cama. Eu vejo o corpo de mamãe, estremecendo em convulsões.

Ainda é um ato heroico, quando ele mata a pessoa que você está tentando libertar?

Não consigo mais manter meus olhos abertos. Não quero mais abrir os olhos.

Eu sinto comoção, e ouço gritos, mas o som desaparece.

Eu me rendo a ondas de sono.



# PARTE UM

# CAPÍTULO UM

J

ulia Davidson bebeu um gole de seu segundo copo de água gelada. Fingindo estudar as promoções para o almoço, ela tentava juntar as partes de sua transformação, de uma estrela em ascensão a uma pedra em queda livre. Foi uma história específica? A inevitável mudança nos gostos dos leitores? Ou será que ela havia perdido seu talento? Há alguns anos, os editores se ajustavam, avidamente, à sua agenda cheia, e não o contrário. Agora, somente um lhe retribuia os telefonemas.

A mão bem cuidada de Paul Daugherty apertou, gentilmente, o ombro de Julia, por trás. “Sinto muito, Joia. Não consegui sair antes. Você está esperando há muito tempo?” Com seus cinquenta e poucos anos, e de aparência impecável, Paul tinha um rosto rechonchudo, e cheirava mais forte do que a colônia recém-aplicada, cujo aroma tentava se sobrepor ao cheio do pão de alho morno e de um prato de massa que passou por eles. O aroma, como o homem, parecia indiscreto.

— Eu acabo de chegar — mentiu ela. — Obrigada por encontrar tempo para mim.

— Não seja tola. Eu sempre gosto de ver minha jornalista favorita.

*Ex-favorita, pensou ela.*

Naquela mesma manhã, Julia havia lido outra matéria desleixada, escrita pela nova garota de Paul, Monica Garcia.

— Será que você não quer dizer colunista? — disparou Julia, para lembrá-lo de sua posição rebaixada.

Paul acenou com seu indicador, em resposta ao comentário desagradável.

— Que feio. Eu conheço dúzias de excelentes escritoras, que matariam pela coluna RAP.

— Um elogio ou uma ameaça? — perguntou-se Julia.

— E os seus números continuam respeitáveis, para os padrões de qualquer rede.

— Respeitáveis? Isso é como ter uma “personalidade agradável”?

— Obrigada, Paul. Eu agradeço tudo o que você fez, para que isso acontecesse.

Um pouco de adulação, ainda que imerecida, parecia inteligente.

— Que posso dizer? O nosso público alvo adora o que você escreve. E você ainda consegue se expressar como ninguém.

— Ainda? Já passei o meu auge, aos trinta e quatro anos.

— Seja bem-vindo outra vez, senhor! — interrompeu a garçonete.

— Devo pedir que preparem o seu prato usual?

— Isso seria ótimo, Debra.

Paul era mais leal a um prato de massa que à mulher que havia impulsionado sua carreira. Antes de conseguir Julia, Paul havia trabalhado em um cubículo, sofrendo o tédio mecânico da preparação de textos para a impressão. Agora, ele cuidava de matérias e colunas para o segundo maior meio de comunicação do planeta.

— Deixe-me adivinhar — Paul procurou se lembrar do prato favorito de Julia.

— Salada de salmão?

— Sim, por favor — disse Julia à garçonete, entregando-lhe o cardápio.

— Já há um homem em sua vida? — a pergunta usual de Paul.

— Nada firme — ela não gostava de conversas fúteis.

— Esta noite, vou ao teatro, com outro amigo de Maria.

— Algo promissor? — alfinetou Paul.

— Tenho poucas expectativas.

Ambos sorriram, enquanto Paul voltava a falar de negócios.

— Você ficará feliz por saber que trago presentes.

— Espero que sejam melhores que o seu último presente.

— Psiu — disse Paul, levando um dedo a seus lábios fechados.

— Eu acho que você vai gostar dessa. Pode ser uma excelente história.

— Uma reportagem?

— Isso depende do que você vai descobrir.

— Descobrir? — Julia engoliu uma indignação crescente.

Houve uma época em que a equipe de Paul lhe entregava o material de que ela precisava, para uma reportagem.

— Ouça, Joia. Nós entramos em contato com o queixoso que iniciou um processo de morte por negligência, contra a empresa NEXT.

Nada fazia sentido.

— Não estou entendendo.

— Você não está entendendo ainda. Foi uma pequena história, que aconteceu há uns sete meses. Um rapaz de dezoito anos agendou uma transição. A mãe dele teve um acesso de loucura, e atacou uma funcionária da clínica.

Paul fez uma pausa, para receber seu copo de refrigerante diet. Com uma piscadela de agradecimento, enquanto bebia pelo canudinho, Paul esperou que Debra se afastasse, antes de se inclinar para Julia.

— Bem, acontece que a mulher morreu.

— A funcionária?

— Não, a mãe. Veja só. Ela escorregou, durante o ataque, e bateu a cabeça na cama do seu próprio filho!

Ele se recostou na cadeira, sorrindo pela cômica ironia.

— Quem entrou com o processo?

Paul pareceu irritado, com a falta de senso de humor de Julia.

— É aí que a coisa fica interessante. O rapaz inválido tinha um irmão mais velho, que está culpando a clínica pelas duas mortes.

— As duas mortes?

— É. O irmão mais velho disse que o agendamento foi feito três dias antes do aniversário do rapaz. Ele tinha dezoito anos, no dia da transição, mas eles aceitaram a inscrição pela internet quando ele ainda era menor de idade.

Julia bebeu um gole desnecessário, enquanto considerava o potencial da história. Era incomum que alguém tão jovem procurasse a transição, mas não era nada sem precedentes. E havia milhares de casos de entes queridos atormentados, ou malucos religiosos, que tentavam interromper mortes por transição, no último minuto.

— E?

— E nós queremos a história do rapaz — disse Paul.

— Eu pensei que o rapaz estava morto.

— Não o inválido. O irmão.

Paul se moveu ligeir amente, para que a garçonete pudesse colocar o seu prato quente sobre a mesa.

Observando-o avidamente, Paul continuou.

— Nós queremos retratá-lo como um instrumento para advogados ambiciosos.

— Ambiciosos?

— Isso mesmo. Uma de cada duas disputas de transição é solucionada fora dos tribunais. Esta percorreu todas as instâncias, mesmo exigindo indenizações punitivas. A NEXT planeja apelar, é claro.

— Olhe, Paul, eu não tenho certeza…

— Eu sei o que você está pensando, querida — interrompeu Paul.

— Mas eu realmente acho que essa história pode ser interessante. E o nosso conselho editorial considera a história muito importante. Há pessoas que vão tentar usar indevidamente a história. Você já imagina as manchetes: Iniciativa de mocidade provoca suicídio de adolescente ou Mãe aflita morre durante transição ilegal do filho. Paul fungou, com desprezo.

— Precisamos sair à frente com essa história, antes que algum repórter com espírito humanitário a use de maneira indevida.

— Então, eles querem que o irmão seja retratado como alguém demoníaco?

— Da maneira mais justa e equilibrada possível — respondeu Paul, com ironia.

Julia pôs na boca um pedaço de salmão, para ter tempo para pensar. Ela duvidava que a história pudesse ser um sucesso; apenas outro processo, aparentemente frívolo, contra uma das mais respeitadas organizações sem fins lucrativos da nação. As clínicas de transição tinham uma reputação excelente. A maioria dos leitores leria, rapidamente, a manchete, antes de passar a temas mais importantes, do tipo que Paul estava dando a Monica Garcia. Mas Julia não podia se arriscar a recusar.

— Ok, Paul — começou Julia. — Eu faço a matéria.

— Excelente!

— Mas com uma condição.

— Condição?

Ela respirou, profundamente. Lá vai.

— Eu quero a próxima exclusiva.

— Esta é a próxima…

— Então, por que você não a deu à Monica?

Um silêncio prolongado transferiu o poder para o lado dela.

— Não me olhe assim, Joia.

Paul reagiu, como um menino flagrado com a mão no pote de biscoitos.

— Você sabe que eu não limitaria você.

Algumas palavras denunciavam o ardil dele. “O Retorno a Guyland”.

Paul havia dado a história a Monica. Ele havia plagiado o título da reportagem de Julia, Guy landers, que havia ganhado o prêmio Pulitzer, a mesma história que tinha catapultado Julia e Paul ao topo do RAP Media Syndicate.

— Ela fez um bom trabalho, com aquela reportagem — disse ele, envergonhado.

— Você usou a minha reputação e a minha pesquisa anterior para dar a ela uma oportunidade.

— Eu nunca... — Paul se interrompeu.

Ele havia perdido essa discussão anteriormente. Ele tinha uma dívida com ela, simples assim.

— Por favor, Paul. Não me faça implorar. Você sabe que eu preciso disso.

— Está bem, Joia. Você venceu. Aceite a história do processo, e você terá a próxima reportagem.

— Obrigada, Paul.

Ela estava sendo sincera. As suas oportunidades estavam diminuindo rapidamente. Se ela não tivesse uma excelente história, logo ela se veria caindo de volta ao fundo rochoso, onde repórteres e colunistas se tornavam consultores e assistentes de pesquisa.

Paul tirou um cartão do bolso do casaco, e o deslizou sobre a mesa. Um nome, Jeremy Santos, juntamente com um número de telefone e um endereço.

— Ele estará esperando você amanhã, ao meio-dia.

— Você já disse que eu o entrevistaria? Mas eu acabo de…

Paul lhe exibiu, rapidamente, um sorriso ardiloso, e lhe deu uma piscadela. Isso a lembrou dos velhos tempos.

Julia pôs na boca outra garfada de sua salada, desta vez, apreciando o sabor. Ela passou os olhos pelo restaurante, percebendo o olhar de admiração de um jovem elegante, sentado junto a uma mesa distante. Ele pareceu enver gonhado, quando baixou os olhos ao cardápio.

Ela sentiu uma faísca de confiança, que há muito tempo não sentia.

# CAPÍTULO DOIS

-V ocê está falando sério?

Kevin Tolbert sentiu que suas emoções o colocavam em algum lugar entre: Isso pode ser muito bom e Não diga nada estúpido. — Aqui? Hoje?

— Esse é o boato — continuou a voz de Troy, ao telefone.

— Eles dizem que ele está planejando fazer uma visita surpresa à conferência, esta tarde. E, atenção, a imprensa não pode estar presente.

— Franklin? Sem imprensa? Ele sempre consegue nos surpreender...

A voz de Kevin sumiu, enquanto ele olhava pela janela panorâmica que permitia a visão das formações de rocha avermelhada ao redor do Gamelback Resort.

Ele hesitou.

— A fonte é confiável?

— Como? — retrucou Troy, com as palavras seguidas por um murmúrio.

— Eu sei, eu sei. Você não incluiria isso nas minhas informações diárias, a menos que a fonte fosse confiável. Desculpe.

Kevin apreciava a proteção de 1.600 quilômetros, propiciadas pela decisão de Troy de permanecer em Washington, DC, para cuidar do escritório. Troy havia sido mais alto e mais forte desde que os dois se conheceram, na Littleton Middle School em 2019, dando-lhe o ângulo perfeito para roçar a cabeça de Kevin, em um movimento de lixa, sempre que estava irritado com seu “pequeno companheiro”. O hábito começou quando Kevin, acidentalmente, derrubou o chocolate de Troy sobre todas as garotas mais bonitas do oitavo ano; Troy defendeu as garotas da única maneira como um rapaz do ensino fundamental conhece, por meio da violência física.

Desde essa ocasião, a esfregadela na cabeça havia sido o sinal de ataque de Troy. As suas novas funções, como membro do Congresso e Chefe do Estado Maior somente relegava o costume a locais privados. Nenhum dos dois havia desejado abrir mão do mais íntimo sinal de uma amizade que havia durado o ensino médio, a faculdade, três bem sucedidas empreitadas comerciais, e a sua recente

vitória sobre o congressista de quatro mandatos, Nicolas Long.

Kevin mudou de assunto, tocando, gentilmente, sua própria cabeça.

— O que mais você sabe?

— Você já ouviu falar da NEXT?

— Acho que já. Parece familiar. Serviços de transição?

— Isso mesmo — respondeu Troy.

— Eles estão sofrendo um processo bastante divulgado. Morte por negligência.

Troy fez uma pausa, para permitir que a mente de Kevin assimilasse as informações. Ele sempre tinha admirado a capacidade de seu melhor amigo de unir os pontos e prever o que iria acontecer em seguida. A função de Troy, como os anos haviam confirmado, era proporcionar palha que Kevin pudesse converter em ouro: boatos em conferências, análises de tendências de mercado, projeções financeiras a respeito de pequenos negócios em declínio, visando uma mudança de direção. Depois que Kevin entendia o panorama e a oportunidade, o papel de Troy passava a ser o de um general leal, que podia proteger e implementar.

Nada havia mudado, desde a sua mudança para Washington. A mesma aliança que havia construído uma bem sucedida iniciativa de investimentos, agora procurava influenciar o debate nacional. O papel de Troy, como coordenador da campanha e, depois, Chefe do Estado Maior, serviu como uma luva. Kevin Tolbert possuía o cérebro e o carisma necessários para debater no Congresso, cortejar patrocinadores, e encantar a imprensa. Troy Simmons tinha a determinação e o radar necessários para manter seu pequeno companheiro no caminho correto e livre de problemas. Um necessitava do outro. Ambos sabiam disso.

— Quantos processos de transição foram resolvidos com acordos, fora dos tribunais? — Troy havia previsto a pergunta.

— Até agora, todos.

— Por que esse é diferente?

— Duas mortes, um rapaz e a mãe dele.

— Uma dupla transição? — perguntou Kevin.

— Não. A mãe tentou interromper o procedimento. Ela morreu por um grave golpe na cabeça. A clínica afirma que isso aconteceu, quando ela escorregou e caiu, durante um ataque.

— E o filho?

— Ele agendou o evento enquanto ainda era menor de idade, uma violação bastante clara das diretrizes relativas à idade e não-coação, definidas há três anos.

Kevin percebeu que vários participantes da conferência estavam voltando a seus lugares, ao redor da mesa de conferência, trazendo pequenos pratos com biscoitos ou frutas frescas.

— Parece que a segunda rodada está prestes a começar — disse Kevin, alertando Troy.

— Conte-me o principal a respeito desse assunto.

— Eu tenho um palpite de que o caso pode ser importante, independente do resultado.

— Uma pequena rachadura na armadura?

— Improvável — respondeu Kevin, de maneira desinteressada.

— De qualquer maneira, é cedo demais. Eu não creio que esse grupo deseje discutir novas restrições a transições durante uma batalha a respeito de orçamentos. Nós já reduzimos o máximo que podíamos.

Kevin sentiu um tapinha no ombro. A congressista Nicole Florea estava repreendendo, silenciosamente, o último atrasado a voltar para a conferência.

— Eu preciso ir.

Kevin pediu paciência à congressista, com um aceno de cabeça, como pedindo

desculpas, e um gesto de mão que indicava “só-mais-um-segundo”.

— Kevin — repreendeu Troy. — Não se esqueça do motivo pelo qual estamos aqui.

— Eu sei por que estamos aqui, Troy. Mas precisamos escolher nossas batalhas. Ou, pelo menos, travá-las em uma sequência que possa nos dar uma oportunidade. Nós concordamos. O déficit vem em primeiro lugar.

— Você sabe, tão bem quanto eu, que o déficit vai ficar pior, e não melhor.

A conversa da sala diminuiu, quando o grupo se aquietou, preparando-se para o próximo assunto na agenda.

— Eu entendo, Troy — sussur rou Kevin — vamos falar sobre isso mais tarde.

O telefonema terminou, permitindo que Kevin tentasse um retorno discreto à conferência. Aproximando-se de seu lugar à mesa, ele dava, com facilidade, uma piscadela, a quem percebesse a sua chegada tardia, um dos muitos pequenos hábitos que faziam com que fosse tão fácil gostar de Kevin.

Fácil para todos, menos a anfitriã.

— Obrigada por nos agraciar com a sua presença, Sr. Tolbert.

Nicole Florea, do estado de Nevada, teria preferido que Kevin tivesse recusado o convite relutante que ela lhe havia feito, para a conferência. Durante mais de duas décadas, ela havia sido a líder, na prática, da Western State Caucus, uma respeitada unidade no sistema político, com um dom para combinar as opiniões diversificadas do grupo em uma frente unificada. A juventude e a independência de Kevin a deixavam desconfortável, bem como a popularidade dele, entre os quase 36 líderes do congresso que compareceram à conferência.

Elegante, aos 36 anos, Kevin Tolbert se comportava com equilíbrio e confiança, que pareciam suficientemente distantes da arrogância. O cabelo loiro e penteado, o porte atlético, sugeriam que ele havia praticado tênis ou luta livre no ensino médio. Na verdade, ele havia jogado futebol, o que o levou a uma bolsa de estudos na Universidade de Colorado, onde ele havia se formado, com distinção, uma semana antes de se casar com a jovem com quem namorava desde o ensino médio. “Um homem que conseguisse agarrar Angie Greer poderia fazer qualquer

coisa!”, havia dito Troy, no brinde do padrinho. Poucos conhecidos ficaram surpresos ao saber da escolha de Kevin Tolbert como representante do sexto distrito para o estado do Colorado. A maioria deles havia doado dinheiro e trabalhado como voluntários, para que isso acontecesse.

Kevin consultou o próximo item na agenda. Relatório sobre o censo.

O grupo havia abordado temas relativamente simples, como impostos, antes do almoço. Somente duas pessoas do grupo apoiaram a proposta de Nicole Florea de eliminar o que ainda restava do alívio tributário, por menor que fosse.

“Épocas desesperadas pedem medidas desesperadas”, ela havia dito — e perdido.

A persuasiva oposição de Kevin desviou a tendência, em parte devido à bela fotografia de seus filhos.

— Olhem para essas carinhas adoráveis — ele pediu, de maneira bem humorada.

— Vocês querem me criar dificuldades para criar a próxima geração de contribuintes e políticos?

As risadas calorosas lhe deram o controle, e também predisseram o declínio de Florea.

— Se eu puder chamar a sua atenção para o topo da página 3, vocês verão as nossas estimativas preliminares.

Kyle Journeyman parecia nervoso, como uma criança, tentando explicar um boletim cheio de notas baixas aos pais a quem ele havia prometido que veriam somente notas altas. Ele disse ao grupo que havia apresentado as mesmas informações confidenciais a cinco outros grupos de Washington, em sua função de consultor estratégico a conservadores fiscais. Provavelmente, a reação não havia sido positiva. “Eu devo enfatizar que esses cálculos, provavelmente, mudarão, à medida que ajustarmos os números”.

Eles estavam esperando advertências e restrições, por parte dos consultores políticos. Todos sabiam que uma série de projeções excessivamente otimistas havia aprofundado a crise atual, surpreendendo líderes de partido, com um espantoso aumento no déficit. Seis anos antes, a Western State Alliance havia

apoiado o programa de gastos domésticos do presidente, esperando uma melhoria acentuada, mas eles haviam usado projeções imperfeitas. Agora, o partido se encontrava tentando controlar os danos, procurando resgatar a pouca credibilidade que ainda havia, entre os eleitores irritados, que temiam que os Estados Unidos se tornassem a próxima pedra do dominó econômico a cair. O presidente lhes havia garantido que eles conseguiriam evitar o tipo de dificuldade que estava engolindo o resto do mundo, com corajosas medidas de austeridade fiscal. Ele havia, até mesmo, tentado implementar grande parte das controversas propostas da “Iniciativa Jovem”, que ele havia prometido que iriam criar um milhão de empregos, reduzindo, ao mesmo tempo, os crescentes gastos dos benefícios sociais. Mas nada disso havia sido suficiente. A bola de neve do déficit continuava a crescer.

Kevin pegou o caderno azul, que havia sido distribuído durante o intervalo.

INFORM AÇÃO CONFIDENCIAL

REVISÕES PRELIMINARES COM BASE NO CENSO DE 2040

Depois de percorrer a capa e as observações da introdução, seus olhos pararam no quadro incluído no resumo executivo, à página 3. Enquanto Journeyman se preparava para as reações, Kevin se uniu aos outros, absorvendo os dados com periódicas expressões de incredulidade: “Isto não pode estar certo”, “Será que estou entendendo isso corretamente?”.

Os comentários isolados cresceram e se tornaram uma comoção sussurrada, enquanto os representantes, desconcertados, se voltavam, uns aos outros, para compreender as implicações dos números, mais preocupantes do que qualquer um deles havia previsto.

Lentamente, Florea se levantou, e seguiu em direção à plataforma, com a página 3 do relatório ainda aberta, balançando a cabeça.

— Senhoras e senhores — começou ela. — Por favor, queiram fazer suas

perguntas ao Sr. Journeyman, mas abstenham-se de comentar, por enquanto. Nós programamos uma seção de sugestões de soluções, um brainstorming, para esta tarde.

— Soluções? — murmurou um congressista mais velho, do estado de Arizona, no lado oposto da sala. — Levar as cadeiras para o Titanic.

— Eu gostaria de dizer algumas palavras — continuou Journeyman —, eu gostaria de chamar a sua atenção para várias tendências fundamentais, que poderiam ser úteis, no exame das opções.

— Sim, por favor — respondeu Florea, ansiosamente.

— Todos nós ficamos alarmados pelas tendências revisadas. Os novos dados, que recebemos do censo, nos forçaram a revisar as projeções anteriores. Os números do presidente estavam baseados em dados de 2030.

— E foram necessários dois anos para perceber isso? — objetou alguém.

Claro que foram necessários dois anos, pensou Kevin. Más notícias são transmitidas lentamente em Washington.

— Agora, nós sabemos que a queda de fertilidade foi mais acentuada do que esperávamos — dizia Journeyman — o que irá reduzir a arrecadação de impostos prevista a partir de 2048. Nós também aumentamos as despesas de administração do final da vida, como uma porcentagem do Produto Interno Bruto, o que acabará com todas as economias obtidas com os severos cortes aprovados em 2038. Por favor, passem para os dados resumidos à página 9, e vocês verão que...

Deixando de prestar atenção à apresentação formal, Kevin começou a ler todo o relatório. Ele confiava mais na sua própria interpretação dos dados do que no texto de um consultor político.

A situação parecia difícil. Quatro anos depois que o presidente havia lançado os controversos programas, a curva da população idosa não mostrava sinais de se estabilizar. Agora, ela chegava aos mesmos níveis vistos na Europa e na Ásia, dez anos antes, pouco antes de suas respectivas implosões financeiras. Parecia que um século de taxas de natalidade decrescentes finalmente haviam feito com que os Estados Unidos ultrapassassem o mesmo ponto irreversível.

Kevin sabia que os dados forçariam os dois partidos políticos a, finalmente, tratar de realidades que ninguém queria enxergar. Durante quase 50 anos, os demógrafos haviam predito as devastadoras consequências econômicas e sociais de um grupo de jovens, em número decrescente, sobrecarregado com as necessidades de uma população que envelhecia rapidamente. Poucos haviam dado ouvidos a esses avisos, ou prestado atenção ao que estava acontecendo em lugares como a China. Ninguém havia percebido a erosão debaixo dos pés de um bilhão de trabalhadores que flexionavam seus músculos econômicos. Com que rapidez o jogo havia virado!

O Japão havia sido o primeiro a ver esse cenário, oferecendo generosos créditos fiscais para cada filho. Mas alguns poucos milhares de ienes não conseguem compensar dezoito anos de gastos com a criação dos filhos. Agora, o Japão afirma ter os cidadãos mais velhos do planeta.

Nem mesmo os bônus da Rússia para imigrantes haviam feito grande diferença. Por que investir três anos de trabalho obrigatório como cuidador de idosos, quando os Estados Unidos continuavam sendo uma terra de relativa prosperidade e oportunidade? Eles vieram, aos montes, dando aos Estados Unidos uma década a mais de crescimento.

Esse crescimento se converteu em estagnação em 2024, o ano em que Kevin concluiu o ensino médio. Praticamente todos os segmentos da população, incluindo os imigrantes, antes férteis, estavam se reproduzindo muito abaixo do nível de substituição. A pirâmide econômica se inverteu, e começou a cambalear e se deformar, sob uma carga pesada. Quando Kevin concluiu a faculdade, a rede de segurança social havia começado a se rasgar.

— Este ano, os mais jovens, dos quase sessenta milhões de bebês nascidos no período pós-guerra completaram setenta e oito anos — o comentário de Journeyman pediu a atenção de Kevin — os mais velhos, quatro milhões, completaram noventa e seis anos. Esses senhores concentram grande parte da riqueza da nação, e a probabilidade de que eles votem é o dobro da probabilidade de qualquer outro segmento da população. E, como vocês sabem, poucos desses votos são favoráveis a nós. Em resumo, senhoras e senhores, é que estamos sendo espremidos, dos dois lados. O custo dos cuidados com os nossos cidadãos mais velhos continua a aumentar, ao passo que o grupo de cidadãos trabalhadores e contribuintes continua a diminuir. Essas novas tendências exigem uma redução na expectativa de arrecadação de impostos, de

aproximadamente 18 por cento, durante a próxima década.

— Mas são quase um trilhão de dólares em perda de arrecadação, anualmente! — objetaram alguns, sentados à esquerda de Kevin.

— Na verdade, 1,2 trilhão — esclareceu Journeyman. — Lembrem--se, somente uma fração daqueles sessenta milhões de bebês tem alguma atividade economicamente produtiva. Os poucos que podem, têm um gasto de aproximadamente 90 mil dólares por ano, em despesas médicas, para continuar independentes. Os demais dependem de seus filhos, impedindo que outros trinta milhões de pessoas tenham um emprego em período integral ou construam um negócio rentável. O abalo no Produto Interno Bruto é de cerca de cinco trilhões, por ano.

A porta se abriu, e o Senador Josh Franklin entrou na sala, no momento exato, com dois assistentes caminhando atrás dele.

Nicole Florea saltou para a plataforma, como um filhotinho abanando a cauda, feliz por seu dono ter voltado para casa. Ela sabia, como todos os demais na sala, que as recentes pesquisas apontavam Franklin como o favorito do partido para uma campanha presidencial em 2044.

— Senhoras e senhores, parece que temos a grande honra...

— Por favor, Nicole — Franklin interrompeu, em deferência discreta — eu não quero atrapalhar a agenda. Continuem com o que vocês estavam fazendo, nós vamos nos sentar no fundo e...

— Não seja tolo, Senador Franklin — objetou ela — nós podemos voltar a essa apresentação mais tarde. Por favor, conceda-nos a honra de dizer algumas palavras.

Fingindo relutância, o senador se inclinou, indicando concordância, antes de ocupar o lugar que Kyle Journeyman havia ocupado, momentos antes. O consultor recuou, timidamente estendendo o braço para cumprimentar o provável futuro presidente. Os contribuintes haviam insistido em formar um comitê de investigação, porque esperavam que a popularidade de Franklin entre os votos dos jovens e os minoritários pudesse tirar o partido da areia movediça política. Poucos acreditavam que conseguiriam conservar a Casa Branca se Franklin não fosse o primeiro nome na cédula.

— Obrigado, Nicole, e todos os demais — começou o senador. — Peço desculpas pela invasão. Mas, quando soube que vocês receberiam um relatório similar ao que eu recebi na semana passada, quis me juntar a vocês nesta conferência, como uma borboleta na parede, para que pudéssemos explorar a maneira como podemos levar essa nação de volta à prosperidade.

Kevin ficou impressionado. Com apenas duas sentenças, Franklin havia conseguido melhorar o humor da conferência, de um desespero sombrio a um otimismo determinado. Ao vê-lo, Kevin se lembrou do lendário otimismo de Ronald Reagan, que havia chegado à cidade para despertar um povo desencorajado. A diferença é que, nessa ocasião, os problemas da nação eram mais graves, e o abismo econômico, mais profundo.

— Eu acredito que vocês viram a triste previsão demográfica. Está claro, já se foram os dias em que podíamos pensar em nos esconder dos problemas. Em poucas semanas, esta informação será divulgada, e o público saberá que enfrentamos problemas muito graves. Mas esses são desafios que estou convencido de que podemos vencer.

Franklin fez uma pausa, como se esperasse que uma multidão o aplaudisse, em adoradora aprovação.

Kevin se lembrou de uma citação que alguém havia feito: Aquele que traz esperança traz liderança.

— Eu vim aqui, hoje, para lhes falar do meu plano, de formar uma força tarefa, que contará com a ajuda de líderes inovadores, do setor público e também do privado, para propor novas e ousadas estratégias para combater o déficit.

O senador olhou diretamente para Kevin, acenando com a cabeça, como um professor que reconhece a presença de um aluno favorito. Kevin sentiu um nó na garganta. Troy havia dito que Franklin planejava formar uma coalizão de austeridade fiscal. Ele havia dito que essa coalizão incluiria promissores jovens líderes da Câmara e do Senado. “Preste atenção às minhas palavras, Kevin”, ele havia predito. “Franklin precisará de alguém da Western States Alliance. Ele quer uma equipe dos sonhos, um campo de testes para potenciais decisões de gabinete”.

Kevin retribuiu o aceno de cabeça do senador, esperando que Nicole Florea não tivesse percebido seus cumprimentos silenciosos. A agitação dela lhe mostrou

que ela havia visto tudo.

Então, ele enviou uma rápida mensagem a Troy.

CERTO OUTRA VEZ. FRANKLIN FALANDO AGORA.

Segundos depois, a silenciosa resposta de Troy apareceu no tablet.

DUVIDANDO DE MIM = UMA ESFREGADELA NA CABEÇA.

# CAPÍTULO TRÊS

Julia estendeu a mão em direção ao ruído irritante, agradecida por ser resgatada de um sono sem descanso. O sonho a havia mantido aprisionada, até que o som de um despertador clássico anunciou a sua libertação. Apertando OFF, em lugar do botão soneca, ela empurrou os lençóis, que estavam ligeiramente úmidos pela transpiração e por suas lágrimas, e saiu da cama. Encolhendo seu corpo trêmulo, Julia agarrou a caneta e o bloco de papel que estavam no criado-mudo. Ela havia conseguido se lembrar de alguns poucos detalhes de incontáveis sonhos anteriores, além de um terror paralisante, misturado com uma profunda tristeza. Apressadamente, ela acrescentou algumas palavras à sua crescente lista, antes que as imagens nebulosas pudessem evaporar, outra vez.

HOMEM

SOMBRA

MEDO

RAIVA

Ela pôde ver apenas a sua silhueta, mas a imagem do homem parecia o que ela sempre havia imaginado que o pai dela poderia ser — alto, forte, e gentil. Naturalmente, a sombra poderia ter pertencido, com a mesma facilidade, a um matador enlouquecido, ao lado de sua próxima vítima.

Não. De alguma maneira, Julia sabia que ele não oferecia nenhuma ameaça.

Mas, se ele não era perigoso, por que tanto medo? Se ele era gentil, por que a intensa raiva?

O vapor do sonho dissipou os pensamentos. A sua mente cansada procurou mais lembranças, enquanto olhava para o bloco de papel. Vários minutos se passaram. Nada lhe ocorreu.

Respirando profundamente, ela apertou ainda mais as pernas, oferecendo-lhe um conforto que Jonathan poderia ter-lhe dado, se tivesse aceitado o seu convite

para passar a noite com ela.

Oh, bem. É um começo.

Julia disse a si mesma aquela expressão daqueles raros dias em que o bloqueio de autor fazia com que ela atrasasse a sua produção. Ela esperava que o mesmo padrão de determinação e otimismo, que lhe havia trazido honras jornalísticas, a fizesse passar por essa crise noturna.

Desde que sua professora de inglês, no segundo ano da faculdade, convidou Julia para escrever um blogue para o jornal da escola, as palavras haviam sido a sua força motriz, além de suas terapeutas, ajudando-a a encontrar o seu caminho em meio à dor privada e questões perturbadoras. Maria disse que a escrita era o mecanismo de defesa de Julia, uma investigação inofensiva, mas secretamente incômoda, na personalidade de sua irmã mais velha.

Julia e Maria moravam juntas em uma casa, na periferia de Denver, a poucos quilômetros da escola de ensino médio que elas haviam frequentado, com a diferença de um ano. Até hoje, elas não concordam a respeito de quem ofuscava a outra. Julia havia sido oradora na cerimônia de formatura, e recebeu incontáveis ofertas de bolsas de estudo, de importantes universidades. Mas Maria havia recebido onze convites para o baile de formatura.

As coisas não haviam mudado muito. Apesar de ter reduzido o seu público leitor, Julia continuava sendo uma personagem em meio à elite jornalística. Maria ainda desfrutava a companhia de rapazes imaturos, enredando Julia em vários encontros de casais indesejados.

Felizmente, Jonathan parecia diferente dos outros amigos de Maria.

Ele tinha um emprego fixo, lia os livros corretos, e bebia os melhores vinhos. Ele falava sobre cultura e política, e não sobre videogames, e Julia percebeu que se sentia muito atraída por esse comportamento. Por isso, ela havia feito algo inusitado, convidando-o a entrar em casa. Na verdade, Maria havia feito o convite, com seu tato usual: “Eu aposto que Julia adoraria lhe mostrar a sua medalha Pulitzer. Ela está pendurada, na parede do quarto dela”. Desta vez, em lugar de rir da sugestão e apresentar desculpas a respeito de um prazo para entregar um trabalho ou uma entrevista na manhã seguinte, Julia hesitou — esperando que o peixe mordiscasse a linha. Quando Jonathan ficou em silêncio, ela decidiu correr o risco.

“O que você me diz? Posso convidá-lo para um fim de noite?”

Agora, diante do espelho do banheiro, Julia se sentia tola. Ela olhou para o vestido de festa, e os sapatos de salto, no chão, onde ela os havia deixado, oito horas antes. Talvez Maria estivesse certa.

— Por que você não troca de roupa? — ela havia perguntado — os rapazes não querem uma sofisticação bonita. Eles querem diversão sedutora!

Sedução e diversão pareciam funcionar para Maria, com sua interminável variedade de penteados, roupas ousadas que enchiam dois armários, e um brilho magnético, que era impossível desprezar. Julia, por outro lado, usava seus cabelos pretos cortados à altura do ombro, um corte elegante, como ela usava na faculdade. O seu guarda-roupa, feito sob medida, exibia elegância à altura dos joelhos, em lugar de sedução por uma fenda na saia. As amigas diziam que ela era espantosamente bela, até mesmo um pouco intimidante. Por isso, ela se perguntava por que Jonathan achou tão fácil resistir a ela.

Quando Julia entrou na cozinha, Maria já estava prestes a começar o seu dia.

— Você parece cansada. Outro sonho?

Um sinal de Julia motivava uma preocupação genuína, apesar da distração de tentar raspar as bordas ligeiramente queimadas do pãozinho de Jared.

— O mesmo de antes.

— Você marcou uma consulta com a Dra. Moreland, como lhe aconselhei?

— Às onze horas, hoje.

— Finalmente! Você vai gostar dela.

— Estou bem.

Jared entrou na sala, procurando, freneticamente, o seu tablet. As irmãs, silenciosamente, lhe mostraram uma mesa, atrás do sofá da sala.

Maria retomou a conversa.

— Eu acho que Jonathan gostou de você. Eu aposto que ele passou a noite inteira, pensando no que poderia ter acontecido — um sorriso travesso.

— Não tem graça.

— Ele teve todos os sintomas.

— Todos os rapazes têm sintomas, perto de você — Julia se arrependeu de suas palavras, imediatamente.

O queixo de Maria caiu.

— Você não acha... — ela se interrompeu — desta vez, você não pode me culpar. Eu mal falei com ele, durante toda a noite. Eu até mesmo preparei a rede para você dar a picada. Ora, faça-me o favor!

— Você poderia ter usado algo um pouco menos — Julia procurou as palavras exatas — “lenha na fogueira?”

— Por que você não usou algo um pouco menos telefonema para marcar um compromisso?

Um breve silêncio disse a ambas que recuassem.

— Por favor, podemos mudar de assunto? — perguntou Julia. — O que você vai fazer hoje?

Tirando as mãos dos quadris, Maria retomou seu caótico processo de preparação.

— O professor de Jared quer se reunir comigo, depois do trabalho. Algo a ver com alguns trabalhos que ele não entregou.

Maria deu uma olhada para a cozinha, antes que os seus olhos pousassem sobre a pilha de guardanapos.

— Eu acho que é apenas uma desculpa para me ver outra vez. E não me importo. Ele é meio bonitinho.

Julia olhou para o alto, simulando desgosto, motivando outra risada divertida de Maria.

— Alguma chance de você me garantir que Jared comece a sua tarefa, esta noite? Eu precisarei ir direto do trabalho para a escola.

— Tudo bem — disse Julia, sentando-se à mesa, colocando sua tigela vazia de cereais ao lado de um tablet que esperava pela sua atenção.

Os olhos de Julia pousaram sobre a seção SUAS MENSAGENS do tablet.

*DE JONATHAN SOWELL: Gostei muito do show de ontem à noite. Lamento, mas não podia ficar. Dias atarefados. Vamos manter contato.*

O veredicto de Maria havia sido vencido. Diferentemente de Julia, Jonathan parecia ter dormido muito bem.

Despejando cereais e leite desnatado na sua tigela, Julia continuou a sua rotina com o tablet, examinando, agora, a próxima mensagem.

*DE PAUL DAUGHERTY: Oi, Joia. Leia os clips de hoje, da Casa Branca e de Franklin. Eu tenho uma nova ideia. Telefono na semana que vem.*

Julia deixou de lado suas mensagens, para ler as manchetes do dia.

A Casa Branca responde aos dados do censo

Raro acidente de automóvel motiva estudo sobre a segurança

Cresce o número de pessoas que passam férias em casa

A moda da primavera vai chamar atenção

Franklin propõe novos cortes

Maria e Jared estavam vestindo seus casacos, e brincando com guardanapos cheios de pãezinhos, quando Julia clicou em LEIA MAIS, na primeira manchete.

— Estamos saindo — veio a breve interrupção —, até à noite.

— Ok. Tenha um bom dia — respondeu Julia, já lendo a metade da história, buscando as pepitas de ouro que Paul desejaria discutir.

Ela havia aprendido a encontrar, rapidamente, expressões essenciais que contassem toda a história.

O último censo dos Estados Unidos informa que… uma média de 1,4 nascimentos por mulher em idade fértil... praticamente três décadas, uma vez que é necessário o índice de 2,1 para estabilizar a população... minando a confiança na saúde fiscal de longo prazo dos Estados Uni-dos... reforça as críticas de que o programa “Iniciativa Jovem” é pouco, e acontece tarde demais...

Julia arrastou o ícone de SALVAR CÓPIA para a sua pasta de COLUNAS PENDENTES, antes de ler rapidamente as outras manchetes. Sem ler as estórias sobre acidentes de carro e de casas vazias, ela olhou para as imagens da matéria sobre moda. Muito audaciosas para ela. Ela encaminhou o link para Maria, antes de pegar outra colher de cereais, agora empapados. Encontrando a estória sobre Franklin, ele não esperava nada de útil, uma vez que batalhas sobre orçamento produzem excelentes notícias, mas colunas entediantes.

Uma voz de liderança na Coluna do Capitólio... Franklin ganhou popularidade entre os eleitores jovens, quando patrocinou um aplicativo que permitia a revisão de distribuição de verbas a programas federais, e votar: “Aprovado” ou “Rejeitado”. Os cortes mais recentes poderiam causar um impacto na verba para a pesquisa de epigenética... um tratamento muito esperado para a demência devido à idade… afeta mais de 9 por cento da população...

— Outro ataque idiota ao progresso científico — murmurou ela, salvando o link “Neanderthal insensato!”.

Ao sair do aplicativo de leitura das notícias, Julia viu duas novas mensagens.

*DE MARIA DAVIDSON: Não se esqueça de ajudar Jared hoje à noite. Te amo, mana!*

*DE ANGIE TOLBERT: Oi, Julia. Os presentes de Jared chegaram?*

Ela sorriu ao ler o lembrete de Maria, antes de ficar tensa com a mensagem de Angie.

Eu pedi que Jared enviasse uma nota de agradecimento a Angie, na semana passada, lembrou-se ela. Isso teria concluído o diálogo, até o próximo aniversário dele.

Julia se sentiu obrigada a enviar uma resposta, o que exigia que ela estudasse o histórico do contato, para recuperar o nome do bebê de Angie e Kevin. Ela se lembrava de assinar um cartão de felicitações que Maria havia colocado diante dela, vários meses antes, mas não conseguiria se lembrar do nome da criança — nem o sexo — nem que fosse para salvar a sua própria vida.

Alguns momentos depois, Julia já tinha a informação necessária para escrever uma rápida resposta.

Oi, Angie. O pacote chegou, em perfeitas condições. Jared adorou o presente! Você e Kevin foram muito gentis! Espero que a pequena Leah esteja bem.

Vamos ficar em contato.

Ela pensou em clicar no botão: “Enviar Agora”, mas fez uma pausa, decidindo, em vez disso, agendar o envio para a noite. Não havia razão para deixar que Angie pensasse que ela poderia estar disponível agora, para conversar.

Ao perceber a hora, Julia agarrou sua tigela e foi até a pia. Ela se sentia um pouco atordoada. As noites sem descanso estavam começando a se fazer sentir.

Equilibrando-se, por um momento ela considerou adiar a consulta, para poder se deitar no sofá. Mas ela sabia que seria inútil. Sonhos não dormem.

# CAPÍTULO QUATRO

Angie Tolbert parou, vendo a caneca de plástico, com estampa da Minnie Mouse, voar em direção ao chão da cozinha. A sequência de saltos que ela daria no chão acordaria o bebê, que, finalmente, havia adormecido, apenas meia hora antes.

Ela havia conseguido andar nas pontas dos pés, durante o café da manhã, conseguindo silenciar Tommy, de cinco anos, e Joy, de dois, durante a refeição, esperando colocá-los para ver um filme, enquanto ela tirava uma soneca, muito necessária. Mas então, aconteceu. Joy estendeu seu bracinho gordo, em um pedido silencioso de mais suco de maçã. Sempre atento às necessidades de sua irmã, Tommy decidiu ajudar. Alguma coisa deu errado, na transferência da caneca, e Minnie foi arremessada do balcão, em um impressionante salto acrobático.

Depois do sexto salto ruidoso, a caneca decidiu se chocar contra o armário, iniciando oito segundos de silêncio, cheios de esperança. Então, a esperança de Angie desapareceu, quando ouviu o mesmo choro que a havia mantido acordada durante sete das últimas nove horas.

— Desculpe, mamãe — Tommy assumiu a culpa — foi um acidente.

— Não se preocupe, querido — respondeu Angie. — Obrigada por tentar ajudar sua irmã.

Angie estava esperando que Kevin voltasse para casa, desesperada por uma boa noite de descanso. Por mais orgulhosa que ela estivesse, com a influência crescente que ele tinha na Western State Alliance, ela se flagrou lamentando as viagens adicionais necessárias para o trabalho.

***Kevin gosta de ter uma conversa adulta durante um jantar em uma churrascaria, enquanto eu como macarrão com as crianças. Ele é despertado por um telefonema gentil do serviço do hotel. Eu não consigo dormir nunca, devido aos choros incessantes de um bebê inquieto... Ela se flagrou no meio da queixa. Nada de bom resultaria de outra crise de autopiedade.***

Colocando a caneca na pia, Angie percebeu que Tommy e Joy haviam descido dos banquinhos junto ao balcão. Joy seguiu seu irmão, que subia a escada rapidamente, para resgatar sua irmãzinha de seu solitário confinamento.

Quando chegou ao décimo degrau, Joy riu, com o som dos passos de Angie, que se aproximava atrás dela. Ambas sabiam o que aconteceria em seguida.

“Eu vou pegar você!”, foi a promessa ameaçadora de mamãe. “É melhor correr!”

Como sempre, Joy fez o oposto. Ela parou, esperando que Angie a agarrasse e a enterrasse o seu rosto no espaço entre a bochecha rechonchuda de Joy e o seu pescocinho.

Joy gritava com prazer, a cada ataque de beijos. Angie se permitiu a alegria de um riso delirante.

Ao se aproximar do quarto do bebê, Angie percebeu que o choro se acalmava, e se convertia em um lamento, e então, em um som de satisfação. Misteriosamente, a presença de Tommy havia acalmado o trauma de Leah que a queda de caneca havia iniciado. Angie ficou junto à porta e observou, silenciosamente, o irmão mais velho acariciando o rosto de sua irmãzinha, com o dorso de sua mão, enquanto a irmãzinha fechava sua minúscula mão ao redor do indicador do irmão.

O telefone tocou.

— Eu só conheço uma pessoa que nos ligaria, às nove e meia da manhã — exclamou Angie — aposto que é o papai!

Ao descer as escadas, Angie percebeu que estava enganada, quando ouviu a informação digital: “Ligação da Dra. Martha Chap man, pediatra”.

— Oh, não!

Em meio ao caos da vida sem Kevin, e a exaustão de noites sem dormir, Angie tinha se esquecido completamente da consulta das nove horas! Isso não era nada bom, considerando a agenda cheia da médica.

— Sra. Tolbert? — disse a voz da assistente da médica.

— Eu lamento muito — começou a dizer Angie — acho que você está ligando, para dizer que eu perdi a consulta de Leah.

— Não, senhora. A consulta é amanhã.

Angie suspirou, aliviada.

— Na verdade, eu estou ligando para confirmar se a senhora e o Sr. Tolbert podem comparecer juntos.

Angie sentiu uma pontada de medo. Nenhum pediatra nunca havia perguntado se Kevin poderia comparecer à consulta de um filho.

— Meu marido não estará na cidade amanhã. Mas eu…

— Sra. Tolbert, interrompeu a voz não identificada. A Dra. Chapman acha que seria melhor que os dois comparecessem.

— Há algo de errado com Leah?

— Eu não posso discutir detalhes pelo telefone, Srta. Tolbert.

***— Sra. Tolbert — corrigiu Angie.***

— Sim, senhora. A Dra. Chapman apenas quer colocá-los a par dos resultados da pesquisa do genoma do bebê.

— Nós recebemos os resumos de Tommy e Joy por e-mail. Por que vocês não podem fazer o mesmo com os resultados de Leah?

— Quando os pais optam por não fazer a seleção, o médico precisa...

— Eu sei o que a lei exige — Angie se surpreendeu com a sua própria intensidade. — Nós esperamos um exame genético. Mas por que precisamos ter uma consulta pessoal? Há algo errado com a nossa filha?

Várias possibilidades passaram por sua mente.

Asma? Diabetes?

— Por favor, você pode me dizer alguma coisa? — implorou Angie.

Leucemia?Câncer ósseo?

— Sra. Tolbert, qual é a data mais próxima em que a doutora pode se reunir com a senhora e o Sr. Tolbert?

# CAPÍTULO CINCO

Oconsultório não era, em nada, parecido com o que Julia havia imaginado. A mesa não apresentava uma pilha de arquivos confidenciais de pacientes. Belos quadros nas paredes, onde ela havia imaginado pôsteres pegajosos com imagens de gatos brincalhões, retratando sensações agradáveis. As persianas estavam abertas, para convidar o calor do sol, e não fechadas, para esconder confissões embaraçosas. Até mesmo a Dra. Linda Moreland não correspondia ao estereótipo, cruzando confortavelmente as pernas, enquanto tomava um gole de chá Earl Grey, com os olhos fixos em Julia, em lugar de olhar para um bloco de papel, em um escrutínio separado.

Julia havia se deixado convencer a agendar uma consulta com a terapeuta de Maria, como um favor a sua irmã. Eu não preciso que uma psicóloga desmiolada investigue a minha mente, procurando motivos para explicar a minha insônia. Para sua surpresa, a Dra. Moreland não parecia desmiolada, nem falava como tal. Ela parecia formidável, como uma amiga querida, que se preocupava o suficiente a ponto de não relaxar.

— Você tem tido esse mesmo sonho, por sete meses — começou a invasão — todas as noites?

— Só recentemente. Quando começaram, no verão, aconteciam uma vez em várias semanas. Mas, gradualmente, começaram a se tornar mais frequentes.

— Aconteceu algo diferente nesse período de tempo?

— Não que eu me lembre — Julia fez uma pausa, relutante em baixar mais a guarda. — Eu esperava que você pudesse me receitar algo para relaxar a minha mente, à noite. Acho que tudo isso é devido à tensão.

— Que tipo de tensão?

— Na maior parte, trabalho, creio eu. Estou em certo declínio — Julia se sentiu exposta, expressando, em voz alta, o que estava sentindo.

— Isso está lhe causando problemas financeiros?

— Oh, não — Julia respondeu, depressa demais — eu ganho bem.

— Então, que tipo de declínio?

Julia fez uma pausa, para pensar em sua resposta. Ela havia se sentido em uma espiral descendente, mas não apenas na carreira. A rejeição de Jonathan não havia sido a primeira. Mas ela decidiu continuar no roteiro. Uma humilhação por vez.

— Eu acho que a melhor maneira de descrever a situação seria uma perda de importância.

O som de suas próprias palavras fez com que ela se sentisse insignificante.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Como posso descrever a situação? É que, pela primeira vez na vida, eu me sinto descendo, em lugar de subir. Como se fosse notícia antiga.

— Entendo — Linda ofereceu sua solidariedade.

*Entende mesmo? Julia se perguntou. Uma cinquentona elegante, a Dra. Moreland se comportava com uma graça que invocava calma confiança. Um exame visual do consultório sugeria que Linda havia sido próspera por vários anos. Não havia nenhum sinal de nenhuma queda.*

— Eu recebi uma nova tarefa, no início dessa semana — continuou Julia. — Provavelmente, não será nada como o que eu fiz no passado, mas pode abrir mais portas, e me colocar de volta nos eixos.

— Espero que sim.

O sorriso suave de Linda não conseguiu esconder o seu ceticismo.

O toque de nove horas, no relógio, invadiu o silêncio. Julia imaginava o que Linda estaria pensando. Sem dúvida, a Dra. Moreland já havia ouvido problemas muito mais sérios. Provavelmente, ela pensa que eu sou uma prima dona, com um ego ferido.

Julia queria que a sessão chegasse ao fim.

— O que você pode me contar a respeito do seu pai?

— Meu pai? — a pergunta surpreendeu Julia.

— Sim. Você disse que o homem do sonho fez você pensar no seu pai.

Julia relaxou, um pouco.

— É verdade. Bem, pelo menos, na maneira como eu o imaginei.

— O seu rosto?

— Não. Eu não consegui ver o seu rosto, somente a sua sombra. Nunca o rosto.

— Então, como? — sondou Linda.

— Eu acho que na sua presença. Ele parece ser forte e gentil.

— Mas você acorda assustada?

— Mais assustada do que jamais me senti antes — continuou Julia — mas eu não acho que sinto medo do homem, mas do que está acontecendo, como se eu e ele estivéssemos em meio a algo terrível.

— O que você pode me contar a respeito do seu pai? — perguntou Linda.

— Só o que minha mãe contou, à minha irmã e a mim. Houve um caso amoroso. Ele nos deixou, quando eu era pequena.

— Alguma de vocês tentou entrar em contato com ele?

— Nunca houve a oportunidade. Ele morreu, quando nós tínhamos cinco e quatro anos. Fim da história.

— E você não consegue se lembrar de outros detalhes do sonho?

— Não. A impressão é de entrar na cena mais intensa, de um longo filme. Eu sei que há algo mais acontecendo, mas eu entro no cinema bem no momento do conflito. Eu sinto o perigo, mas não tenho ideia do que está acontecendo.

Julia fez uma pausa. Ela nunca havia tentado descrever o seu sonho a ninguém, mantendo-o enterrado debaixo de uma fachada solitária. A atenção de Linda, como um leitor assinante, havia dado validade, talvez até mesmo de propósito, à experiência.

— Enfim — disse Julia, esperando recuperar as rédeas da situação. — Você acha que pode me receitar algo que me ajude a dormir melhor?

A Dra. Moreland sorriu, revelando uma gentil paciência, provavelmente adquirida com clientes muito mais tensos do que Julia.

— Eu lamento, mas não tenho o hábito de receitar nada durante a minha primeira meia hora com um novo paciente.

— É claro. Desculpe.

Ainda no comando, Linda deu início à segunda onda de sua invasão.

— Fale-me de sua vida amorosa. Você está em um relacionamento?

— Nada firme. Mas eu tenho alguns encontros.

A pergunta disparou em Julia sentimentos de defesa similares aos que ela havia sentido, durante a vida no dormitório da faculdade. As garotas se avaliavam com base em suas últimas conquistas amorosas. Ela sempre havia detestado esse jogo de humilhações, mesmo quando ela era a vencedora.

— Então, não houve nenhum rompimento, recentemente?

Se apenas os meus relacionamentos durassem o suficiente para haver um rompimento, pensou Julia.

— Não, desde a faculdade.

— Alguma rejeição recente?

— Eu tenho trinta e quatro anos. Digamos que eu não recebo tantos convites como recebia no passado. Mas os homens ainda me acham atraente.

Distante, mas atraente.

— Não tenho dúvidas disso. Você é uma mulher adorável.

Julia sorriu, um pouco desconfortável.

Os olhos de Linda se moveram, espiando o relógio.

— Sinto muito, Julia — disse ela — mas eu preciso terminar a nossa conversa, para me preparar para a próxima consulta.

— Eu entendo. Obrigada por me encaixar.

— Talvez da próxima vez nós possamos agendar uma hora inteira. Isso me daria mais tempo para entender a sua experiência.

— Eu gostaria disso — mentiu Julia, ansiosa para tirar o tópico: Tentar terapia de sua lista.

— O que eu posso dizer, Julia, é o seguinte: Eu tenho certeza de que um remédio não vai solucionar o problema. Eu não estou nem mesmo convencida de que os sonhos sejam um problema.

É claro que eles são um problema, pensou Julia. Eu preciso dormir e descansar.

— Eu não sou uma especialista em sonhos — continuou Linda — mas eu acho que o seu subconsciente pode estar lhe conduzindo a algo importante.

— Algo importante? Por exemplo?

— Não sei — confessou Linda. — Mas suponho que tem algo a ver com o seu pai.

— Mas eu lhe disse, o meu pai nunca fez parte de minha vida. Além disso, está morto.

— Exatamente.

# CAPÍTULO SEIS

Meia hora depois, Julia estava em um corredor mal iluminado, diante de um buraco de fechadura, pelo qual Jeremy Santos poderia espiar, para identificar a identidade de quem o visitava.

Ela continuava experimentando a tarefa que a Dra. Moreland lhe deu. Converse com alguém que possa ajudá-la a conhecer o rosto de seu pai.

O que ela quis dizer? A ausência do seu pai nunca havia lhe trazido sonhos estranhos antes. Por que isso estaria acontecendo agora? Julia detestava a ideia de perder tempo e energia, para cuidar de inseguranças tolas. O que ela precisava era a agradável distração de trabalhar duro, em uma importante matéria.

A porta se abriu, e Julia sorriu para o homem pálido e magro, que pareceu surpreso pela aparência dela.

— Sr. Santos? Eu sou Julia Davidson. Paul Daugherty me conseguiu esse encontro com o senhor. O momento é apropriado?

— Sim. Seja bem-vinda. Entre, por favor.

O pequeno apartamento parecia mais abarrotado do que o seu tamanho permitia. Sinais típicos de um homem solteiro: pilhas de embalagens vazias de pizza, pratos não lavados, na pia, e o ligeiro cheiro de bolor da roupa na máquina de lavar. Julia pousou os olhos sobre um conjunto de equipamentos, que estavam acumulando poeira, no espaço tradicionalmente ocupado por um sofá e uma mesinha. À primeira vista, parecia ser equipamento de ginástica, negligenciado. Um exame mais atento, no entanto, ofereceu uma imagem desoladora de como deve ter sido difícil a vida de Antonio, o irmão mais jovem de Jeremy.

— Não quer se sentar?

Colocando uma cadeira ao lado da mesa da cozinha, Julia observou outros sinais da vida, antes da transição de Antonio: um equipamento para levantar uma pessoa, visível pela porta aberta do quarto; o tampo da mesa, mais alto que o normal, para permitir o acesso de uma cadeira de rodas, e um liquidificador de alta potência, apropriado para converter alimentos sólidos em um purê.

Julia pegou em sua bolsa um gravador portátil e um notepad, e perguntou se poderia gravar a conversa.

— Claro que sim — ele concordou.

Ao pressionar a tecla para gravar, Julia sentiu uma pequena corrente de adrenalina, uma sensação de que sentia falta. As recompensas de escrever colunas de opinião eram pálidas, em comparação com a emoção do jornalismo investigativo. Cada matéria era um novo quebra-cabeças a resolver, um novo problema a decifrar, ou segredo a revelar. Nunca se sabe o que você vai descobrir, fazendo perguntas, seguindo pistas, perseguindo detalhes obscuros. E então, a melhor parte: escolher os ingredientes perfeitos, para preparar uma deliciosa refeição de prosa jornalística.

— Em primeiro lugar — começou Julia — eu gostaria de expressar meus sentimentos, pela perda de sua mãe e de Antonio.

— Oh. Sim. Obrigado.

Jeremy pareceu sinceramente surpreso pelo sentimento. Meses de litígio, provavelmente, haviam exigido um desligamento pouco natural. Advogados precisam de fatos, não sentimentos.

— Eu espero que o fato de você contar a sua história possa ajudar outras pessoas a evitar o que você teve que suportar.

Isso era o correto a dizer, ainda que fosse apenas uma meia verdade.

— Você pode começar, descrevendo o que aconteceu em agosto, e por que você iniciou a ação legal contra a NEXT Serviços de Transição?

A expressão nos olhos dele mostrava que ela havia sido abrupta demais.

— Farei isso — ele respondeu. — Mas antes, quero lhe mostrar uma coisa.

Duas fotografias. A primeira continha um homem que era muito parecido com Jeremy, segurando um menininho de três anos de idade, que ria, cheio de alegria. Ao lado deles, uma bela jovem, ajoelhada ao lado de um carrinho de criança, em que estava um bebê. A família intacta de Jeremy.

— Nós, em 2025. Como você pode perceber, meu pai e minha mãe se adoravam.

— Parece um casal adorável.

Julia se preparou para a segunda fotografia.

— Esta foi tirada em agosto passado, no jantar de despedida de Antonio.

A imagem continha três pessoas, em lugar de quatro. Jeremy exibia um sorriso ensaiado, um refém convertido em cúmplice relutante. O rosto da mãe mostrava um alívio cansado, mesclado com culpa e indignação. Somente Antonio brilhava, em orgulho, como congratulando a si mesmo, o seu corpo deformado reprimindo uma corajosa determinação, enquanto seus olhos mostravam o sorriso que os músculos faciais enfraquecidos não podiam mais exibir.

— E o seu pai? — perguntou Julia.

— Ele partiu, pouco depois do diagnóstico de Antonio. Ficou mais tempo do que muitos ficariam, eu suponho.

O ressentimento de Jeremy parecia palpável.

— Ele disse que iria visitar, mandar dinheiro. Você sabe como a história termina.

Julia sentiu a raiva crescendo dentro dela. Contra a sua própria política social, ela não conseguia escapar à expectativa de que os pais devem sustentar e proteger. Instintivamente, a sua mão tocou o braço de Jeremy.

Ele tirou o braço.

— Eu não lhe mostrei as fotografias, esperando piedade.

— É claro que não. Sinto muito. Eu não queria…

— Eu queria que você os visse, para que você se lembrasse de que a matéria não é a respeito de um processo. É a respeito de pessoas reais. Muitas.

— Eu entendo isso.

Ninguém falou, por um momento. Jeremy examinava o rosto de Julia, tentando encontrar a alma dela. Contrariamente ao protocolo jornalístico e o impulso pessoal, ela permitiu que ele a olhasse profundamente. Quinze segundos se passaram. Ele decidiu confiar nela.

— Eu vou lhe mandar algumas fotografias, além do que está aqui.

Ele tocou o notepad digital, para abrir uma nova pasta, antes de deslizar o equipamento e colocá-lo diante de Julia.

Uma lista de documentos. Ela abriu o primeiro, datado de 19 de agosto de 2023. Seus olhos se arregalaram, e depois se suavizaram.

— O diário de sua mãe? — Algumas partes dele.

Eu copiei os trechos em que ela escreve a respeito de Antonio. Ele fez uma pausa.

— Ela fez a mesma coisa por mim. Eu não sabia disso, até que recuperamos a sua biblioteca digital, depois da cremação. Esses outros trechos são privativos, você entende.

— É claro que sim.

— Outros trechos foram escritos por Antonio. A princípio, ele usava um aplicativo de transcrição de voz. Mas isso foi ficando mais difícil para ele, à medida que a sua fala ficava mais fraca e mais distorcida. Os trechos mais recentes foram digitados, com um movimento do dedo mínimo para cada letra. Podia levar uma hora para concluir uma única sentença. Ele era um sujeito persistente — Jeremy continuou com uma risada afetuosa — muito mais forte do que eu jamais serei.

— Eu vejo que você os amava muito.

— Ela nunca fez nada para si mesma — ele ponderou —, ela merecia algo melhor na vida.

— Eu mal posso esperar para ler o diário dela, para conhecê-la. E também ao seu irmão.

Ele não a ouviu.

— A doença dele era similar àquela que tinha aquele famoso físico. Qual era o nome dele?

— Hawking? — sugeriu ela.

— Isso mesmo. Stephen Hawking.

Julia se lembrava de ter visto fotografias do brilhante cosmólogo de Oxford, seu corpo distorcido preso em uma cadeira de rodas motorizada. Ela olhou outra vez, para o equipamento sem uso, no dormitório ao lado.

Jeremy começou a descrever os eventos que envolveram o dia da transição de seu irmão: a visita inesperada de um policial que trazia más notícias, a ida à clínica, para identificar formalmente o corpo sem vida de sua mãe, o corpo frio de Antonio, ao lado de uma mulher visivelmente abalada, que usava um curativo recém-colocado no rosto, e o vermelho escuro do sangue coagulado na blusa dela.

— Eles lhes disseram que a sua mãe escorregou e caiu, enquanto atacava a enfermeira?

— Especialista de transição — ele corrigiu. — Sim, eles disseram que mamãe caiu durante um episódio violento, quando tentava interromper o procedimento de Antonio.

— Mas você não acredita nisso? — perguntou Julia.

— Não, eu acredito.

Julia levantou os olhos da sua lista de perguntas preparadas.

— Eu nunca pensei que alguém mataria, intencionalmente, a minha mãe. Por que fariam isso?

— Então, o que motivou o processo? — perguntou Julia.

— A NEXT vai dizer que estou querendo dinheiro.

Julia se lembrou das instruções de Paul. Retrate o rapaz como um instrumento para advogados ambiciosos.

— E você está? — perguntou ela.

— Ouça, se eu quisesse apenas dinheiro, eu teria aceitado a terceira oferta de acordo que me fizeram.

— Você teve três ofertas de acordo? — Julia levantou as sobrancelhas, em um gesto de surpresa.

— Meu advogado diz que eu não posso revelar o valor a ninguém. Mas ele disse que é mais do que provavelmente vamos conseguir, levando essa pedra até o topo da montanha judicial.

Ela olhou os olhos cansados de Jeremy. Ele parecia pronto para continuar com a sua vida, e colocar um fim a toda a confusão.

— Você sabia que meu irmão agendou o procedimento quando ainda era menor de idade? — perguntou Jeremy. — Eu não havia percebido isso, até que meu advogado me mostrou uma cópia da inscrição de Antonio. Ele se inscreveu poucos dias antes do seu aniversário. Mamãe nunca aprovou a inscrição.

— Você acha que é por isso que eles ofereceram o acordo?

Ele não achava.

Julia havia esperado a resposta afirmativa. Paul havia explicado que, de quase trezentas mil transições que envolviam menores de idade, somente quinze não haviam obtido a aprovação dos pais. Cada um desses incidentes havia levado a um mero tapinha na mão, uma pequena multa por procedimento inadequado, e uma modesta compensação financeira para as famílias. Nada suficientemente significativo para motivar tão grandes ofertas de acordo, feitas a Jeremy.

— Deixe-me entender, Sr. Santos. Você sabia que a NEXT não estava preocupada com o seu processo, devido à idade de Antonio?

— Sim — ele respondeu.

— E você acredita que a morte de sua mãe tenha sido um acidente?

— Sim.

— E você rejeitou grandes ofertas financeiras?

— Exato.

— Então, o que motivou a sua ação?

— Hannah.

Julia não se lembrava de ninguém com esse nome que estivesse relacionada ao caso.

— Quem é Hannah?

— Hannah Walker, a especialista em transição de Antonio — ele ex plicou. — Ela me telefonou, alguns meses depois do incidente, dizendo que havia deixado o emprego, e queria me encontrar para tomar um café.

Tropeçando em uma peça diferente do quebra-cabeças, Julia sentiu outro fluxo de adrenalina.

# CAPÍTULO SETE

-T erra chamando Kevin. Está conosco, chefe? — perguntou Troy, quando o estagiário do congresso se mexeu, de modo nervoso, na cadeira ao lado dele.

— Sim, tudo bem — respondeu o congressista. — Desculpe, Troy. A maior doação já recebida. Entendi.

— Eu acho que esperava um pouco mais de entusiasmo. Você se lembra de que será necessário dinheiro para outra campanha?

— É claro que sim.

Ele tentou afastar seus pensamentos do rosto ansioso de Angie e do cheiro de talco da pequena Leah. Ele as havia abraçado, gentilmente, antes de ir para o trabalho.

— Eu apenas estou com alguns problemas.

— Você quer conversar sobre isso? — perguntou Troy.

O estagiário fez uma discreta menção de dirigir-se à porta, mas Kevin, com um gesto, o chamou de volta à sua cadeira.

— Não. Tudo bem.

Ele não via razão para falar do estado de Leah, até que eles tivessem alguma informação concreta. Pode não ser nada. Pense positivo. Ele estava lutando para seguir o conselho que havia dado a Angie.

— OK. Como eu estava dizendo, ele é um doador de primeira viagem. Nós examinamos o banco de dados, e perguntamos a todos os membros da equipe. Ninguém se lembra de nenhum telefonema ou reunião anterior.

— Nome? — perguntou Kevin. — Dimitri. Evan Dimitri.

— Não me parece um nome conhecido. O que você sabe a respeito dele?

— Ele tem uma cota majoritária em uma empresa de investimentos. Eu andei me informando, e descobri que ele fez doações a outras campanhas, principalmente a candidatos da direita. Ele pode estar tentando cobrir todas as possibilidades. É

tudo o que sei, no momento.

— Então, não há motivo para preocupação?

O leal guardião de Kevin balançou, negativamente, a cabeça.

— Eu não sei. Parece esquisito. Nenhuma doação, nem conexão anterior. Normalmente, a coisa não funciona assim.

— Não podemos desprezar os dentes do cavalo dado, Troy. Marque um almoço, para que eu possa agradecer a ele.

— Já marquei — respondeu Troy. — Também já pedi que Shaun, nosso colega aqui, investigue a empresa e suas ligações.

O estagiário sorriu, com a menção ao seu nome.

— Vamos lhe dar as informações, antes do seu encontro com o sujeito — disse.

A porta se abriu.

— Com licença, Congressista. É hora de ir para o seu compromisso das dez horas, no escritório do Senador Franklin.

— Obrigado, Renee. Por favor, diga ao motorista que já estou descendo.

— Motorista? — disse Troy. — Desde quando podemos pagar um motorista?

— Nós não podemos. Franklin ofereceu o dele.

Troy exibiu a Kevin uma expressão de tenha cuidado antes de levantar as sobrancelhas, querendo dizer vá logo.

— Deixe-nos orgulhosos, Congressista.

◆

Ao se sentar, no longo assento de couro da limusine do senador, Kevin se lembrou da primeira regra da corte para o tráfico de influências: Eles acreditam na sua imprensa; por isso, leia-a! Ele abriu seu tablet, para buscar alguma notícia a respeito de Franklin. Uma matéria se destacou.

FUNDOS PARA EPIGENOMA SÃO QUESTIONADOS

Uma liderança no Capitólio questionou a importância de novas pesquisas na área do epigenoma, citando uma série de descobertas inconclusivas, apesar de bilhões em gastos federais. O Senador Joshua Franklin ganhou popularidade entre os eleitores mais jovens, depois de lançar um aplicativo para celular que convida os eleitores registrados a revisar cada distribuição do orçamento federal, antes de levá-lo a uma sessão de “Aprovado” ou “Rejeitado”. O item mais recente, recomendado para eliminação, é um pedido de novos fundos para pesquisa e desenvolvimento, feito pela respeitada Epigen Inc., empresa que trabalha junto a várias universidades de pesquisa, em um esforço que, segundo ela afirma, poderia “erradicar muitas doenças relativas à idade e à demência associada”. Mas os eleitores de Franklin não acreditam nisso. Nas palavras dele: “Ainda estamos por ver alguma descoberta séria no campo da epigenética. Simplesmente não podemos apenas continuar apostando”.

Passando rapidamente os olhos pelo restante do artigo, Kevin encontrou um link para a rede de cidadãos SLASH, de Franklin. O contador, no topo de página, indicava que mais de um trilhão de dólares havia sido categorizado como “gastos inadequados” pelos usuários, e cada um deles era um eleitor registrado no distrito de alguém. Outro número revelava quantos dos cortes propostos haviam chegado ao Congresso até a data: 64 por cento. O aplicativo havia criado um enorme impulso pela austeridade em Washington. Opor-se a Franklin, em alguma proposta de redução de custos, havia se tornado suicídio político.

Cinco minutos depois, Kevin estava no grande complexo do edifício, saudado por uma alegre recepcionista. Um olhar para o ambiente tumultuado lembrou Kevin de seu lugar, na cadeia alimentar política. Franklin vivia uma realidade muito diferente, incluindo assistentes, que tinham assistentes, motoristas e pilotos, e uma grande fila de lobistas que procuravam cinco minutos do tempo

do conservador fiscal mais popular do Capitólio. A importante doação que Kevin havia recebido, naquela mesma manhã, teria sido um mero erro de arredondamento no orçamento de campanha do Senador Franklin.

— Kevin!

O senador estendeu sua mão direita, levantando a outra em direção ao ombro de seu convidado.

— Obrigado por reservar tempo para um encontro, em uma manhã tão agitada. Eu aposto que a sua equipe lhe deu uma lista de decisões urgentes, no momento em que você voltou da conferência.

O comentário foi outro lembrete do mundo inferior em que Kevin vivia. A discussão da lista de “decisões urgentes” de Troy, naquela manhã, havia levado menos de quinze minutos.

— Eu é que agradeço pelo convite, Senador. É uma honra.

Kevin estava sendo sincero. Ele admirava Joshua Franklin, um homem descrito como um gênio político.

— Parabéns pela matéria sobre o epigenoma. O Journal parece satisfeito.

— Só precisamos encontrar mais um trilhão para progredir! — respondeu o senador, em uma fingida insatisfação. — Sente-se, por favor.

Quando Kevin se acomodou na poltrona, percebeu que uma jovem colocou a cabeça do lado de dentro do escritório.

— Com licença, Senador. Eu receio que a chamada tenha começado.

O senador praguejou.

— Lamento, Kevin. Estamos tentando aprovar outra medida de austeridade, antes da pausa. Você conhece o esquema.

— Devo oferecer uma bebida ao Congressista Tolbert, enquanto ele espera?

A jovem sorriu para Kevin, de uma maneira que o deixou ligeiramente

desconfortável. Os boatos a respeito do “harém interno” de Franklin eram, provavelmente, exagerados, mas Kevin preferia negar à sua imaginação qualquer espaço para danos.

— Você não se importa de caminhar comigo, não é, Kevin? — perguntou Franklin — Eu não gostaria de desperdiçar o seu tempo. Eu acho que podemos resolver o nosso assunto enquanto caminhamos.

O nosso assunto? — espantou-se Kevin.

— Tudo bem. Podemos ir.

— Duas coisas — começou Franklin, enquanto eles caminhavam, pelo corredor, em direção a um carro que estava à espera deles. Ele levantou um dedo.

— Em primeiro lugar, eu quero que você tenha um papel fundamental na coalizão que estou formando. Como eu disse em Scottsdale, precisamos progredir nessa revisão do orçamento, antes que ela chegue a público.

Kevin havia esperado o pedido, mas tentou parecer surpreso.

— Obrigado, senhor. Embora eu não tenha a certeza de que seja a pessoa mais qualificada...

— Sem falsas modéstias, Kevin — interrompeu Franklin. — Você e eu sabemos que o manto da Western State está sendo transferido, da Nicole para você.

— Eu não tenho tanta certeza disso — protestou Kevin.

O senador o interrompeu.

— Sim, você tem — disse ele, olhando nos olhos de Kevin.

— E ela também. Encaremos, o antigo está fora de moda, e Nicole, definitivamente, já passou da data de validade.

Kevin fez uma pausa. Havia uma única coisa a dizer.

— Eu lhe agradeço pelo convite. É uma honra.

— Ótimo — disse Franklin, recomeçando a andar, e levantando outro dedo.

— Em segundo lugar, eu preciso que cada membro de minha coalizão apoie a fase dois da Iniciativa Jovem.

Kevin congelou. Será que Franklin teria suspeitado da oposição secreta de Kevin ao programa? Ele havia, intencionalmente, permanecido na área oculta do radar, para evitar ser considerado desleal — ou pior, ingênuo. O orçamento vem em primeiro lugar. Ele e Troy haviam concordado.

— Senador Franklin — respondeu Kevin. — Eu não creio que possa formar uma opinião sobre isso, uma vez que ainda não vimos o específico…

O senador o interrompeu.

— Ouça, Kevin, eu sei que você vai precisar simplesmente aceitar isso. Muitos terão que fazer a mesma coisa. Eu sou o primeiro a admitir que não é uma solução perfeita.

“Eu tenho certeza de que não é uma solução”, Kevin ouviu a sua própria voz dizendo isso.

O senador forçou um sorriso paciente.

— Eu entendo a sua oposição, e respeito as suas convicções religiosas — ele parecia estar lendo um roteiro — mas não podemos sacrificar a economia que ela gera. Esse buraco fiscal já é suficientemente profundo. Eu não conheço nenhuma outra maneira de cortar gastos com benefícios sociais. Você conhece?

Kevin segurou a língua. Ele sabia que não podia deixar passar essa oportunidade. Franklin poderia abrir portas pelas quais ele nunca poderia passar sozinho. Uma nomeação para a coalizão de Franklin poderia ser a plataforma ideal para propor mudanças, para dar-lhe o impulso que nenhum representante principiante, de um distrito de tamanho médio, poderia esperar obter, isoladamente.

— Ouça o que estou dizendo, Kevin.

O tom e o comportamento de Franklin se suavizaram, convertendo-o, de estrategista poderoso, em um tio afetuoso.

— Em poucas semanas, toda a nação saberá que o que fizemos, até agora, não está funcionando. O mercado entrará em pânico. Os eleitores se irritarão. Eu

preciso de líderes prontos a apresentar soluções possíveis. Você é inteligente, e é popular. Eu realmente quero ter você na equipe.

— Você pode me dar alguns dias, para pensar no assunto?

— Receio que não. Nós já preparamos duas versões do comunicado à imprensa. Uma delas tem o seu nome, e o outro, o nome da Congressista Florea.

— Ela já concordou? — perguntou Kevin.

— Ainda não conversei com ela. Vou almoçar com ela hoje. Ela quer muito isso, e eu vou precisar de, pelo menos, um membro da coalizão da Western. Eu havia planejado dizer a ela que a posição foi ocupada por um líder jovem e inteligente, que representará os estados do oeste com recomendações racionais, e fiscalmente viáveis.

Kevin ouviu a aproximação dos saltos de uma mulher, que corria atrás deles para alcançar o senador. A jovem assistente do escritório de Franklin colocou uma tela para assinatura diante do senador, oferecendo uma caneta para uso na tela, e mostrando-lhe o lugar correto na tela. A interrupção deu a Kevin um momento providencial para recuperar a razão.

O déficit vem em primeiro lugar. É assim que ganhamos credibilidade, ele lembrou a si mesmo.

Franklin terminou de assinar, quando eles se aproximavam do carro.

— O que você me diz?

— Estou nessa.

— E quanto à Iniciativa Jovem? — pressionou Franklin.

— Não tenho certeza de que poderei apoiá-la, mas prometo me abster de críticas, até que encontremos algo melhor.

— Não é provável — zombou o senador, estendendo a mão para Kevin.

— Feito. Bem-vindo ao time, Congressista Tolbert.

— Obrigado, Senador Franklin.

Observando a limusine do senador se afastar do meio-fio, Kevin sentiu alegria e medo.

# CAPÍTULO OITO

Julia dirigia pela redondeza, bem abaixo do limite dos 40 quilômetros por hora, o que lhe dava tempo suficiente para invejar cada casa mais que a anterior: garagens para três carros, gramados perfeitamente cuidados, fachadas de pedras brancas, portas duplas de carvalho, por trás de enormes pórticos, no fim de passeios guarnecidos com botões de rosas. Ela se perguntou quanto tempo e dinheiro cada morador da Mountain Springs Resort Community gastou, tentando superar o vizinho.

“Chegando, à direita”, anunciou uma voz amistosa no painel do carro. Julia entrou em uma longa garagem particular, ladeada por um conjunto de pedras avermelhadas, diante do que ela imaginava que seria uma residência de cinco dormitórios e 370 metros quadrados. A única coisa que faltava, na cena pitoresca, era um balanço em uma árvore, balançando, casualmente, com o vento, ou o patinete de um menino, encostado como um objeto delinquente ao lado da casa. Como nas outras dezoito casas da vizinhança pelas quais Julia havia passado desde que entrara em Summerhill Lane, esse endereço não apresentava sinais da presença de crianças.

A pressão no botão da campainha deu início a uma harmonia de sons orquestrais, seguida pelo fraco AU-AU de um minúsculo cachorro, ansioso por defender seu amo da invasão de Julia. Vários minutos se passaram, com o cachorro rosnando de maneira ameaçadora, enquanto Julia checava sua agenda. Ela havia chegado à hora certa.

Pela janela, Julia percebeu uma mulher de seus quarenta anos, amarrando uma faixa na cintura, tentando correr em direção à entrada. “Quieto, Teddy!”, ordenou, antes de abrir a porta. Hannah Walker ainda tinha uma beleza natural, um vestígio da cor cinza na raiz dos cabelos, e uma aparência adorável, em um adorável robe de seda oriental.

— Senhora Walker? Sou Julia Davidson. Nós trocamos e-mails, na noite passada.

O cão se afastou, em respeito à sua rainha.

— É verdade. Por favor, entre.

Hannah pareceu corada, como se tivesse lavado e enxugado rapidamente o rosto, para esconder lágrimas.

O adorável interior da casa refletia uma mulher que gostava de beleza ampla e organizada. O contraste com o apartamento abarrotado e desarrumado de Jeremy Santos não poderia ter sido maior. Parecia que ações legais tinham a capacidade de conectar mundos diferentes. Julia pensou nos estranhos rituais de pesar, que acontecem em enterros, entre primas distantes, que não mais se enviam cartões de Natal. Algo similar uniu Jeremy Santos a Hannah Walker.

Julia e sua anfitriã iniciaram um diálogo polido e fútil, enquanto Hannah oferecia chá recém-preparado, retardando a conversa que ela parecia relutante em iniciar. Uma coisa era, anonimamente, dar informações aos advogados de Jeremy Santos; era outra coisa se pronunciar, oficialmente, diante de uma importante jornalista.

Finalmente, Hannah conseguiu a coragem necessária para entrar no tema que Julia tinha vindo discutir.

— Eu tenho lido as suas colunas.

Julia esperou que Hannah fortalecesse sua coragem, aparentemente declinante, com um gole de chá. A cicatriz em seu queixo se revelou, pela primeira vez.

— Você sabe, você está enganada — continuou ela.

— Errada? Sobre o quê?

— Sobre os voluntários.

Hannah fez uma pausa, obrigando-se a concluir o que havia começado.

— Eles não são heróis.

Julia se sentiu imediatamente ofendida. Não por si mesma. Por milhões de outras pessoas.

— O que poderia ser mais heroico do que transmitir os seus recursos aos seus entes queridos, em lugar de empregá-los nos gastos elevados de fim de vida?

“O que você está dizendo?” ela se ouviu dizer.

— Eles não são heróis. Eles são ovelhas.

— Como você pode dizer isso?

— Você já participou de uma transição, Senhorita Davidson?

A pergunta silenciou Julia. A sua coluna havia parabenizado a indústria da transição. Ela havia defendido a virtude da indústria, contra os extremistas religiosos. Mas ela nunca havia testemunhado o procedimento pessoalmente. Quem havia?

— Já falou com alguém prestes a entrar em uma sala de transição?

Novamente, o silêncio.

— Não pensei que tivesse — continuou Hannah. — Houve uma ocasião em que eu lia a sua coluna, para me convencer de que o que eu estava fazendo era algo bom, importante para a economia, e melhor para os voluntários.

Ela parou, lembrando-se de seus modos.

— Desculpe-me. Eu espero que isso não lhe dê a impressão de que a estou criticando.

— Não se preocupe.

O profissionalismo de Julia venceu a ofensa.

— No meu trabalho, você precisa ser um pouco insensível.

Hannah riu, educadamente, antes de continuar.

— Para ser honesta, o que você escreveu provavelmente me motivou a continuar no trabalho por mais tempo do que eu deveria.

— Você está me agradecendo ou me culpando? — perguntou Julia.

— Nem uma coisa, nem outra. Eu só penso que você deveria saber que aquilo que você escreve causa um impacto. É por isso que eu vou lhe contar a minha parte dessa história. Somente uma parcela minúscula da população sabe de alguma coisa por trás da Iniciativa Jovem, além das manchetes que perseguem a redução no orçamento ou zombam de lunáticos religiosos.

Julia sentiu uma pontada na consciência. Hannah parecia ansiosa por expor um lado obscuro da indústria que havia deixado uma cicatriz em seu mundo, anteriormente perfeito. Como Jeremy, ela via Julia como uma aliada solidária, em sua busca de vingança. Julia havia permitido que pensassem assim.

Ela se lembrou das palavras de Paul: “Precisamos sair à frente com essa história, antes que algum repórter com espírito humanitário a use de maneira indevida”. Atacar a NEXT ou a Iniciativa Jovem definitivamente seria uma infração à agenda editorial do Sindicato RAP, para não mencionar o fato de minar a sua própria credibilidade jornalística.

Julia deu início à entrevista formal.

— Eu acredito que você deixou o emprego, depois do incidente com o caso de Antonio Santos.

— Eu tive uma longa licença médica, para me recuperar daquele incidente.

A sua mão acariciou, gentilmente, uma linha tênue no queixo.

— Pelo menos, essa foi a razão oficial. Certamente, eu não precisava de seis meses. O médico tirou os pontos depois de algumas semanas.

— Generosidade do patrão?

— Está mais para ansiedade do patrão — zombou Hannah. — Eles não me queriam na clínica, quando a polícia começou a fazer perguntas.

— Polícia? Que tipo de perguntas?

— Eu não sei. Eu suponho que eles não queriam ter por perto ninguém que pudesse desviar a versão oficial.

— Você teria feito isso? — perguntou Julia.

— Não. Eu vi o relatório. Foi exato — explicou Hannah. —A ironia é o fato de que me dar uma licença médica tão longa acabou criando problemas novos para eles.

— Por quê?

— Eu tenho sofrido de depressão, por quase um ano. O tempo que passei afastada do trabalho me deu uma oportunidade para refletir.

Hannah olhou pela janela por um momento, parecendo buscar lembranças distantes de dias mais felizes.

— Eu sempre havia sido uma pessoa razoavelmente otimista. Meu marido costumava me chamar de sua pequena bolha de alegria.

Ela enrubesceu, ligeiramente, com a confissão.

— Ele não tem usado esse apelido recentemente.

— Todos nós temos nossos momentos bons e maus.

Julia percebeu que o comentário soou irrefletido e sem tato. Hannah não pareceu notar.

— Eu me vi ficando mais abrupta com Philip, mais irritadiça, era muito mais difícil estar comigo. A princípio, eu supus que fossem oscilações hormonais e normais. Mas nunca oscilei de volta à normalidade. E então, começaram os sonhos.

Julia arregalou os olhos.

— Sonhos?

— Uma sequência de rostos.

— Um homem? — perguntou Julia.

A pergunta surpreendeu Hannah.

— Às vezes. São muitos rostos. Eles me perseguem.

— Quem persegue você? O rapaz? Antonio?

— Não. Eu não me lembro do rosto dele. Eu havia parado de olhar os clientes nos olhos, muito antes do evento dele — a sua voz falhou. — Sinto muito. É difícil conversar sobre isso.

Julia ficou em silêncio, enquanto Hannah pegava um lenço de papel.

— São ovelhas para o matadouro — continuou ela.

— Mas a transição é um ato voluntário — defendeu Julia. — As ovelhas não são voluntárias.

— Mas elas também não resistem.

Hannah bebeu mais um gole de chá.

— Antes que elas percebam o que está acontecendo, uma faca corta a garganta delas, convertendo-as em uma refeição para as pessoas que elas haviam confiado que as protegeriam.

Julia mostrou que desaprovava a comparação.

— Isso incomoda você, não incomoda? — insistiu Hannah. — Eu também não gosto de pensar em termos tão duros. Mas é verdade. Para onde vão os bens?

— Eu suponho que para entes queridos, ou uma instituição de caridade escolhida pelo voluntário — sugeriu Julia.

— Setenta por cento vai para membros da família que, no passado, teriam ficado sobrecarregados com os custos dos cuidados com o voluntário.

— É claro. Quem quer sobrecarregar seus filhos com…

— Alguma ideia de quem recebe os outros trinta por cento — interrompeu Hannah.

— Não faço ideia. O custo do procedimento?

— Uma pequena parte. O restante financia os programas de apoio à Iniciativa Jovem. Somente no ano passado, a taxa de transição contribuiu com quase trinta bilhões para o orçamento federal. Mas isso é pouco, em comparação com a redução nos benefícios sociais. Um número menor de beneficiários em 2041 se traduz em aproximadamente duzentos bilhões de economia, um valor que vai se acumular, ano após ano.

As sobrancelhas de Julia se levantaram diante de números mais impressionantes do que ela havia se dado conta.

— Eu não consigo lhe dizer quantas vezes repeti esses números a mim mesma, tentando conectar o que eu estava fazendo com algum bem maior. É bom para todos, não é?

— E não é?

— Pode ser. Mas alguém tem que segurar as mãos trêmulas, enxugar as lágrimas tristes, acalmar o pânico que eles sentem.

Hannah olhou Julia nos olhos.

— Cortar seus pescoços esticados.

Julia recuou, com a analogia.

— Você acaba se cansando — continuou Hannah. — As conversas estimulantes funcionam, durante algum tempo. Colunas elogiosas, como a sua, e gratificações do patrão, somente resolvem o problema durante algum tempo. Eu me convenci de que eles eram menos que seres humanos.

— Ovelhas que se ofereciam em sacrifício? — Julia preencheu os espaços.

Hannah concordou com a cabeça, lentamente. Vergonhosamente.

Nervosa com o rumo que a conversa estava seguindo, o tom de Julia se alterou, deixando de ser o de um confessor confidencial para o de uma repórter desconfiada.

— Qual é a sua posição, na ação legal de Jeremy Santos?

— Minha posição?

Hannah pareceu perceber a mudança no tom de sua convidada.

— Você é colitigante? Você espera receber algum pagamento, se Jeremy vencer?

— Ele venceu.

— Eu quero dizer, se ele vencer a apelação.

— Não. Eu não tenho nenhum interesse no caso — defendeu-se Hannah. — Na verdade, meu marido poderia perder o seu maior cliente, quando essa história for divulgada. É por isso que eu tentei continuar anônima.

— Qual é a profissão de Philip?

— Ele é um consultor para eficiência de processos, para as clínicas NEXT.

Julia ficou em silêncio, absorvendo a revelação.

— Ele sabe o que você fez? Sabe que você está ajudando Jeremy?

— É claro que sim — respondeu Hannah. — Ele concorda com as exigências do processo.

— Exigências?

— Você leu os detalhes do caso, Senhorita Davidson?

— A maioria deles — blefou Julia.

— Então você sabe da facilidade no processo de permissão. É mais fácil agendar uma transição do que reservar uma passagem aérea.

— E?

— Os procedimentos atuais não protegem os voluntários da coação — explicou Hannah. — Eu estimo que dois terços dos meus clientes tenham participado, contra sua vontade.

— Eles assinam um formulário de aprovação, normalmente na presença de um cônjuge, filho ou pai. Isso me parece uma proteção adequada.

— Você quer dizer, a pessoa que está exausta pelos cuidados com o voluntário? A pessoa que, provavelmente, herdará seus bens? Aquela cuja vida parou, para ajudar um pai a evitar o inevitável?

Hannah parecia uma professora, repreendendo um aluno preguiçoso.

— Você realmente espera que essa pessoa desencoraje a transição de um pai?

A possibilidade de tal coação sutil nunca havia ocorrido a Julia.

— Você interromperia a sua carreira, se seus pais precisassem de toda a sua atenção, sabe-se lá por quanto tempo? — continuou Hannah.

— O que você faria, se tivesse a opção de continuar viva durante cinco anos, ou liberar o dinheiro para cobrir os custos da universidade de um neto? Como você se sentiria ao ser chamada de fardo, sabendo que os outros lhe consideram uma obrigação, e não um bem? Sim, eles concedem a permissão. O que mais podem fazer?

*Ovelhas para o matadouro, lembrou-se Julia.*

O caso de Antonio Santos envolvia muito mais que a morte acidental de uma mãe perturbada, ou o erro clerical, na grande máquina de transição. Essa história não era a respeito de uma morte sem importância, mas sobre o destino de um programa que contribuía com centenas de bilhões de dólares para o orçamento federal.

Era mais do que Julia queria saber.

# CAPÍTULO NOVE

Uma mulher cansada desviou os olhos de seu monitor, e olhou para o mesmo homem impaciente, diante de sua janela na recepção.

“Mais uma vez, Sr. Tolbert, nós chamaremos vocês, quando a médica estiver disponível”.

Pela terceira vez, em uma hora, Kevin voltou para a cadeira, na sala de espera, ao lado de sua esposa Angie. Nem o seu charme nem a sua influência conseguia vencer a realidade da insuficiência de médicos, que havia convertido uma visita ao médico em um compromisso de dia inteiro.

— Bem-vindo ao meu mundo — disse Angie, gentilmente tocando seu marido. — Você precisa aprender a ter um pouco de paciência, Sr. Congressista.

Essa era uma virtude de que raramente Kevin havia precisado. Ele havia se acostumado a fazer com que as coisas acontecessem rapidamente, espremendo um MBA de dois anos em dezoito meses, comprando e vendendo três bem sucedidas empresas antes de completar trinta anos, e sendo eleito ao Congresso depois de uma única campanha. Como um motorista que consegue passar por doze faróis verdes sucessivamente, Kevin quase se esquecera de como usar o freio.

— Eu não lido bem com a paciência — Kevin lembrou, desnecessariamente, sua esposa. — É sempre assim?

— Não — disse Angie, com um sorriso frágil. — Somente nas raras ocasiões em que eu, realmente, consigo uma consulta.

A porta se abriu, e uma enfermeira que segurava um tablet leu o nome seguinte. Uma mulher do outro lado da sala levantou, agradecida, a mão, como uma estudante que, timidamente, pede permissão para usar o banheiro. Pegando no colo a criança que estava sobre suas pernas, a mulher passou pela porta, enquanto Kevin observava, mais uma vez, a luz ficar vermelha.

Kevin percebeu que Angie estava olhando para Leah, que ainda estava dormindo em sua cadeirinha. Ele conseguia sentir a ansiedade que ela havia deixado de lado o suficiente para vestir os outros filhos para uma brincadeira na casa de um amigo. Aparentemente, Angie havia usado o súbito silêncio para abrigar outro temor.

— Você percebe uma diferença na tosse de Leah? — perguntou, hesitante. — Ela parece mais forte do que a de Tommy ou Joy, pelo que me lembro.

— Angie — respondeu Kevin, no tom mais gentil que conseguia empregar —, nós concordamos em evitar especulações, até sabermos de alguma coisa.

Na verdade, ela nunca havia concordado, somente se ajustado à incapacidade dele de conversar sobre a única coisa que havia estado na mente dela durante os últimos quatro dias.

Na verdade, as mesmas perguntas atormentavam aos dois.

Ele achou que ela precisava de uma nova distração.

— Troy me mandou uma análise interessante dos dados do censo. Acho que ele encontrou alguma coisa importante.

Angie forçou seu entusiasmo usual.

— Isso é ótimo, querido.

Ele percebeu a indiferença velada de Angie, mas continuou, para evitar o silêncio.

— Parece haver agulhas de força econômica, enterradas no meio do palheiro das tendências negativas. Troy as chama de Pontos Brilhantes.

— Como um otimista?

— Algo assim. Ele tomou a frase emprestada de um caso que nós lemos, durante a faculdade. Há aproximadamente cinquenta anos, um grupo sem fins lucrativos recebeu o prazo de seis meses, para solucionar a má nutrição infantil, em aldeias pobres no Vietnã. Um prazo louco, uma vez que os especialistas haviam identificado uma complexa sequência de problemas sistêmicos, que contribuíam, juntos, para a causa da epidemia.

A expressão nos olhos de Angie disse a Kevin que a mente dela já havia começado a se distanciar.

— Enfim, um sujeito decidiu examinar a complexidade que havia paralisado os

especialistas. Ele investigou o que as mães das poucas crianças saudáveis estavam fazendo diferentemente das outras pessoas nas aldeias. Ele entendeu que, se algumas crianças se desenvolviam, apesar da pobreza idêntica, então poderia haver esperança para as outras crianças.

As palavras esperança e crianças trouxeram Angie de volta.

— Eles descobriram alguns hábitos simples, entre essas famílias, que faziam uma grande diferença.

— Como? — perguntou Angie.

— Como a maneira que as mães dividiam a ração diária de seus filhos, em quatro refeições, em vez de duas. Elas também infringiam normas culturais, dando a seus filhos certos alimentos que a sociedade considerava de classe baixa.

A emoção de Kevin culminou, quando ele chegou à parte final da história.

— Um livro, escrito por Chip e Dan Heath, chamou essas famílias de pontos brilhantes, porque o seu sucesso se tornou um modelo para soluções em grande escala.

— Sempre confie nas mamães, e não nos especialistas — brincou Angie.

— Você está absolutamente certa. Se a análise de Troy estiver correta, as mães serão a chave para solucionarmos o nosso problema de déficit, a longo prazo.

A expressão confusa dela incentivou Kevin a chegar ao fim da história.

— Parece que os bolsões de estabilidade econômica e crescimento são as áreas com a mais alta taxa de fertilidade. Parece que nós encontramos os pontos brilhantes de nossa nação. Precisamos apenas descobrir o que eles fazem, diferentemente dos demais.

— Leah Tolbert.

A interrupção lembrou Kevin de sua impaciência.

— Finalmente — ele disse, um pouco alto demais.

— A doutora pode atender vocês agora.

A enfermeira conservou a porta aberta, enquanto Angie se virava, para pegar Leah.

— Eu a levo — insistiu Kevin.

◆

Leah choramingou no momento correto, como se entendesse o diagnóstico da médica melhor do que qualquer pai conseguiria entender.

Kevin examinou a sua mente, mas não conseguia se lembrar de jamais ter ouvido falar de um distúrbio chamado Síndrome do X frágil.

— Eu não sei o que é isso.

— Não há muitos casos, hoje em dia — continuou a médica. — Antigamente, uma pequena porcentagem da população sofria do que era chamado de deficiência intelectual. Seus avós teriam chamado essa doença de retardamento mental. Mas o distúrbio se tornou extremamente raro.

— Então, essa doença tem cura? — perguntou Angie, cheia de expectativa.

A Dra. Chapman fez uma pausa. Já devia fazer muitos anos, desde que ela havia conversado sobre um diagnóstico tão desencorajador, com pais desinformados. A seleção genética havia, praticamente, erradicado o X frágil da população em nações desenvolvidas; ele aparecia apenas em famílias extremamente religiosas, que não seguiam um processo que impedia a implantação dos óvulos defeituosos. Mas nem Angie nem Kevin pareciam ser do tipo religioso.

— Posso lhe perguntar por que vocês não fizeram seleção genética nesta gravidez? — a Dra. Chapman perguntou a Angie.

— Por que a pergunta? — interceptou Kevin, esperando absorver o ataque previsível.

— Bem, é muito incomum recusar esse procedimento.

Eles haviam ouvido esse discurso antes. A seleção prometia eliminar os mais graves defeitos genéticos, permitindo que os pais produzissem descendentes que herdariam apenas suas qualidades mais atraentes, e os defeitos menos irritantes. Aparentemente, esse distúrbio, o que quer que fosse, estava incluído nessa última categoria.

— Nós consideramos a vida como um dom a receber, e não um produto a escolher.

A intensidade de Angie surpreendeu Kevin. Ele havia usado essas mesmas palavras com ela, seis anos antes, quando eles decidiram iniciar uma família. Ela parecia entusiasmada com a seleção genética, descrita pelo obstetra. O bom senso e a prática diziam: “Faça isso”. A maneira como Kevin fora criado dizia: “Não faça”. Depois de uma discussão e duas noites sem dormir, Angie cedeu, o que havia resultado em Tommy, agora com cinco anos de idade, a quem Angie não trocaria por nenhum menino geneticamente otimizado no planeta.

A expressão da médica não era de condenação, mas de piedade.

— Eu não quis ofender — ela respondeu à pergunta de Angie. — Não, esse problema não tem cura.

As palavras foram duras de ouvir.

— Mas você disse que ele tinha se tornado extremamente raro...

O comentário de Kevin foi interrompido, pela sua compreensão da realidade. Ninguém sobrevive ao processo de seleção.

Acariciando os dedos minúsculos de Leah, Angie respirou profundamente. Naquele momento, toda a sua ansiedade pareceu se dissipar, tornando-se uma resolução maternal clara.

— Por favor, diga-nos o que precisamos saber.

— Os efeitos variam muito, de uma pessoa a outra — explicou a Dra. Chapman. — Eu somente vi dois casos, ambos em adultos. A sua filha pode exibir características físicas irregulares.

Kevin e Angie olharam para Leah. Nenhum deles soube o que devia observar. Olharam de volta à médica.

— Mais provavelmente, características faciais peculiares, que podem se tornar mais pronunciadas à medida que ela envelhecer, incluindo um rosto alongado, e orelhas ligeiramente maiores.

A médica olhou para o seu roteiro, no notepad digital.

— Ela já está engatinhando?

— Um pouco — respondeu Angie, cheia de esperança.

— Bem, provavelmente, ela não andará na mesma idade que as crianças normais. E é quase certo que haverá alguma deficiência mental. Nós desejaremos avaliar as habilidades cognitivas de Leah, quando ela ficar mais velha, mas a maioria das crianças que têm o X frágil têm metade do QI normal.

Angie e Kevin se olharam.

— Ela poderá ir à escola? — Kevin pensou em voz alta, decidindo continuar forte, por causa de Angie.

— Possivelmente, embora vocês tenham dificuldades para encontrar um programa competente, uma vez que essa doença se tornou tão rara. As escolas públicas cortaram os fundos para a educação especial ainda no início dos anos 20.

— Casamento e família? — perguntou Angie.

— É improvável. Mas eu não vejo nada que impeça sua filha de ter uma vida sexual vibrante.

Tanto Kevin como Angie recuaram, ao ouvir isso.

A médica continuou, mas nenhum deles ouviu o resto do que ela tinha a dizer. Kevin e Angie precisariam de tempo para entender os detalhes da deficiência de Leah, nos dias futuros. No momento, eles tentavam absorver uma simples realidade: Nossa filha nunca terá uma vida normal.

Nem eles.

# CAPÍTULO DEZ

Julia buscou, freneticamente, a silhueta de uma mão que fugia dos dedos que ela estendia. Apesar de uma vívida claridade, que atrapalhava a visão de seus olhos adormecidos, ela percebia apenas sombras. Uma forma escura e masculina aparecia, esticada e diluída. A sua presença consoladora desaparecia, enquanto algo misterioso a puxava a um lugar brutal e inclemente.

Ela respirou violentamente, como uma criança desesperada para se libertar de uma correnteza marítima, e gritou para a sombra que deixava o seu campo de visão.

— Para onde você está indo? Como você pode me deixar assim? Ajude-me!

Ela ouviu uma voz.

— Está tudo bem, querida. Acorde. Está tudo bem!

Os olhos de Julia se abriram, para a visão providencial e bem-vinda de Maria. Vencendo sua confusa ansiedade, Maria havia ouvido os gritos, no quarto ao lado, o que a levou a agir. O alívio de Julia se tornou vergonha. Com relutância, ela aceitou o abraço consolador de sua irmã.

Momentos depois, Julia se recostou no travesseiro, abraçando as duas pernas junto ao peito. Como sempre, pegou a caneta e o bloco de notas que havia usado, no passado.

HOMEM

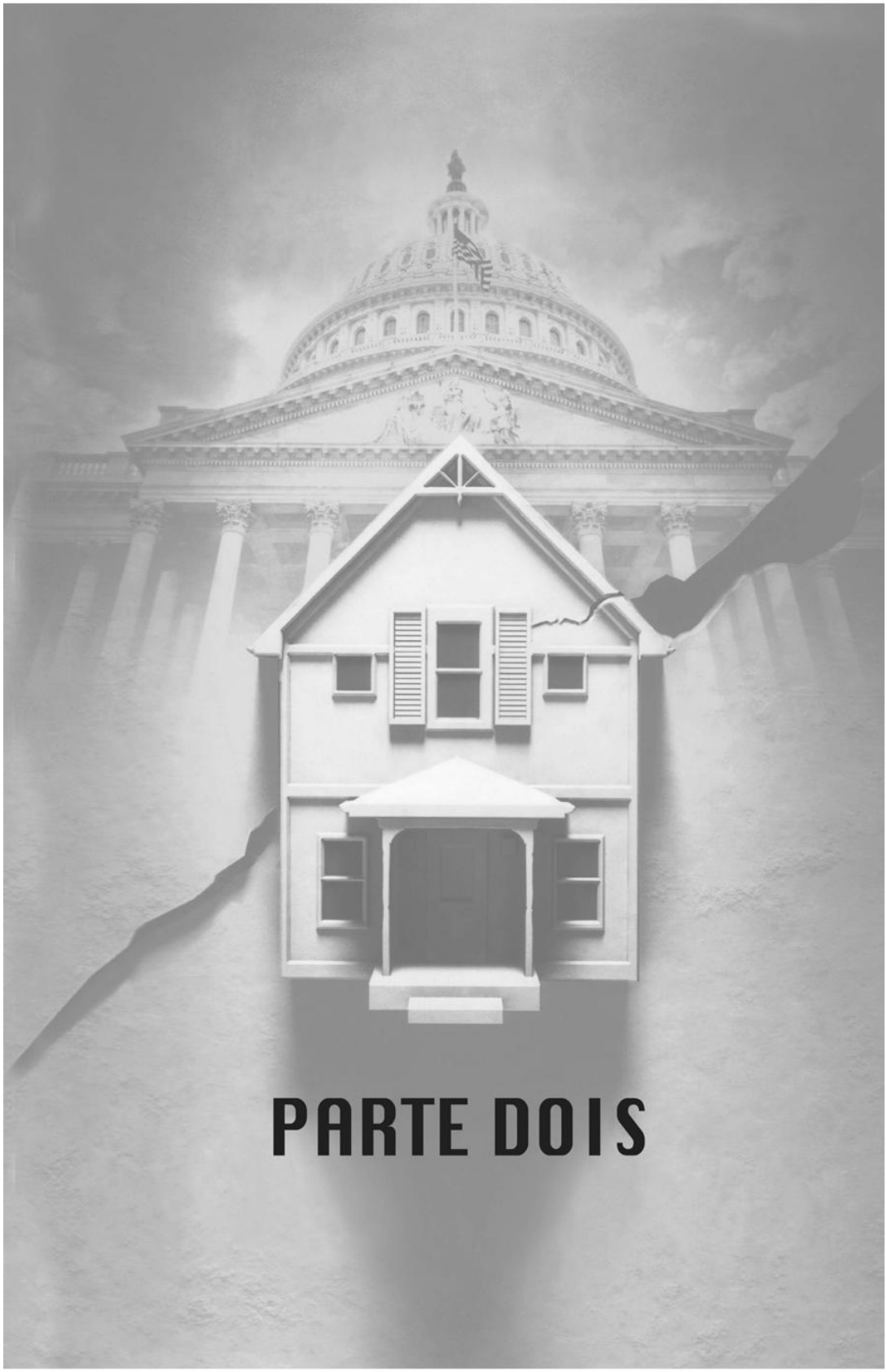
SOMBRA

MEDO

RAIVA

Ela acrescentou uma única palavra.

ABANDONADA.



# PARTE DOIS

# CAPÍTULO ONZE

“N ão posso continuar levando você ao médico, mamãe!” Foi o que disse Matthew Adams, depois de examinar a conta de 1.152 dólares, por três visitas, para tratar o que havia sido comprovado como enfermidade fantasma. “Eu acho que ela precisa de atenção”, explicou a enfermeira.

Ver lágrimas se formando nos olhos de sua mãe fez com que Matthew sentisse ter recebido um coice. Ele estendeu a mão para o outro lado da mesa, agarrando o braço frágil dela, dando-lhe, ao mesmo tempo, um lenço de papel parcialmente usado.

“Lá vai você de novo”. Ele detestava fazê-la chorar. Mas não sabia mais o que fazer. Ele estava perdendo a sua batalha para proteger os bens de sua mãe, que diminuíam cada vez mais.

— Eu lamento, Matthew — disse ela.

— O médico disse que não há nada de errado com você, mamãe — continuou ele, gentilmente. — Apenas lembre-se de tomar os seus remédios, e tudo dará certo.

Mas ele sabia que ela não se lembraria de suas pílulas, como não conseguia se lembrar de outros detalhes importantes. Ela ficava confusa, até mesmo com as tarefas mais simples, como tentar se lembrar do comando de voz de duas palavras, que ligaria para o telefone dele. Ela entrava em pânico quando ele saía para trabalhar ou para alguma tarefa na rua.

O som de duas rápidas batidas à porta anunciou a chegada de Donny.

— Desculpem o atraso — disse ele, ao entrar.

Ele começou a tirar o casaco.

— Fiquei sem gasolina. Tive que parar no caminho.

— Não se preocupe.

Matthew estava simplesmente agradecido porque Donny havia cumprido a sua promessa.

— Obrigado por vir cedo. Eu realmente preciso de algumas horas extras.

Na verdade, Matthew precisava de uma folga. É por isso que ele havia gasto o dinheiro para contratar um segundo cuidador, em período parcial, embora a busca de cuidadores tivesse levado o preço da hora de trabalho a um nível estratosférico. A renda do seguro de vida do avô dava para itens essenciais, como o aluguel, a eletricidade, o gás, as verduras e o acesso digital básico. Mas não dava para a ajuda extra. No mês anterior, ele havia pago uma porção das despesas dela com remédios, com o seu próprio salário. Um desperdício, pensava ele, uma vez que ela parecia estar piorando, em lugar de melhorar.

“Matricule-se na faculdade”, sua mãe costumava dizer. “Use o dinheiro para a sua instrução. Meu filho deve ser um professor”.

Ela sabia que ele podia fazer isso.

Ele já nem mesmo esperava isso.

Antes de seguir para o trabalho, Matthew deu início a um ritual matinal, que sua mãe havia se acostumado a esperar. Pegando um rosário no balcão da cozinha, ele o colocou cuidadosamente na palma da mão esquerda de sua mãe. Envolvendo a mão pequena dela com a sua, ele se ajoelhou diante dela, e olhou nos seus olhos. “Eu volto logo, está bem, mamãe?”

Olhando cautelosamente para Donny, ela se concentrou o suficiente para reconhecer o homem que, pouco antes, era um estranho. Ela deu a seu filho um sorriso hesitante, mas confiante.

“Estarei de volta lá pelas quatro e meia”, disse Matthew a Donny, a caminho da porta.

◆

Quando Matthew chegou ao trabalho, cerca de uma dúzia de estudantes já estava bebendo refrigerante, enquanto examinavam as tarefas do dia ou liam as novidades do meio social. Ele passou por um sofá e três mesas, colocando sua

mochila atrás do balcão de doces, antes de começar outro dia recolhendo canecas vazias e jogando fora guardanapos manchados de café.

Olhando para a sala, Matthew reconheceu três dos onze estudantes: conhecidos sem nome, que perceberam a presença dele, com um aceno silencioso de cabeça, como os atores se permitem cumprimentar um ajudante. Ele sabia que a sua função, como a dos que trabalhavam na biblioteca e no refeitório, era trivial, em comparação com os estudantes que pagavam por instrução e podiam cursar uma faculdade paga. Um rápido cálculo mental dizia que a sala representava quase seiscentos mil dólares em instrução anual, sem incluir quarto e comida, taxas de acesso a tecnologia, ou bebidas.

Dia lento, ele pensou.

— Ei, Matt — veio a saudação calorosa, mas tímida de Sarah.

— Houve sete ou oito festas de fraternidades na última noite. Eu acho que vamos ter pouco público a manhã toda. Você se importa de esperar para assinar o ponto no seu horário regular? Ou talvez até mesmo até a correria do terceiro período? Kelly e eu temos a situação sob controle.

Com essa facilidade, a sua renda diminuiu; era a terceira vez, nesse mês, que o gerente de turno havia reduzido, casualmente, as suas horas. Claro, ele trabalharia as vinte horas necessárias essa semana, mas precisava trabalhar mais.

“Eu vou ganhar um dinheiro extra, para poder pagar uma cuidadora adicional”, ele havia se prometido, em outubro. Ainda tinha que cumprir essa promessa.

Nunca desejando mostrar seu desapontamento, especialmente diante de Sarah, Matthew olhou para o relógio. Faltavam noventa minutos para o terceiro período.

— Você se importa se eu ficar na minha mesa usual, até então?

Ele não precisava perguntar, mas queria continuar a conversa.

— Eu posso avançar na pesquisa para o meu projeto.

Sarah e Matthew sabiam que ele havia abandonado a educação formal há muito tempo. Fazia três anos que ele havia concluído seu quinto e sexto cursos na

faculdade comunitária, estudos ambientais e uma aula sobre comparação de religiões, chamada Nosso Impulso Espiritual. O seu “projeto” significava ler um pouco disso e daquilo, para se tornar um especialista autonomeado no campo inexistente do “ambientalismo espiritual”.

— Não há problema — foi a rápida resposta de Sarah. — Você precisa do meu código de acesso?

A oferta significava que ela lamentava e queria lhe oferecer uma compensação. Um sinal promissor.

— Isso seria ótimo!

Segundos depois, Sarah passou a mão por cima do ombro de Matthew, para passar seu dedo por uma tela de dez polegadas, embutida na superfície da mesa. O dedo dela abriu uma janela para a sabedoria coletiva da humanidade, graças a uma tecnologia de assinatura de acesso que ele não mais podia pagar. A sua própria impressão digital dava acesso apenas ao conteúdo de domínio público e gratuito.

Matthew resistiu à vontade de se aproximar do corpo de Sarah, mas não conseguiu deixar de sentir seu perfume fresco e feminino. Ele se sentiu mal, por desfrutar, secretamente, do prazer da presença dela. Diferentemente das imagens fantásticas das mulheres sedutoras que povoavam seus jogos virtuais, jovens como Sarah despertavam sentimentos igualmente excitantes, mas mais íntegros. Ele não conseguiria descrever a sensação, nem mesmo para si mesmo.

Ela lhe oferecia uma cura misteriosa para a diminuição de sua virilidade, que o seu hábito de assistir pornografia parecia provocar. Mas ela era jovem demais, e estava muito acima das suas possibilidades.

Depois de um breve rastreamento de segurança, a tela se acendeu. Seis toques no teclado digital apresentaram a Matthew ícones familiares, convenientemente organizados segundo a frequência de uso:

JOGOS

COISAS DE RAPAZES

INTERESSES

RESUMO DIÁRIO

PROJETOS ATIVOS

Sabendo que Sarah ou Kelly podiam passar por ali a qualquer momento, ele escolheu o item mais seguro da tela.

Resumo Diário de Matthew – 26 de abril, 2042

SEU DIA:

9 hs = Começar o trabalho.

SUAS MENSAGENS:

MESTRE DA INTERNET: “Você precisa ver isso. Quente!”

DEUS DOS JOGOS: “Eu acabo de ser aceito no Clã Zilla. Morra de inveja!”

SUAS NOTÍCIAS:

O lançamento de Planet Battle VI excede as expectativas da indústria de jogos.

SEU DINHEIRO:

$578 valor mensal de medicamentos, lançados à conta do seu cartão Visa, em 14/4/2042.

$3200 do trabalho no Campus, depósito agendado à conta do banco em 15/4/42.

Matthew deixou a seção de RESUMO DIÁRIO e selecionou o ícone de INTERESSES, em busca de algo útil com que se ocupar, até o terceiro período e a correria usual. Ele entrou e saiu de cinco links recomendados que pareciam promissores, mas nenhum chamou sua atenção.

— Aqui está você.

A interrupção assustou Matthew.

— O seu veneno usual, por conta da casa.

— Puxa, que bom. Obrigado, Sarah.

Ele gostou da atenção inesperada.

— De nada — foi a resposta casual dela. — Bom proveito.

Depois de um gole cuidadoso, para evitar queimar o lábio superior, Matthew voltou à tela e acionou o ícone PROJETOS ATIVOS, para iniciar o mecanismo de pesquisa, esperando que a permissão de Sarah gerasse links mais úteis que os seus. Segundos depois, dois novos itens apareceram: um artigo no Green World Journal que descrevia o impacto desproporcional para o ambiente, provocado por casas maiores, e uma notícia breve, citando o diretor da pesquisa em

epigenética, dizendo algo a respeito de reverter a demência relacionada à idade.

Matthew examinou o segundo item. Saltando os termos médicos, ele encontrou o objetivo do artigo.

O Dr. Wayne Galliger parecia otimista a respeito das descobertas iniciais da equipe, sugerindo que o projeto poderia oferecer opções práticas para tratamento para os casos de demência relacionada à idade já no outono de 2044.

“Só daqui a dois anos e meio!”, disse Matthew em voz alta, provocando um olhar confuso do estudante sentado à mesa ao lado. Agora em silêncio, Matthew examinou o resto do artigo, para mais uma migalha de otimismo. Nada.

Eu não acho que consiga lidar com outros trinta meses de chaves perdidas, nomes esquecidos, conversas repetidas e acidentes no banheiro.

Percebendo a tensão em suas mãos fechadas, Matthew decidiu mudar o assunto. Já fazia algum tempo que ele não explorava novas fotografias e atualizações de colegas do ensino médio, na Littleton High School. Durante os últimos três anos, praticamente cada antiga líder de torcida havia aprovado o seu pedido de condição de “Admirador Secreto”, permitindo-lhe o acesso anônimo a uma “Surpresa Secreta” ocasional, que elas publicavam para os seus seguidores misteriosos. Mas um prêmio permanecia, a única garota que ele havia tido coragem suficiente para convidar para o baile. Embora ela o tivesse rejeitado, ele nunca havia perdido a fascinação por ela.

Digitando DAVIDSON no campo de busca, Matthew esperava encontrar outra fotografia atrevida de Maria. Em vez disso, ele viu uma foto profissional ao lado da coluna mais recente escrita pela irmã mais velha de Maria — a que tinha sido oradora da turma.

Um rápido olhar para o relógio disse a Matthew que ele tinha bastante tempo para matar. Ele começou a ler...

LIVRE PARA TER SUCESSO

Por Julia Davidson (RAP Syndicate)

Uma amiga me disse, recentemente, que quer ter um bebê. Ela não é religiosa, mas seus pais são católicos devotos. Eles têm uma opinião sobre o assunto. Na verdade, duas opiniões.

Em primeiro lugar, eles querem que sua filha encontre um parceiro (marido, foi a palavra que eles usaram) antes de se tornar mãe —— algo que menos de 25% das mulheres fazem, por boas razões que abordei em colunas anteriores. (Por que os fundamentalistas religiosos criticam a nossa geração, por evitar a maternidade, mas se queixam quando mulheres solteiras decidem ter filhos?)

Em segundo lugar, os pais de minha amiga desaprovam um costume que se tornou um procedimento médico padrão, até mesmo entre parceiros heterossexuais. A seleção in vitro (IVS) traz enormes benefícios aos pais, aos filhos e à sociedade. Mas eles advertiram sua filha, para que não “projetasse” seu filho, vetando algumas imperfeições genéticas comuns. Eles acreditam que a IVS coloca os humanos no lugar de Deus, e temem que nós tenhamos nos tornado “compradores exigentes”, em vez de “recipientes agradecidos”, no que diz respeito ao “dom da vida”.

Cedendo à pressão dos pais, minha amiga adiou a consulta para seleção que havia marcado. Eu imagino que deva comemorar essa decisão. Uma emissão de carbono a menos, poluindo o planeta. Mas eu detesto vê-la desistir de algo que ela quer, apenas porque seus pais consideram a tecnologia como um bicho-papão tecnológico.

Os fatos são os seguintes: Oito de cada dez mulheres que querem ter um bebê usam a seleção in vitro, conhecida também como bom senso. Nos nossos tempos, por que alguém se arriscaria a dar à luz um bebê com caros problemas de saúde? As mulheres não precisam mais ter medo de más notícias depois do nascimento de uma criança, devido a deficiências e complicações não previstas. Somente os filhos de pais que optam por não usar o processo genético de proteção se arriscam ao sofrimento, às dificuldades e às despesas associadas à maioria das deficiências e das doenças relacionadas à idade. A propósito, essas despesas acabarão se tornando parte do orçamento federal e estadual, quando esses “filhos da fé” sobreviverem a seus pais, bem intencionados, mas mal orientados. Você e eu herdaremos elevadas despesas e obrigações médicas, além do intenso cuidado médico associado com seus pais e avós idosos.

Se minha amiga decidir ter um bebê, espero que ela dê ao bebê a liberdade de ter sucesso, eliminando os riscos de doenças e deficiências desnecessárias. Eu apenas gostaria que nós pudéssemos dar a mesma liberdade àqueles que já estão oprimidos por ambas.

Bebendo outro gole de sua caneca, Matthew tornou a ler o parágrafo final. A seguir, ele o leu novamente, desta vez escolhendo e reorganizando mentalmente oito palavras, para dar-lhes o significado justo.

Dar aos oprimidos a liberdade de ter sucesso.

Fazendo uma anotação para explorar outras colunas da irmã de Maria, Matthew abriu uma página do diário, cheia de itens anteriores. Ali havia frases, aparentemente aleatórias, referências e conceitos que ele havia estado capturando durante meses. Examinando a lista, ele encontrou o item que estava procurando.

ESPÍRITO BOM. CORPO MAU. (Maniqueísmo do século IV)

Bebendo um último gole de seu café, que já estava esfriando, ele olhou pela janela, sem olhar para nada em particular. Olhando de volta para a tela, ele digitou uma peça que faltava, no quebra-cabeças do seu projeto.

LIVRE PARA TER SUCESSO (Julia Davidson)

Dois minutos depois, Matthew enviou uma solicitação para uma reunião com o presidente do Departamento de Estudos Religiosos da Universidade.

# CAPÍTULO DOZE

“E u não gosto disso”, sussurrou Troy junto ao ouvido de seu amigo. “Eu calculo que você começa com uma desvantagem de cinco, talvez mais”.

Somente sete dos outros doze rostos na sala pareciam familiares a Kevin Tolbert, muitos deles astros em ascensão em outras regiões do Congresso. Como Kevin, todos haviam sido convidados a comparecer à sessão, a portas fechadas, da coalizão pela austeridade, do Senador Franklin, em um esforço para fortalecer o grupo político em favor de quaisquer recomendações que emergissem. Todos eles eram fortes conservadores fiscais, que haviam votado em apoio à fase um da agenda do presidente. Nenhum deles seria fácil de convencer.

Ele também reconhecia Trisha. Quem não a teria reconhecido? Tão deslumbrante como as fotografias nas capas de revistas, Trisha Sayers pareceria fora de lugar, em qualquer reunião de titãs de corporações e do congresso. Mas ela se qualificava, especialmente usando a sua condição de ícone popular “Trisha Delisha” para lançar o que havia se tornado a principal cadeia de lojas de varejo de roupas da nação. Isso apenas fez com que ela ficasse completamente conhecida, especialmente entre as mulheres que admiravam a modelo convertida em cantora e convertida em vendedora no varejo. Elas gastavam centenas de milhões, todos os anos, para imitar a sua beleza e forma física, a um preço acessível. Seis anos antes, Trisha havia dado ao presidente credibilidade entre as eleitoras, quando apoiou a sua campanha. Ela continuou sendo um rosto favorito do novo e mais moderno movimento conservador.

— Eu aposto dez contra um que Franklin usa Trisha como contato com a imprensa, para esta coalizão — disse Troy, claramente perturbado com a possibilidade.

Kevin assentiu, silenciosamente. Apesar de sua preocupação, ele tinha que admirar a astúcia política do senador.

— Definitivamente, ela é um colírio para os olhos — ele ironizou.

— Esperemos, apenas, que ela trate bem nossas propostas.

— Não conte com isso.

Troy passou para Kevin um tablet que continha os slides da sua apresentação, e uma página com uma breve biografia de cada pessoa presente, completa, com

fotos que ele poderia usar para conectar os rostos a agendas concorrentes.

O anfitrião deu início à reunião, e Troy identificou um assento atrás de Kevin, reservado para auxiliares. Ele deu um tapinha no ombro de seu amigo.

— Deixe-nos orgulhosos, Congressista.

— Sejam bem-vindos, senhoras e senhores — iniciou Brent Anderson. — Eu gostaria de agradecer a vocês, uma vez mais, por terem aceitado nosso convite, para nos ajudar a tratar de grandes questões, em um curto período de tempo.

Anderson tinha sido o companheiro mais importante do senador, desde os dias em que trabalhavam em corporações, muito antes que Franklin tivesse buscado seu primeiro cargo público. O arquiteto do aplicativo SLASH, Anderson, usava orgulhosamente, o seu apelido correspondente, o Bisturi. Ele havia mostrado ser capaz de cortar a gordura do governo, para encontrar economias substanciais. Como presidente da coalizão pela austeridade, Anderson traria a mesma tenacidade obstinada para encontrar estratégias proativas quando as projeções revisadas do orçamento viessem a público. Com um prazo inferior a duas semanas, ele esperava solidificar o acordo, em primeiro lugar, com as mais promissoras propostas.

— Eu quero supor que todos vocês leram o resumo executivo que lhes enviamos ontem — continuou Anderson. — Não teremos tempo para rever a agenda, exceto para enfatizar o nosso objetivo de identificar excelentes oportunidades.

Kevin gostava do estilo de Anderson. Ir direto ao ponto principal, para evitar perda de tempo. Por que mexer com centenas de pedregulhos, e deixar de abordar as duas ou três pedras maiores?

A agenda continha várias apresentações rápidas. Cada membro havia recebido quinze minutos para resumir a ideia, e outros quinze para a discussão em grupo. Durante as quatro horas seguintes, os membros da coalizão iriam apresentar, debater e classificar as mais promissoras opções. Kevin se levantou, em primeiro lugar.

— Congressista Tolbert.

A rápida apresentação iniciou a contagem do tempo.

— Obrigado, Sr. Anderson — iniciou Kevin. — Eu aprecio a oportunidade para apresentar ideias que, em minha opinião, devem informar quaisquer soluções que propusermos.

Com um comando da sua mão, o primeiro slide de Kevin apareceu, em uma tela transparente, atrás dele. Junto à base de um gráfico, havia uma sequência de marcadores de décadas, começando em 1950.

— Este gráfico mostra a evolução da população na China, durante o século passado.

Brent Anderson se levantou.

— Sr. Tolbert, um lembrete de que cada apresentação deve ser curta. Você tem certeza de que quer gastar partes da sua apresentação, falando a respeito da China? Eles não são o nosso desafio no momento.

— Mas são um importante ponto de referência, Sr. Anderson — respondeu Kevin. — A economia deles está em queda livre, depois de décadas de rápida expansão. O declínio deles elucidará o nosso.

— Muito bem.

— A linha preta indica a população. Vocês perceberão um equilíbrio gradual, que se iniciou em 2022, aproximadamente dois ciclos de paternidade depois que a China implementou as medidas de controle de população de maior alcance já imaginadas. O medo do problema de alimentar tão grande população levou a políticas que criaram um problema diferente.

Outro aceno da mão de Kevin fez com que aparecesse uma segunda linha.

— A linha verde mostra o produto interno bruto da China, por década. Percebemos uma bolha de crescimento, entre, aproximadamente, 1995 e 2017, quando eles se beneficiaram de baixas taxas de dependência. Com um único filho por casal, as mulheres entraram no mercado de trabalho, como nunca haviam entrado antes, expandindo, dramaticamente, a sua economia. Durante algum tempo, eles cresceram com velocidade extremamente rápida. Como vocês sabem, essa velocidade diminuiu, e então parou, aproximadamente quinze anos depois do seu pico de população. E ela vem diminuindo, desde então.

Apareceu uma terceira linha.

— Esta linha azul mostra a porcentagem da população chinesa acima dos setenta anos de idade, o maior nível já registrado. A baixa taxa de dependência, que havia impulsionado o crescimento, agora se invertia. Em vez de um filho dependente por casal, agora eles têm dois pais dependentes por criança. Eles estão pagando o preço por, durante décadas, terem se dedicado a ganhar dinheiro, em vez de criar filhos. Hoje, eles não têm jovens adultos em número suficiente para impulsionar uma economia que está puxando uma carga bastante pesada de passageiros que não trabalham, chamados papai, mamãe, vovô e vovó.

Uma sequência de gráficos de formas idênticas, com tendências similares, apareceu na tela, em rápida sucessão, cada um com um título diferente:

JAPÃO

COREIA

AUSTRÁLIA

HOLANDA

SUÉCIA

CANADÁ

FRANÇA

RÚSSIA

ALEMANHA

INGLATERRA

— Como vocês podem ver — explicou Kevin à medida que a série de gráficos continuava — praticamente todas as nações desenvolvidas do mundo vivenciaram o mesmo fenômeno, graças a uma combinação de um declínio na

fertilidade e uma maior longevidade.

Os dominós pararam em um gráfico com a identificação EUA.

— E nós nos vemos na mesma situação. A linha preta reflete a população atual e a prevista, nos Estados Unidos, conforme o Census Bureau desde a Segunda Guerra Mundial. Um aumento constante, mas em desaceleração, desde o princípio, em 1950, com cento e cinquenta milhões, até o pico, em 2050, de quatrocentos milhões. Como vocês sabem, nunca chegaremos aos níveis de crescimento preditos em 2030, o que nos leva à nossa crise financeira atual. Este ano é o primeiro ano em que veremos o declínio "líquido" da população [nascimentos menos mortes]. Com base na tendência atual, a porcentagem de adultos em idade produtiva continuará a diminuir.

Kevin olhou para o relógio. Já se haviam passado cinco dos seus quinze minutos, e ele não havia dito nada que o grupo já não soubesse. Ele se apressou.

— Nós olhamos por trás dos dados, esperando encontrar pontos brilhantes nessa imagem tão nebulosa.

Apareceu um mapa colorido dos Estados Unidos, com várias regiões exibidas em diferentes tons, que iam do vermelho até o rosa claro. Poucas apareciam em cor branca.

— O que representam as regiões em branco, circundadas? — perguntou alguém sentado à esquerda de Kevin.

— Fico contente que tenha perguntado, Sr. McGurn — respondeu Kevin, depois de uma rápida olhada ao roteiro ilustrado de Troy. — Nós as chamamos de Pontos Brilhantes. São sub-regiões da nação, que mostram constante crescimento econômico, mesmo durante ciclos de declínio. O nosso objetivo foi identificar quaisquer características em comum, como um atalho para encontrarmos estratégias efetivas para a inversão da tendência.

— E conseguiram?

— Conseguimos. Duas.

Kevin olhou para Troy, que lhe fez um ligeiro aceno de confirmação. O momento da verdade havia chegado. Nos cinco minutos seguintes, Kevin daria o

passo mais importante e mais arriscado de sua carreira política.

Troy se levantou, para distribuir doze cópias do documento de pesquisa, enquanto Kevin avançava ao seu slide seguinte.

— Senhoras e senhores, as regiões com a produção econômica mais forte e mais constante têm em comum duas características simples.

Kevin engoliu em seco.

— Em primeiro lugar, elas têm taxas de fertilidade muito mais elevadas, mais que o dobro da média nacional.

Kevin fez uma pausa, para permitir que uma realidade improvável se sedimentasse, antes de revelar a segunda.

Aqui vamos nós, ele pensou.

— Essas regiões também têm o menor número de voluntários para transição.

Nesse momento, cada vestígio de oxigênio deixou a sala.

# CAPÍTULO TREZE

“Q uero agradecer a vocês dois, por me receberem”. A voz de Angie estava ligeiramente mais aguda que o usual, com a ansiedade afetando suas cordas vocais. “Não sabia mais a quem ligar”.

Talia, a esposa do pastor, se moveu em direção à sua nervosa visitante, para lhe oferecer um abraço tranquilizador. Angie se agarrou, possessivamente, à mulher elegante, de pele morena. Depois de alguns segundos, ela a soltou, ruborizada. Não era essa a primeira impressão que Angie havia tencionado causar.

— Eu sinto muito — disse ela. — Eu acho que precisava desse abraço mais do que pensava.

— Por favor, não se desculpe.

As duas mulheres olharam para o Reverendo Mubar, com um sorriso animador.

— Ficamos felizes por você estar aqui.

O pastor falava com o discreto eco de um sotaque que nem Kevin nem Angie haviam sido capazes de identificar, mesmo depois de seis meses de competitiva especulação. A sua pele morena clara e o vocabulário deliberadamente eloquente que ele usava sugeriam que ele havia imigrado, ainda criança, de alguma nação africana. Kevin havia imaginado Uganda, ao passo que Angie supusera Etiópia. Ambos supunham que o Reverendo Mubar havia vindo aos Estados Unidos entre os sete e os nove anos de idade, uma vez que ele ainda falava com discretos vestígios de sua língua mãe.

O ministro conduziu Angie e sua esposa à área de aconselhamento de seu escritório. Angie aceitou uma das duas cadeiras diante do sofá, posicionadas atrás de uma mesa de vidro, que exibia alguns bolinhos ao lado de um pequeno bule, com xícaras e pires do mesmo conjunto. A presença da delicada porcelana fez com que Angie se sentisse ainda mais agradecida pela oferta da assistente do pastor, de ocupar as crianças na creche durante a sua reunião.

Talia se sentou ao lado do esposo, e começou a servir o chá. Angie observou em silêncio, perguntando-se como deveria começar. Ela nunca havia se encontrado com o pastor antes, e se perguntava por que a sua esposa estava presente. Angie bebeu um pequeno gole de chá, imaginando quem deveria começar a falar.

— Eu espero que você não se importe por eu ter convidado minha esposa para a nossa conversa — disse o Pastor Mubar, quebrando o silêncio. — Talia me acompanha, sempre que eu tenho uma reunião com uma mulher que faça parte da congregação.

— De maneira nenhuma.

Na verdade, a presença de Talia confortava Angie.

— Essa parece ser uma medida sábia.

— E protege a todos. Além disso, as Escrituras dizem que as mulheres mais velhas devem instruir as mais jovens. Eu sei que não me incluo nessa instrução.

Ele riu, ligeiramente.

— Quem você está chamando de “velha”?

Talia deu uma piscadela, abrindo um sorriso brincalhão que aliviou a tensão no ambiente ainda mais. A esposa do pastor não tinha nenhum sotaque identificável. Talvez a parte norte do Meio-Oeste? Chicago? Ou Detroit? Provavelmente já com quase quarenta anos, Talia Mubar não parecia ser muito mais velha que Angie.

— Reverendo Mubar, posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

— Por favor, chame-me de Seth — ele corrigiu.

— Meu marido Kevin e eu temos frequentado a Apostles’ Church desde que viemos a DC. Nós adoramos o seu ministério de ensinamento.

Ela fez uma pausa, para permitir que o elogio se sedimentasse, antes de lhe pedir que solucionasse uma disputa trivial.

— Mas nós temos um debate a respeito da sua origem. O senhor nasceu nos estados Unidos?

Seth riu, diante de uma pergunta que ele parecia já ter respondido muitas vezes.

— Meus pais imigraram do Egito aos Estados Unidos quando eu tinha sete anos.

Meu pai foi um engenheiro civil, até que ele fugiu, durante o que agora eles chamam de Primavera Árabe.

— Fugiu de quê? — perguntou Angie.

— Meus pais pertenciam à Igreja Ortodoxa Egípcia, o que fazia com que eles fossem considerados cidadãos de segunda classe, entre a maioria muçulmana. Depois da revolução, meu pai temeu que as coisas ficassem muito piores para os crentes no Egito. Ele queria dar à minha irmã e a mim uma vida melhor, e por isso viemos para os Estados Unidos. Se você tiver algum conhecimento a respeito das dificuldades que os cristãos têm no Egito hoje, entenderá por que eu ainda sou muito grato.

— Ortodoxa Egípcia. É como a nossa igreja?

— Sim e não. Não há muitos protestantes no Egito. Muitos crentes frequentam uma igreja Cóptica ou Ortodoxa, onde usam antigas liturgias que poucas pessoas nos Estados Unidos reconheceriam. Mas nós defendemos os mesmos credos básicos defendidos pelos primeiros patriarcas da igreja.

Angie assentiu, polidamente, enquanto o assunto se afastava de sua preocupação atual.

— Mas chega de falar de minha origem — disse Seth. — Vamos falar sobre a sua situação.

Colocando a xícara e o pires sobre a mesa, Angie respirou fundo, preparando-se para o mergulho.

— Há dois dias, meu marido e eu estivemos com a pediatra de nossa filha, Leah.

O rosto acusador da médica invadiu sua memória, incitando sentimentos de defesa que ela pensava ter extirpado.

— Nós ficamos sabendo que o perfil genético de nossa filha revelou irregularidades.

Seth dirigiu a Talia um olhar de sabedoria.

A voz de Angie falhou, quando ela pronunciou em voz alta, pela primeira vez, as

palavras.

— Ela nos disse que Leah sofre de algo chamado “síndrome do X frágil”. É um distúrbio raro, que afeta a criança, fisicamente e mentalmente...

— Nós conhecemos o distúrbio — interrompeu Seth. — Um ex membro da Apostles’ Church também sofria desse distúrbio.

Por um breve momento, Angie se sentiu menos sozinha.

— Ex-membro?

— Sim. Ela morreu pouco depois de sua mãe. Uma situação muito triste.

Seth assumiu uma posição de reflexão.

— Entre a seleção genética e as transições, são poucos os crentes que encontraram um indivíduo deficiente, e muito menos serviram a alguém nessas condições.

Angie continuou.

— A nossa médica nos perguntou por que não empregamos o processo de seleção genética, antes da concepção de Leah.

Ela baixou a cabeça, como se tivesse sido exposta a um pecado mortal.

Os olhos de Angie se dirigiam a seus dois confessores, prevendo olhares de condenação. Para sua surpresa, os dois pareciam pais, genuinamente satisfeitos com a bagunça de um filho com os lápis de cor.

— Eu me senti… — começou Angie.

— Ela fez com que você se sentisse tola, insensata? — perguntou Talia.

Angie assentiu.

— E irresponsável. A médica disse que os únicos pais que não empregam o processo de seleção genética são extremistas religiosos.

Seth começou a falar, mas Talia apertou sua perna, em um castigo doloroso.

Obedientemente, ele mordeu a língua, para permitir que Angie continuasse.

— Nós nunca nos consideramos extremistas.

Ela estava tentando se convencer.

— Acontece que nós nunca nos sentimos confortáveis com essa coisa de bebê projetado. Agora, já não tenho tanta certeza.

Talia diminuiu o aperto na perna de Seth, liberando-o para falar.

— Você é extrema.

Talia apertou, novamente, a sua perna. A reação de Seth pareceu engraçada a Angie, fazendo com que ela sorrisse da provocação silenciosa do casal.

— Eu quero dizer, muitas pessoas considerarão que a sua escolha foi extrema. Ele tirou a mão de Talia, como autodefesa.

— A maioria das pessoas que frequentam essa igreja opta pela seleção genética. Ninguém parece questionar o procedimento, uma vez que ele acabou se tornando o novo “normal”.

Angie se sentia anormal. Ela se lembrou do apelido concepção às cegas, usado para zombar das mulheres que rejeitavam a seleção, mães que queriam conceber bebês na beleza da paixão íntima com seus maridos, e não na proficiência clínica da seleção in vitro.

— Mas normal não quer dizer bom — continuou Seth. — Nem heroico.

Angie reagiu com curiosa surpresa.

— Heroico?

— Angie, querida — Talia tomou a palavra. — Descreva o que você sentiu, no momento em que soube que havia algo errado com a sua garotinha.

Angie relembrou o telefonema do consultório da pediatra, insistindo que Kevin comparecesse à consulta em que falariam sobre o perfil genético de Leah.

— Eu fiquei aterrorizada.

— Eu aposto que você abraçou Leah mais forte do que de costume, naquela noite — continuou Talia.

Era verdade.

— Eu imagino que você sentiu uma intensa necessidade de proteg ê-la, ainda que você não tivesse ideia do que deveria protegê-la.

Uma lágrima no rosto de Angie confirmou a sugestão.

— Você sente raiva de Leah?

A pergunta chocou Angie.

— Sentir raiva de Leah? Por que eu sentiria raiva dela?

— Ela será um grande fardo, para você e a sua família — interrompeu Seth.

— Mas não é culpa dela.

— De quem é a culpa? — perguntou ele.

— De ninguém. Talvez minha. Mas, com certeza, não é dela — respondeu Angie, com indignação.

— E de Deus?

Não era uma pergunta que ela esperasse ouvir de seu pastor.

— Ele não deveria ter protegido Leah da deficiência? Protegido você desse fardo?

Ninguém falou, uma vez que o interrogatório tinha uma utilidade.

— O seu coração deseja proteger a sua filha — explicou Seth. — Você a defende, em lugar de sentir raiva dela, você a aceita como um dom, em lugar de criticar Deus por um projeto defeituoso.

Talia deixou o sofá, para se ajoelhar ao lado da cadeira de Angie, colocando seus dedos morenos no braço branco como o leite, de Angie.

— Em um mundo que trata a vida humana como uma mercadoria para usar e descartar, muitas pessoas diriam que você é extrema. Extremamente heroica.

◆

Depois de um soluço terapêutico, Angie aceitou, agradecida, uma segunda xícara de chá, e um bolinho de canela e amêndoas. Com a volta do apetite, finalmente, depois de dias de nós no estômago, o simples prazer pareceu um tônico de alívio para a sua alma. Também o foram as palavras do pastor.

— A fé cristã considera os filhos um dom do Senhor. Ela entende que cada ser humano é feito à imagem do próprio Deus, e por isso tem valor e dignidade inerentes. O valor de Leah não está baseado na sua capacidade de ganhar dinheiro, de participar das Olimpíadas ou de vencer concursos de glamour. Embora eu saiba que ela é um belo bebê.

Angie sentiu seu coração inchar.

— Ela tem infinito valor, porque reflete a imagem do seu Criador. Como os seus outros dois filhos, Leah é uma obra prima na galeria dos retratos familiares de Deus. Ele revela parte de si mesmo em cada criança ou adulto que já recebeu o seu sopro de vida.

Seth bebeu de sua xícara, enquanto sua esposa examinava o rosto de Angie. Era preciso dizer mais alguma coisa.

— Mas a criação de Leah demandará uma tremenda quantidade de trabalho e dinheiro. Ela poderá causar embaraço, quando vocês a levarem em público. Ela pode ser um motivo de tensão, no seu casamento. Você já viu como algumas pessoas irão reagir, questionando a sabedoria da sua decisão — Talia acrescentou.

Seth pareceu agitado pelo negativismo de sua esposa. Mas Angie entendeu. As mães precisam de algo além da verdade inspiradora. Elas precisam se preparar para difíceis realidades.

— A sua filha será chamada de “debito” — continuou Talia, com Seth reagindo visivelmente à gíria ofensiva.

— Leah nunca se adaptará. Ela sempre será vista como um fardo financeiro e uma mercadoria estragada. Você e Kevin se perguntarão por que isso teve que acontecer à sua criança, por que isso invadiu a vida que você imaginava para a sua família.

Eram exatamente esses os pensamentos de Angie. Não declarados. Sufocados. Cheios de culpa.

Seth não conseguiu mais ficar em silêncio.

— Angie, nós não sabemos por que coisas ruins acontecem a pessoas boas. Nós vivemos em um mundo de pecado, que inclui muitas doenças, morte, e sofrimento, mas muito poucas respostas.

— Eu sei.

— Tudo o que eu posso lhe dizer é que você e Kevin tomaram a decisão correta, quando se tornaram instrumentos na mão do artista. Agora, vem o trabalho duro de exibir a pequena obra prima de Deus.

Um ruído fez com que Angie se virasse.

— Peço desculpas, pastor.

Era a sua assistente, à porta.

— Eu detesto interromper, mas acho que alguém precisa de sua mamãe.

Angie ouviu o choramingo de descontentamento de Leah. O som intensificou a dor nos seus seios. A hora de mamar havia passado.

— Acho que preciso ir — disse Angie, colocando a xícara vazia ao lado do prato que continha os restos de um bolinho.

— Não há nada de errado com o seu relógio de fome. Tão inconveniente como era o de Tommy ou o de Joy.

Aceitando Leah nos braços, Angie ninou sua filha, com um movimento gentil. Uma tranquilidade imediata dominou a mãe e a filha.

Seth e Talia se recostaram no sofá, observando, em silêncio, a santa reunião.

# CAPÍTULO CATORZE

Troy examinou os rostos da sala, para avaliar as reações. Kevin iria concluir a sua apresentação formal um minuto antes do prazo, uma impressionante façanha para o primeiro apresentador. Agora, as opiniões estavam se formando. Cálculos políticos sendo feitos. Lados sendo escolhidos .

Revendo o cálculo que havia feito apressadamente, Troy confirmou cinco pessoas na coluna “Contra”, sendo Trisha Sayers a mais visível de todas. Somente três pareciam acolher as propostas de Kevin. Ele os marcou, com otimismo, na coluna “A favor”, e supôs que os rostos restantes estavam “Indecisos”, incluindo o sempre pragmático Brent Anderson, que se levantou para servir de mediador aos quinze minutos de perguntas e debates.

— Obrigado, Congressista Tolbert.

Anderson avaliou, visualmente, a mesma composição de rostos. Momentaneamente, estudou suas anotações manuscritas.

— Antes de iniciar a discussão, quero ter certeza de que entendemos claramente as suas propostas. Você pode voltar, por favor, ao slide anterior, chamado Um Caminho Melhor?

— Certamente.

Kevin acenou, e o slide voltou a uma página que exibia dois itens.

PROPOSTA A: ISENÇÃO DA TAXA DE CUIDADOS COM IDOSOS PARA PAIS

PROPOSTA B: TODOS OS BENEFÍCIOS DA TRANSIÇÃO DESTINADOS À CARIDADE

— É esse. Obrigado.

Anderson permitiu um momento para que o slide revigorasse a lembrança.

— Da maneira como eu entendo, as duas recomendações reduziriam duas grandes fontes de renda.

— Reduzir, não. Reinvestir — esclareceu Kevin. — Deixe-me explicar a Proposta A, em primeiro lugar. O sistema atual penaliza, indiretamente, os pais que tentam criar futuros trabalhadores. Futuros contribuintes. Deter o declínio da população, ainda que por uma pequena porcentagem, gerará rendas, a longo prazo, que reduzirão o investimento de curto prazo.

— Como nós penalizamos os pais? — perguntou Anderson.

— Os impostos pelos cuidados com idosos são os mesmos, para todos.

— Em média, um pai gasta trezentos mil dólares, durante a vida, para criar cada filho. Quando adultos, esses filhos conseguem empregos, constroem casas e iniciam negócios. Cada filho gerará, em média, 1,6 milhão de dólares em produto interno bruto. Mas, como você disse, os pais que investem para criar futuros trabalhadores pagam o mesmo imposto pelos cuidados com idosos que os indivíduos sem filhos, que gastam os mesmos trezentos mil dólares consigo mesmos.

Kevin fez uma pausa. Poucos dos presentes na sala haviam pensado na criação de filhos como um investimento para o crescimento econômico futuro. Quando teve a sensação de que todos ainda o acompanhavam, Kevin prosseguiu.

— Vamos passar, rapidamente, aos setenta anos. O cidadão sem filho, aquele que gastou trezentos mil dólares consigo mesmo, não tem filhos nem filhas que paguem ao sistema, para compensar as suas próprias retiradas. Ele receberá os mesmos benefícios do cuidado com os idosos que aquele pai que passou décadas investindo para deixar, em seu lugar, um, dois ou mais jovens trabalhadores, que agora estão pagando ao sistema.

— Então, você acha que os cidadãos sem filhos devem receber menos benefícios, perguntou Anderson.

— Não. Mas eu penso que deveríamos diminuir um pouco dos impostos daqueles que estão criando a nossa futura base de impostos.

— Você está sugerindo que nós subsidiemos as escolhas de modos de vida? — Trisha Sayers pareceu pessoalmente ofendida. — Dar um tratamento favorável,

só porque alguém gera descendentes?

— Cada vez menos cidadãos estão gerando descendentes, para usar as suas palavras, o menor número em nossa história — respondeu Kevin. — E é exatamente por isso que estamos diante de uma taxa de impostos decrescente, em meio a despesas astronômicas com os cuidados com idosos. Os nossos incentivos levaram as duas tendências na direção errada. — O nosso objetivo é diminuir a diferença do déficit — interrompeu Anderson. — Diminuir as fontes de arrecadação de impostos tornará isso muito mais difícil.

— Cortar, não. Reinvestir — corrigiu Kevin, novamente. — Se direcionarmos os incentivos na direção correta, encorajaremos mais comportamentos de Pontos Brilhantes, que acabarão aumentando a arrecadação.

— Isso pode nos ajudar no longo prazo. Mas o que fará às nossas projeções de curto prazo?

Anderson parecia altamente cético.

— Eu não vou mentir para você. Elas parecerão piores, a princípio — confessou Kevin. — Mas depois de alguns anos, vão melhorar dramaticamente. Você se lembra das regiões de Pontos Brilhantes? Ali, uma família média gera um PIB significativamente mais alto, e gasta muito menos com cuidados de idosos.

— Como os pais podem gerar mais riqueza, quando gastam tanto para criar os filhos? — perguntou Anderson. — E como podem as comunidades com menos transições gastar menos com os idosos?

— Lembre-se, a necessidade é a mãe da invenção — continuou Kevin, piscando o olho. — Os filhos motivam todas as pessoas da família a fazer escolhas diferentes das que teriam feito em outra circunstância. Os pais pegam turnos extras e dois empregos. As mães fazem compras com cupons de desconto e iniciam atividades que possam exercer em casa. Os avós compram presentes de aniversário e tomam conta dos netos, proporcionando um cuidado com as crianças que é mais barato e melhor, enquanto, ao mesmo tempo, têm algo a fazer que é melhor que apodrecer em instituições para aposentados. Em média, um pai casado ganha setenta por cento mais, durante sua vida, que o homem solteiro.

— Isso não pode estar certo — objetou Trisha.

— Isso está certo. Por mil razões, as crianças dão aos adultos jovens um incentivo para trabalhar, economizar e investir. Elas também dão propósito aos adultos mais velhos. Os números não mentem. As nossas regiões de melhor economia têm mais filhos e menos transições.

— Você fez os cálculos das projeções, com base nessas propostas? — perguntou um “Indeciso”, ansiosamente virando as páginas do documento.

— Sim — respondeu Kevin. — Elas estão à página sete. Um ganho líquido, depois de dez anos. Se pudéssemos influenciar uma mudança de dez por cento, durante duas décadas, geraríamos seis trilhões de dólares em PIB adicional, reduzindo, ao mesmo tempo, as despesas de fim de vida em mais dois trilhões.

Troy observou um ligeiro erguer em uma das sobrancelhas de Anderson. Um possível “A Favor”?

— E tudo nas costas das mulheres! — explodiu Trisha.

— Como? — respondeu Kevin.

— As regiões que você chama de Pontos Brilhantes, Sr. Tolbert, me parecem mais uma volta à Idade das Trevas.

Ela olhou para baixo, rapidamente, para confirmar a sua suspeita.

— Eu estou olhando para um mapa de distribuição de lojas da minha empresa. É interessante como há poucas de nossas lojas nas áreas que você destacou.

Ela parou, supondo que o que ela queria dizer era evidente. Os olhares vazios dos presentes na sala provocaram uma relutante explicação do óbvio.

— As nossas lojas atendem mulheres profissionais. Nós temos muitas lojas nas regiões vermelhas do Sr. Tolbert. Praticamente nenhuma, onde ele chama de Pontos Brilhantes.

Troy rapidamente uniu os pontos. Os modelos de Trisha acentuavam jovens que queriam subir na vida, e não mamães que trocavam fraldas. As mulheres compravam as roupas de Trisha para fazer apresentações, e não para fazer bebês arrotarem.

— Quem você acha que limpa o nariz de todos os futuros contribuintes, Sr. Tolbert? Certamente, não são os pais.

Troy pressentiu problemas. Ele já havia visto os homens mais fortes e decididos se encolherem diante de uma mulher ofendida, especialmente uma tão atraente e eloquente como Trisha Sayers.

— Criar filhos requer enormes sacrifícios da mãe e do pai — rebateu Kevin.

— Estou correta em supor que você tem filhos, Sr. Tolbert? — perguntou Trisha.

— Três — respondeu ele. — Você gostaria de ver os retratos?

O comentário resultou na risada pretendida, pendendo a balança na direção de Kevin.

— Onde estão agora?

— Com minha esposa, Angie.

— E quando ela vai trabalhar?

Kevin previu o fim da sua sequência de perguntas.

— Srta. Sayers, minha esposa decidiu interromper a sua carreira, depois de engravidar de nosso terceiro filho. O que você quer dizer?

— Eu quero dizer, Sr. Tolbert, é que uma taxa mais alta de fertilidade tem um preço.

— E é por isso que devemos deixar de penalizar os que estão dispostos a pagá-lo — retrucou Kevin.

— Eu quero dizer que as mulheres abrem mão de muito mais que os homens, quando os casais têm filhos.

Anderson interrompeu.

— Por mais que nós adorássemos reviver a batalha dos sexos, Srta. Sayers, não temos tempo para esse debate hoje.

Algumas risadas masculinas apimentaram a sala. Trisha se recostou em sua cadeira e adotou uma postura de irritação.

— Mas eu sou solidário com a posição da Srta. Sayers — continuou Anderson. —Afinal, será necessário vender nossos planos a um grupo cético. Poderá ser suicídio político propor incentivos para a fertilidade. Mas podemos debater os detalhes mais tarde. O que precisamos decidir agora é se vamos considerar essa ideia como uma opção para exploração posterior.

— Então, eu vou declarar a minha primeira proposta claramente — disse Kevin, rapidamente retomando o terreno.

— Eu quero voltar a incentivar o crescimento, concedendo uma isenção na taxa de cuidados com idosos para cada menor dependente em uma casa. Nós projetamos uma ligeira queda na arrecadação líquida durante quatro anos, compensada pelo crescimento posterior. Não haverá aumento líquido para a projeção do déficit em dez anos.

— E a Proposta B? — perguntou Anderson, levando Kevin a destacar a sua segunda bala na agulha:

PROPOSTA B: TODOS OS BENEFÍCIOS DA TRANSIÇÃO DESTINADOS À CARIDADE

— Outra significativa perda na arrecadação — observou Anderson. — Apenas um pequeno grupo dos voluntários para transição usa a opção da caridade. A maioria quer ajudar um cônjuge, um filho ou alguma outra pessoa importante, fazendo a transição. Se forem forçados a dar esses bens à caridade, poderíamos ver uma significativa queda no número de voluntários.

Os olhos de Troy encontraram os de Kevin, quando Anderson acabava de fazer sua declaração.

— Você tem alguma ideia de quanto economizamos com os gastos de benefícios sociais, a cada transição?

— Aproximadamente duzentos mil — disse Kevin, com calma confiança. — Além de trinta mil da cota federal de cada estado.

Um momento de silêncio desconfortável.

— Você vai preencher um cheque pessoal, com a quantia de um quarto de trilhão de dólares para compensar a diferença? — zombou Anderson.

Até mesmo aqueles que estavam na coluna “A Favor” se uniram à gargalhada.

— Você não vai perder cem por cento dos voluntários para transição — Kevin respondeu, com uma irritação não facilmente provocada. — E o aumento nas doações para caridade dariam ao setor sem fins lucrativos o capital desesperadamente necessário para atender as demandas que a nossa esfarrapada rede de segurança social criou.

Vários acenos de cabeça em torno da sala confirmaram a advertência anterior de Troy: — A mudança de grandes programas governamentais para o setor privado e para o setor que não visa lucros é muito bem-vinda para aqueles que são conservadores em termos fiscais.

— Outra vez, isto é uma estratégia de crescimento — continuou Kevin. — Os adultos nas comunidades nos Pontos Brilhantes trabalham sete anos mais, em média, que aqueles que vivem em regiões de alta taxa de transição. Isso são sete anos mais de arrecadação de impostos. Esses cidadãos também custam menos. Nós gastamos metade com os idosos que são pais do que gastamos com os que não têm filhos.

— Metade? — reagiu Anderson. — Como é possível?

— Em parte, porque os que têm filhos e netos são mais saudáveis, provavelmente porque têm um maior senso de propósito. Mas, principalmente, porque os filhos adultos proporcionam assistência gratuita a seus pais idosos, em vez de uma cara casa de repouso.

Kevin olhou para o relógio, que avançava rapidamente.

— Eu poderia continuar, mas já disse o principal. Gostaria de concluir dizendo que acredito que esta seja a hora em que encontramos as maneiras para fazer crescer a nossa base de arrecadação de longo prazo. Essas duas propostas farão

exatamente isso.

Os seus quinze minutos haviam terminado. Era chegado o momento para a votação.

— Se não se importa, Sr. Tolbert, eu acho que deveríamos considerar as suas propostas em separado, não como um par — insistiu Anderson, pedindo o primeiro voto antes que Kevin pudesse reagir. — Levante a mão quem apoia a formação de um subcomitê para explorar a primeira proposta, de Pontos Brilhantes, isenção de taxas com cuidados com os idosos para os pais?

Cinco mãos se ergueram imediatamente, e depois, uma sexta mão, hesitante. Uma a menos de uma clara maioria.

— Contrários?

As cinco mãos que Troy tinha predito se uniram à oposição fervorosa de Trisha Sayers.

Troy olhou para o anfitrião, que agora tinha o voto de desempate. Os olhos de Brent Anderson vacilaram, entre o resumo de Kevin Tolbert, na tela, e o olhar ameaçador da diva da moda.

— Aprovado — anunciou Anderson, sem levantar a mão.

Troy começou a assinalar nomes, para servir em um subcomitê, quando Anderson fez com que o item dois saísse dos trilhos.

— Alguém apoia a ideia de proibir que os voluntários para transição deixem heranças a seus cônjuges e filhos?

Kevin começou a corrigir a fraseologia de Anderson, mas parou ao perceber a cabeça de Troy, movendo-se de um lado a outro, em um silencioso esforço para moderar o entusiasmo de seu chefe. Por mais que os dois homens odiassem a indústria de transição, não podiam correr o risco de perder o homem que era a mão direita de Franklin. A primeira proposta havia sido aceita. A segunda não seria. O primeiro tempo terminou empatado.

# CAPÍTULO QUINZE

Julia se virou de lado, para examinar seu perfil de corpo inteiro, antes de deixar o vestiário das mulheres. Embora já fizesse duas semanas que ela não fazia ginástica, o exame estimulou a sua confiança para passar pela sala de levantamento de peso onde, como sempre, um grupo de rapazes cheios de testosterona a compariam com praticamente todas as mulheres. Apesar de se ofender com o ritual, Julia estava mais preocupada em perder a competição. Hoje ela se sairia bem acima da média.

O som dos equipamentos elípticos e o tinir dos halteres receberam Julia de volta à sua rotina de exercícios físicos, cada vez mais esporádica: cinco minutos de alongamento, uma corrida de 3 quilômetros na esteira, vendo a sua seleção de notícias, e vinte minutos de treino de resistência, para fortalecer a parte superior dos braços e do tórax. Exatamente o que ela precisava, para vencer uma exaustão crescente, iniciada por seus últimos sonhos.

O odor almiscarado do suor masculino fez com que Julia olhasse em direção ao seu grupo de juízes, cinco pares de olhos que já apreciavam a vista. No entanto, antes que pudesse aproveitar o momento, Julia percebeu um sexto homem se alongando, preparando-se para os halteres de 22 quilos. Era Jonathan Sowell que, como durante o seu encontro recente, parecia indiferente à presença dela.

Provavelmente, ele não me viu, desejou ela, apressando o ritmo para evitar reviver a sua recente humilhação.

Guylanders! Pensou ela. Era o título da sua matéria, que venceu o prêmio Pulitzer, que criticava a cultura masculina dominante. Muitos consideravam Julia como a máxima autoridade sobre rapazes modernos. Não homens. Havia poucos deles desejosos de buscar um relacionamento de longo prazo. Os rapazes, por outro lado, preferiam a terra do nunca, dos prazeres da mocidade. Um número cada vez menor escolhia os problemas do casamento ou o sacrifício da paternidade, praticamente a metade, em comparação com a geração de seus pais, e uma quarta parte da de seus avós. Nos anos 1960, praticamente 70 por cento dos homens eram casados, e já tinham filhos, aos trinta anos. Duas gerações depois, menos de 20 por cento. Julia podia apostar que todos os cinco dos levantadores de peso que a estavam observando trabalhavam em empregos de meio período e dividiam apartamentos com companheiros de jogos, festas e fisiculturismo. Cada um deles jogava no campo das jovens dispostas, em vez de tentar atender às expectativas de uma companheira para a vida toda.

Ela tinha certeza de que Jonathan Sowell não tinha interesse em um relacionamento sério.

Encontrando um colchonete livre, no outro lado da instalação, Julia se sentou, para iniciar a tortura do alongamento. Sua mão se estendeu, em direção aos dedos dos pés, que antes ela alcançava com facilidade, mas, desta vez, contentando-se com um tornozelo. Forçando a cabeça para baixo, ela colocou o nariz pouco acima de um joelho, apesar dos protestos de sua coluna lombar.

— Julia?

A voz masculina a assustou.

— Eu achei que era você.

Não!

— Oi, Jonathan.

Era tudo o que ela pretendia dizer.

— Como vai? Você parece ótima.

A adulação funcionou.

— Você também — respondeu ela, com um discreto sorriso.

— Grande show na outra noite!

Grande show? Não foi ótimo o tempo que estivemos juntos?

— Como está Maria? — perguntou ele. Nenhuma surpresa.

— Está bem. O que você tem feito?

— Trabalho, principalmente — respondeu, com os olhos momentaneamente distraídos pela loira alta, que corria em uma esteira próxima.

— E você?

— Bastante ocupada, trabalhando em uma nova matéria para RAP.

Ela se sentiu bem, ao lembrá-lo de sua estatura profissional, embora ela achasse que ele se sentia intimidado pelo sucesso dela. Poucos egos masculinos poderiam lidar com a força feminina. Pelo menos, ela preferia acreditar nisso, e não na alternativa.

Um momento se passou.

— Bem, vou deixar você voltar aos seus exercícios — disse Jonathan. — Foi muito bom ver você outra vez.

Mentiroso!

— Igualmente. Fique em contato.

Não é provável.

Julia se consolou, abandonando o colchonete para alongamento e trocando-o por uma corrida para acabar com a tensão. A única esteira livre estava ao lado da loira. Colocando uma garrafa d'água em um console e o telefone em outro, Julia apertou INICIAR, fazendo um aceno de cabeça para a estranha. Ela se sentiu ligeiramente menos confiante ao correr ao lado de uma mulher que, sem dúvida, tinha o título de mais glamorosa da academia.

Logo quando Julia alcançou o seu ritmo usual, percebeu a luz e a vibração de seu telefone. Com um olhar rápido, viu que o relógio da esteira dizia 12h32min.

Ela atendeu, depois de colocar um pequeno microfone sem fio na orelha.

— Oi, Paul. Você consegue me ouvir bem?

— Bem — respondeu ele. — Você parece um pouco acelerada. Má hora?

— Estou na academia. Pode falar — explicou ela.

— Ficando em forma para os homens?

— Algo parecido.

Se ao menos ele entendesse a piada.

Paul foi direto ao assunto.

— É rápido. Você pode apertar o botão de pause, na matéria sobre o “débito” que lhe pedi, na última segunda-feira.

Julia sentiu uma mistura de alívio e desapontamento.

— Eu vou dar a matéria a Monica para que você possa se concentrar no que tem o potencial de se tornar uma grande história.

— Não há necessidade. Tenho certeza de que consigo lidar com as duas.

Monica Garcia era a última pessoa a quem Julia desejaria entregar suas anotações.

— Não sei, não, Joia. Esta é importante — replicou Paul.

— Diga-me o que é, e eu decido.

— Como quiser, querida. Você tem acesso a um tablet?

Ela saiu da tela das notícias na esteira para acessar um campo de busca.

— Tenho, sim. O que você quer que eu procure?

A vizinha loira olhou para Julia, claramente impressionada com uma mulher capaz de fazer três coisas ao mesmo tempo. Julia lhe fez um aceno casual com a cabeça, reivindicando superioridade no seu próprio terreno.

— Procure “pontos brilhantes” e “Franklin”.

— Como? Josh Franklin? — perguntou Julia.

— Ele mesmo. Eu acho que ele está tramando alguma coisa, mas não consigo unir os pontos.

— Que pontos?

— Ele formou uma equipe secreta de jovens conservadores fiscais — explicou Paul. — Eles estão se reunindo a portas fechadas, já faz alguns dias.

— Reuniões a respeito de quê?

— Esse é o problema. Eu não sei. Mas eu tenho uma fonte confi-dencial que diz que tem algo a ver com uma revisão do Orçamento do Congresso.

— O orçamento? — protestou Julia. — Ora, vamos, Paul. Você me prometeu uma grande história.

— Ouça o que estou dizendo, Joia. Minhas fontes me dizem que as linhas de tendência são muito ruins. Muito ruins.

Tomando um gole de sua garrafa d'água, Julia diminuiu o ritmo de seu treino, para facilitar a digitação de PONTOS BRILHANTES no teclado digital. Nada digno de nota, até que ela adicionou o nome Franklin.

—Aqui está — disse ela, começando a ler.

Somente a sua respiração acelerada ocupava o silêncio na linha.

— Um breve boato, a respeito de um subcomitê do grupo de Franklin, investigando algo que eles chamam de "pontos brilhantes". Mas sem detalhes.

— Eu quero que você consiga os detalhes — explicou Paul. — Minhas fontes me dizem que o sujeito por trás dessa proposta dos Pontos Brilhantes está no campo dos procriadores.

— Você tem um nome?

— Tolbert. Um jovem com três filhos. Você acredita nisso? Três! Julia apertou o botão de pausa na esteira.

— Você disse Tolbert?

— T-O-L-B…

— Eu sei como se soletra. Eu só estou surpresa.

— Você o conhece?

— Kevin Tolbert. A mulher dele e eu éramos íntimas, durante o ensino médio. Nós continuamos em contato, mas a amizade esfriou.

— Trate de se reaproximar dela, rapidamente — ordenou Paul. — Nós

precisamos de informações privilegiadas sobre o que Franklin planeja fazer. O conselho editorial quer que sejamos proativos a respeito desse assunto. A revisão do orçamento está deixando todo mundo nervoso. Nós achamos que Franklin quer se aproveitar da situação.

— Para quê? — perguntou Julia. — Eu pensei que ele apoiava a Iniciativa Jovem.

— E apoiava. Mas nós ainda não temos acesso aos números revisados. Se a opinião pública se voltar contra o presidente, eu não duvido que esse sedento de poder, o Frankin, deixe o barco, mesmo que isso exija entrar no hospício dos procriadores.

Julia se lembrava vagamente de uma história, na imprensa alternativa, que predizia a crescente influência de um grupo de eleitores motivados por uma ideologia de procriação. Depois de décadas deixando de dar atenção às advertências de um desastre ecológico, essas famílias, normalmente, têm mais do que o número razoável de um ou dois fi-lhos. Um grande contraste com mulheres como Julia ou os cidadãos de Guyland. A matéria sugeria que os fundamentalistas radicais eram as únicas pessoas que estavam tendo filhos em número suficiente para criar bolsões de crescimento populacional. Eles haviam se tornado um grupo de eleitores razoavelmente grande, fazendo o jogo político pender a seu favor. Dezenas de milhões de seus filhos já haviam chegado à idade de votar, muitos deles repetindo a política estranha de seus pais. A mudança era um desconcertante aborrecimento para progressistas esclarecidos, como Paul e Julia, para não mencionar o empregador dela, o RAP Syndicate.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Julia.

— Descubra o que é essa coisa dos pontos brilhantes. Eu não quero que Franklin ou seus colegas nos peguem desprevenidos. Precisamos estar preparados para desacreditar quaisquer ideias extremas antes que elas ganhem força.

— E o prazo?

— Não estou certo, mas é curto. Vamos querer divulgar alguma coisa antes que o Comitê do Orçamento divulgue os seus números revisados, e não sabemos quando isso acontecerá.

— Vou cuidar disso.

Julia encerrou a ligação para recomeçar a corrida.

Com uma olhada à esteira de sua rival, Julia identificou a velocidade, nível cinco, e ajustou a sua para o nível seis.

# CAPÍTULO DEZESSEIS

-O nde você esteve, menina? — Maria fez um aceno com a mão, para mantê-la à distância, enquanto tampava o nariz, fingindo nojo. — Pelo seu cheiro, parece que você esteve cavando uma trincheira!

Com as roupas úmidas pela sua transpiração, Julia ainda sentia a adrenalina resultante de sua corrida. Ou era a emoção de uma nova matéria? De qualquer maneira, ela estava tão bem humorada que nenhuma ofensa verbal poderia alterar o seu humor.

— As toalhas limpas acabaram, na academia, e eu decidi vir tomar banho em casa.

Julia fez uma pausa. Algo estava errado.

— Desde quando você prepara o jantar usando salto alto? E por que está usando seu robe?

Maria interrompeu a atividade de cortar as cenouras para olhar nos olhos de Julia. A sua expressão pesarosa dizia que ela precisava de um favor inconveniente.

Julia foi direto ao assunto.

— Vamos ver se eu adivinho. Você vai sair.

— Você se lembra do outro dia, quando eu me encontrei com o professor de Jared?

— Está bem.

— Está bem, o quê? — Maria perguntou.

— Está bem, eu vou ficar com Jared esta noite, para que você possa sair com o professor.

Julia não queria perder parte de sua noite negociando.

Maria deu um pulo de alegria.

— Obrigada, Mana. Você é sensacional.

Julia concordou.

Quinze minutos depois, Julia se sentou à mesa, com Jared, com o cabelo molhado enrolado em uma toalha, o cheiro desagradável do suor substituído pelo aroma feminino de uma loção corpórea recentemente aplicada. Jared beliscou as cenouras em sua salada, enquanto Maria deixava a cozinha, despejando água no copo de Julia.

— Não se preocupe comigo — insistiu Julia. — Vá terminar de se arrumar. Nós vamos ficar bem, não é mesmo, Jared?

Ele não respondeu.

— Pronto para uma revanche no tabuleiro de xadrez?

Lentamente, ele levou uma única folha da salada à boca, e mordiscou a sua ponta. Nem uma palavra.

— Jared, querido — pediu Maria. — Não faça isso.

— Não fazer o quê?

— Não me puna, ignorando a Julia.

Olhando de maneira desafiadora aos olhos de sua mãe, Jared colocou o garfo sobre a mesa, levantou-se e foi até o seu quarto. Tão logo ele fechou a porta, Maria olhou para Julia, dando de ombros.

— Eu acho que ele não aprova o fato de você sair com o professor dele — adivinhou Julia.

— Eu acho que ele preferiria que eu me tornasse uma freira.

As duas irmãs riram, com a ideia.

A campainha tocou.

— Deve ser o Fin — disse Maria, correndo em direção ao seu quarto. — Por favor, seja um amor e avise-o de que vou sair daqui a pouquinho. Só preciso colocar o vestido.

— O nome dele é Fin?

— Sr. Finelson, para o Jared. Ele quer que eu o chame de Fin.

Nada de primeiro nome. Faz sentido!

Tirando a toalha dos cabelos, Julia abriu a porta para cumprimentar a mais recente conquista de sua irmã. Ele parecia ser, pelo menos, cinco anos mais jovem que Maria, possivelmente mais. Será que ele já tinha barba?

— Olá. Você deve ser o Fin.

— E você deve ser a Julia — respondeu ele. — Vim buscar a sua irmã.

O rosto de rapaz fez com que Julia se sentisse tentada a perguntar se ele queria que Jared viesse para brincar de esconde-esconde com ele, mas ela se conteve.

— Ela já vai sair. Entre, por favor.

Ele entrou, esfregando gentilmente os sapatos no tapete, antes de entrar.

— Jared está em casa? — perguntou. — Eu gostaria de dizer “oi” enquanto estou aqui.

— Acho que Jared não está em casa agora — mentiu ela. — Vou dizer a ele que você perguntou por ele.

— Ótimo — disse ele, com a voz um pouco mais aguda.

— Grandes planos para esta noite?

— Espero que sim — respondeu ele, com um sorriso dissimulado.

Julia desviou o rosto, para erguer os olhos diante da implicação nada sutil dele, exatamente no momento certo para ver que Maria se aproximava, em um vestido ainda menos sutil. Julia se lembrou do vestido no artigo que havia encaminhado à irmã, a respeito de tendências arriscadas para a moda.

Minutos mais tarde, Julia fez um aceno, e desejou que o ansioso casal de divertisse. Voltando à cozinha, ela começou a empilhar os pratos na pia, enquanto considerava as suas opções. Enrolar-se em uma poltrona com um bom

livro eletrônico, ou tirar Jared de sua apatia de adolescente?

Jared expressou o seu voto, ao abrir a porta do quarto.

— Ela já foi?

— Como o vento.

A maneira usual como ela descrevia as saídas de Maria.

— Um jogo de xadrez?

— Pode ser.

— Você não precisa me fazer nenhum favor — brincou Julia.

— Não, eu quero jogar. Eu só… — Jared parecia pensativo, procurando as palavras corretas. Acabou desistindo. — Eu jogo com as brancas, desta vez.

— Vou fazer a pipoca.

E ela fez a pipoca, servindo-a com sorvete de cerveja, uma combinação capaz de dissipar a tristeza mais profunda.

Começaram os movimentos na tela, movendo as peças do xadrez em 3D em uma sequência familiar de abertura.

Peão do rei à casa 3 do rei.

O cavalo de Julia pulou o seu peão, para ir à casa três da torre da rainha.

Bispo do rei branco na casa quatro do bispo da rainha.

Prevendo que Jared ia usar a sua abertura favorita, Julia colocou um dedo sobre o seu cavalo do rei, oferecendo ao seu oponente uma falsa esperança. O rosto de Jared desmoronou, quando ela levantou a mão e tocou o peão do rei, para movê-lo à frente, bloqueando o futuro movimento de xeque-mate do bispo dele.

— Você não achou que eu iria cair nessa sequência outra vez, achou?

Um Jared frustrado se concentrou em idealizar uma estratégia alternativa,

roubando uma colherada de sorvete de sua caneca, para ajudá-lo a se reagrupar mentalmente. Julia escolheu o momento para iniciar uma conversa de que seu sobrinho precisava, mas poderia não gostar.

— Isso incomoda você, não é?

— Não. Eu ainda vou ganhar a partida — respondeu Jared, com uma gota de espuma escapando do lado de sua boca.

— Eu me refiro à sua mãe e o Sr. Finelson.

Depois de um longo silêncio, o menino de onze anos tentou expressar uma antiga perplexidade.

— Por que ela tem que ser… você sabe… desse jeito?

Julia ouviu mais que as palavras. Jared detestava ver sua mãe se lançando a um homem após outro. Ele ficava aborrecido quando ela usava roupas que faziam os amigos de sua idade olhar para ela ou fazer comentários cruéis sobre o corpo dela. Ele podia ser um menino, mas não podia suprimir o desejo de proteger uma virtude que sua mãe não se importava em proteger.

— É vergonhoso — continuou Jared. — Alguém vai vê-los juntos, e a estória vai voar. Todas as vezes que os meus colegas virem o Sr. Fin atender ao telefone, vão me atormentar e assobiar, como fazem quando assistem a um filme pornô.

— Pornô? É mesmo?

Julia não havia considerado que Jared tivesse idade para essas coisas.

Surpreso com a ingenuidade dela, Jared olhou para o outro lado, envergonhado por ter dito tudo isso à sua tia.

Julia pegou uma pipoca para mordiscar, enquanto considerava os sentimentos do menino.

— Jared, sua mãe é uma mulher muito bonita e espontânea — começou. — E ela merece ser feliz.

Jared se enrijeceu.

— Ela não é.

— Não é o quê?

— Feliz — explicou ele. — Pelo menos, não é feliz como a mãe de Calvin.

— Quem é Calvin?

— Um amigo meu. Nós nos sentamos juntos, na escola. Eu vou à casa dele nas quintas-feiras, sempre que mamãe precisa trabalhar até tarde. A Sra. Nowell nos pega na escola.

— E ela parece mais feliz que a sua mãe?

— Não sei. Talvez não mais feliz.

Ele procurou as palavras certas.

— Mais calma. Mais segura. Menos “aparecida”.

— Aparecida é uma palavra? — perguntou-se Julia, em voz alta.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Ela sabia. Julia sabia que a atração de Maria tinha um lado sombrio, um desejo insaciável da atenção masculina. Julia considerava as incontáveis aventuras românticas de sua irmã como um sinal de fraqueza. Por que depender de homens para se sentir bem consigo mesma? Mas então, ela se lembrou da dor que havia sofrido, com a apatia de Jonathan Sowell. Julia também tinha necessidades insatisfeitas.

— Então, por que a mãe de Calvin é diferente?

— Bem, ela é muito bonita — explicou Jared. — E o perfume dela é delicioso. Mas nenhum dos garotos fala sobre ela, como eles falam sobre a mamãe.

— Ela tem um companheiro?

— O pai de Calvin, o Sr. Nowell. Ele é muito legal!

Outra peça do quebra-cabeça se encaixou.

— Legal, como?

Ele sorriu com alguma lembrança que não chegou a mencionar, enquanto tocava a tela para desferir um ataque modificado.

— Legal, ué. Ele conta piadas infames durante o jantar, e ninguém ri. É muito engraçado!

Julia nunca havia considerado como era, para um menino, crescer com duas mulheres. Jared nunca conhecera seu pai, um encontro de uma noite, a quem Maria não havia se preocupado em falar a respeito da gravidez. Jared nunca havia estado com um avô pescador ou um tio que lhe desse tapinhas nas costas. Ela se lembrava dos jantares com a família de Angie, quando elas eram crianças. Ela sabia como era cobiçar o pai de uma amiga.

— O meu pai foi embora, quando eu era pequena — disse Julia. — Acho que eu tinha quatro anos. Eu não me lembro muito dele. Eu só o vi duas vezes, depois do divórcio. Numa dessas vezes, eu era a daminha de honra no casamento dele. A sua noiva pensou que eu seria o adorno perfeito para a cerimônia, mas eu fiquei nervosa e vomitei em cima do buquê. Acabou sendo um mau presságio para o casamento.

— Você vomitou? — exclamou Jared. — Que legal!

— Minha mãe adorava contar essa história. Eu nem me lembro desse dia. Mas eu vi um retrato meu, com aquele vestido. Eu estava adorável.

Sem prestar atenção, Julia moveu seu outro cavalo.

— O seu pai telefonou, alguma vez? — perguntou Jared. — Escreveu alguma carta?

Julia se surpreendeu, sentindo um pouco de raiva. Depois de todo esse tempo? pensou.

— Eu nunca mais soube dele.

Dois filhos sem pai compartilharam um momento de isolamento.

— Ele também nunca tentou entrar em contato com a sua mãe — Julia achou

importante acrescentar.

Os dois pegaram um punhado de pipoca, para preencher o silêncio.

Cinco movimentos e um xeque-mate depois, Jared rompeu a sua sequência de perdas, e se declarou campeão da casa. Eles acabaram com a pipoca e o sorvete, enquanto viam televisão, antes de ir para a cama.

Depois de vestir sua camisola, Julia tentou ignorar uma lembrança incômoda, a de ir para a casa de Angie para jantar. Vê-la mergulhar nos braços abertos do pai, sentindo sua própria pobreza paterna. Ela decidiu escrever uma rápida mensagem à menina que ela havia amado e invejado, quando criança.

OI ANGIE: Eu tenho uma reunião em DC, daqui a uma semana. Se eu for alguns dias antes, será que poderíamos nos encontrar?

Antes de clicar em “enviar”, ela se lembrou da exigência de Paul. “Fique amiga dela de novo, e depressa”.

Julia acrescentou outra linha à mensagem.

Sinto saudades.

# CAPÍTULO DEZESSETE

“U ma astuta observação, Senhorita Arrasmith”, ouviu Matthew, esgueirando-se para o fundo de uma sala de aula, onde cinco dúzias de alunos do segundo ano da faculdade bocejavam, em meio às questões mais profundas da vida. Somente uma, uma morena vivaz que estava sentada na primeira fila, parecia remotamente interessada no tema: “Novas considerações sobre as heresias cristãs”. Um segundo exame, no entanto, deu a Matthew a impressão de que a jovem estava menos enamorada com a palestra que com o orador, o Dr. Thomas Vincent.

Em seus quarenta e poucos anos, o Dr. Vincent tinha cabelos grisalhos e um escasso vigor, que parecia apropriado para um homem que havia renunciado ao seu voto de castidade e trocado a administração de sacramentos sagrados pela avaliação de dissertações de doutorado.

Vincent deu uma piscadela, assentindo em concordância com a aluna, que parecia ser a sua favorita, por razões além da iniciativa acadêmica. “Se você puder ficar um pouco depois da aula, por alguns momentos, eu gostaria de conversar um pouco mais sobre isso”.

A jovem sorriu, e dois rapazes sentados no fundo se acotovelaram, com uma risadinha.

Como havia chegado meia hora antes do horário marcado, Matthew havia decidido assistir a parte da palestra do professor. Ele desejava assistir a todo o semestre, mas pagar as horas extras de cuidadoras ficaria impossível. Ao caminhar para a sala de aula, Matthew sentiu raiva de um alvo não determinado. A quem ele poderia culpar? Certamente, não a sua mãe. Ela não tinha escolhido ficar doente. O pai? Como você pode culpar um doador anônimo de esperma por não ajudar a sustentar “uma recipiente” não identificada? Ele mesmo? O que mais ele poderia fazer? Mamãe tinha um único filho, e não havia mais ninguém que a pudesse ajudar. O seu opressor continuava sendo anônimo.

Matthew encontrou uma cadeira livre e se sentou, ansioso por se beneficiar de um intelecto que poucos na sala pareciam inteligentes ou disciplinados o suficiente para apreciar.

— Rosalyn chama a atenção para um ponto importante — continuou o professor. — Embora nós, frequentemente, consideremos a história da igreja como pessoas no poder defendendo o seu território, é uma simplificação exagerada dizer que

todos os líderes da igreja eram corruptos ou que todos os motivos eram impuros.

Matthew admirava a maneira equilibrada como o Dr. Vincent falava sobre os pais da igreja. O seu livro não os retratava como vilões, mas apenas como pessoas equivocadas. Durante as três breves conversas que os dois haviam tido no refeitório, Matthew havia percebido que ambos tinham a mesma filosofia, provavelmente devido ao seu persistente respeito por uma igreja que ambos haviam abandonado.

— Não tenham medo de dar o crédito aos ideais cristãos, quando esse crédito for devido. Negar as boas coisas que vieram da igreja não anulará o seu dogma. Apenas fará com que vocês pareçam ignorantes.

Uma mão se ergueu.

— Eu pensei que você havia dito que os males da Inquisição eram culpa do dogma da igreja.

— Quase isso. Eu disse que tentar obrigar a obediência à ortodoxia da igreja levou seus líderes a trair os ensinamentos de Jesus. Ele nunca defendeu o assassinato de pagãos e infiéis. Ele ensinou os seus seguidores a amar seus inimigos.

— Mas Ele também disse que veio para trazer a espada.

O aluno aumentou a aposta.

— Evangelho de Mateus, capítulo dez, versículo 34. Muito bem, Sr. Fuller.

Os polegares do rapaz esticaram suspensórios invisíveis, como quem parabeniza a si mesmo.

— Mas precisamos observar o que Jesus fez, para que possamos entender, apropriadamente, o que Ele disse.

— E isso quer dizer que…?

— Quer dizer que Ele disse a seus seguidores que deixassem de lado suas espadas, no momento em que tentavam protegê-lo. Quer dizer que Ele, como Sócrates, escolheu o suicídio a trair seus ideais. Quer dizer, Sr. Fuller, que Ele

demonstrou o propósito supremo para a vida.

— Que é...? — perguntou o aluno.

— Transcender-se.

A resposta passou pelas cabeças da sala de aula, como uma pedra ricocheteando pela superfície da água, antes de afundar em Matthew. Deixe que eles cresçam.

— O que os pais da igreja não perceberam — continuou o Dr. Vincent — foi o propósito do martírio de Jesus. Eles criaram o mito de uma ressurreição física, para retratá-lo como uma divindade que venceu a morte. Na verdade, Ele descartou o seu corpo como um místico que abraça a morte.

— Eu consigo imaginar coisas muito melhores a fazer com o meu corpo!

O comentário veio de um hedonista zombeteiro, na última fila.

O sorriso irresistível do Dr. Vincent liberou as gargalhadas dos rapazes.

— Como todos os grandes profetas, desde Moisés até o Dalai Lama — continuou ele —, Jesus mostrou um caminho para a satisfação que é muito mais intenso do que qualquer coisa, até mesmo do que o corpo do Dr. Thurman poderia proporcionar.

As risadas aumentaram, quando as garotas aplaudiram o contragolpe.

— Melhor que o sexo? — perguntou um rapaz sentado imediatamente à frente de Matthew.

O Dr. Vincent olhou para o seu relógio.

— Diferente do sexo. Mas vamos falar sobre isso, depois que vocês terminarem a leitura do texto que abrange o primeiro concílio da igreja. Voltem na próxima aula, quando vamos comentar o capítulo três, “Repensando Arius”.

Um coro de gemidos preguiçosos lembrou Matthew que ele merecia a faculdade mais do que muitos dos que estavam matriculados.

— Vejo vocês na próxima semana — disse o Dr. Vincent, liberando seus

prisioneiros, enquanto a morena dava alguns passos à frente para saborear a atenção pessoal do professor.

A abordagem de Matthew pareceu uma distração inconveniente do olhar de admiração de Rosalyn. Aparentemente, o Dr. Vincent tinha se esquecido do compromisso. Compreensível, pensou Matthew, olhando para a fã do professor.

— Olá, Matthew — disse Thomas, escrevendo apressadamente um bilhete. — Falo com você em um segundo.

Matthew ficou a uma distância adequada, incapaz de decifrar o que o professor havia escrito. O título de um livro? Uma palestra na internet? O nome de um hotel? O que quer que fosse, as palavras indicavam uma vida que Matthew invejava e, se ele cresse em sua mãe, merecia.

◆

Quinze minutos depois, Matthew e o professor entraram no vestíbulo de um edifício gótico que antes havia recebido um fluxo constante de pessoas que acendiam velas por pais mortos, crianças em dificuldades, ou pela paz mundial. Mais parecida com um museu do que com uma igreja, a St. Thomas Aquinas University Parish agora era o lugar onde o Dr. Vincent refletia, em solidão, ou tinha raras conversas com alunos curiosos sobre as ideias exploradas em suas aulas.

— Entendo o que você quis dizer — disse Matthew. — Muito tranquilo.

— Gosto disso — disse Thomas, tirando seu cachecol. — Grande parte de minhas melhores ideias aconteceu naquele banco ali.

Ele apontou a uma fila antes da última.

— Longe da presença de Cristo, mas não tão longe como eu poderia estar.

Ambos sorriram.

— Como vai a sua mãe? — a pergunta surpreendeu Matthew. Ele a havia mencionado apenas uma vez ao professor, quase dois meses antes.

— Vai bem, acho — respondeu ele. — Muito gentil de sua parte lembrar-se.

— Demência?

— Isso mesmo. Ela tem dias bons e maus. Recentemente, os mais frequentes são os maus.

— Lamento.

Um breve silêncio.

— Então, sobre o que quer falar comigo, Matthew Adams?

Matthew tirou um tablet digital do bolso de seu paletó. Ele ligou com um ping. O som parecia inconveniente, em meio a ícones e santuários de uma era passada.

— Eu estive lendo algumas coisas, e queria conversar sobre uma ideia que eu acho que tem mérito.

— Eu adoro conversar sobre ideias de mérito — respondeu Thomas. — Diga.

— Você já ouviu falar sobre algo chamado filosofia maniqueísta?

Matthew pareceu incerto.

— Não tenho certeza se é assim que se fala.

— Está certo — afirmou Thomas.

— É, sim, já ouvi. Santo Agostinho estudou filosofia maniqueísta, antes de sua conversão cristã.

— Isso mesmo. O que você pensa a respeito?

— Você quer saber a minha opinião a respeito da filosofia, ou a minha opinião sobre o fato de ela ser considerada heresia?

— As duas coisas, suponho — respondeu Matthew.

Thomas sorriu. Nada acendia a sua paixão, como uma mente aberta e ansiosa.

— Quanto da palestra de hoje você conseguiu ouvir?

— Na verdade, praticamente nada. Apenas algumas perguntas, no final, quando você falou sobre o verdadeiro significado do martírio de Cristo.

— Por que o fascínio com a filosofia maniqueísta? Não é exatamente uma leitura recreativa.

— Eu estou trabalhando em uma tese sobre o ambientalismo espiritual.

A declaração pareceu menos impressionante do que havia parecido aos seus colegas, no refeitório.

— Eu diria que gostaria de desenvolver a ideia, se algum dia chegar à faculdade.

— Você vai conseguir chegar lá — disse Thomas, com uma condescendência bem intencionada.

Matthew se sentiu reconhecido e, ao mesmo tempo, colocado em seu devido lugar.

— Como comecei a dizer durante a aula de hoje, a igreja primitiva não entendeu o propósito da morte de Cristo. Os filósofos maniqueístas ofereceram algo que, creio eu, se aproximou das intenções de Jesus.

— Foi isso o que você quis dizer, quando falou sobre entender as palavras de Jesus, levando em consideração os seus atos?

— É bom saber que alguém estava prestando atenção.

— Eu acho que entendo o que você quis dizer, a respeito do martírio de Jesus.

Thomas pareceu satisfeito.

— Entende? Vamos ouvir o que você tem a dizer.

— A igreja apresentou a morte de Jesus como um ato de sacrifício pelo pecado. Mas o que Ele realmente fez foi demonstrar o que quer dizer abandonar o corpo, em troca de uma existência puramente espiritual.

— Muito bem, Matthew. Portanto, filosofia maniqueísta. Eu acredito que Agostinho a entendeu corretamente, antes de se submeter ao dogma da igreja a respeito de Jesus. Os maniqueístas ensinavam que o corpo físico é mau, é uma cela de prisão que atrapalha a nossa verdadeira natureza.

O espírito é bom. O corpo é ruim, lembrou-se Matthew.

— Eles rejeitavam a ideia de que Jesus era Deus na carne, porque Deus, puro espírito, nunca se profanaria, tornando-se um ser material, continuou explicando Thomas.

— Então, libertar-nos da prisão da carne é o significado supremo da vida e dos ensinamentos de Jesus?

— Acredito que sim. E foi por isso que eu deixei o sacerdócio. Os ensinamentos oficiais da igreja exigem a celebração da encarnação de Cristo e a sua afirmação de uma ressurreição física. Eu não conseguia mais fazer uma coisa nem outra.

— O que fez você mudar o seu modo de pensar? — perguntou Matthew.

— O meu espírito se modificou, antes que eu mudasse meu modo de pensar — admitiu Thomas. — A minha conversão, se você me perdoa a expressão, teve início no confessionário.

— No confessionário?

— Você pode rir, mas a minha viagem para fora do cristianismo ortodoxo começou com o cheiro do corpo e o mau hálito de meus paroquianos.

Matthew pensou em sua mãe. A sua beleza suave havia se tornado áspera e cansada, a sua mente clara havia ficado confusa. E, sim, o seu aroma delicado havia sido vencido pelo cheiro da transpiração e da urina desidratada.

— Acho que estou entendendo.

— Nós decaímos, Matthew. Por que um Deus bom criaria uma obra prima decadente? Thomas fez uma pausa, para permitir que a pergunta se sedimentasse. — Eu não acredito que ele ou ela faria isso. Os maniqueístas, como os pagãos antigos, incluindo Platão, entenderam o que os pais da igreja não compreenderam. E também Arius.

— Arius? — Matthew procurou lembrar o contexto do nome que ele havia visto, no livro do Dr. Vincent.

— Século IV. Foi influenciado pelos gnósticos. Como os maniqueístas, eles consideravam Deus como a bondade suprema, que não poderia se tornar matéria, uma vez que a própria matéria era considerada maligna. Cada grande controvérsia da história da igreja primitiva voltava à mesma pergunta, “Deus, que é espírito puro e perfeito, profanou a sua pureza ao se tornar um ser material?”

— A doutrina da encarnação!

— Exatamente. O fato de Deus se tornar homem sugeria o bem se tornando o mal. Em resumo, eles não pensavam que Deus pudesse ter mau hálito.

Matthew ficou em silêncio por um momento, hesitando em admitir o que ainda estava oculto, por trás das suas perguntas.

— A situação de minha mãe está se deteriorando rapidamente. Ela precisa de mim, cada vez mais. Ela está infeliz. Eu também.

Esses comentários jogaram água fria no rosto do Dr. Vincent, arrancando-o do mundo abstrato das ideias que ele tanto amava, e levando-o à dura realidade do dilema do aqui-e-agora de Matthew. Ele disse a única coisa que podia dizer: “Nós decaímos”.

*Decair...*

*Decair...*

Decair...

A palavra ricocheteou em muros distantes, com repetições cada vez menos nítidas. Matthew passou a examinar um edifício sagrado, que antes estava vivo, com rituais que celebravam um credo que ele esperava que fosse falso. Ele queria escapar às imagens e às ideias que continuavam a fazer com que ele se sentisse hesitante, até mesmo culpado, por querer liberar a sua mãe.

Dê aos oprimidos a liberdade de prosperar, pensou ele, com ressentimento e alívio florescendo em seu interior.

— Você já leu alguma coisa escrita por uma colunista chamada Julia Davidson? — perguntou Matthew.

— Algumas vezes. Textos bastante acertados, creio eu. Por quê?

— Ela usou uma expressão que julguei interessante, em um artigo sobre seleção genética.

Matthew tocou na tela de seu tablet, para encontrar uma citação, antes de entregar o tablet a seu mentor involuntário.

Se minha amiga decidir ter um bebê, espero que ela dê ao bebê a liberdade de ter sucesso, eliminando os riscos de doenças e deficiências desnecessárias. Eu apenas gostaria que nós pudéssemos dar a mesma liberdade àqueles que já estão oprimidos por ambas.

Thomas devolveu o equipamento.

— Matthew. O que é isso?

Matthew queria dizer mais, confiar a Thomas Vincent seu dilema moral.

*Conte a ele o que você quer fazer.*

*Ele entenderá.*

*Ele pode até mesmo aprovar.*

— Obrigado, Pai.

Matthew enrubesceu com o seu engano.

— Quero dizer, Dr. Vincent. O senhor está me ajudando muito.

# CAPÍTULO DEZOITO

-E u receio que você tenha apenas duas escolhas — disse a mulher mais velha, rangendo os dentes, com sua escassa paciência se esgotando cada vez mais pelas horas extras. — Fique com a poltrona que lhe foi designada, ou espere o próximo voo, esta tarde.

A sobrancelha de Julia se ergueu, diante das duas opções. A reserva no último minuto lhe havia imposto a humilhação de uma poltrona no meio de uma fileira, na classe econômica, provavelmente espremida entre dois homens gorduchos. Apesar de sua boa pontuação com a companhia aérea, ela não conseguiu um upgrade para a primeira classe ou a executiva. Mas Angie Tolbert esperava a sua chegada antes das seis da tarde. O próximo voo só deixaria o aeroporto internacional de Denver às quatro e meia da tarde, aterrissando em DC depois das oito da noite, no horário da costa leste.

Ela despachou sua maleta, e se dirigiu a uma fila muito mais longa que o usual, abrindo o aplicativo da companhia aérea em seu tablet. Vinte e três minutos e dezessete, dezesseis, quinze, catorze segundos até a decolagem. Havia vinte viajantes impacientes entre ela e o detector de corpo inteiro, todos olhando para o começo da fila, onde uma mãe grávida tirava, desajeitadamente, seu bebê de um carrinho, enquanto seu marido repreendia um irmão mais velho. O menino havia subido na esteira das bagagens, esperando montar em uma das caixas dos itens pessoais e assim passar pelo aparelho de raio X.

— Progenitores!

Julia ouviu alguém dizer, com desprezo.

— Espero que não estejam no meu voo — acrescentou outra pessoa.

Depois de três tentativas mal sucedidas de passar pelo detector, o clã indisciplinado, finalmente, saiu da área de segurança, graças a um supervisor que deu ordens diferentes das de um oficial de patente inferior, que tentava validar sua própria existência. Faltavam dezenove minutos e cinquenta e três, cinquenta e dois, cinquenta e um segundos para que doze outras pessoas antes que Julia pudessem chegar à porta do seu voo. Ainda perto demais, para telefonar.

Julia retomou a mensagem de Angie para considerar as opções, caso ela perdesse o voo.

*OI JULIA: Eu adoraria retomar contato! Kevin sugeriu que nós façamos um programa de garotas. Avise-me, se puder chegar por volta de 18 horas, e eu vou fazer uma reserva para o jantar no restaurante Ruth's Chris e depois podemos ficar no Four Seasons para curtir os mimos matinais no spa. O nosso quarto de hóspedes está à sua disposição, se você quiser ficar em casa no sábado e domingo. Mal posso esperar para vê-la! Eu preciso de uma pausa, e de uma amiga.*

*Julia sorriu, e depois sentiu pânico. Ela não havia pretendido passar todo o fim de semana com Angie. Uma noite teria sido mais que suficiente. Mas, mesmo assim, ela havia aceitado o convite. O tempo passado com a família poderia ser útil. Quem melhor para obter acesso à coalizão dos pontos brilhantes de Kevin, que a antiga melhor amiga de sua esposa, agora com a amizade renovada?*

◆

A porta da cabine se fechou momentos depois que Julia encontrou um espaço para comprimir a sua maleta de mão. A aeromoça parecia ansiosa por conseguir que a sua última passageira se sentasse, antes que se esgotassem os últimos dois minutos e quarenta e um segundos, na contagem regressiva para a decolagem pontual. Uma mulher corpulenta se contorceu, para sair da poltrona do corredor, claramente desapontada pela chegada de Julia.

Julia olhou para o ouro lado de sua câmara de tortura temporária, para ver seu outro tormento, um mal-humorado menino, que parecia ter cinco anos, recentemente instigado pela repreensão de um pai — o mesmo menino que havia atrapalhado a fila, para converter a máquina de raio X em um parque de diversões. Percebendo que os pais aturdidos da criança e sua irmãzinha estavam sentados do outro lado do corredor, Julia decidiu arriscar.

— Você quer se sentar no meio, para ficar mais perto de mamãe e papai?

— Eu quero olhar pela janela!

*É claro.*

Afivelando o cinto de segurança, enquanto a mulher corpulenta se espremia de volta à sua poltrona, Julia deu um suspiro de alívio, por ter conseguido pegar o avião.

“Bem-vindos a bordo do voo dois-cinco-cinco, da American United, com destino a Washington, DC”, disse a voz, apressadamente.

Julia deixou de prestar atenção ao capitão, para planejar as três horas seguintes. Ela precisava agir de maneira preventiva, antes que algum de seus vizinhos de assento pudesse iniciar uma conversa com ela. Lembrando-se dos arquivos do diário que Jeremy Santos lhe havia dado, alguns dias antes, ela pegou o tablet que estava na bolsa a tiracolo que ela havia colocado no espaço entre os pés. Seu ato rápido propiciava a desculpa ideal para se fechar atrás de um muro invisível de confinamento solitário.

— Meu nome é Tyler. E o seu?

Sem vontade de conversar, Julia colocou o indicador diante de seus lábios, para indicar que o capitão esperava silêncio de todos os passageiros.

— Posso jogar? — perguntou o menino, depois de espiar para se certificar de que seus pais não estavam ouvindo ao seu pedido sussurrado.

— Meu pai me deixa jogar no seu tablet, no carro.

Ignorando a pergunta, Julia procurou, em sua bolsa, um prêmio de consolação apropriado para a idade do menino.

— Você quer uma bala de hortelã?

O menino assentiu ansiosamente, antes de fingir engasgar com o cheiro de hortelã.

As luzes diminuíram para que os passageiros assistissem ao vídeo com as instruções de segurança. Sete minutos depois, Julia abriu a pasta de Jeremy Santos, enquanto o menino admirava a visão que tinha dos montes cobertos de neve, abaixo dele.

A pasta continha dois ícones. O primeiro, chamado DIÁRIO DE SYLVIA SANTOS, continha uma sequência de arquivos, a partir de agosto de 2023, até um último texto, datado na manhã da transição de Antonio. O segundo, intitulado REFLEXÕES DE ANTONIO, continha menos da metade do número de arquivos.

Julia escolheu o diário da mãe. Tentada a começar a ler pela última data, decidiu começar pelo princípio, por respeito à intenção de Jeremy.

19 de agosto, 2023: Na semana passada, trouxemos Antonio do hospital para casa. Ele é um perfeito mocinho, e nunca chora, exceto quando sente fome. Na noite passada, ele dormiu a noite inteira. Jeremy não fez isso durante meses. Ramón pareceu aliviado. Ele tem estado nervoso devido à responsabilidade por outro filho. Parece que começamos bem. Obrigado, Senhor Deus, por outro belo menino!

30 de agosto, 2023: Finalmente, estou me sentindo descansada o sufi-ciente para escrever novamente. Na noite passada, Nina levou os meninos, para dar um descanso, a Ramón e a mim, das fraldas e do horário de amamentação. Eu já estou relativamente bem, e nós fizemos amor pela primeira vez, depois de uma gravidez de sete meses. Provavelmente, um erro, uma vez que eu não fiz nenhum exame de acompanhamento da episiotomia. Estou um pouco dolorida, esta manhã. Mas nenhum de nós conseguiu se deter. Eu acho que isso aliviou um pouco da tensão de Ramón. E a minha, também.

5 de setembro, 2023: Eu quase tive um ataque cardíaco, quando Jeremy deixou Antonio cair sobre sua pequena cabeça. Ele insistiu que era suficientemente forte para carregar seu irmão. Meu coração se desmanchou, quando ele se inclinou para beijar a testa de Antonio, ainda sem cabelos. Isso aconteceu, quando eu os deixei por um segundo, para pegar a câmera fotográfica. Eu sou uma idiota!

Agradeço, porque ele caiu sobre o tapete, em vez de se chocar contra a mesinha. Eu nunca me perdoaria se deixasse algo assim acontecer. Não ia contar a Ramón,

mas Jeremy disse abruptamente: “Antonio caiu de cabeça no chão”, tão logo papai passou pela porta. A falta de medo nos olhos de Ramón me assustou. O bebê está bem, mas eu estou um pouco abalada.

Quanto mais Julia lia, mais amplos se tornavam os intervalos. Uma ou duas vezes por semana, no início, foram reduzidos a uma vez em vários meses, no final. Ou Sylvia Santos não tinha disciplina para os registros, ou, o que é mais provável, Jeremy havia escolhido registros específicos, para revelar uma narrativa central. Julia examinou os anos de um recémnascido, tentando montar a trama principal do Ato Um.

Cena Um: Uma jovem esposa tenta preservar seu casamento sexualmente ativo, apesar de um esposo que se ressente da interrupção de dois filhos.

Cena Dois: O sexo se torna infrequente, à medida que ela fica menos disponível para ele, e ele parece menos interessado nela.

Cena Três: O marido fica mais paciente com a paixão decrescente dela. Paciente demais. Ela receia que ele satisfaz suas necessidades em outro lugar, mas é medrosa demais para se arriscar a um confronto.

Cena Quatro: Os primeiros sinais de que há algo de errado com Antonio superam as preocupações com o casamento. Mamãe esconde suas preocupações e evita o teste genético, porque ela não quer continuar desiludindo um pai cada vez mais distante.

Depois de quase trinta minutos de leitura, Julia percebeu um longo intervalo entre as duas datas seguintes no diário. Ela clicou na primeira, que era muito mais extensa que as anteriores. O início do Ato Dois.

12 de setembro, 2026: Estive chorando durante a maior parte dos dois últimos dias. Os meus piores temores se tornaram realidade. O médico disse que o desenvolvimento lento de Antonio é causado por uma doença neuromotora. Eu não consigo me lembrar das iniciais, nem o que elas querem dizer. Tudo o que sei é que ele não vai melhorar. O médico disse que, provavelmente, ele vai piorar, com o passar do tempo. Ele não quis dizer “quanto pior”, uma vez que a doença, normalmente, afeta adultos. Afetar é a palavra errada. A doença é herdada. O médico disse que Antonio sofre de um distúrbio genético, que poderia ter sido detectado e excluído na seleção genética.

Eu me sinto muito culpada.

Como vou contar a Ramón? Ainda bem que ele está fora da cidade. Eu preciso pensar.

Nina e Marcos disseram que vão orar, pedindo a cura. Eles frequentam uma igreja onde as pessoas fazem esse tipo de coisa. Eles disseram que eu preciso ter fé, mas o médico me disse que, gradualmente, Antonio perderia o uso dos membros e da sua voz. Deus amado! Por que o meu filho? Por que qualquer pessoa deve sofrer dessa doença?

Julia abriu o registro seguinte do diário, que a levou a mais de seis meses adiante no tempo.

21 de março, 2027: Ramón se foi. Ele entrou em casa, depois de dirigir do aeroporto para casa ontem, e disse que nós precisávamos conversar. Ele parecia atordoado, como um menino que é forçado a contar ao vizinho que quebrou a sua vidraça com a bola de beisebol. Eu soube que havia algo de errado, quando eu o vi com uma mala grande e nova, em vez da mala de viagem que ele havia levado, três dias antes. Eu pedi que ele esperasse um minuto, porque eu estava no meio do banho de Antonio. Ele começou a se agitar, como se eu estivesse atrapalhando o seu plano perfeito. Eu não sabia que a outra mulher estava no carro esperando, impacientemente, que ele concluísse os detalhes de último minuto de seu casamento e de sua família.

Ele entrou em nosso quarto para pegar suas roupas, e encontrou Jeremy escondido no guarda-roupa.

— Feche a porta, papai — disse o menino. — Estou brincando de esconde-esconde com a mamãe!

Eu havia me esquecido de procurá-lo.

O canalha contou ao Jeremy. Eu soube do meu divórcio ao ouvir, sem querer, o pesadelo de um garotinho.

— Você precisa ir para onde?

— Não se preocupe, amiguinho. Eu virei visitar você sempre. Eu simplesmente não consigo mais viver com a sua mamãe.

Segurando Antonio, embrulhado em uma toalha, junto à porta, comecei a chorar. Não por mim, mas por Jeremy. Eu vi o pânico no seu rosto, um menino de cinco anos de idade tentando, desesperadamente, pensar como poderia impedir a saída de seu pai. Ele olhou para mim, implorando com os olhos. “Faça alguma coisa para consertar as coisas”.

Eu deveria ter dado ouvidos a Nina. Ela suspeitava de um caso amoroso. Eu me irritei com ela, em parte porque eu sabia que ela estava certa. Ramón havia fingido por mais de um ano. Eu havia evitado o problema da sua agitação e apatia desde a chegada do perfil genético de Antonio.

Ramón disse que ele precisa de mais do que eu posso lhe dar. Ele tem razão. Eu sinto saudades dos dias em que ele não conseguia tirar as mãos de mim. Os filhos mudam as coisas, especialmente um filho como Antonio. Eu acho que a culpa é minha. Eu me apaixonei por um amante ardente, em vez de um sujeito simples e insípido como o marido de Nina. Eu acho que Marcos abraça Antonio mais frequentemente que Ramón abraça o filho. Eu sabia que Antonio estava condenado a crescer sem o afeto de seu pai. Agora, Jeremy também. Deus me perdoe, Deus me ajude.

Um toque no pulso assustou Julia, lembrando-a de seu aprisionamento. Ela levantou os olhos, para perceber que a aeromoça lhe entregava uma caixinha de

achocolatado.

—Você poderia dar isso ao menino, por favor?

Ela entregou a bebida ao ansioso menino. Ele abriu a caixinha e tomou o primeiro gole, com uma pequena gota marrom escapando do canto de sua boca. A gota caiu no canto de uma página inacabada do livro de colorir.

Julia estudou o rosto despreocupado do menino, tentando imagin á-lo no lugar de outro menino de cinco anos, que observava o pai fazer a mala, chorando depois do cancelamento de outra visita prometida, implorando que sua mãe deixasse papai voltar para casa. Ela olhou para o outro lado do corredor, para o pai de Tyler, um marido insípido que acariciava o braço de sua esposa, enquanto ela tirava uma soneca e seu bebê bebia uma garrafinha de suco.

O tipo de homem que sua irmã Maria jamais iria perceber, e muito menos, namorar.

O tipo de progenitor que os seus melhores editoriais desprezavam.

O tipo de papai a quem o menino sentado ao lado dela daria um beijinho de boa noite.

# CAPÍTULO DEZENOVE

Ooitavo e último biscoito estava preso ao fundo de um pacotinho plástico, resistindo ao esforço de Julia de assegurar uma última imitação de nutrição. Ela deveria ter comido antes de embarcar no avião, mas não havia considerado a diferença de duas horas no fuso horário. Aterrissar em DC a uma hora no horário da costa leste significava voar durante a sua hora de almoço usual. Um refrigerante diet e um pacotinho minúsculo de carboidratos não podiam competir com o aroma de um sanduíche de peru e salame que sua volumosa vizinha de poltrona tirou de uma bolsa, ou as fatias de maçã que Tyler havia ingerido, entre os goles do achocolatado. O queixume de seu estômago era encoberto pelo zumbido dos motores que levavam 350 passageiros em direção à cidade mais poderosa da terra.

Como o voo ainda duraria mais de uma hora, Julia se debateu entre continuar lendo os diários da família Santos e compilar uma lista de perguntas para suas futuras entrevistas. Apesar do drama humano da história da família Santos, a carreira dela dependia do entendimento e da revelação da proposta secreta dos Pontos Brilhantes. Ela fechou a pasta do jornal, para abrir o calendário, onde encontrou dois compromissos para a segunda-feira.

10:30: CONGRESSISTA DO ESTADO DE NEVADA, NICOLE FLOREA (CAPITÓLIO )

15:00: TRISHA SAYERS, CEO DA EMPRESA HER LOOK INC. (101 WATERSIDE COURT PERTO DO COMPLEXO NATIONAL HARBOR OFFICE)

Paul havia agendado as entrevistas com conhecidos de longa data. Ele havia dito que Nicole Florea seria uma grande voz para refutar qualquer retórica contrária à Iniciativa Jovem. Florea era uma respeitada conservadora fiscal, por isso seria difícil que qualquer pessoa na direita radical a marginalizasse. Trisha Sayers, uma heroína do capitalismo que personificava o progresso dramático do sexo frágil, poderia trazer fama e glamour ao debate. Juntas, eles formariam uma forte voz em favor de ideias progressistas. Essa era a parte fácil. Entrar na mente dos

antiprogressistas provavelmente seria muito mais difícil.

Antes de preparar uma lista de perguntas para as entrevistas, Julia mergulhou no tema. Ela havia compilado uma versão de Cliff sNotes a respeito da controvérsia da Iniciativa Jovem, a partir do ciclo da eleição presidencial de 2036.

Foi o apogeu do novo movimento conservador, que venceu eleições com maioria esmagadora, prometendo uma Utopia econômica. Ele diminuiu as regulamentações governamentais restritivas sobre a próspera indústria de tecnologias genéticas. Aproximadamente cem mil ideias haviam pedido a patente global, desde 2031, quando o movimento conseguiu aprovar a legislação da Fronteira do Genoma, removendo muitas salvaguardas éticas restritivas de cientistas de universidades e corporações. Muitas invenções haviam atraído impressionantes infusões de fundos para pesquisa e desenvolvimento por parte de investidores maduros, que esperavam conseguir uma corrida do ouro de inovações para o bem estar e a qualidade de vida.

Julia relembrou um de seus primeiros editoriais. Na ocasião, ela era uma jornalista jovem e, relutantemente, havia elogiado os conservadores fiscais que, corajosamente, haviam desafiado a sua base religiosamente rígida. “Já é hora de que as cabeças equilibradas comecem a achar denominadores comuns com os progressistas sociais”, ela havia escrito.

RAP Syndicate tinha uma coluna diária no departamento de Vida e Tecnologia, que destacava algumas das mais promissoras invenções e acontecimentos. Ela se lembrava de várias manchetes.

*CÂNCER EXTINTO EM CINCO ANOS?*

*GLÂNDULA HORMONAL RESTAURADA EM HOMEM DE 90 ANOS DE IDADE*

*ÚTEROS ARTIFICIAIS PODEM NOS SALVAR DAS ESTRIAS?*

*A OBESIDADE DIMINUI, COM NANO-ROBÔS DEVORANDO AS CÉLULAS DE GORDURA*

*ESPIGAS DE MILHO COM O DOBRO DO TAMANHO PRODUZEM BIOCOMBUSTÍVEL MAIS BARATO*

Lance Lowman iniciou uma onda de especulação otimista na Casa Branca, em 2036, com o seu partido iniciando o que alguns descreveram como uma volta a Camelot: sem guerras, os ataques terroristas em declínio, e os mercados de ações em alta. Em alguns poucos anos, dizia a voz corrente, os déficits com décadas de idade evaporariam, no despertar de um crescimento econômico sem precedentes.

Então, estourou a bolha. Muito poucas patentes cumpriram suas promessas, o que fez com que os senhores nervosos deixassem o mercado de ações, para tentar salvar o que ainda restava de suas economias de aposentadoria, cada vez mais reduzidas. Os poucos progressos genéticos que traziam lucro o faziam à custa dos contribuintes, porque serviam à indústria dos cuidados com os idosos, subsidiada pelo governo federal. Os gastos federais e estaduais com os benefícios sociais cresceram rapidamente. A explosão trouxe muito pouco do novo crescimento que havia sido projetado. Um mercado de ações da indústria de tecnologia genética em alta passou à queda da noite para o dia, perdendo praticamente metade de seu valor em menos de um mês. Os radicais militantes da extrema direita pareceram satisfeitos.

“A demografia controla o destino”, censuraram eles, dizendo que a queda nas taxas de fertilidade havia minado o pouco crescimento que tinha vindo de todos os investimentos daqueles idosos em sua própria longevidade. “Um número maior de homens de 80 anos com bom desempenho na cama não consegue mascarar a nossa verdadeira impo-tência”, escreveu um colunista particularmente desagradável. “Estamos pagando o preço pela negligência com a produção de uma nova safra de empreendedores e contribuintes”.

Qualquer que seja a razão, as projeções otimistas de crescimento se chocaram contra o muro de impressionantes aumentos de gastos, deixando os

conservadores fiscais do presidente com a arma na mão, no exato momento em que as pessoas se perguntavam quem havia assassinado a economia.

Em um gesto louvável, o presidente tomou medidas decisivas. Ele propôs uma solução que irritou seus aliados da extrema direita, mas uniu os elementos da extrema esquerda e os moderados, dos dois partidos políticos. A Iniciativa Jovem parecia baseada em uma ideia sensata e apaixonada: dar aos idosos e a outros adultos dependentes o direito de transmissão de seus recursos à geração mais jovem, em lugar de acumulá-los para sua própria preservação. Rejeitando as políticas falidas de outras nações desenvolvidas com populações idosas, o presidente disse: “Os Estados Unidos devem trilhar um curso corajosamente diferente, que dê continuidade ao nosso legado único de autonomia individual e interesse pelo bem estar comum”. Em outras palavras, a redução de gastos com benefícios sociais e o incentivo à transmissão de riquezas dos que drenam a economia.

A proposta foi aprovada nas duas casas do Congresso, com uma maioria de dois terços. Se até mesmo cinco por cento dos idosos enfermos optassem pela transição, conforme estimativas do Congressional Budget Office, a iniciativa conseguiria reduzir os gastos com os benefícios sociais em centenas de bilhões de dólares por ano, além de melhorar a situação econômica de milhões de jovens trabalhadores, gerando um fluxo saudável de renda que conservaria o programa “no azul”. Uma situação vantajosa para todos.

Não é de surpreender, no entanto, que alguns líderes religiosos expressassem indignação moral, e chamassem a Iniciativa Jovem de “uma solução tipo nazista, que reduz a dignidade da vida humana”.

Julia nunca havia entendido as objeções desses políticos. Ela se perguntava como o fato de permitir que cada pessoa escolha a sua data de validade lhe tiraria a dignidade. A autonomia pessoal não era um grande valor norte-americano? Por que alguém desejaria impedir que um senhor idoso e doente desse seus poucos recursos a outra pessoa, ao optar pela transição?

Mas, inacreditavelmente, muitos protestaram. Os suspeitos usuais: zelosos religiosos que prefeririam bater na Bíblia a solucionar problemas, mães descuidadas que prefeririam poluir o planeta a usar controle de natalidade, e homens patriarcais com a opinião de que a única mulher boa é uma mulher grávida. Esta mesma mentalidade retrógrada tinha vindo para informar que havia

uma crescente oposição à indústria de transição.

Abrindo um documento novo, Julia começou a escrever perguntas que poderiam desviar as entrevistadas para as expectativas de uma pessoa, Paul Daugherty. Era a opinião dele, e não a delas, que dominaria o programa. Era apenas a opinião dele que determinaria o seu destino profissional. Era a sua agenda, e não os fatos, que ditariam o sucesso.

Cinco minutos depois, uma voz amistosa pediu a todos os passageiros que colocassem o encosto de suas poltronas na posição vertical e desligassem os aparelhos digitais. Rapidamente, Julia examinou o seu trabalho. Satisfeita, ela desligou o aparelho, e o devolveu à sua bolsa, aos seus pés.

Espiando pela pequena fresta de janela, acima do rosto de Tyler, pressionado contra a janela, ela viu a periferia da capital da nação, e sentiu a adrenalina ao imaginar sua caminhada pelos corredores do poder. O menino se virou, estendendo seu indicador direito em direção a Julia.

“O que devo fazer com isso?”

Enquanto ela procurava, freneticamente, um lenço de papel, a mão de um homem apareceu do outro lado do corredor. Era o pai de Tyler, estendendo um guardanapo da companhia aérea, que provavelmente havia guardado para essa ocasião.

# CAPÍTULO VINTE

“K evin?” Julia ficou momentaneamente surpresa ao ver o homem que abria a porta para cumprimentá-la. Esse não era Kevin Tolbert, o musculoso namorado de Angie no ensino superior. Também não era o empresário que usava jeans e que estabeleceu a sua marca antes dos trinta anos. Esse era o Congressista Tolbert, com o rosto barbeado acima de um nó de gravata ligeiramente frouxo. Ele havia aberto o botão superior de sua camisa branca clássica, mas o seu terno escuro ainda transmitia um ar de autoridade que ela achou impressionantemente inadequado no homem que havia conquistado o coração de sua amiga adolescente.

— É assim que eles nos chamam... — começou ele, fazendo uma pausa. — E é assim que ficaremos famosos!

Julia o acompanhou, levantando os olhos ao se lembrar da frase irritante que era como a marca registrada de Kevin. Não tantas mudanças como havia parecido, à primeira vista.

Os dois estenderam os braços, para o tipo de abraço que parentes afastados se dão, em reuniões festivas, quando não sabem o que dizer. Ligeiramente rígido e esquisito, mas melhor que um simples aperto de mão, que não teria sido apropriado para o tão esperado reencontro de Angie e Julia.

— É bom ver você, Julia — ele pareceu sincero. — Angie está muito entusiasmada com as expectativas para este fim de semana.

— Eu também — mentiu ela, com entusiasmo exagerado.

— Deixe-me pegar a sua maleta.

A sua mão estendida se deteve.

— Espere. Imagino que você vai precisar dela no hotel, hoje à noite.

Julia se perguntou quem deveria fazer o próximo movimento, se a convidada ou o anfitrião.

O som de algo que caía ao chão e de algum líquido derramado veio do corredor, seguido pelo choro crescente de uma criança em pânico. Kevin se assustou.

— Puxa! Eu me esqueci da tampa da caneca, outra vez!

O influente político elegante se transformou em um pai comum, encarregado da limpeza.

— Vá fazer o que você precisa fazer — disse Julia, ansiosamente. — Eu estou bem.

— Angie está no quarto, fazendo a mala — disse Kevin, dirigindose à sala de jantar. — É a terceira porta à esquerda.

Chegando ao corredor, Julia observou vários retratos na parede. Ela fez uma pausa, aproveitando o momento para conectar os nomes dos bebês com os rostos na galeria.

A versão de cinco anos de Kevin tinha que ser Tommy, que era a cara do pai. Especialmente em seu sorriso de olhos brilhantes, ansioso por conhecer um mundo cheio de aventuras à sua espera.

Joy parecia ter dois anos e meio. Ela parecia ter recebido traços da delicada beleza de Angie. A foto de mãe e filha em vestidos iguais confirmou a sensação.

Leah era mais difícil de identificar. Seu retrato, tirado aos seis meses de idade, oferecia poucos traços maternos ou paternos. Não sendo uma especialista em padrões de desenvolvimento infantil, Julia supôs que o bebê era, simplesmente, jovem demais para se parecer com o pai ou a mãe.

Enquanto se preparava mentalmente para bater à porta de Angie, Julie parou diante de uma série de retratos agrupados em uma única moldura. Nenhuma delas incluía os filhos; provavelmente, haviam sido tiradas durante vários programas românticos ou viagens de aniversário de casamento.

Angie, a modelo de biquíni, ao lado de um Kevin, ligeiramente mais magro, na praia. Apesar dos óculos de sol e da areia branca abaixo de um céu azul no fundo, nenhum deles parecia ter passado muito tempo no sol.

*A lua de mel deles, em Cancun, lembrou-se Julia.*

O feliz casal sentado, provavelmente em um restaurante cinco estrelas, junto a uma garrafa de vinho californiano. Ele exibia um sorriso largo, apontando para

uma fina tira de papel branco, que mostrava um ponto azul.

*O jantar que comemorou a informação de que Angie estava grávida de Tommy.*

Kevin em um smoking, ao lado de uma Angie muito grávida, que usava um elegante vestido preto e saltos altos. Eles estavam diante de um cartaz da peça Les Miserables, ao lado de uma grande limusine. Ela parecia extremamente desconfortável. Ele parecia loucamente apaixonado.

Viagem de comemoração de treze anos de casamento? Imaginou Julia, depois de contar nos dedos, começando em 2027, o ano do casamento deles, e calculando a data do parto de Leah.

A ideia de duas pessoas, que ela havia conhecido no ensino médio, comemorando treze anos de casamento e gerando três filhos fez com que Julia movesse a cabeça, em descrença. Poucos de seus outros amigos tinham parceiros monógamos de longa duração, e poucos tinham mais que um único filho.

Bem, lá vamos nós, pensou ela, batendo gentilmente à porta fechada do quarto.

◆

Elas se abraçaram, de maneira um pouco desajeitada a princípio, antes que qualquer uma delas dissesse uma palavra. O abraço liberou o aroma familiar do perfume favorito de Angie. Julia se sentiu, ao mesmo tempo, aceita… e, repentinamente, envergonhada. Ela é que havia se afastado da amizade, apresentado desculpas para cancelar viagens, e esquecido de enviar cartões comemorando aniversários. Angie nunca havia deixado de sentir a falta dela, nunca havia deixado de convidá-la e também de desejar a amizade de sua amiga de adolescência. Cara a cara, depois de quase cinco anos de táticas de fuga, Julia procurou algum sinal de uma merecida repreensão nos olhos de Angie.

Angie foi a primeira a falar.

— Eu estou tão feliz por você estar aqui.

Uma pilha de roupas rejeitadas, ao lado de uma maleta parcialmente cheia, sugeria que ela havia brincado com o seu guarda-roupa, experimentando uma roupa após outra, esperando ter a melhor aparência possível, sem parecer ter tentado fazê-lo.

— Eu realmente preciso de minha amiga.

O comentário surpreendeu Julia, tanto quanto o aparente desconforto de Angie. Essa era a alegre líder de torcida, que havia atraído rapazes, como moscas ao mel, pouco antes que suas rígidas convicções religiosas os afastassem. Se não fosse a admiração pela pureza, ela poderia ter superado o recorde de Maria, de maior número de convites para o baile de formatura. Angie sempre havia tido suas convicções, independentemente do que os outros pensassem. Sempre parecera segura de quem era. Julia sempre havia admirado a firme confiança de sua amiga. Será que algo havia mudado?

Julia percebeu o silêncio entre elas. Era a sua vez de dizer alguma coisa. Qualquer coisa. Ela havia decidido não planejar esse momento, tencionando retomar a amizade do ponto onde elas a haviam deixado, duas amigas separadas pelo tempo e pelo espaço, mas que ainda tinham uma história singular. Os mesmos professores, os mesmos filmes favoritos, e as mesmas piadas em particular. Ela havia imaginado Angie dizendo algo que oferecesse uma reconexão instantânea com a sua antiga intimidade. Mas agora, essa tarefa cabia a Julia. Ela buscou alguma frase lá no fundo, mas nada veio.

— Você parece ótima — disse Julia, por fim.

Angie se afastou um pouco, para inspecionar Julia.

— Bem. Certamente, você não mudou nada!

Julia enrubesceu ligeiramente diante da referência à sua silhueta, a mesma de quando elas se haviam visto, pela última vez. Seria o comentário um elogio sincero de uma amiga, ou uma observação invejosa de uma mulher que havia amadurecido e agora tinha uma silhueta menos juvenil?

— Você ainda está maravilhosa.

*Julia repreendeu a si mesma, mentalmente. Por que eu disse “ainda”?*

O som de pequenos passos se aproximou pelo corredor, seguido da voz distante de Kevin.

— Volte aqui, Tommy. Deixe mamãe em paz, ela precisa…

Tarde demais. Tommy interrompeu os primeiros momentos do reencontro, para grande alívio de Julia.

— Ora, quem é esse aqui? — disse Julia, curvando-se para admirar o primogênito de Angie. — Eu aposto que o seu nome é Tommy.

Ele parou e assentiu com a cabeça, estranhando o fato de ver outra mamãe no quarto de seus pais.

— Como você se chama? — perguntou ele, como um policial prestes a prender um criminoso.

— Esta é a minha grande amiga, a Srta. Davidson — disse Angie.

Ele baixou a guarda, diante da palavra da testemunha de caráter.

— Você pode me chamar de tia Julia.

A oferta resultou em um sorriso alegre.

— Eu tenho outra tia?

— Agora, tem — respondeu Julia. — E eu vou ficar na sua casa, depois que a sua mamãe e eu voltarmos para casa.

Outra repreensão da autoridade.

— Voltar? Mamãe, você vai “embola”?

— A Srta. Davidson... quero dizer, a tia Julia e eu vamos sair para jantar, e hoje vamos dormir em um hotel, mas voltaremos amanhã à tarde.

Ele se virou e saiu correndo da sala, provavelmente para informar o Oficial Papai da saída iminente da Mamãe.

— Será que estraguei o seu plano? — perguntou Julia.

— Kevin havia sugerido que não contássemos às crianças, até depois que eu saísse, para evitar uma cena. Eu lhe disse que não iria dar certo, mas ele insistiu.

O som do choro de Joy converteu a predição de Angie na crise de Kevin.

— Eles não gostam quando eu saio, e isso é parte da razão por que eu preciso ir — ela fez uma pausa, para corrigir a impressão. — Eu adoro as crianças, mas preciso de algumas horas de conversa de adultos sem interrupções.

Depois de jogar um maiô e alguns cosméticos na maleta aberta, Angie a fechou e, agarrou, alegremente, sua cúmplice pelo braço.

— Vamos sair enquanto ainda podemos!

# CAPÍTULO VINTE E UM

Angíe não sabia o que esperar do jantar com Julia. Ficar a par das últimas novidades da vida da outra, rir de lembranças em comum de algum contratempo durante o ensino superior, ou, talvez, dos conselhos de mulher para mulher a respeito de produtos para cuidados com a pele. Qualquer coisa, menos um ataque tremendo à sua sensação de importância.

Julia não falou por mal. Provavelmente, ela nem mesmo sabia o que causou a ofensa, o que fazia com que Angie se sentisse ainda mais patética.

A primeira ofensa veio quando Angie percebeu que metade dos olhos no restaurante seguia Julia, quando ela voltava à mesa, depois de ir ao toalete. Quando elas eram jovens, Angie atraía a maior parte da atenção. Naquela época, os rapazes apreciavam Julia, pelo seu cérebro, e não pelo seu corpo, apesar do fato de que ela era uma das garotas mais bonitas do campus. Angie se repreendeu, por uma reação tão tola. Ela era uma mulher feliz, casada e mãe de três crianças. No entanto, doeu saber que ela havia passado despercebida.

A segunda aconteceu quando uma série de perguntas inocentes sufocou o ego de Angie.

Angie havia continuado com seu trabalho de enfermeira, em tempo parcial?

Eles ainda tinham a casa em Colorado?

Com que frequência eles iam esquiar, desde a mudança a DC?

Kevin já havia se encontrado com o presidente?

Ela gostou do último filme daquele diretor estrangeiro, cujo nome Angie não conseguiu reconhecer?

Depois de uma hora de conversa, Julia não havia feito uma única pergunta a respeito do foco da existência de Angie; seus filhos. A amiga a quem Angie havia esperado fazer confidências, em quem ela esperava buscar consolo a respeito da condição de Leah, não havia vindo. Julia, como praticamente todos os outros adultos da vida de Angie, estava envolvida no que considerava questões muito mais importantes.

A terceira ofensa aconteceu quando, finalmente, Julia reconheceu os últimos

cinco anos da existência de Angie.

“Então, três filhos. Como é ter três filhos?”

Isso não era, realmente, uma pergunta. Era mais uma reprimenda, misturada com uma perplexa curiosidade, como uma pergunta de uma criança cujo irmão tivesse cedido à pressão dos pais, comendo os brócolis preparados no vapor. Angie refreou sua língua, tentando arranjar uma resposta que desse a Julia o benefício da dúvida.

Foi quando Julia acrescentou insulto à ferida.

— Eu não acho que seria capaz.

— Capaz de quê? De ter filhos? — Angie forçou um comentário alegre, mas ainda pareceu defensiva.

O ar ficou mais pesado, enquanto Julia procurava palavras que pudessem salvar a conversa.

— Bem, sim. Ou melhor, não. Eu acho que estou apenas maravilhada pelo que você está fazendo.

Julia ergueu seu copo, para beber um gole de seu chá gelado, aparentemente esperando que o elogio condescendente tivesse suavizado alguma ofensa.

— O que, por exemplo?

— O que você quer dizer? — perguntou Julia.

— O que há de maravilhoso nisso? — Angie não estava pedindo um elogio. Ela estava aceitando um desafio.

— Não sei. Tudo.

Angie ficou olhando em silêncio, permitindo que sua amiga tivesse tempo para pensar.

Julia começou a mencionar detalhes, mas parou, claramente perdida, sem saber o que dizer.

— Você quer dizer, abrir mão de uma silhueta perfeita e um salário, para tirar a casca de sanduíches de manteiga de amendoim, e ler a mesma estória, na hora de ir para a cama, todas as noites, durante um mês?

Julia riu, mais do que o comentário merecia, mas parou, quando ficou claro que Angie não estava dizendo nada engraçado.

— Eu disse algo errado?

A pergunta alertou Angie, com relação à sua própria intensidade.

— Não. Sinto muito. Eu acho que só…— Angie fez uma pausa. — Foi um mês difícil. Eu estou me sentindo meio nervosa. Como disse, eu preciso de minha amiga.

Ambas sorriram, em uma trégua temporária.

— Você quer conversar sobre isso? — perguntou Julia.

Tentada pela oferta, Angie decidiu não aceitá-la.

— Talvez mais tarde. Vamos pedir uma sobremesa.

Outro erro. Elas “dividiram” o infame e “simplesmente pecaminoso” bolo de chocolate do restaurante Ruth’s Chris. Depois de um pequeno pedaço, instintivamente, Julia pousou seu garfo no prato. Relutantemente, Angie fez a mesma coisa.

Ao abrir a porta do seu quarto de hotel, no terceiro andar, Angie se sentia mais sozinha que nunca. Saindo do elevador no segundo andar, Julia havia usado o cansaço de um longo dia como desculpa para abrir mão da hidromassagem. Angie havia procurado uma desculpa, esperando adiar a retomada da conversa cuidadosamente interrompida. A noite das garotas havia acabado de maneira totalmente diferente da que ela havia planejado.

Julia deveria se interessar e admirar Tommy, Joy, e Leah. Especialmente Leah.

Ela deveria admirar o papel de Angie na influência de Kevin e no seu sucesso, em lugar de considerá-la uma enfermeira desempregada e transferida a uma fábrica de bebês.

Elas deveriam conversar sobre livros que haviam lido, causas que haviam apoiado, sonhos que haviam tido e lembranças que apreciavam.

Mas as duas haviam se modificado. A vida havia criado um abismo entre elas.

Elas viviam em mundos diferentes. Pior que isso, em lados opostos. Mas lados opostos de quê? Até mesmo os temas mais inocentes pareciam cair na linha de fogo de algum conflito que Angie não podia considerar devido a meras diferenças de opinião.

Grande parte da conversa se havia concentrado na carreira de Julia ou nos planos de Kevin, dando a Angie a suspeita do abismo que nenhuma delas parecia capaz de atravessar.

“Você lê a minha coluna?” Julia havia perguntado.

Angie procurou dizer a verdade. “Quando consigo”. Ela havia interrompido a sua assinatura, quando ficou grávida de Tommy. A maior parte das leitoras de Julia era constituída de mulheres solteiras sem fi-lhos. Angie não se incluía nessa descrição. Em um esforço sincero para se por a par da carreira de escritora da amiga, Angie pediu a Julia que lhe dissesse os títulos e as datas das cinco matérias ou colunas em que ela julgava ter se saído melhor. Rapidamente, Angie anotou os títulos que, para sua amiga, seriam equivalentes a seus filhos.

*1: Guy landers da primavera de 2034. Não era de surpreender. Era o trabalho mais conhecido de Julia, até então. Angie e Kevin haviam concordado com o fato de que Julia estava assumindo as rédeas do grupo crescente de homens imaturos.*

2: Boas Resoluções Paternas de fevereiro de 2036.

3: O que a Concepção Tem a Ver com Isso? de outubro de 2039.

4: Mamãe Sabe Tudo de maio de 2040.

5: Livre para Ter Sucesso da semana anterior.

O último título parecia ser território seguro.

— A coluna da semana passada? — perguntou Angie.

— Eu a escrevi depois de uma conversa com uma amiga nossa, Molly Carson.

— A alegre Molly? — Angie sorriu, lembrando-se da gorducha comediante da classe. — Eu não tenho notícias dela há anos. Tenho certeza de que seus pais ainda frequentam a igreja que eu frequentava. Como vai ela?

A resposta de Julia pareceu enigmática, como se ela esperasse proteger Molly da esperada desaprovação de Angie.

— Vai bem, tentando ter um bebê.

— Molly? Quando ela se casou? — Angie se corrigiu, para evitar alguma ofensa. — Quero dizer, ela tem um parceiro?

— A coluna fala a respeito da decisão de Molly, de ter um bebê sozinha — explicou Julia. — Mas eu não usei o nome dela, é claro.

Ela começou, então, a citar trechos de sua matéria.

— Os pais dela desaprovam. Eles querem que ela encontre um parceiro, antes de ser mãe. Eles também a advertiram, para que não projetasse o bebê, vetando as imperfeições genéticas comuns.

Angie não tinha certeza de que queria conhecer a resposta, mas, mesmo assim, perguntou.

— O que ela decidiu?

— Ela interrompeu o processo, por enquanto, mas eu acho que ela vai seguir

adiante, quando solucionar o conflito com os pais. Ela é bastante equilibrada.

*Equilibrada, pensou Angie. Não o tipo religioso cabeça-dura, que escolhe o casamento e a concepção natural.*

Foi então que Angie decidiu não comentar o diagnóstico de Leah. Também foi quando ela se sentiu mais sozinha.

Angie voltou à atividade de desfazer a mala. Alguns minutos depois, telefonou para casa.

— Oi, mamãe! — Tommy sempre vencia papai na corrida para atender ao telefone.

— Oi, querido. Como vai o meu menininho favorito?

— Mamãe, eu sou o seu único menininho! — essa era a sua maneira usual de expressar afeto.

— O que papai está fazendo?

— Trabalhando no escritório. Ele disse que eu poderia tomar outro sorvete — Tommy parecia aliviado ao confessar.

— É mesmo? — foi então que ela viu a hora. Meia hora depois do horário de Tommy ir para a cama.

— Deixe-me falar com ele, por favor.

— Oi, querida — Kevin pareceu igualmente disposto a confessar. — Hã... ele disse que não conseguia dormir.

— Entendo — respondeu ela, com um sorriso, mas uma súbita agitação do outro lado da linha pareceu interromper o perdão dela.

— Desculpe, querida. Alguém está tocando a campainha. Posso ligar para você daqui a pouco?

A linha ficou muda, antes que Angie conseguisse assentir.

# CAPÍTULO VINTE E DOIS

-B oa noite, Congressista.

Era a assistente de Franklin, a mulher em quem Kevin havia, intencionalmente, evitado pensar, desde o breve encontro que haviam tido, no escritório do senador.

— Eu sou Kari Samson. Josh Franklin pediu que eu lhe trouxesse

um memorando confidencial. A hora é adequada?

Não era. Com Angie fora de casa, ele não gostava da ideia de uma mulher atraente entrar na casa.

— É urgente? — perguntou ele.

*Claro que é urgente! Por que o senador faria com que ela viesse à minha casa, numa sexta-feira à noite?*

Kevin se corrigiu.

— Por favor, entre, saia do frio.

Ela percebeu o rosto e os olhos de Tommy aparecendo no canto da parede.

— Olá!

Tommy deixou a cena, ansioso por terminar o sorvete antes que os "quinze minutos mais" que papai lhe havia dado se esgotassem.

— Quando o gato sai? — perguntou ela.

*Como ela sabe que o gato está fora? admirou-se.*

— O gato?

— Suponho que sua esposa esteja fora da cidade — respondeu Kari. — Menininhos não costumam ter um bigode de sorvete de chocolate a essa hora da noite.

Um riso nervoso confirmou a suspeita dela.

— É verdade. Minha esposa foi jantar com uma amiga.

Kevin não mencionou os planos de Angie de passar a noite no hotel.

— Na verdade, nós estávamos conversando.

Pareceu adequado mencionar o telefonema.

— Eu devo ligar de volta. Isso vai demorar?

Antes que ele pudesse concluir a pergunta, Kevin percebeu que Kari estava tirando o casaco. Ela parecia ter vindo de algum tipo de festa. Sua saia curta e seus saltos altos pareciam mais apropriados para um flerte depois do trabalho, e não para o trabalho para o Congresso. Ele pegou o casaco, caminhando até a sala, onde o colocou sobre a poltrona. Ao virar-se, ficou surpreso por ver que ela o havia seguido de perto. Kevin deu um passo para trás.

Ela não disse nada, e estendeu a Kevin uma pasta, assinalada “confidencial”.

Ele quebrou o selo, curioso para descobrir o que era suficientemente urgente para interromper os planos de fim de semana da assistente, e tão importante que não podia ser enviado por meios digitais.

*Boa noite, Kevin.*

*Peço desculpas por incomodá-lo no fim de semana, mas acabo de saber que alguém violou o acordo de confidencialidade de nossas reuniões da coalizão. Há um boato de que você está encabeçando um subcomitê essencial, chamado*

*Pontos Brilhantes.*

*Subcomitê essencial? Aparentemente, alguém estava levando suas ideias suficientemente a sério para não gostar delas. Ele continuou lendo até o fim da página.*

*Como você sabe, qualquer "vazamento" prematuro de propostas pendentes minará a nossa estratégia. O momento oportuno é tudo, nesse assunto. Simplesmente, não podemos permitir que nenhum detalhe deixe a nossa maleta, antes que sejam divulgados os números revisados do orçamento.*

*Por favor, fale com todos os membros do seu subcomitê antes da próxima segunda-feira, para garantir que ninguém fale com a imprensa, ou com qualquer outra pessoa que não faça parte da equipe.*

*Josh Franklin*

Quem falaria? perguntou-se Kevin, consultando uma lista mental das pessoas do seu subcomitê. Nenhuma delas parecia provável. Mas quem quer que fosse, sabia o suficiente para divulgar o assunto dos pontos brilhantes.

Instintivamente, ele se dirigiu à sua mesa, para alertar Troy a respeito do acontecido. No entanto, antes que ele pudesse dar um passo, sentiu a mão de Kari puxando, gentilmente, seu antebraço. Ela tirou a página de sua mão e a virou, para revelar um breve pós-escrito.

*Eu lhe designei Kari para ajudá-lo esta noite.*

*Ela é muito eficiente.*

Kevin levantou os olhos da folha de papel. A mulher estava algumas polegadas mais perto dele, com um único dedo pousado no seu braço.

O telefone tocou, um toque familiar.

Segundos mais tarde, Kevin ouviu a voz de seu filho.

— Oi, mamãe!

Tommy entrou na sala, dirigindo-se a Kevin, que se sentia agradecido pela interrupção. À medida que seu filho se aproximava, Keviu conseguiu ouvir o som distante das perguntas de Angie.

— Por que você ainda não está na cama? O que o papai está fazendo?

Tommy respondeu, antes que Kevin conseguisse pegar o telefone.

— Papai está falando com uma moça bonita.

Três minutos mais tarde, Kevin estava explicando a situação à sua esposa, do outro lado da linha, descrevendo o bilhete de Frankin, depois de pedir desculpas por não estar cumprindo o horário de dormir de Tommy. Ele não disse nada a respeito da aparência ou da atitude de Kari, contentando-se em dizer que um membro da equipe do senador havia deixado o documento urgente, no caminho do escritório para casa.

— Ela acabou de sair — disse ele, de maneira desinteressada, antes de mudar rapidamente de assunto.

— E então, como está o reencontro?

Houve um silêncio na linha, seguido pelo som do choro inutilmente reprimido.

— Querida? O que há de errado? — ele reconheceu o som aflitivamente semelhante ao do dilúvio que ocorreu durante a consulta com o pediatra. — Aconteceu alguma coisa?

O som de um lenço de papel abafando soluços.

— Não.

— Você quer conversar sobre isso?

Uma breve pausa.

— Eu estou desperdiçando a minha vida?

— O quê? — perguntou ele, em um tom muito mais alto do que havia pretendido. —Você não está falando sério. Você tem a vida menos desperdiçada do que a vida de qualquer pessoa que eu conheço!

O último soluço de Angie foi vencido por uma risada de alívio. Por razões que Kevin não conseguia entender, ela precisava do apoio dele, tanto quanto ele precisava do apoio dela.

— Isso tem a ver com a Julia? — perguntou ele.

— Ela parece tão estável. Tão bem sucedida e tão conectada. Você sabia que ela tem nove milhões de leitores?

— E você tem um marido e três filhos. Eu chamo isso de um grande sucesso!

Soou a campainha. Kevin percebeu que o casaco de Kari ainda estava na poltrona da sala.

— Não desligue, Angie. Eu volto logo.

Ele queria sua esposa na linha. Não corra riscos.

Colocando o telefone na mesinha, Kevin pegou a maçaneta para entregar o casaco rapidamente, mas Kari estava a um metro da porta. Tão logo viu Kevin, virou-se, em um convite silencioso para que ele colocasse o casaco sobre os seus ombros trêmulos.

Ele fez isso.

— Obrigada. Sr. Congressista — disse ela, virando-se com uma piscadela. — O senhor tem certeza de que não precisa de mais nada hoje?

Kevin fechou a porta sem dizer nada, pegou o telefone, e espiou pela janela da frente, para confirmar a partida de Kari.

— Pronto, estou de volta — disse ele, agarrando-se à salvação de vida em forma de telefone. — De que estávamos falando?

— Você estava falando sobre a minha vida nada desperdiçada.

— Isso mesmo — respondeu ele, com um suspiro de alívio.

# CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Julia percorreu um interminável cardápio de opções, esperando encontrar algo que pudesse distraí-la de sentimentos que ela tentava ignorar, sem sucesso. Apesar do fato de que ela tinha toda a história da produção de filmes e televisão disponível ao toque de um controle remoto, nada conseguia chamar a sua atenção. Ela tirou o som e continuou com a imagem, apenas para ter companhia. Um professor de expressão cansada parecia estar proferindo uma palestra entediante. Ele falava a um universo invisível de alunos de faculdade, que estavam fazendo um curso de Sabese Lá o Qye I, no conforto das salas de suas casas ou tablets digitais. O ícone na parte inferior da tela dizia a Julia que ela havia entrado na IQ.TV, a rede para a escola profissionalizante e para alunos dos primeiros anos de faculdade, no escalão inferior da escada do orçamento para a educação.

Julia sentiu medo de que estivesse tendo um ataque de pânico. O tremor em suas mãos começou no momento em que ela deixou o elevador. Talvez ela tivesse sido excessivamente bem sucedida no controle de sua raiva, o que levou o seu corpo a se expressar através de outros meios. Ou talvez ela estivesse apenas cansada de um longo dia de viagem. De qualquer forma,]ulia queria tirar de sua mente dois pensamentos mutuamente exclusivos que as últimas horas haviam gerado.

1. Angie personificava tudo o que Julia desprezava.

2. Angie tinha tudo o que Julia queria.

Estúpidas inseguranças! Ela se repreendeu, teclando um número no telefone.

— Oi,Mana.

A voz de Maria não tinha a sua animação usual, mas ainda oferecia a Julia uma corda de salvamento.

— Só estou ligando para saber como estão as coisas.

Mentira. Ela precisava conversar com alguém.

— Você está bem? A sua voz parece diferente.

— Estou bem — disse Maria. — Foi só outra briga com Jared.

— Algo a ver com o seu encontro com Fin?

— Não. Bem, não exatamente.

Julia esperou, sabendo que havia mais por vir.

— Eu lhe disse que não acho que vou continuar encontrando o Sr. Finelson socialmente.

Encontrando-o socialmente? Julia se admirou da descrição daquela travessura de uma noite.

— Jovem demais?

— Não! — ofendida. — Bem, mais ou menos.

Maria parecia mais evasiva que o seu costume usual de contar tudo.

— Conte tudo, Maria. É comigo que você está falando — incentivou Julia.

— Desculpe. Eu acho que ainda estou tentando entender as coisas.

Julia esperou novamente.

— Nós nos divertimos, você sabe. Mas eu acho que estou pronta para uma mudança.

— Pronta para uma mudança? Um único encontro e você já quer “partir para outra”?

— Eu não me refiro a substituir Fin, por si só. É mais uma mudança para alguém mais... — Maria fez uma pausa, para encontrar as palavras corretas.

— Maduro?

— Não! — ofendida outra vez. — Bem, talvez. Alguém a quem Jared pudesse admirar. Ou, pelo menos, aceitar.

Julia estava sem palavras. Nas duas décadas em que ela havia sido a confidente da vida amorosa de sua irmã, nunca tinha ouvido nada remotamente parecido com remorso.

— Ele está muito aborrecido? — sugeriu Julia.

— Furioso — confirmou Maria. — Ele me chamou de uns nomes bem feios.

— Humm.

— Na verdade, é assim que os amigos dele me chamam — explicou Maria. — Jared disse que ele está aguentando as piadas a respeito do meu encontro até hoje. Um dos rapazes enviou uma mensagem, chamada A REUNIÃO COM A MÃE FAVORITA DO SR. FIN. Meu rosto no corpo nu de uma mulher. O rosto de Fin em um peixe, tipo linguado. Você pode imaginar a posição em que eles estão.

— Sinto muito — disse Julia, lembrando-se de um incidente similar depois da formatura de Maria. Eles nunca conseguiram descobrir quem enviou a imagem, e ela nunca se esqueceu da humilhação no rosto de sua irmã.

— De qualquer maneira, Jared ficou muito aborrecido. Eu pedi desculpas. Anotação mental para mim mesma: “Não namorar professores de Jared”.

— Provavelmente, uma boa ideia — disse Julia, sabendo que Jared desejava algo mais que um “professor para sempre”.

— Ei, eu pensei que você ia sair com Angie Tolbert esta noite. Por que está me ligando?

— Acabo de voltar do jantar. Você tem um segundo?

— É claro. A única coisa na minha agenda é tirar pipoca e chocolates M&M do sofá.

— O quê?

— Jared jogou a tigela pela sala — explicou Maria. — Ele perdeu o interesse no filme que estávamos vendo.

Pausa momentânea.

— Você se lembra bem de Kevin Tolbert? — perguntou Julia.

— Nós nunca namoramos, se é isso que você está pensando. Ele era bonito, mas já era veterano quando eu era caloura. Universos diferentes. Além disso, ele e Angie já estavam comprometidos. Você o viu?

— Só por um minuto. Eu encontrei Angie na casa deles, antes que nós fôssemos jantar juntas.

— Como está Angie-Pangie?

— Ela sempre detestou que você a chamasse assim.

— É por isso que eu fazia isso. Para que serve uma irmã mais velha, se você não pode irritar a melhor amiga dela?

— Ela parece bem. Três filhos. Ela esperou a reação de Maria ao tamanho da prole de Angie, esquecendo-se de que Maria era a bibliotecária oficial da casa para tais detalhes.

— Como é a pequena Leah?

Julia pensou, por um momento. Ela deve ter visto o bebê, mas não conseguia se lembrar de nada digno de nota. Como deveria ser ela?

— Por favor, diga que você, pelo menos, fingiu elogiá-la.

Ela não havia feito isso.

— Você é um caso perdido!

— Nós estávamos com pressa.

O silêncio de Maria enviou uma censura invisível.

— Por que você perguntou sobre Kevin? — perguntou ela, para acabar com o isolamento de Julia.

— Não sei. Eu estou tentando unir os pontos entre o que ele e Angie eram, e o que eles se tornaram.

— Tornaram?

— Você sabe — hesitou Julia. — Progenitores.

Ela se sentiu mal, depois de ter usado essa palavra. Julia se orgulhava de uma aceitação imparcial, uma mente aberta para todos os modos de vida. Por que, então, as escolhas de Angie a aborreceram o suficiente para fazer com que ela escolhesse um rótulo humilhante?

— Eu não posso dizer que isso me surpreenda — disse Maria. — A família de Angie era muito certinha, quando nós estávamos crescendo. Você se lembra de quando ela nos convidava à igreja?

Julia se lembrava de muitas ocasiões.

— Sempre foi — não sei — meio esquisito. Como se ela estivesse em um culto bizarro, ou algo assim.

— Eu fui com ela, algumas vezes — disse Julia — mas não me lembro de Kevin indo à igreja. Na verdade, eu me lembro de pensar que ele poderia ajudar a equilibrar Angie. Os pais dela ficaram muito aborrecidos quando ela começou a namorar Kevin, no seu primeiro ano na faculdade. Eles queriam que ela namorasse um rapaz bom e religioso, e não um atleta de boa aparência.

— Talvez ela é que esteja equilibrando Kevin.

*Julia percorreu uma lista mental. Três filhos. Perspectivas religiosas radicais. Mamãe abre mão de sua carreira. Iniciativa Anti-Juventude. Provavelmente, até mesmo opostos à seleção in vitro.*

— Eu não usaria a palavra equilibrar — respondeu Julia. — Eu detesto fazer críticas, mas eles realmente se encaixam no estereótipo.

Julia havia se tornado uma das colunistas mais populares dos Estados Unidos, defendendo uma filosofia que era o oposto do que os progenitores valorizavam. Não é de admirar que Angie parecesse insegura e defensiva. Não é de admirar que Julia se sentisse irritada, e não relaxada, depois do jantar com sua amiga.

— Foi estranho — confessou Julia. — Nós passamos a noite inteira tentando evitar minas terrestres na conversa. Eu acho que nós duas perdemos alguns membros, no processo.

— Algumas amizades funcionam melhor a distância — sugeriu Maria.

— Suponho que sim.

*Eu só preciso sorrir durante todo o fim de semana e conseguir uma entrevista com Kevin, pensou Julia. E então poderemos voltar ao nosso afastamento confortável.*

— Você e Jared vão ficar bem?

— Nós vamos ficar bem.

Julia começou a se despedir, mas Maria a interrompeu.

— Você nunca vai adivinhar quem telefonou hoje.

— Quem? — perguntou Julia, sem interesse.

Maria demorou um segundo a mais do que deveria.

— Jonathan Sowell.

*Julia se sentiu um pouco emocionada. Talvez bancar a difícil funcione, afinal. "E?"*

Reticência momentânea...

— Vamos, Maria. O que ele disse?

— Ele me perguntou se eu gostaria de jantar com ele amanhã.

Um longo silêncio.

— Sinto muito, Mana.

# CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Osom teria sido imperceptível para qualquer outra pessoa, mas, para Matthew Adams, havia se tornado insuportável, superando o tranquilo zumbido de um refrigerador já velho e o fraco fluxo da água passando pelos canos da casa para um ciclo de enxágue na máquina de lavar.

*Crunch. Smack.*

*Crunch. Smack.*

Ele tentou ignorar a distração, concentrando-se na planilha exibida no tablet à sua frente. Os números, notavelmente similares aos que ele revisava no último sábado de cada mês, eram mais que suficientes para ocupar sua mente cansada:

RENDA DOS TRABALHOS NO CAMPUS: $6325

DESPESAS MENSAIS ATÉ HOJE: $5945

CONTAS PENDENTES: $1273

Outra oportunidade de tirar o dinheiro do Peter das escassas economias de sua mãe, e pagar o Paul com os recursos que seriam utilizados para cuidar do corpo enfermo dela.

*Crunch. Smack.*

*Crunch. Smack.*

Matthew olhou para sua mãe. Ele não disse nada. Em vez disso, pegou seu copo de suco de laranja em uma mão e o tablet na outra, para ir até a outra ponta da mesa, fora de alcance.

Ele voltou à sua análise. Quais contas seriam pagas esta semana? Quais poderiam esperar para ser pagas após o vencimento? Ele se lembrou de suas horas reduzidas. O próximo pagamento seria menor. Ele praguejou, em voz alta.

*Crunch. Smack.*

*Crunch. Smack.*

— Mamãe! Paciência tem limites. Por favor, você pode parar com isso?

Ela devolveu o seu olhar com uma expressão confusa.

— Será que o bairro inteiro precisa ouvir você mastigar?

Ele empurrou a tigela de cereais, parcialmente vazia, em direção ao meio da mesa.

— Eu preciso de silêncio, se quiser entender essa confusão!

— Desculpe, filho.

Ela produziu uma lágrima, como uma criança abalada pela súbita punição, devido a uma transgressão obscura.

Matthew empurrou a tigela de volta à sua mãe, colocando a mão sobre o braço

dela.

— Não tem importância.

Ela retomou o café da manhã.

*Crunch. Smack.*

— Eu estarei no meu quarto — disse ele, saindo da cozinha.

Matthew não gostava de perceber que a sua paciência estava ficando cada vez menor. Sua mãe e ele sempre haviam tido um relacionamento muito próximo, especialmente quando ele era mais jovem. Mas a mulher que antes havia soprado o vento debaixo das asas dele agora parecia uma âncora exasperante.

Ele parou, repentinamente voltando para junto da mesa.

— Você se lembrou de tomar os comprimidos antes do café da manhã?

Os olhos dela se moveram, de um lado a outro, procurando um arquivo interno. Matthew soube, imediatamente, que ela não conseguia se lembrar, sentenciando-o a uma investigação no armário do banheiro dela, onde encontraria e então contaria os comprimidos remanescentes. Esse era o costume, para impedir que ela se esquecesse de tomar os remédios, ou tomasse o dobro da dose diária.

Meia hora depois, Matthew colocou sua mãe, agora vestida, na cadeira favorita dela, em uma sala abarrotada, com móveis em excesso para permitir uma movimentação confortável. Entregando a ela um leitor digital de livros, ele apertou o botão INICIAR. A voz de um ator começou a leitura, enquanto ela tentava acompanhar o texto que era exibido na tela.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— Tudo — respondeu ela, dando-lhe um tapinha agradecido na mão. — Você pode ir.

Ele se retirou ao santuário de um quarto em que as paredes retratavam restos de uma vida que ele havia pretendido viver.

Uma moldura que exibia uma carta de aceitação da universidade que ele ainda tinha esperanças de frequentar.

Um pôster do jogo virtual que ele ainda planejava vencer.

Um capelo da formatura do ensino médio, convertido em uma moldura que exibia a sua fotografia favorita, Matthew sentado ao lado de Maria Davidson, vestida como líder de torcida. Ele havia extraído a imagem do anuário do ensino superior. Um fotógrafo do anuário havia tirado a foto, durante uma das três ocasiões que Matthew havia aproveitado para se sentar com Maria, no almoço. A descoberta da existência dessa fotografia havia sido o ponto alto de seu último ano, um lembrete do que talvez tivesse acontecido se ela tivesse aceitado o seu convite para o baile.

Lançando-se sobre a cama, Matthew pegou o controle remoto que estava sobre o seu criado mudo, para despertar uma tela gigantesca que enchia a parede oposta. O seu tablet portátil se tornou, imediatamente, numa espécie de volante com que ele poderia navegar em meio a várias opções. A conversa com o Dr. Vincent ainda estava fresca em sua mente, e ele procurou e encontrou dois documentários relacionados ao assunto.

AGOSTINHO: DE PECADOR A SANTO — Uma narrativa da vida de Santo Agostinho, um bispo do século V, que teve uma enorme influência sobre a teologia do ocidente cristão.

O BEM VERSUS O MAL — Durante o século III d.C., o maniqueísmo emergiu, como uma religião, misturando ideias do antigo paganismo com o culto cristão, que crescia rapidamente. Sendo uma fé gnóstica, o maniqueísmo ensinava que Deus é puramente espírito, e que não criou o mal de um mundo material, que é atribuído ao senhor das trevas, Satanás.

*Espírito, bom. Corpo, ruim, lembrou-se Matthew, escolhendo o segundo programa. A tela recusou o seu comando, exibindo, em lugar do programa, um texto que o lembrava de sua inferioridade financeira.*

O PROGRAMA SELECIONADO NÃO ESTÁ DISPONÍVEL PARA ASSINATURAS GRATUITAS. FAÇA O UPGRADE AGORA!

Matthew decidiu não fazer uma despesa adicional, e, em vez disso, decidiu navegar pela sua opção costumeira de entretenimento, vendo as últimas postagens de colegas de formatura de Littleton High, em 2027. Havia quatro atualizações, desde a sua última consulta.

Roberto Ortega anunciava a sua recente promoção ao cargo de gerente de vendas distrital de uma linha de alimentos especiais. A fotografia exibia Roberto e sua namorada comemorando com margaritas e um prato de anéis de cebola.

Cynthia Beal se vangloriava de ter outro artigo publicado no The New England Journal of Medicine. Não havia nenhuma fotografia, somente um link, que Matthew não podia acessar, devido à sua assinatura de camponês.

Colin Smith disse que uma de suas canções estava subindo nas paradas, chegando ao ar rarefeito das 200 músicas mais baixadas. Uma fotografia mostrava Colin sentado em um estúdio, ao lado de Bret Reese, um artista country em ascensão. Colin sempre havia sido um músico talentoso, escolhido, provavelmente, para viver em Nashville pelos seus colegas de formatura. Matthew se lembrava dos planos de Colin, de ser um artista que gravava seu próprio material. Aparentemente, escrever canções para artistas famosos pagava mais que o circuito de casamento e cerimônias de bar-mitzvah.

Kanisha Wood havia publicado uma fotografia ao lado de sua filha de dez anos de idade, segurando uma faixa de premiação, obtida durante uma recente competição de natação.

A filha se parecia mais com sua antiga colega de classe do que a agora rechonchuda Kanisha se parecia com ela mesma, vários anos antes. Ambas tinham o mesmo sorriso brilhante.

Matthew reviu o dado mais recente no seu próprio perfil. Fazia meses que ele o havia publicado, uma vez que nada havia acontecido que valesse a pena compartilhar.

MATTHEW ADAMS: “Aproximando-me do primeiro rascunho de minha tese”.

Ele havia incluído um retrato dele mesmo, diante do edifício do UC Department of Philosophy, para fazer com que a mentira parecesse mais autêntica. Será que alguém acreditou na postagem? Será que alguém a havia lido?

— Matthew!

O grito parecia um pedido de ajuda.

— Mamãe? — Matthew saltou da cama e saiu pela porta do quarto. — Onde você está? Qual é o problema?

Ao entrar correndo na sala, percebeu a cadeira de leitura vazia. Rapidamente, espiou o chão da cozinha, esperando, de certa forma, vê-la segurando um tornozelo torcido ou uma cabeça ensanguentada.

— Matthew! — gritou ela, atrás de uma porta fechada, desta vez com mais urgência na voz do que antes. — Estou aqui dentro.

Matthew virou a maçaneta, para revelar uma cena muito familiar. — Outra vez, não! — gemeu ele.

Outro acidente no banheiro.

# CAPÍTULO VINTE E CINCO

-S im, tenho certeza! Julia usou a voz mais entusiasmada que conseguiu. Mesmo assim, Angie parecia relutante. Kevin e ela não haviam saído juntos durante meses, mas ela se sentia culpada por aceitar a oferta de Julia, de cuidar das crianças por uma noite.

— Ora, Angie. Qyando é que eu consigo ser a tia Julia de alguém? —lembrando-se de seu sobrinho, Julia acrescentou — Jared não vale. Ele não me acha mais bacana.

Isso era tudo o que Angie necessitava.

— Bem, talvez nós possamos sair para um jantar rápido e voltar a tem po de colocar as crianças na cama.

— Nada feito - disse Julia. — Ou vocês ficam fora de casa até que as crianças tenham dormido, ou eu retiro a oferta.

Angie não mais conseguia reprimir seu entusiasmo, com um sorriso enorme dominando seu rosto adorável.

— Kevin vai ficar tão surpreso!

A oferta aceita terminou, magicamente, com a estranha partida de tênis, de comentários artificiais que estavam sendo feitos, como se fossem uma verdadeira conversa. Elas retomaram o seu passeio pelo shopping cheio de gente, em confortável silêncio, como combatentes relutantes, momentaneamente restauradas à categoria de grandes amigas.

Vendo o quadro de lojas do shopping,Julia passou seu braço pelo de Angie, como uma estudante ansiosa por contar a última fofoca.

— Tive uma ideia.

Julia acelerou o passo, arrastando Angie em direção ao quadro. Ela parou, para examinar a lista de lojas com a ponta de seu indicador.

— Tem que estar aqui, em algum lugar.

Angie pareceu gostar do repentino mistério.

— O que é que estamos procurando?

Julia desistiu, optando por pedir orientação ao programa ativado por voz.

— Mostre-me lojas de lingerie feminina.

Ela se voltou para Angie, com um sorriso astuto, enquanto uma lista de lojas de lingerie aparecia na tela diante delas.

— Eu acho que você deveria surpreender Kevin.

Angie enrubesceu, e então assentiu, com a cabeça.

— Vocês devem reservar um quarto no hotel — sugeriu Julia. — Eu tenho certeza de que consigo lidar com a hora de dormir e o café da manhã.

Os olhos de Angie brilharam, e depois se apagaram.

— Oh, isso seria maravilhoso.

— Mas?

— Nós temos compromissos na igreja, pela manhã.

Julia sentiu seu estômago encolher.

— Entendo.

— Na verdade…

*Lá vem, pensou Julia.*

—… Eu ia lhe perguntar se você estaria interessada em vir conosco.

A última vez em que Julia havia estado em uma igreja foi para o casamento de sua prima, cinco anos antes. Já fazia muito tempo que ela não comparecia a um culto matinal de domingo.

— Eu sei que você teve uma má experiência na congregação de Littleton.

O comentário reavivou a memória de Julia. O seu último culto dominical havia

sido alguns anos depois da formatura na faculdade. Ela havia acabado de voltar para Littleton para morar em uma casa com Maria, que precisava de auxílio com o recém-nascido Jared. Também naquela ocasião, Angie havia sido a culpada.

— A igreja que frequentamos aqui é diferente da minha igreja. Você poderá gostar dela.

*Improvável.*

— Eu adoraria ir — mentiu Julia.

Angie pareceu su rpresa, como se tivesse imaginado uma conversa mais longa que, repentinamente, foi abreviada.

— É mesmo? Que bom! É um certo problema conseguir aprontar as crianças pela manhã. Nós saímos por volta das dez, para chegarmos a tempo de assistir a liturgia das dez e meia.

Liturgia? Julia nunca tinha ouvido Angie usar essa palavra, em conexão com a sua antiga igreja.

— Sabe o que vamos fazer? — continuou Angie. — Kevin e eu vamos ficar fora de casa, até depois de você colocar as crianças na cama, e então vamos entrar despercebidos. Acredite, Kevin vai gostar da surpresa, seja em casa ou em um hotel.

— Então, temos um acordo — concordou Julia.

Angie colocou seu braço debaixo do de Julia, e ambas seguiram em direção à loja de lingerie.

◆

Quatro horas depois, Julia sentia o peso do corpinho de dois anos de Joy pressionado contra o seu, um tremor ocasional com os vestígios da explosão de raiva que ocorreu quando Kevin e Angie saíram pela porta da frente. Ficar sem mamãe por 24 horas já era suficientemente ruim, mas vê-la sair com papai, depois de um breve reencontro, deixaria a maioria dos bebês a caminho de um transtorno de estresse pós traumático. Tendo sobrevivido à difícil experiência de acalmar uma criança histérica, Julia gostou da sensação da respiração ruidosa de Joy, como intervalos de disparos de metralhadora, a cada quinze ou vinte segundos.

Julia se lembrava de momentos similares, quando Jared era pequeno. Parecia que havia sido ontem, e há cem anos.

— Tia Julia.

A voz sobressaltou uma Joy exausta.

— Sim, Tommy — sussurrou Julia.

— Eah fez.

— Leah fez o quê?

Ela percebeu que Tommy tampava o próprio nariz.

— Oh, ela precisa trocar de fralda?

Um vigoroso aceno com a cabeça.

— Eu já vou.

Tommy voltou à mesa da cozinha, onde uma pilha de peças Legos esperava a sua volta.

Julia começou a levantar o corpo de Joy, esperando colocá-la sobre o sofá, onde ela poderia continuar o processo de adormecer. Não deu certo. Os sons crescentes de uma explosão de raiva fizeram com que Julia aproximasse Joy outra vez. Percebendo o depósito de muco e saliva na sua manga esquerda, Julia estendeu a mão para a caixa de lenços de papel. Vazia.

— Tô com fome! — chamou Tommy, do centro de seu próprio universo. — Posso comer uma banana?

A seguir, veio a voz de Leah, um ligeiro suspiro de alívio misturado com um choro de desconforto.

Três contra um. Uma paralisia momentânea. Ao sentir o cheiro no ar, no entanto, a indecisão de Julia terminou. Com Joy ainda cobrindo seu ombro, Julia aproximou Leah, que estava sentada em seu cadeirão, ao lado da próspera cidade de Lego de Tommy.

Tirar a bandeja e soltar a correia do cadeirão de Leah com uma única mão provou ser algo difícil demais. Julia não tinha escolha, exceto colocar Joy em uma cadeira ao lado de Tommy, tentando agir rapidamente para acalmar o choro cada vez mais intenso de Leah.

— Posso comer uma banana? — repetiu Tommy, com a língua estendida mantida, estrategicamente, no lugar, pelos seus lábios apertados, aparentemente para ajudá-lo a se concentrar em uma etapa crucial no processo de construção.

Percebendo que havia sido abandonada, em favor de Leah, Joy deixou de ser uma criança sedenta de conforto para se tornar uma tirana movida pela vingança. Ela ficou em pé, em sua cadeira, para examinar a cidade em miniatura de Tommy, em busca da arma perfeita. Dez segundos depois, um arranha-céu de dez polegadas de altura passou pelo ombro de Julia, em direção à parede, onde se transformou em quinze blocos espalhados pelo chão.

De uma paz relativa a três crianças chorosas, em menos de sessenta segundos, pensou Julia.

Depois de resgatar Joy da retaliação tencionada por Tommy, ela tirou Leah da cena, e correu ao berçário, onde um suprimento de lencinhos, fraldas e pijamas poderia resolver um terço da crise. Essa era a sua primeira oportunidade de se concentrar no bebê, desde a comoção da saída de Angie e Kevin.

Alguma coisa parecia errada, ou, pelo menos, diferente. Leah estava mais quieta e sedada do que Julia havia esperado. Ela tentou se lembrar de quando Jared tinha a mesma idade. Ele não havia sido mais agitado? Ela se lembrava do seu sobrinho engatinhando aos sete meses de idade. Ele havia encontrado e destruído um dos vasos de Julia, cheio de flores recém-cortadas. Praticamente aos onze

meses de idade, Leah parecia passiva demais, para atacar decorações inocentes.

— Leah — Julia se ouviu dizer, em um tom gentil e melódico, enquanto esfregava talco na barriga da bebê. — Você é uma menininha feliz? Hein? Você é uma menininha feliz?

A resposta veio na forma de um pequeno sorriso que forçou sua língua para fora e quase fechou os seus olhinhos.

— Você fez errado! — Tommy, o engenheiro, se transformou em Tommy, o crítico sobre cuidados com Leah.

— O que fiz errado? — perguntou Julia.

— Você tinha que usar a loção antes.

Julia percebeu o frasco de loção de bebê sobre o trocador.

— Peguei! Que tal?

— Isso mesmo — aprovou Tommy.

Dois novos olhinhos espiaram, quando Joy se uniu ao grupo de admiração da bebê.

# CAPÍTULO VINTE E SEIS

Kevin ainda estava chocado. Em menos de duas horas, ele havia sido promovido, de saliva e manteiga de amendoim e geleia com as crianças, para um restaurante cinco estrelas diante da mulher mais bela do mundo.

— Você está linda — Kevin levantou uma taça, em brinde ao vestido mais deslumbrante de sua esposa. — E eu ainda não acredito que você conseguiu isso.

— Graças a Julia — insistiu ela.

Brindando gentilmente, com suas taças, eles beberam um pouco antes de abrir os cardápios.

— Você está se sentindo melhor hoje?

Kevin se lembrava da ligação de Angie, cheia de dúvidas a seu próprio respeito.

— Um pouco. Julia e eu nos demos muito melhor hoje. Eu acho que eu estava um pouco tensa ontem. Você sabe, vê-la pela primeira vez em quase cinco anos.

— Ela mudou?

— Na verdade, não. Isso é parte do problema. Eu não sou mais a pessoa que era, quando jovem. Você sabe, as crianças e tudo o mais. Mas ela é a mesma.

— Você parece melhor que nunca — disse Kevin.

Angie fez uma pausa suficientemente longa, para oferecer um sorriso agradecido.

— Julia parece ver o mundo todo, inclusive eu, através de lentes diferentes. Eu tenho a impressão de que ela sente pena de mim, como se eu fosse uma garota insensata, que tomou uma decisão errada após outra.

— Com base no que eu me lembro, a respeito de Julia, tenho certeza de que ela acha que nós dois somos maus motoristas — disse Kevin. — Provavelmente ela critica o outro lado de praticamente todos os assuntos que nos preocupam.

Angie concordou.

— E praticamente todas as escolhas que eu fiz. Ela sempre foi a esquerda da

esquerda, mesmo quando estávamos na escola. Eu não sei o que eu achava que poderia acontecer. Talvez que o tempo e a maturidade, magicamente, a modificassem. Uma tolice, eu acho. Mas eu ainda a amo. Ela é a minha amiga mais antiga.

Kevin bufou, fingindo estar ofendido.

— Eu disse “amiga mais antiga”, e não melhor amiga — disse ela, colocando sua mão na dele. — De qualquer maneira, ela aceitou o meu convite para ir à igreja amanhã. Nem mesmo discutiu. Quem sabe?

Kevin esperou um momento, permitindo espaço suficiente na conversa para mudar de assunto.

— Podemos conversar sobre Leah?

Ela sorriu, como se estivesse esperando que ele tocasse no assunto.

— Esta semana, eu fiz algumas pesquisas — disse ele.

— Sobre o quê?

— Opções de tratamento.

Kevin tentava decifrar a linguagem corporal de Angie.

— Você ouviu a médica, Kevin. A síndrome do X frágil não tem cura.

— Eu não estava procurando uma cura, estava procurando algo que pudesse dar a ela uma vida moderadamente normal.

Angie esperou sem dizer uma palavra sequer, seus olhos sugerindo uma indignação crescente.

— Eu sei o que você está pensando, querida — ele disse, apressadamente. — Mas, por favor, me ouça.

— Eu estou pensando que você quer “consertá-la” — disse Angie, severamente, detendo o progresso dele. — Eu conheço você, Kevin Tolbert. Uma das coisas que eu amo em você é a sua capacidade de fazer as coisas acontecerem.

Conseguir que as coisas sejam feitas. Mas Leah não é um negócio fracassado que precisa de uma estratégia de reviravolta. Você não consegue consertá-la.

— Eu sei que não consigo consertá-la, mas também não posso ficar sentado, sem fazer nada. Eu sou o pai dela, pelo amor de Deus.

A voz dele se rompeu, motivando um toque instintivo de Angie.

Kevin bebeu um gole de água para reaver sua compostura.

— É errado tentar tudo o que eu puder?

— Não. Não é errado — respondeu Angie, apertando a mão de seu marido. — Nada poderia estar mais certo. Mas ela não está quebrada. Ela é apenas… diferente.

— Deixe-me, pelo menos, contar a você o que descobri — insistiu ele. — Então poderemos decidir juntos se vamos examinar o assunto com mais profundidade.

Ele interpretou o silêncio dela como consentimento.

— Troy conhece um sujeito que trabalha com o diretor de pesquisas em epigenética, em um grande laboratório de pesquisas, perto de Richmond — Kevin tirou do paletó um tablet, para ler os detalhes que Troy havia incluído em suas notícias diárias. — Aqui está. Dr. Wayne Galliger. De qualquer maneira, eles estão aceitando inscrições para um tratamento experimental para os que sofrem de problemas mentais, como...

— Posso lhe contar sobre o que eu aprendi, esta semana?

A interrupção lhe disse que Angie não tinha interesse em tratamentos experimentais, como ele temia. Ele colocou o aparelho de volta no bolso e adotou uma postura de ouvinte.

— Continue.

— Normal não quer dizer bom — começou Angie.

Uma expressão de confusão no rosto de Kevin.

— O que isso quer dizer?

— É algo que o Pastor Seth disse, durante a nossa reunião, nesta semana.

— Quando você se reuniu com o Pastor?

— Na quinta-feira. Eu precisava conversar com alguém. A sua esposa, Talia, participou da conversa. Uma senhora meiga.

— Ela também é de Uganda? — ele forçou um sorriso competitivo, em um esforço para aliviar a atmosfera.

— Ele não é de Uganda — disse Angie, com um ar de triunfo.

— Não me diga que ele é da Etiópia.

— Não — confessou ela. — Ele é do Egito. A sua família veio para cá quando ele tinha sete anos, para fugir da perseguição. Mas Talia nasceu em Chicago.

— O que ele quis dizer, quando disse que normal não é bom?

— Normal não é sempre bom — corrigiu ela. — Muitas pessoas nos considerariam anormais, pelas escolhas que fizemos. Julia, certamente. Mas, às vezes, anormal é bom.

*Como alguém poderia dizer que o problema de Leah é bom? perguntava-se Kevin.*

— Talia disse que, em um mundo onde os seres humanos são tratados como mercadorias, as pessoas que criam filhos com deficiências são heroicas.

— Ora, Angie! — aceitação passiva nunca havia feito parte do DNA de Kevin. — É claro que nós vamos amar e cuidar de Leah, mas isso não quer dizer que devemos ignorar oportunidades de ajudá-la a vencer suas deficiências. Nós dois fizemos cirurgia a laser, nos olhos, para podermos ter visão normal. Isso nos tornou heróis?

Angie pressionou os lábios, como se estivesse, relutantemente, absorvendo a pergunta de Kevin.

— Eu sinto muito, querida — disse ele — mas eu acho que será errado ignorar opções para Leah. Isso não quer dizer que eu esteja tentando consertar uma criança quebrada... — A voz dele falhou, outra vez. — Só quer dizer ajudá-la a ver com mais clareza.

O garçom chegou com a sopa do dia, lembrando o casal de que eles estavam em um encontro.

— O que você acha de esperarmos alguns dias para absorver a notícia a respeito de Leah, antes de conversarmos sobre as opções? — perguntou Kevin.

— Talvez nós pudéssemos ir juntos, conversar com o Pastor Seth? — pediu ela.

— Eu gostaria disso. Mas, agora, eu gostaria de comemorar.

A expectativa passou pelo rosto de Angie, expondo a covinha que Kevin sempre havia achado irresistível.

— Comemorar? Comemorar o quê?

Ele levantou uma colher da sopa de mariscos, convidando Angie a se unir a ele, em um brinde. Rapidamente, ela pegou um pouco de sopa de seu próprio prato, e encontrou a colher dele no meio da mesa. Um ligeiro derramamento do conteúdo das duas colheres motivou uma risada alegre.

— Aos nossos três filhos. Dádivas do céu — propôs ele.

— A uma pausa de nossas atividades incessantes — retribuiu Angie, com um suspiro.

— À mulher mais bela do planeta Terra — acrescentou Kevin.

— E ao congressista mais bonito do Colorado, que vai mudar o mundo!

Eles começaram a tomar a sopa, enquanto Angie esfregava seus dedos, fora do sapato, na perna de seu marido.

# CAPÍTULO VINTE E SETE

-V ocê tem certeza disso? — perguntou Julia. Os olhos de Tommy se arregalaram, como os de uma testemunha flagrada em perjúrio. — Tenho certeza de que a sua mãe disse que você podia beber só um copo d'água, para não molhar a cama.

— Papai me deixa beber dois.

O seu último esforço para retardar a inevitabilidade da solidão da lâmpada do criado-mudo.

Julia estava ansiosa para que Tommy se unisse a Jay e Leah, na terra dos sonhos, mas não conseguia encontrar forças para defender seu terreno.

— Meio copo — concedeu ela —, e então você precisa dormir. Combinado?

— Combinado.

Vinte minutos mais tarde, Julia se esgueirou no quarto de Tommy, para confirmar que ele havia cumprido a sua parte no acordo. Ela queria que as crianças estivessem dormindo antes de se esconder no quarto de hóspedes, para dar a Angie e Kevin aquilo que seria a melhor coisa, depois de um encontro romântico em um hotel.

Deixando sua porta ligeiramente entreaberta,]ulia vestiu sua camisola e se acomodou com travesseiros, atrás de seu tablet. O seu cansaço esboçou um breve protesto, antes de se render a um pequeno fluxo de adrenalina, motivado pelo toque de Julia na tela digital. Apareceram duas mensagens, que haviam chegado durante a calamidade do voo da peça Lego. Onde foram parar essas três horas?

*DE JARED DAVIDSON: Qyando você vai voltar para casa?*

Preciso conversar com você.

A briga a respeito de Fin deve ter sido mais intensa do que Maria havia sugerido. Jared quase nunca pedia para conversar com Julia. Sua tia tinha a função de acalmar as coisas, de seduzir Jared, para que ele deixasse de se esconder atrás da proteção da porta trancada do seu quarto. Olhando para o relógio, ela decidiu

esperar para telefonar pela manhã, e abriu a segunda mensagem.

*DE PAUL DAUGHERTY: Tenho uma ideia para a matéria. Ligue-me hoje à noite, não importa a hora.*

Julia tocou na imagem de Paul. Ela ouviu um único toque, seguido por uma mistura de música e de conversa e risos de uma multidão.

— Oi, Joia! — gritou Paul. — Espere um segundo, enquanto procuro um local tranquilo.

Momentos depois, o ruído de fundo diminuiu, bem como o volume da voz de Paul.

— Lá vamos nós — começou ele. — Uma grande festa, no Funky Buddha. Gostaria que você estivesse aqui!

— Estou em DC. Recebi a sua mensagem. Você pode falar agora?

— Perfeitamente. Posso estar de ressaca pela manhã! — ele riu mais do que a piada merecia.

— Que há de novo?

— O grupo editorial está me pressionando bastante, a respeito dessa controvérsia dos pontos brilhantes. Eles querem alguma matéria logo.

Julia sentiu uma mistura de alegria e alarme. As ordens do grupo editorial do RAP, normalmente, significavam grandes histórias e faturamentos. Também significavam que o jornalista devia andar na corda bamba, sem rede de segurança.

— Falando nisso, como vai a matéria?

— Com grandes progressos. Na segunda-feira, vou entrevistar a Congressista Florea e Trisha Sayers.

Ele não reagiu.

Lembrando-se de que ele havia conseguido as duas entrevistas, ela acrescentou, rapidamente.

— E você nunca vai adivinhar onde estou agora.

— Você me disse. Em DC.

— Estou na residência do Congressista Kevin Tolbert, em Washington.

Ela permitiu que a informação sedimentasse.

— Meu Deus, menina! Você age rápido! — ele parecia impressionado e equivocado.

— Não nesse sentido! — esclareceu ela, apressadamente. — Estou no quarto de hóspedes, depois de ter passado o dia com Angie, a esposa de Kevin. Você se lembra, eu lhe disse que éramos amigas do ensino médio.

— É verdade — ele pareceu desapontado e intrigado. — Alguma novidade?

— Acho que sim — ela pensou no fato de ter concordado em ir à igreja. — Eu planejo encontrar vários de seus colegas, amanhã de manhã.

— Perfeito.

Uma breve interrupção.

— Você disse que tinha uma ideia para a matéria? — ela o relembrou.

— Oh é verdade. Uma ideia para você pensar, e que você pode pegar ou largar.

Julia sabia que as sugestões “para pensar” de Paul eram, na verdade, decretos não negociáveis.

— Muito bem. Deixe-me ouvir a sua ideia.

— Eu quero que esta matéria seja a sua próxima Guy landers.

Outro fluxo de adrenalina.

— Não entendi — mas teve esperança.

— Pense nisso, Joia — continuou ele. — Você se tornou uma lenda, ao expor o lado negativo de uma grande mudança demográfica. Você deu às mulheres de toda parte um vocabulário para descrever a sua ansiedade.

Ele estava certo. A sua matéria Guy landers havia tocado em um ponto cultural importante. Durante décadas, duas tendências estavam se movendo em direções opostas. As mulheres estavam em ascensão, conquistando a maioria dos títulos universitários e preenchendo a maioria das vagas nas mais lucrativas profissões. Em poucas décadas, as jovens norte-americanas haviam conseguido vencer séculos de preconceitos de “clube do Bolinha” e patriarcado, para se tornarem as mais afluentes e independentes mulheres da história.

No entanto, no mesmo período, outra tendência havia surgido. Os rapazes norte-americanos estavam mais que satisfeitos por entregar as rédeas às mulheres. Diferentemente de seus avôs, cada vez mais rapazes inibiam as confortáveis fronteiras de Guyland, onde formavam clãs de colegas de quarto, para dividir o aluguel, e trabalhavam em empregos de tempo parcial, para poupar o tempo para subir as escadas virtuais do mundo e experimentar o suprimento interminável de jovens mulheres, oferecendo um prazer sem compromissos.

Muitos diziam que as tendências da passividade masculina e do progresso feminino haviam impulsionado as inovações que criaram a indústria multibilionária da seleção in vitro. Uma vez que a idade cria ciladas para milhões de mulheres, agora elas buscavam algo que nenhum Guylander parecia disposto a lhes dar. Um filho, e não um companheiro, se tornava o parceiro escolhido para a vida.

As mulheres no alto.

Os rapazes, se divertindo.

Cada filho, um filho desejado.

O mundo perfeito.

Mas o fato de uma pessoa conseguir o que deseja não assegura que irá gostar disso. A matéria de Julia foi a primeira a associar, abertamente, um declínio nas realizações masculinas com uma ascensão na depressão feminina. Ela comparou o fenômeno à ansiedade da separação, depois de séculos de dominação masculina. Como crianças maltratadas, tiradas dos pais e levadas à segurança de lares adotivos, as mulheres oprimidas precisavam de tempo para se ajustar a uma existência melhor.

*Medique a depressão, ela havia escrito. Não abandone o sonho.*

— Eu acho que você consegue fazer isso outra vez — continuou Paul. — Eu já decidi qual será o título da matéria.

*Uma matéria que eu nem mesma esquematizei? pensou ela.*

*— Os Progenitores — ele fez uma pausa, visando impacto. — O que você acha? Claro. Simples. Um título curto, como Guy landers. Tem o seu nome escrito em toda parte, se você me perdoa o trocadilho.*

— Não tenho certeza. O que quero dizer é, Guy landers não era um título ofensivo. Mas Progenitores é uma expressão usada, você sabe, como um defeito étnico.

O silêncio momentâneo sugeria que Paul não havia pensado nisso. Mas, mesmo assim, ele protestou.

— Maçãs e laranjas. Você não pode comparar uma ofensa a lunáticos religiosos com o menosprezo a toda uma raça.

Olhando o retrato da família, na parede do quarto de hóspedes de Angie, Julia não tinha tanta certeza. Mas ela continuou, mesmo assim.

— O que você tem em mente?

— Você precisa entrar na cabeça de Tolbert. Passar algum tempo com a sua coalizão. Eu prometo que você encontrará material mais do que suficiente para caracterizar a agenda dos “pontos brilhantes” como uma bobagem de progenitor radical.

— Farei o melhor que puder — disse ela, pensativa.

Uma batida rítmica reapareceu no outro lado da linha, acompanhada do que parecia ser um mar de humanidade, todos gritando entre si. Alguém devia ter aberto qualquer porta atrás da qual Paul havia se escondido, para falar com Julia.

— Aqui está você! — a voz distante parecia vagamente familiar. — Vamos, Paul. Você está perdendo o campeonato de dança em cima da mesa.

Julia resistiu à vontade de perguntar, e decidiu concluir o telefonema.

— Volte para a sua festa. Eu volto a falar com você daqui a alguns dias.

— Está bem — gritou Paul. — Tchau, querida!

Julia deixou de lado o tablet e pegou uma almofada decorativa, que estava sobre a metade vazia da cama. Apertando a almofada, escolhia entre meia dúzia de pensamentos e sentimentos.

A emoção da ressurreição jornalística.

O desafio de uma boa ideia.

A pressão de um prazo apertado.

A determinação de vencer, a qualquer preço.

Sussurros interromperam a sua escolha. Angie e Kevin haviam chegado em casa.

Saindo rapidamente de debaixo das cobertas, Julia fechou sua porta, silenciosamente.

# CAPÍTULO VINTE E OITO

Kevin olhou para Leah durante um período de tempo ligeiramente mais longo do que o que tinha dedicado a Tommy ou Joy, o ponto final da sua prometida ronda de inspeções, antes de voltar para junto de Angie, no quarto. Os três filhos, felizmente, estavam dormindo. Ele olhou para a fresta, por baixo da porta do quarto de hóspedes. Não havia luz acesa. Julia devia estar dormindo, depois do que devia ter sido uma noite exaustiva de um trabalho bem feito.

O telefone em seu paletó vibrou. Pegando-o, no bolso, Kevin se parabenizou pelo silêncio, lembrando tantas oportunidades de intimidade destruídas pelo toque de um telefone no momento errado, que despertasse um ou mais dos filhos. Ele decidiu ignorar a mensagem, e, em vez disso, foi até a cozinha, onde pegou dois copos. Ele procurou suco de laranja, sem o qual ele não poderia preparar mimosas, a bebida favorita de Angie, quando acompanhada de morangos frescos.

Momentos mais tarde, ele chegou à porta do quarto, uma das mãos equilibrando, desajeitadamente, os copos, enquanto a outra segurava um pequeno prato.

Outra vibração no celular. Duas mensagens, em uma rápida sequência, despertaram a sua curiosidade. Tinha que ser Troy, trabalhando até tarde, outra vez. Ele foi ao banheiro das crianças, para livrar uma das mãos, colocando os morangos sobre a bancada da pia.

*DE TROY: Veja o anexo. Entrevista que acabo de aprovar, para a tarde de segunda-feira.*

Não havia nada de particularmente digno de nota a respeito da mensagem, o tipo de mensagem que Kevin recebia, rotineiramente, sempre que Troy examinava um pedido e decidia que um encontro era vantajoso e seguro. Ele ignorou o anexo, confiando na avaliação de Troy. Mas então, ele leu a segunda mensagem.

*DE TROY: A propósito — Quem é Julia Davidson?*

Kevin abriu, imediatamente, o anexo: um pedido de entrevista, que Julia havia enviado à caixa de mensagens de seu escritório, apenas seis minutos antes.

*Caro Congressista: Espero que você e Angie tenham tido um excelente encontro. Seus filhos são fantásticos! Alguma possibilidade de você me retribuir o favor, concedendo-me uma entrevista exclusiva? Estarei em DC até a tarde de terça-feira. (Julia Davidson, RAP Syndicate)*

Kevin sorriu. Aparentemente, Julia não estava tão adormecida como havia dado a entender.

Quando Kevin chegou ao quarto, Angie já havia acendido as velas. Com os olhos ainda se acostumando à luz reduzida, ele ouviu a voz dela, antes de vê-la.

— Eles estão dormindo?

— Profundamente — ele assegurou.

— E Julia?

— Não há sinal de vida.

Seria verdade, se você ignorasse as mensagens que deveriam ser lidas na segunda-feira.

— Ótimo — disse ela, saindo das sombras para deixar-se ver no brilho quente de uma chama bailarina.

O coração de Kevin se acelerou, como havia acontecido em inúmeras ocasiões desde a sua noite de núpcias, quando ele esperava abrir o mesmo presente favorito, embrulhado em um novo papel de presente.

Renda abundante, nos locais exatos.

Um único dedo, que o convidava a se aproximar.

Um sorriso sedutor, que o levava de volta a tudo o que haviam conhecido juntos: o flerte nos olhos de uma paixão de adolescente, a emoção e o formigamento de mãos dadas, o doce sabor do primeiro beijo roubado, a maravilha estonteante de acariciar o corpo dela, na lua de mel.

Ele sorriu, agradecido, por quinze anos de descoberta de prazeres, que ambos tinham vindo a desejar.

— Eu lhe disse que tinha uma surpresa — ela enrubesceu, diante do seu olhar desejoso. — Gostou?

Ele se aproximou, em um conflito delicioso, entre o desejo de satisfazê-la e a expectativa do seu próprio clímax.

— Você é maravilhosa — ele passou seus lábios pelos dela. — Obrigado.

◆

Angie e Kevin ficaram sobre a cama, gentilmente acariciando o braço, um do outro. A intensidade de sua união os deixou exaustos e revigorados. Ainda recuperando o fôlego, Kevin se sentia renovado, como se um alfaiate misterioso estivesse reparando seu tecido gasto. Ele virou a cabeça, para olhar os olhos satisfeitos de sua esposa. Ele se perguntava se ela sentia a mesma coisa. Teria ele sido, para ela, o que ela tinha sido para ele, um pincel nas mãos de um gentil artista, acrescentando mais um toque final?

Ela se virou, deitando-se de lado, puxando o braço dele, para abraçar, por trás, o seu corpo relaxado. Eles se abraçaram, em silêncio, por mais alguns minutos.

Kevin se sentia adormecer, até que a voz de Angie o trouxe de volta.

— Em que você está pensando? — perguntou ela.

Ele forçou a abertura de seus olhos.

— Pensando?

Angie riu.

— Eu me esqueci. A sua mente deixa de funcionar, depois que nós fazemos amor.

Ela estava mais certa do que imaginava.

— A minha mente está funcionando perfeitamente. Embora, eu admita, não tão perfeitamente como outras partes do meu corpo!

Ela riu, novamente.

— Eu estava pensando na Julia.

Ele ignorou a ferida ao seu ego.

— Que tem ela?

— Eu estava tentado imaginar como é a vida dela. Você sabe, sem marido, ou filhos. Ter sexo, em vez de fazer amor. Eu não conseguiria viver a vida dela.

— Espero que não! — brincou ele.

Ela deu um tapinha na mão dele, e então a levou aos lábios, para dar-lhe um beijo gentil.

— Você sabe o que estou querendo dizer.

— Provavelmente, ela não consegue se imaginar vivendo a sua vida — imediatamente, ele discordou de si mesmo. — Não sei. Talvez ela possa. Afinal, ela foi feita para isso.

— Feita para quê?

— Família.

— Ela discordaria.

— Sim. Mas ela também sabe que isso é verdade — ele disse isso, como se estivesse fazendo um discurso político. — Você se lembra do que Deus disse, depois de ter criado Adão, e antes de Eva?

— “Eu só estava brincando”?

Ele moveu a sua mão para a cintura nua dela, ameaçando uma retaliação por meio de cócegas.

— Não se atreva!

Ele trouxe sua mão de volta, recebendo outro beijo.

— Deus disse que não era bom que Adão estivesse só. Depois de descrever todo o resto que havia criado, como algo bom, Ele disse que algo que havia criado não era bom.

— Eu nunca havia pensado nisso.

— Eu lhe disse, minha mente está funcionando perfeitamente — continuou ele. — Ele não poderia estar dizendo que Adão era mau. Ele deve ter desejado dizer que Adão estava incompleto. Você entende, inacabado.

— Faz sentido.

— Os homens e as mulheres são duas metades de um todo. Eu aposto que há momentos em que Julia se sente incompleta.

— Certamente ela não demonstra isso. Eu nunca conheci uma mulher mais confiante.

— Eu, sim — disse ele.

Ela virou a cabeça na direção dele.

— Quem?

Ele se apoiou, sobre o cotovelo direito, para dar um beijo no rosto de Angie.

— Eu conheço uma mulher que é suficientemente confiante para se oferecer, como voluntária, para o trabalho mais importante na terra, um trabalho que poucas de suas amigas teriam considerado.

Ela se virou em direção aos olhos de Kevin, enquanto ele continuava.

— Eu conheço uma mulher tão corajosa, que deixou uma carreira de sucesso, para dar a três filhos o tipo de amor e segurança que nenhuma outra pessoa no mundo lhes poderia dar.

A mão dela se aproximou do rosto dele, em um convite para que ele beijasse os dedos dela, antes de continuar o que estava dizendo.

— Eu conheço uma mulher que enfrentou uma pediatra arrogante e defendeu a dignidade de uma menininha, que Deus confiou aos nossos cuidados.

Kevin usou a palma de sua mão para interceptar uma lágrima que deixava o olho de Angie, antes que chegasse ao travesseiro.

— E eu conheço uma mulher que todos os rapazes do ensino médio queriam namorar, mas que, sabiamente, escolheu se tornar a melhor metade de Kevin Tolbert.

Angie explodiu em uma risada úmida, encostando o rosto ao de seu marido.

— Eu amo você — disse ela, em meio a um mar de lágrimas.

— Eu também amo você.

Eles se deitaram, lado a lado, para retomar suas gentis carícias. Depois de alguns minutos, Angie se moveu, surpreendendo Kevin, com um convite para uma segunda rodada de intimidade.

# CAPÍTULO VINTE E NOVE

Oedifício parecia ter sido construído para abrigar quinhentos adoradores, seiscentos, se incluída a pequena galeria, situada acima da porta de entrada, no fundo do salão. Ele tinha todas as características de uma igreja tradicional da costa leste, de aproximadamente 1950, quando o icônico Billy Graham havia dominado as manchetes dos meios de comunicação e personificado o crescente movimento evangélico. Incontáveis sermões sobre fogo e enxofre devem ter sido ouvidos no interior dessas paredes, antes que as congregações protestantes encontrassem um novo público, usando uma mensagem mais simples e amigável, a respeito do amor de Deus, do pecado do homem, e do presente de Cristo a todos aqueles que o quisessem receber com disposição.

As paredes e os bancos ainda conservavam o discreto cheiro do suor das reuniões de avivamento, nas noites dos dias de semana, que terminavam com um convite para que os pecadores fossem à frente e aceitassem a salvação. Uma mulher gorducha teria tocado hinos, em um piano “de parede”, enquanto o ministro estendia a mão para a congregação, perguntando aos peregrinos relutantes: “Não querem vir?”

A igreja, como tantas outras, havia sofrido uma morte gradual durante os anos quando outro estilo de evangelicalismo assumiu o centro das atenções. Antes da virada do século, os pianos e órgãos cederam lugar a violões e baterias. Os apelos de abalar o púlpito foram substituídos por ensinamentos eloquentes. Os bancos de madeira resistente, como o que Julia ocupava agora, haviam sido substituídos por assentos acolchoados, diante de grandes telas de projeção. O estilo havia criado uma das maiores congregações da história cristã, apelando à grande população nascida após a Segunda Guerra Mundial, durante os anos em que essas pessoas criavam seus filhos. O início do século XXI havia visto igrejas de várias denominações, em todas as grandes cidades, se vangloriando de ter uma frequência de crentes semanal na casa dos milhares, ou até mesmo dezenas de milhares. Mas esse movimento também morreu, quando uma nova geração de jovens começou a bocejar, diante dos cânticos e dos professores favoritos de seus pais.

Desde o primeiro momento do sermão, Julia sentiu algo muito diferente. O ministro não parecia ter a personalidade boêmia-casual dos pastores que Angie havia conhecido, no ensino médio e na faculdade. Talvez o Reverendo Mubar não tivesse sido aprovado no curso do seminário sobre postura no refeitório e linguagem moderna. Talvez ele tivesse suposto que o seu discreto sotaque

africano condenaria, imediatamente, todos os esforços. Ainda assim, Julia considerou a sua digna solenidade absorvente, quando ele convidou a congregação à tranquila reverência, no início de sua litania semanal.

Como o erguer da batuta de um maestro, para indicar à orquestra que se preparasse, o movimento do pastor em direção a um pequeno palanque indicou aos duzentos adoradores que voltassem a se sentar. Momentos antes, eles haviam estado com as mãos erguidas, cantando melodias e palavras que Julia não conhecia, com uma paixão que ela não tinha. Grandes concertos de seus artistas favoritos nunca a haviam levado às lágrimas, da maneira como cânticos simples haviam motivado Angie e outros membros da Apostles' Church. Um rapaz com um violão, a voz um pouco desafinada, parecia incitar mais emoção que uma faixa de um álbum de platina, com impressionantes sistemas de projeção e milhares de fãs aos gritos.

Julia se perguntou se o estilo reservado representava a reação de Angie ao tipo de igreja que os seus próprios pais frequentavam. Nenhuma grande tela, nenhum refeitório. Nenhum grupo de músicos. Nem mesmo um pregador eloquente, o que ficou abundantemente claro, quando o Pastor Mubar os conduziu de uma "sessão de adoração" à uma palestra, que ele leu, em lugar de apresentar ao seu rebanho.

— A paz esteja com vocês — começou ele.

— E também com você — respondeu a congregação.

— O texto desta manhã está no Evangelho de Lucas, capítulo 24.

Julia ouviu o som do movimento em massa, e percebeu que Kevin pegava uma Bíblia no suporte do banco, diante deles. Ela fez a mesma coisa.

— O mesmo Jesus se apresentou no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco.

Kevin e os outros ouvintes conseguiram localizar a passagem a tempo, para acompanhar a leitura. Depois de um esforço momentâneo, para tentar encontrar algum tipo de índice, Julia se esqueceu da página que deveria encontrar. Ela conservou o livro aberto ao meio e ignorou o que estava impresso, para ouvir a leitura.

— E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito —

continuou o pastor. — E Ele lhes disse: Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos ao vosso coração? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Tendo a impressão de que ele tinha concluído a leitura da passagem da Bíblia, Julia olhou para o pastor, cujos olhos continuavam fixos na página à sua frente.

— O nosso Senhor apareceu, literalmente, a centenas de testemunhas oculares, depois da sua ressurreição. Mas esta pode ter sido a mais importante de todas, se considerarmos o que C. S. Lewis disse ser o grande milagre da fé cristã, a encarnação física e a ressurreição do nosso Senhor. Esses mesmos discípulos e seus descendentes, em breve, enfrentaram falsos professores, que afirmavam que Cristo veio para nos libertar do mal da existência material. Em um concílio após outro, a igreja condenou, acertadamente, uma heresia conhecida como gnosticismo, a crença de que o espírito é bom, mas o corpo é mau. No entanto, o próprio Deus se tornou um corpo, um corpo humano, para restaurar a total bondade do que significa ser humano — alguém criado à própria imagem de Deus. É Satanás, o nosso inimigo, que odeia a carne. É Jesus, o nosso Salvador, que está à direita do Pai, em um corpo glorificado. Prestem atenção às suas palavras: Vede as minhas mãos e os meus pés... pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.

Julia não se lembrava de nenhum dos pastores anteriores de Angie, usando uma palavra como heresia. Ela se lembrava, no entanto, de que eles falavam a respeito da morte de Jesus em uma cruz, e enfatizavam a sua ressurreição.

— As Escrituras enfatizam muito este ponto. O apóstolo Lucas continua, descrevendo como Jesus pede um pedaço de peixe assado e um favo de mel, para comer diante deles. O seu prato vazio se tornaria evidência ainda maior da sua realidade física, se eles, posteriormente, supusessem que os seus olhos os haviam enganado.

Outra pausa. Julia olhou à sua volta, para ver se havia outras pessoas tão impressionadas com o sermão como ela estava. Aparentemente, não. Os olhos examinavam as Bíblias abertas para confirmar o que deve ter sido uma importante percepção.

— Anos mais tarde, o apóstolo João, uma testemunha ocular deste momento, o

descreveu em sua primeira epístola, quando disse: “O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram… isso vos anunciamos... para que o vosso gozo se cumpra”. Ele diz que é a ressurreição física de Cristo que traz completa alegria. Embora eu me pergunte por que ele se esqueceu de mencionar a parte sobre o peixe e o mel.

O pastor levantou os olhos de sua página, aparentemente satisfeito com o improviso jocoso. Ninguém riu com ele, embora Julia não pudesse deixar de sorrir para ele.

— Paulo, embora não fosse testemunha ocular deste momento, escreveu à igreja de Corinto, dizendo que, se Cristo não tivesse ressuscitado, fisicamente, do sepulcro, então a fé cristã seria completamente vazia. Na verdade, todos os apóstolos confirmaram, muitos deles às custas da sua própria morte como mártires, que a encarnação física e a ressurreição de Cristo são doutrinas essenciais da fé cristã.

Por todo o resto do sermão, Julia tentou acompanhar uma corrente de pensamento suficientemente importante para merecer metade de um culto dominical.

Deus se fez carne. Jesus ressuscitou, fisicamente. Muitas pessoas o viram e tocaram. Líderes religiosos disseram que Ele jamais ressuscitou, que os seus discípulos removeram o corpo. Cristãos foram mortos, porque diziam algo diferente. Falsos professores disseram que Ele ressuscitou, mas somente em espírito, para mostrar a supremacia do espírito sobre o corpo. Sete importantes concílios da igreja defenderam a divindade e a humanidade de Jesus Cristo.

*E daí? perguntou-se ela. O que um antigo debate a respeito do corpo e do espírito tem a ver com a vida no século XXI?*

O pastor Mubar concluiu suas observações, e se afastou do púlpito.

Todos se levantaram. Julia se sentiu agradecida, pensando que o culto havia chegado ao fim. Mas não havia.

As portas, no fundo da capela, se abriram. Uma longa fila de crianças seguia uma adolescente que as conduzia à sala. Outra adolescente vinha atrás, encurralando os fugitivos. Cada criança olhava de um lado a outro da sala, tentando localizar uma acolhedora mamãe ou papai. A multidão dispersa, de

duzentas pessoas, repentinamente se converteu em um compacto auditório, cheio de reencontros entre pais e filhos. Julia não conseguia se lembrar de ter visto uma proporção tão grande de filhos, em comparação com os pais. Uma rápida avaliação lhe sugeriu famílias com duas ou três vezes a média nacional.

“Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra...”, começou o ministro.

Julia viu que todos se levantavam, muitas famílias de mãos dadas, começando a recitar as mesmas palavras, em uníssono.

“... De todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, que já estava com o Pai antes de todos os séculos...”

Ela olhou para Angie e Kevin, as duas bocas movendo-se ao mesmo tempo. Ela começou a mover os seus próprios lábios, ainda que ligeiramente, esperando fazê-lo no momento correto e com as palavras certas.

“Luz da luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Todas as coisas foram feitas por Ele...”

Julia reconhecia algumas palavras da sentença seguinte, de um versículo que Angie citava frequentemente, quando elas eram mais jovens, algo a respeito de Deus amar o mundo e dar o seu Filho Unigênito e a respeito dos crentes viverem para sempre. Julia sempre havia tido uma má impressão da ênfase nos que vivem para sempre e nos pagãos que perecem. Aparentemente, a nova igreja de Angie não era tão diferente como havia parecido.

“E, por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus: Se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da virgem Maria, e se fez homem...”

Julia percebeu que o volume começava a subir, como uma canção que se aproxima da frase favorita de todos. Ela olhou outra vez para Angie, cujos olhos estavam fechados. Olhou de volta para o Pastor Mubar. Os seus olhos também estavam fechados.

“Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado”

As vozes ficaram ainda mais altas. “Ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, conforme as Escrituras; e subiu aos céus, onde está assentado à direita de Deus

Pai...”

Julia viu mais lágrimas, desta vez, inspiradas por um uníssono de pessoas comuns, recitando palavras memorizadas. Nenhum guitarrista desafinado ou vocalista medíocre operando a sua mágica. A emoção, percebeu ela, devia estar enraizada nas ideias transmitidas pelos cânticos e pela palavra. Ela ouviu, mais atentamente.

“Donde há de vir, em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim...”

*Julgar? Eu pensei que Jesus era amor.*

O resto fluiu rapidamente. Um Espírito Santo que dá vida, que procede do Pai e que fala por meio de profetas. Então, uma rápida referência à igreja “una, santa e apostólica”.

É por isso que essa oração é chamada de Credo dos Apóstolos? Será que Angie e Kevin haviam se unido aos católicos romanos, uma igreja infame por sua virulenta oposição, tanto à seleção in vitro como à indústria da transição?

“Confesso um só batismo para remissão dos pecados; espero a ressurreição dos mortos; e a vida do mundo vindouro. Amém”.

A última palavra serviu como um ponto final audível, declarando que a prolongada recitação havia sido concluída. Nem Angie nem Kevin acompanharam a metade da multidão que fez o sinal da cruz. Então, todos voltaram ao desconforto de seus bancos. Julia sentiu uma mudança no ar, como uma sensação de expectativa, que acontece quando as luzes se apagam, no cinema.

— Os que afirmam esse credo como seu podem, agora, participar.

*Participar de quê? perguntou-se Julia.*

Uma família de cinco pessoas se sentou perto do púlpito. Julia começou a se

levantar, até perceber que todos os demais continuavam sentados. O pastor saiu de atrás do seu púlpito e se moveu à frente, onde, sobre uma mesa que Julia não havia percebido, havia uma bandeja em forma de pires e várias canecas, sem alça. A família se aproximou, o ministro deu ao pai um pedaço de pão e uma das canecas.

— O corpo e o sangue de Cristo, sacrificado por você — disse ele.

O pai pegou um pedaço do pão e bebeu um gole pequeno, antes de estender as duas coisas à sua esposa, uma mulher que parecia lamentavelmente grávida do quarto filho. Cada filho imitou mamãe, e então o pai tomou o que havia sobrado do pão e da caneca, e devolveu a caneca à mesa. O pastor já estava servindo um grupo diferente, um casal com sua própria prole de três crianças desengonçadas.

O processo continuou, por vários minutos, enquanto uma fila depois de outra deixava seus assentos para participar de um ritual que Julia percebeu ser o clímax do culto. Quando a família sentada na fila à frente da sua se levantou, Julia sentiu um nó no estômago. Será que ela deveria acompanhar o clã de Angie e ir à frente? Ela não concordava, como o pastor esperava, com o que eles haviam recitado. Será que ela deveria participar assim mesmo, ou o propósito era fazer com que os forasteiros se sentissem pessoas de segunda classe?

Angie se inclinou para Julia.

— Você quer que eu fique aqui com você?

Pergunta respondida. Julia ficaria sentada, e a sua doce amiga se absteria, se necessário, para evitar embaraços.

— Estou bem — sussurrou Julia. — Pode ir.

Momentos depois, Angie acompanhou Kevin e as crianças à frente da capela. Mas Julia percebeu que não era a única pessoa sentada. Do outro lado do corredor, havia outra pessoa solitária. Ele havia ficado para trás quando a família sentada em sua fila havia ido à frente. Ligeiramente mais velho que Julia, ele parecia igualmente desconfortável, apesar de exibir maior familiaridade com os procedimentos. O seu rosto parecia gentil, embora atraentemente áspero — como se ele fosse um soldado de licença, depois de uma missão perigosa, aceita de bom grado para proteger as pessoas que amava.

Os seus olhos se encontraram. Ele lhe deu um ligeiro sorriso e um aceno de cabeça. Ele não estava flertando. Era algo mais parecido com um garboso cavaleiro resgatando uma dama em aflição.

O nome do homem, Julia em breve saberia, era Troy Simmons. O melhor amigo e chefe da equipe de Kevin Tolbert.

# CAPÍTULO TRINTA

Troy ficou fora do alcance da visão, enquanto Kevin falava com o pastor. Ele observou Angie recolocando o casaco de Tommy e a pequena Leah absorvendo a admiração de quatro adolescentes que acompanhavam cada movimento que ela fazia. Mas os olhos de Troy estavam fixos na misteriosa visitante que, com uma das mãos, afastava do rosto uma mecha de cabelos escuros adoráveis, enquanto, com a outra, ajudava, um pouco desajeitadamente, Joy a se envolver novamente com um cachecol rebelde.

Antes que pudesse oferecer ajuda à mulher, Troy viu um esquimó em miniatura que andava pesadamente em sua direção.

— Oi tio, Toy! — gritou a voz do menino.

— Esse é Tommy? — Troy tirou o capuz da parka, procurando o filho mais velho de Tolbert. — Claro que é! Como está o meu amiguinho favorito, nesta bela manhã de domingo?

— Muito bem! Você vem conosco?

— Com vocês, onde? — os olhos de Troy se desviaram para Angie, que havia alcançado seu filho fugitivo.

— Sair, para um almoço rápido. Você pode vir conosco?

Troy levantou as sobrancelhas, em falsa surpresa.

— Sair para almoço, no domingo?

— Kevin e eu fomos dormir tarde — um leve enrubescer. — Por isso, dissemos às crianças que vamos sair, em lugar da refeição usual em casa. Você vem?

— Por favor! — insistiu Tommy.

— É claro que vou!

— Legal! — respondeu alegremente Tommy.

— Joy-Joy! — Troy se curvou, para olhar a menina de dois anos de idade nos olhos. —Que belo cachecol você está usando hoje. Muito bonito!

Um sorriso tímido.

— Olá — disse ele, endireitando-se. — Eu sou Troy Simmons.

Julia estendeu a mão para a de Troy, que a aceitou com um leve aperto. A pele suave dela correspondia à elegante beleza que ele havia admirado, com rápidos olhares, durante os últimos noventa minutos.

— Sinto muito — reagiu Angie. — Onde estão os meus modos? Eu me esqueci que vocês não se conhecem. Esta é minha velha amiga, Julia Davidson.

O nome pareceu familiar. Ele se lembrou da mensagem que continua um pedido de entrevista.

— Julia Davidson do RAP Syndicate? — disse ele, sem pensar. Chega de primeiras impressões, pensou ele, revelando-se como o amigo obcecado por trabalho, que passa as noites de sábado lendo mensagens do escritório porque não tem vida própria.

— Isso mesmo. Você já leu a minha coluna?

Ele não tinha lido, mas ela parecia encantada com a possibilidade. Ele decidiu mentir, sem palavras.

— Eu trabalho com Kevin. Parte do meu trabalho é saber quem é quem, nos meios de comunicação.

Ele tomou nota, mentalmente, de que tinha que ler, rapidamente, algumas de suas colunas, a caminho do restaurante.

— Eu não sabia que Kevin tinha um irmão — disse Julia.

O comentário desconcertou Troy.

— Tommy chamou você de tio Troy.

— Oh, isso! — sorriu ele. — É assim que as crianças me chamam. Mas Kevin e eu somos apenas velhos amigos.

Um aceno de compreensão de tia Julia.

— Você mora em DC? — perguntou ele.

— Em Denver. Estou aqui para algumas entrevistas, na segundafeira, e decidi vir mais cedo, para passar algum tempo com Angie.

— Muito bem — disse ele, olhando nos olhos dela dois segundos e meio além do que deveria. Ela parecia pouco à vontade. Ele desviou os olhos rapidamente, vendo Kevin, que caminhava na direção deles, juntamente com o pastor.

— Vejo que você conh eceu Julia — Kevin anunciou o óbvio. — Você vem conosco para o almoço?

— Ficarei encarregado de preparar a minuta da reunião?

Uma risada polida.

— Não, se você pagar a conta.

— Parem com isso! — disse Angie, dando um tapinha gentil no peito do marido. — Ele já aceitou o convite incondicional de Tommy.

Julia estendeu a mão para o Pastor Mubar.

— Olá, Padre — começou ela. — Obrigada pelo culto de hoje. Ou você o chama de missa?

— Nós o chamamos de adoração. E você pode me chamar de Pastor Seth — respondeu ele. — Obrigado pela sua visita.

Ele começou a se afastar, mas Julia o reteve.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — ela parecia um repórter, em busca de fatos, e não um membro da igreja, buscando respostas. — É algo que você disse hoje.

— É claro — respondeu ele.

— Na verdade, foi algo que todos disseram, durante aquela recitação em grupo.

— O credo — esclareceu ele.

— Certo. Eu ouvi algo a respeito da única igreja apostólica. Esta igreja é

católica?

— “Creio na igreja, una, santa, católica e apostólica” — disse ele, repetindo as palavras exatas. — A resposta à sua pergunta é sim e não.

Ela queria mais.

— Os cristãos começaram a recitar o credo, muito antes que houvesse quaisquer divisões na igreja. Nós usamos a palavra católica com o sentido que eles lhe davam. Nós somos católicos, com c minúsculo, porque nos unimos a todos os crentes, de todas as gerações, afirmando a realidade da encarnação, da morte e da ressurreição de Cristo. Mas não pertencemos à denominação católica — o que é, provavelmente, o que você quer saber.

— Entendo — ela parecia ter previsto uma resposta diferente, que motivasse a sua segunda pergunta. — Então, vocês têm visões similares a respeito de várias questões?

— Que tipo de questões? — perguntou ele.

— Como a Iniciativa Jovem?

A pergunta levantou as antenas de Troy. Ela parecia imprópria, no único lugar e ocasião em que ele se retirava do tipo de acrimônia política que definia a sua existência no resto da semana.

O pastor olhou para Kevin antes de responder.

— Nós acreditamos que toda vida humana tem dignidade, porque reflete a imagem do próprio Deus, se é isso o que você quer saber.

— Entendo — disse ela, outra vez, com a sua curiosidade jornalística parecendo estar satisfeita.

Um silêncio desconfortável se seguiu ao diálogo, enquanto uma luz de advertência se acendia na mente de Troy. Ele se perguntou se a adorável visitante do Colorado apoiava ou se opunha à agenda do presidente. O que ela pensaria da contraproposta de Kevin, os Pontos Brilhantes? Ele fez outra anotação mental, para ver se ela havia escrito alguma coisa sobre o tema.

— Uma maravilhosa mensagem a de hoje, Pastor Seth — veio Angie em socorro. — Eu nunca havia considerado a conexão entre a encarnação de Cristo e a intimidade conjugal.

O comentário surpreendeu Troy. Onde ele havia estado durante esse trecho do sermão?

— Digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja — disse o pastor, lembrando Troy da breve menção. — O apóstolo Paulo disse que isso era um mistério — ele colocou uma das mãos sobre o ombro de Kevin, e a outra sobre o de Angie. — Mas eu acho que esses dois entenderam um pouco do que ele quis dizer.

A declaração parecia dirigida a Troy, outro golpe brincalhão a respeito da sua condição de solteiro.

— Mais uma vez, estou no escuro — Troy disse, em autodepreciação. — Você precisa orar por mim, Pastor Seth. Peça que Deus me dê uma mulher que abra os meus olhos.

A sua defesa usual.

— As Escrituras dizem que aquele que acha uma mulher acha uma coisa boa. É preciso buscar, para encontrar. Deus não fará por você o que Ele disse que você devia fazer!

A resposta usual do Pastor.

Kevin deu um soco no braço de Troy, a sua versão de uma cotovelada jocosa.

Angie deu um tapinha na mão do pastor que estava pousada sobre o seu ombro, a sua maneira de aceitar o elogio sutil.

Julia olhou para baixo e pegou a mão de Joy, a sua maneira de evitar um momento desco ncertante.

# CAPÍTULO TRINTA E UM

Havia apenas vinte ou trinta automóveis no estacionamento, trezentos ou quatrocentos menos do que teria havido, um quarto de século antes. O pavimento mostrava sinais de negligência, e as linhas de tinta que antes distinguiam as vagas haviam desbotado e sido substituídas por ervas daninhas resistentes, que buscavam um céu que não estivesse mais obstruído por minivans e SUVs.

Houve uma época em que esse mesmo cam pus recebia uma colmeia de atividade nas manhãs de domingo. Os funcionários amistosos do estacionamento acenavam para os visitantes, atraindo-os a vagas especiais, reservadas para um afluxo garantido de pessoas que visi tavam o local pela primeira vez. Pessoas sorridentes abriam as portas para multidões de adoradores que corriam para o edifício, dois minutos antes do início dos cultos. Jovens casais assistiam ao primeiro grupo de cânticos em uma televisão de tela plana, convenientemente instalada junto ao refeitório, pouco antes de entrar no auditório no momento exato, depois da passagem da bandeja de ofertas, e a tempo de ouvir a mensagem do pastor, em um local que chamavam de "A Capela".

Os carros estacionados nesta manhã de domingo não pertenciam a visitantes, mas aos membros da igreja e aos residentes ainda com reflexos aguçados o suficiente para dirigir, e inteligentes o suficiente para impedir que suas carteiras de motorista fossem confiscadas.

A Capela continuava oferecendo cultos, em uma escala reduzida do auditório, usando um sinal de vídeo atrasado do Pastor Skip Gregory. A sua imagem aparecia imediatamente depois de trinta minutos de música, escolhida, especificamente, para corresponder às preferências de adoração de quase duzentos idosos, nascidos pouco depois da guerra, dos quais a maioria vivia a curta distância.

Fazia quase dez anos desde que a placa havia sido substituída. O texto abaixo de IGREJA DE CHAPEL HILLS dizia, antes: CENTRO COMUNITÁRIO DA COMUNIDADE, e agora dizia: RESIDENCIAL DA COMUNIDADE, sinônimo de instalação para cuidados de idosos. Mesmo aos oitenta e noventa anos, os nascidos depois da guerra detestavam a ideia de envelhecer.

Uma enfermaria, que distribuía medicamentos diários, agora estava instalada no lugar onde o refeitório havia servido cafés com caramelo e chocolates dietéticos. O parquinho interno das crianças havia sido convertido em uma confortável área

de visitas, onde se supunha que os netos contariam aos avôs detalhes das últimas notas ou dos pequenos troféus esportivos conquistados. Grande parte do espaço anteriormente designado para pequenas salas de aula, um centro de estudantes, uma creche e a “Aldeia das Crianças”, toda colorida, havia sido reformada para acomodar a crescente população de idosos, em vários estados de abatimento, debilitação, deterioração ou morte.

Tão logo entrou no edifício, Matthew reconheceu uma imagem familiar na parede, uma antiga imagem de Cristo, segurando um livro em sua mão esquerda, com as pontas de três dedos pressionadas à sua direita. Se a lembrança não lhe falhava, a imagem era originária do século V ou VI. Antes que ele pudesse definir a data, no entanto, a imagem mudou. Mil minúsculas mudanças digitais converteram o ícone em um símbolo menos religioso e familiar, uma pomba de desenho animado, abrindo as suas asas brancas, com um pano de fundo azul-bebê. Parecia moderno, como uma relíquia do movimento carismático do final do século XX. A seguir, outra mudança, para Jesus morrendo em uma cruz. A imagem o lembrou do crucifixo que estava atrás do altar, na igreja que sua mãe frequentava, enquanto ainda era suficientemente ágil para se ajoelhar, e suficientemente lúcida para se lembrar do sábado. A seguir, veio a silhueta de mãos levantadas em um gesto de adoração, diante de um púlpito muito iluminado.

Matthew percebeu a presença da recepcionista, bem a tempo de escapar a outra mudança de imagem. Ele caminhou até a mulher de meia-idade, sentada atrás do tipo de mesa que, provavelmente, era ocupada por um segurança, durante as horas de visitação, durante a semana. As listas de assinaturas de visitantes diziam a Matthew que ele seria o primeiro do fim de semana. A avaliar pelas aparências, os guardas não impediam a entrada de uma multidão de intrusos. Eles impediam a saída dos residentes.

— Estou aqui para ver Richard Tomberlin — explicou Matthew.

A mulher pareceu alarmada, procurando freneticamente em sua mesa um manual que explicasse o que fazer se um visitante aparecesse durante o seu turno como recepcionista. Depois de trinta segundos de pânico, ela se lembrou dos seus modos.

— Sinto muito. Bem-vindo a Chapel Hills. Você gostou do culto?

— Como? — perguntou Matthew.

— Você gostou do culto de adoração? É tão bom quando os familiares comparecem para visitar os residentes. Eles ficam muito solitários.

— Não, senhora. Eu não sou parente de nenhum dos residentes.

Ela olhou por cima do ombro de Matthew, para consultar um relógio na parede.

— É claro. Sinto muito. O culto ainda vai durar quinze minutos.

Ele ficou em silêncio.

— Como posso ajudá-lo, então?

— Richard Tomberlin? — repetiu ele.

— Oh. Você quer ver um residente?

— Não, senhora. Eu gostaria de ver Richard Tomberlin. Ele trabalha aqui.

— Ele é médico?

— Um sacerdote. Ou melhor, um sacerdote aposentado. Eu esqueci o seu título, mas acho que ele é um tipo de conselheiro.

Cinco minutos depois, a recepcionista confusa conseguiu encontrar a informação de que Matthew precisava, e o enviou em direção ao quarto 122 — que, segundo ela explicou, poderia ser encontrado logo depois da entrada do auditório. Aproximando-se das portas, ele ouviu uma voz amplificada no interior. O culto ainda estava acontecendo, mas alguém estava abrindo as portas. Alguns dos presentes saíam, a pé ou em suas cadeiras de rodas, em um esforço para chegar antes dos demais a uma sala de almoço onde, como ele logo descobriria, todos seriam servidos simultaneamente.

Percebendo que uma mulher muito magra tentava passar com sua cadeira de rodas, pela estreita passagem, Matthew se apressou para segurar a porta para ela. Ela passou por ele sem reconhecer a sua presença. Ele olhou nos olhos dela, percebendo a mesma expressão de abandono que detectara nos outros residentes, um olhar cada vez mais evidente no rosto de sua própria mãe.

Ele se lembrou das palavras do Professor Vincent. Nós decaímos, Matthew. Toda a seleção genética e os progressos médicos do mundo não haviam conseguido reverter um processo que atormentava a raça humana, desde o princípio dos tempos. A sua mãe não iria melhorar. Ele, também, iria envelhecer. Ele, também, iria decair. ESPÍRITO BOM. CORPO MAU.

— Matthew? — a voz pareceu familiar. — Matthew Adams?

O Padre Tomberlin parecia ser muito mais velho, lembrando a Matthew quanto tempo fazia, desde que ele havia levado a sua mãe à missa. O fato de ter recebido a primeira comunhão e frequentado a escola paroquial de St. Joseph, durante os seus anos de ensino fundamental, fez com que Matthew fosse, teoricamente, um católico romano. Mas ele tinha certeza de que havia passado por algum tipo de data de validade, depois de quase duas décadas evitando a igreja. Mas ele sempre havia gostado do Padre Richard, o sacerdote favorito de sua mãe, que se converteu no professor favorito de Matthew, e agora tinha a posição em que servia no Residencial da Comunidade de Chapel Hills.

— Padre Richard?

— Pode me chamar de Rick. É como todos me chamam, hoje em dia. É maravilhoso ver você de novo, meu garoto!

Matthew sorriu, ao se lembrar da maneira como o Padre Richard tratava todos os alunos de St. Joseph. Todos eles haviam sido os seus garotos, cada um deles buscando afirmação daquilo que era o mais próximo, para a maioria deles, de um pai “de carne e osso”.

— Agradeço por você dedicar algum tempo a mim.

E ele era sincero. O Dr. Vincent tinha uma mente aguçada, mas também podia ter uma alma ferida. O Padre Richard, por outro lado, ainda usava um colarinho clerical. Dúvidas a respeito de uma questão profundamente espiritual haviam incentivado Matthew a procurar a perspectiva de um padre, contando com a possibilidade remota de que Deus, realmente, falasse por intermédio da igreja.

— Vamos passar para a sala de jantar, antes que fiquemos presos no trânsito.

A música começou ao fundo, indicando a bênção em um culto que deveria terminar ao meio-dia.

— Espero que você goste de creme de milho e pudim de tapioca!

O riso do padre despertou agradáveis lembranças em Matthew, que tendia a se considerar de maneira excessivamente séria. Quando ensinava no ensino médio, o Padre Richard havia rido de si mesmo, no meio de suas palestras a respeito de temas como a imaginação de J. R. R. Tolkien ou a inteligência de G. K. Chesterton. Nenhum dos alunos entendia o humor de seu professor, mas todos eles saboreavam seus roncos, em meio às gargalhadas.

Durante a caminhada de 45 metros em direção ao almoço, Matthew ficou a par da vida do Padre Richard. A sua aposentadoria de St. Joseph. O ano que ele passou no Vaticano. A sua volta ao Colorado, onde foi convidado a proporcionar aconselhamento especializado a idosos debilitados, disfarçados de membros da igreja aposentados e despreocupados. Como os residentes da instituição pertenciam a um amplo espectro de tradições religiosas, a Chapel precisava de um homem que pudesse atender às necessidades espirituais particulares de católicos romanos. O resultado era que os residentes de todas as crenças religiosas vinham para vê-lo. Todos eles precisavam ter alguém com quem conversar a respeito da pergunta que atormentava qualquer pessoa com mais de setenta anos. A mesma pergunta que havia motivado a visita de Matthew.

— Como vai a sua mãe? — perguntou o Padre Richard, quando eles se sentaram em uma das pequenas mesas, perto da janela.

— Não muito bem.

— Ela ainda frequenta a missa na igreja de Our Lady?

Matthew havia recusado os pedidos dela, durante anos. Ele sentiu a necessidade de confessar a sua própria negligência.

— Quando ela pode. Não é frequente.

O Padre Richard olhou no fundo dos olhos de seu antigo aluno, como se estivesse lendo uma história cuja trama requeria meros segundos para discernir.

— Demência?

— Sim, senhor. Pior a cada dia.

Matthew olhou pela sala, encontrando a mulher presa a uma cadeira de rodas, que ele havia ajudado, junto à porta. Ele apontou.

— Mais ou menos como ela.

— Quantos anos ela tem agora?

— Setenta e sete, no próximo mês.

— Ainda está morando na sua casa?

Um aceno com a cabeça, logo seguido por um longo silêncio.

— Estou cansado.

— Então, você está considerando colocá-la aqui? — supôs o Padre Richard, em voz alta.

— Oh não — a possibilidade nunca havia passado pela cabeça de Matthew. — Ela não tem esse dinheiro. Eu contrato uma cuidadora, quando posso. Nós estamos nos arranjando.

— Mas?

— Mas eu acho que há uma opção melhor — hesitou ele.

— Que tipo de opção melhor? — incentivou o sacerdote.

— Nós estamos considerando uma transição.

Esta era a primeira vez em que Matthew dizia essas palavras a outro ser humano. Era algo simultaneamente vergonhoso e libertador, como quando ele havia confessado pensamentos impuros de adolescente, ao mesmo homem, duas décadas antes. Agora, como naquela época, ele esperava receber a absolvição pelo que ele sabia que era errado, mas que não conseguia evitar.

— Ela quer que eu termine a faculdade, que me torne um professor.

As palavras saíram, como se tentassem cobrir o pecado usando uma justificativa.

Os olhos do Padre Richard se apertaram, à medida que a trama ficava mais

densa.

— Ela quer acabar com a própria vida? Matthew não gostou do tom da pergunta.

Muita clareza, para uma decisão complicada.

— Acho que sim.

— Você acha? — sem pausa. — O que ela disse?

Outra necessidade de confessar, ameaçada pela racionalização.

— Ela disse que quer que eu ensine na faculdade, que use o dinheiro que sobrar para pagar a minha instrução.

Dois pratos de uma comida pouco apetitosa invadiram a sua privacidade. Sacerdote e confessor pegaram seus garfos, o som das mastigadas enchendo o silêncio, enquanto Matthew esperava o conselho que não havia pedido. Ele engoliu em seco, abriu a boca para falar, e então pôs mais uma garfada na boca.

O Padre Richard dirigiu seus olhos para algo específico, no outro lado da sala.

— Você está vendo a mulher que está ali, com um vestido vermelho?

Matthew procurou e encontrou. — Sim. — O nome dela é Carolyn. Ela veio ao meu escritório, na semana passada, depois de uma consulta de transição, com sua filha. Ela fechou a porta, e começou a chorar, como um bebê. Eu acho que a família tinha alguns problemas financeiros difíceis. Eu acho que o genro havia perdido o emprego. Algo desse tipo.

Matthew olhou do outro lado da mesa.

— Ela parece bastante saudável. Por que a filha queria a transição?

— Não foi a filha que marcou a consulta, foi Carolyn. Ela quer ajudar a família, preservando a maior parte possível de seus bens, e veio ao meu escritório, preocupada com a reação de sua filha.

— A filha ficou irritada?

— A princípio. Elas sempre foram muito próximas. A médica detestava discutir

a possibilidade da morte de sua mãe. Mas Carolyn insistiu, e elas marcaram a consulta, apenas para obter informações, sem intenções imediatas de explorar a possibilidade. Mais provavelmente, uma opção distante de contingência, caso a saúde de Carolyn se deteriorasse, e as despesas com os cuidados devido à idade se tornassem proibitivos, devido ao seu alto custo.

— Parece razoável.

— É mesmo?

A voz do Padre Richard, costumeiramente brincalhona, mudou ligeiramente.

— Não é sensato conhecer as opções? — perguntou Matthew.

— Eu vou deixar que você decida depois de ouvir o resto da história. Carolyn chorou, em meu escritório, por causa do que aconteceu, quando sua filha entendeu melhor a opção da transição.

Ele tinha toda a atenção de Matthew.

— Resumindo a história, a filha deu uma guinada de 180 graus. Ela viu o interesse de Carolyn pela transição como a resposta para uma porção de problemas, como a dívida crescente que ameaçava a sua capacidade de pagar a hipoteca, para não mencionar a depressão de seu marido, devido à falta de oportunidades decentes de trabalho.

— Então, a filha mudou de ideia?

— Sim. Mas Carolyn também — o Padre Richard se recostou em sua cadeira. — Agora, a filha parece ansiosa para que Carolyn faça a transição. Ela agradeceu à sua mãe, por estar disposta a um ato tão heroico, no mesmo momento em que Carolyn sentiu um nó no estômago, como um prisioneiro condenado a caminho da forca.

— Puxa.

Isso foi tudo o que Matthew pôde pensar.

O sacerdote deu outra garfada, para permitir que o cenário se sedimentasse.

— Carolyn queria o meu conselho, mas, principalmente, queria um ombro sobre o qual chorar. Imagine como ela se sentiu, quando a sua filha amada, repentinamente, desejou a morte da Mamãe.

— O que você disse?

— Eu, principalmente, ouvi, enquanto lhe dava toda uma caixa de lenços de papel, um por vez. Ela havia crescido frequentando a Chapel, ou seja, ela não era católica, mas eu li para ela o que o catecismo diz: “Criado à imagem de Deus, o indivíduo humano possui a dignidade de uma pessoa, que não é, meramente, alguma coisa, mas alguém”.

— A questão não é a dignidade dela?

— Sim, é.

Matthew sentiu que eles estavam em vibrações diferentes.

— O que eu quero dizer é, livrar um ser espiritual de seu corpo decadente não lhe confere a mais alta dignidade? Você sabe, ir para o céu, e todo o resto.

— Você já se esqueceu do que eu lhe ensinei, nas aulas de catecismo, meu garoto? — aparentemente, sim. — Eu vou citar, novamente, o catecismo: O corpo humano tem a dignidade da “imagem de Deus”, é um ser humano, precisamente porque é animado por uma alma espiritual, e é toda a pessoa humana, que deve se tornar um templo do Espírito.

Matthew olhou pela sala.

— Templo do Espírito? Está mais para uma coleção de choupanas.

Ele sentiu uma mão quente sobre seu antebraço.

— Olhe para mim, filho — disse o Padre Richard, fervorosamente. — Você precisa convencer a sua mãe de que uma transição não é a resposta. Diga a ela o que eu disse a Carolyn, que o nosso Pai celestial alimenta as aves do céu. Tenho certeza de que Ele pode cuidar de um ou dois pagamentos atrasados da hipoteca — uma breve pausa. — Ele também pode pagar pelas ambições de ensino universitário de um jovem.

Matthew tentou ocultar seu aborrecimento com a implicação e dar ao Padre Richard o benefício da dúvida. Talvez o sacerdote fosse ignorante, por mais improvável que isso pudesse parecer, dos ensinamentos dos antigos gnósticos e de professores modernos, como o Dr. Vincent. Talvez ele estivesse tão ocupado, cuidando dos paroquianos e preparando planos de aulas no ensino médio, a ponto de ter ignorado uma forma de espiritualidade que oferecia a liberdade de corpos frágeis, e não a prisão dentro deles.

— Eu não sei — começou Matthew. — Quero dizer, ela está se deteriorando muito depressa. Eu não sei se consigo...

— Você consegue — interrompeu o Padre Richard. — Você deve. As transições são apenas o suicídio, com um nome diferente. Um pecado mortal. O ataque de Satanás à imagem de Deus.

Foi então que Matthew percebeu o seu erro. Ele não deveria ter procurado o conselho do Padre Richard Tomberlin.

# CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Julia se retirou para o quarto de hóspedes, ansiosa por se recuperar de uma das poucas refeições em lanchonetes fast-food que havia feito, desde a formatura na faculdade. Ela sentia uma agitação no estômago, não pelo excesso de gordura, mas pela conversa com Troy Simmons. Já fazia algum tempo desde que um homem atraente demonstrava um interesse genuíno por ela, sem ser motivado pelo álcool ou por hormônios estimulados. Ela se repreendeu por uma faísca de química que não poderia permitir.

*Você nunca poderia estar com um homem como ele. Ou poderia?*

*Troy é outro Kevin, preso na Idade das Trevas, com visões arcaicas da masculinidade. Ou era?*

*Claro que é! Por que outro motivo ele compareceria a uma igreja cheia de progenitores e recitaria automaticamente um credo escrito em uma época em que as mulheres eram tratadas como propriedade?*

No entanto, ela percebia que se sentia misteriosamente atraída à sua tranquila força. Troy Simmons se comportava com uma autoridade natural e espontânea, que convidava a uma sensação de comodidade e segurança, que Julia se lembrava de ter sentido quando estava perto do pai de Angie, quando elas eram adolescentes.

A conversa não incluíra nenhuma daquelas frases de uma única linha ou da arrogante obsessão própria que ela havia suportado, com outros homens. Troy havia parecido muito mais um adolescente apreensivo, tentando evitar passos equivocados quando estivesse falando com uma garota bonita. Ela se sentiu lisonjeada com seus nervosos esforços, como a pergunta que ele fez, quando se sentavam à mesa, esperando que Kevin e Angie pedissem a comida.

— Eles também incomodam você, por ser solteira?

— Quem?

— Você — disse ele, inadequadamente. — Quero dizer, seus amigos e familiares. Eles empurram você para o casamento?

— Eu não tenho um parceiro, se é isso que você quer saber — respondeu ela, enfatizando a palavra mais aceitável.

— Parceiro. Certo. Desculpe.

A palavra casamento havia caído em desgraça, especialmente no glossário usado pelos editores de Julia, uma vez que “morar juntos” era a nova situação normal. O engano pareceu tornar Troy ainda menos falante, tentando conversar amenidades com alguém que tinha ideias muito diferentes a respeito de amor e sexo.

Julia decidiu aliviar a tensão.

— Eu não me sinto muito empurrada. Embora alguns leitores invasores tenham me pedido para suavizar a minha crítica às uniões tradicionais.

— Uniões tradicionais? — repetiu ele. — Você quer dizer, como a de Kevin e Angie?

— Suponho que sim.

— De que, especificamente, você não gosta, hã... neles? Com respeito ao casamento?

E assim a conversa prosseguiu. Durante o início de sua conversa, Troy parecia complicar ou assassinar a maioria de suas sentenças. Ela achou isso terrivelmente charmoso.

As coisas pioraram e melhoraram até que Angie sugeriu que Julia fosse à fila, com Troy, para pegar três sorvetes, uma tarefa com que ele poderia ter lidado facilmente sozinho. Apesar do olhar furioso de Julia, Angie piscou para ela, diante do seu esforço, não tão sutil, de casamenteira.

— Eu percebi que você ficou sentado, durante aquela última parte do culto — Julia sentiu que devia agradecer a ele. — Eu não consegui recitar aquele mantra,

e por isso supus que não me qualificava. E você?

Troy se assustou com a escolha das palavras dela.

— Eu tento recitar o credo, mas não o tenho memorizado, como Kevin, Angie, ou os outros membros.

— Memorizado?

— Normalmente, eu me atrapalho em alguma parte entre: “Por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos” e “à direita de Deus Pai”. E quando perco o ritmo, nunca consigo retomá-lo com facilidade.

Julia ouviu a sua própria risada, feliz por saber que ela não havia sido a única a fingir durante o culto.

— Mas você acredita nele? — perguntou ela.

— Na maior parte do tempo — confessou ele. — Eu sou novo no cristianismo.

Julia reagiu com surpresa. Ela não teria esperado que o amigo mais próximo de Kevin fosse um ex-pagão.

— Quão novo?

— Você poderia dizer que eu ainda estou amaciando o motor. Eu comecei a frequentar a Apostles’ Church com os Tolbert quando vim para DC — ele olhou rapidamente para o relógio de pulso, calculando retroativamente. — Faz quase um ano. Ela é muito diferente das igrejas que eu visitava com a minha avó, quando era criança.

— É verdade! — concordou ela. — Eu esperava algo mais parecido com a igreja à qual Angie me subornava para ir com ela, durante o ensino médio.

— Eu nunca adotei o cristianismo antes — ele afastou os olhos, por um momento. — Gostaria de tê-lo feito.

— Feito o quê?

— Gostaria de tê-lo adotado antes. Você entende, mergulhado de cabeça. Isso

poderia ter me ajudado a fazer escolhas melhores — a sua voz declinou, o som de um homem que vivia com arrependimentos que preferiria não descrever. — E você?

— Eu nunca desejei tê-lo feito — ela admitiu. — Minha mãe não nos levava à igreja, e a maioria das minhas amigas que frequentavam a igreja deixou a religião. Para ser honesta, eu fiquei surpresa com o fato de que uma garota brilhante e popular, como Angie, tivesse aderido à religião. Ela parece mais religiosa agora do que naquela época.

— Mais religiosa... como?

Julia pensou por um momento.

— Não sei. Eu tenho a impressão de que ela transborda religião.

Troy pareceu intrigado.

— Transborda?

— É difícil explicar. Nas ocasiões em que eu ia à igreja com ela, ela ficava muito emocionada. Eu me lembro de como eu achava esquisito, todo o canto e as lágrimas, e as orações por isso ou por aquilo. Mas Angie era uma pessoa muito carinhosa e interessada, e nunca se envergonhou de chorar num piscar de olhos.

— Angie é assim mesmo — concordou ele.

— Eu imaginava a igreja como parte de um pacote que incluía adotar gatos de rua e fazer amizade com pessoas solitárias. Eu nunca esperei que a religião se refletisse nas suas escolhas, a respeito de — Julia parou, a um passo de mencionar a maternidade —questões do mundo real.

— Você era uma dessas pessoas solitárias com quem ela fez amizade? — perguntou Troy.

A pergunta golpeou a lembrança de Julia. Na verdade, ela havia sido, sim. Uma garota inteligente, sem interesse, convidada à multidão popular, por uma líder de torcida, curvilínea, que parecia ansiosa demais para convidá-la à igreja, mas também era gentil demais para deixar que ela comesse sozinha, no refeitório. Julia era a garota sem pai, que tomava emprestada confiança do pai de sua

amiga, sempre que era convidada a participar de um ritual de jantar, desconhecido em sua própria casa.

“Como foi o seu dia, Julia?” — o pai de Angie sempre perguntava.

“Você vai se sair bem” — ele encorajava.

“Vamos dar as mãos, para dar graças” — ele decretava.

Esses eram os momentos fugazes, em sua mocidade, em que Julia se sentia em casa. Mas também eram as ocasiões em que ela se ressentia por que Deus não havia se interessado o suficiente para dar a ela o que havia dado a Angie. Um Deus que, ela decidiu, provavelmente não existisse.

— Todo jovem não foi solitário, em uma ou outra ocasião? — respondeu ela.

— Acho que sim. Sei que eu fui — confessou Troy.

— De qualquer maneira, como eu disse, eu nunca desejei ser religiosa.

Toda a conversa durou o que foi necessário para que um adolescente com o rosto cheio de espinhas preparasse três sorvetes. Julia pegou dois deles, agradecida pela interrupção. Eles caminharam de volta à mesa, onde Kevin estava segurando Leah, enquanto Angie exibia um sorriso ardiloso.

Os olhos de Julia dispararam uma advertência que dizia para Angie: “tire essa expressão de casamenteira do rosto”. Então ela percebeu que o seu telefone a chamava.

— Desculpe-me por um segundo — disse ela a Troy, tocando na tela.

— Oi, tia Julia.

— Jared? Há algo de errado?

— Eu preciso conversar com você — começou ele.

Ela se lembrou da mensagem que ele havia enviado.

— Oh, Jared, eu lamento muito. Eu recebi a sua mensagem ontem à noite. Eu pretendia telefonar bem cedo, esta manhã, mas… bem… não importa. Você está

bem?

Troy pareceu embaraçado, pois estava perto demais para evitar ouvir.

Julia silenciou a chamada.

— Desculpe. Meu sobrinho. Uma pequena crise doméstica.

Ele assentiu com a cabeça.

— Continue, estou ouvindo — disse ela, ao telefone.

Nos sessenta segundos seguintes, Jared desabafou no ouvido de Julia, pedindo a ocasional migalha de perspectiva ou sabedoria que só poderia receber de sua tia.

— Você não odeia a sua mãe, Jared. Você só está aborrecido... Ela se importa, sim. Provavelmente, ela não estivesse pensando direito. Nada mais… você sabe que não é verdade. E que importa o que os outros dizem?… Eu prometo conversar com ela quando voltar para casa. Está bem?... Tudo vai dar certo, você vai ver… Escute, eu preciso desligar. Vamos conversar quando eu voltar para casa. Sua mãe ama você, Jared. E eu também.

Ela concluiu o telefonema.

— Você pareceu lidar com isso muito bem — disse Troy, lembrando a Julia de que havia ouvido. — Você deve ser uma tia maravilhosa.

— Oh, obrigada — disse ela, com certo embaraço. Julia levantou seu telefone. — Julia, linha para crises, a seu serviço.

Ela sentiu admiração no sorriso dele.

Durante o resto da refeição, Julia conseguiu dirigir a conversa a temas que pudessem ser úteis à sua matéria. Kevin deixou escapar algo a respeito de uma reunião do subcomitê, na tarde de terça-feira. Troy mencionou, de maneira enigmática, um primeiro rascunho de um relatório que estaria sobre a mesa do congressista pela manhã. Nenhum título foi mencionado, apenas que o documento incluía “projeções revisadas, que pareciam ser melhores do que esperado”. De maneira geral, no entanto, a conversa ficou afastada da política ou da religião, para que os adultos cuidassem dos sorvetes que pingavam e das

crianças que precisavam de guardanapos.

◆

A casa estava maravilhosamente silenciosa, uma vez que o clã dos Tolbert desfrutava sua soneca de domingo à tarde. Julia hesitou entre descansar e ler. Ela escolheu as duas coisas, entrando debaixo dos lençóis com seu tablet, esperando adormecer entre uma página e outra. Ela abriu o diário de Jeremy Santos. A postagem seguinte que Jeremy havia incluído retomava a história cinco anos depois do diagnóstico de Antonio.

29 de agosto, 2031: Acabo de colocar Antonio para dormir. Ele chorou toda a tarde. Na noite passada, ele estava muito entusiasmado a respeito do dia de hoje, mas, quando cheguei à escola, eles me disseram que ele não poderia frequentá-la, porque o orçamento para crianças especiais havia sido reduzido, na última rodada de cortes. Eles culparam os conservadores que votaram na redução dos fundos para a educação.

Jeremy tinha quatro anos e meio, quando começou a cursar a pré-escola, por isso esperávamos que Antonio ingressasse no ano anterior. Eles me disseram que o programa de jardim da infância não supria mais as suas necessidades, e que eu deveria esperar outro ano. Eu estive “cruzando os dedos” desde então, na esperança de que Antonio passasse seis horas por dia em uma escola; e agora só me resta me preparar e tentar me motivar a nos arrastarmos nesta situação por mais doze meses.

Eu acho que preciso encontrar outra fonte de esperança. Desistir não é uma opção.

Eu liguei para Nina. Ela disse que podia continuar a vir à minha casa, às duas da tarde, quando eu saio, para o meu turno na loja. Ela ficará, até que Jeremy chegue da escola. Eu sei que estou abusando da boa vontade dela, que ela e Marcos precisariam da sua segunda renda. Eu não sei o que faria, sem o apoio de minha irmã.

Amanhã vou procurar programas de educação à distância para Antonio. Ele é muito inteligente, e gosta de aprender as coisas que Nina e eu não conseguimos ensinar. Eu só espero que a notícia de hoje não destrua o seu entusiasmo.

Julia pensou em seu sobrinho e em Maria, em casa. Que esperança teria Jared, se lhe dissessem que ele não poderia frequentar a escola? Como sua irmã teria conseguido ter uma carreira, se Julia não tivesse sido a sua reserva durante os primeiros anos de Jared? E se Jared tivesse precisado de atenção durante vinte e quatro horas por dia, ano após ano, após ano?

Ela continuou a ler, percebendo que a próxima postagem incluía um link para uma foto, em que ela clicou. Era uma foto de Sylvia e Jeremy, em pé, atrás de Antonio, que, aos oito anos de idade, estava sentado em uma cadeira de rodas muito enfeitada. Outra mulher estava ajoelhada ao lado de Antonio, provavelmente tia Nina.

25 de dezembro, 2031: Estou sentada junto à nossa pequena árvore, admirando o piscar das luzes. Jeremy e Antonio ainda estão dormindo. Eles não quiseram ir para a cama, até uma hora da manhã, quando nós voltamos da Missa do Galo.

Julia fez uma pausa em sua leitura, perguntando-se por que uma mulher, na situação de Sylvia, passaria pelo trabalho de arrastar dois meninos à igreja, na véspera de Natal, à meia-noite.

Espero que Jeremy acorde logo e, lembrando-se de que dia é hoje, acorde seu irmão. Eu disse a Jeremy que Papai Noel poderia trazer um presente muito especial para Antonio, este ano. Ele me implorou que dissesse o que era, mas eu lhe disse que não podia, uma vez que Papai Noel não dá garantias. A verdade é que eu não recebi a confirmação até a noite passada, quando o nosso sacerdote me mostrou a cadeira. Ele disse que, finalmente, havia encontrado um doador. Eu suspeito que tenha sido o próprio Padre Mark, mas sei que ele nunca contará.

Nós não temos mais esperanças de que Antonio consiga andar, e ele ficou pesado demais para que eu continue a carregá-lo para todas as partes. E, o mais

importante, ele precisa ter algum tipo de independência. Ele ficará tão contente! Finalmente capaz de se movimentar sem ajuda. Essa unidade particular inclui uma opção de atualização, para quando a deterioração de Antonio continuar, uma adaptação que permitirá que ele controle a cadeira com um único dedo, usando uma pequena tela que funciona com as duas mãos, ou com apenas uma delas. Também pode ter uma interface com um tablet, caso Antonio venha a perder a fala.

Há alguns meses, eu levei meu filho à escola, onde eu e ele fomos lembrados dos seus defeitos. Hoje, ele vai receber uma pequena dimensão de dignidade. Pode não ser o tipo de cura que Nina pediu em suas orações, mas eu aceito, agradecida, o que pudermos ter. Este será um dia maravilhoso!

Enquanto outros garotos ganhavam o último modelo de brinquedo digital, Antonio ganhava uma cadeira de rodas. Dificilmente seria um momento que Julia consideraria maravilhoso. E, certamente, não seria um momento pelo qual ela expressaria gratidão!

Não sentindo mais sono, Julia continuou a ler as confissões da vida de uma mulher que não poderia ter sido mais diferente que a dela. Durante a hora seguinte, os anos voaram.

2032: Sylvia troca um trabalho de limpeza, com salário ligeiramente mais alto, por uma empresa iniciante, de pesquisas de laboratório, financiada por um subsídio federal para a tecnologia genética. As notas de Jeremy, na sexta série, são, na maior parte, Bs e Cs, o que mamãe considera notável, considerando o tempo que ele passa ajudando Antonio, todas as tardes. Aos nove anos, Antonio se tornou um leitor voraz, e devora todo artigo e livro eletrônico sobre dinossauros e robôs que consegue encontrar. Especialmente, robôs.

2033: As necessidades médicas de Antonio se intensificam, depois que ele perde os movimentos das duas pernas, e grande parte do movimento de seu braço esquerdo. Um médico interessado tenta encorajar Sylvia, contando-lhe de uma recente decisão no tribunal, que expandia a menores incapacitados o escopo dos

que se qualificavam ao suicídio auxiliado. O padre Mark fica furioso, quando descobre. Antonio passa seus dias usando, desajeitadamente, um programa ultrapassado de robótica, que recebera de um membro de sua paróquia, um engenheiro aposentado, que ficou sabendo do interesse de Antonio.

2034: Sylv ia se preocupa com Jeremy, porque suas notas caem e seu comportamento piora. Marcos e Nina tentam levá-lo à sua igreja, apresentá-lo ao ministro dos jovens e orar por ele. Nada parece ajudar. O Padre Mark diz que é normal que os adolescentes se afastem de suas mães, que eles precisam de uma forte influência masculina que os ajude a navegar em meio às mudanças do corpo, e construir uma identidade masculina.

2035: Antonio encontra um programa online gratuito, com que ele pode estudar em casa, para alcançar o seu objetivo de concluir o material da sétima série um ano à frente de seus antigos colegas de onze e doze anos de idade. Mas ele perde grande parte de sua capacidade de falar. Eles não conseguem encontrar um doador que pague um aparelho de voz auxiliar, nesses tempos economicamente difíceis.

2036: Um excelente ano. Sylvia recebe um aumento de salário, depois que sua empresa faz ofertas de ações e recebe uma infusão de fundos para pesquisa. Ela e os meninos se envolvem na campanha presidencial de Lowman, até mesmo se oferecendo para fazer trabalho de marketing eletrônico, em casa. Antonio se torna proficiente na digitação com um único dedo. Ele começa um diário, chamado REFLEXÕES DE ANTONIO. Apesar da mobilidade cada vez menor, ele parece animado, especialmente na noite da eleição, quando se sente como fazendo parte da história.

2037: Sylvia perde o emprego, depois da queda de ações da tecnologia genética. Os Santos são forçados a ir morar com Nina e Marcos, até que Sylvia se recupere, com trabalhos em meio período. Felizmente, a loja onde ela costumava trabalhar cria uma vaga para admiti-la de volta. A queda na renda familiar obriga

Sylvia a se mudar para um apartamento de aluguel baixo, em um bairro ainda menos favorecido por escolas. Jeremy detesta essa nova escola, e é quase suspenso, por brigar. Ele declara que brigou para se defender, e por isso só recebe uma advertência.

2038: A desaceleração econômica atinge a família Santos, motivando outra medida. Sylvia recebe alguma ajuda de um paroquiano com quem sai, de vez em quando, um engenheiro aposentado, que se interessa pela educação de Antonio. Ela quer que o relacionamento fique mais sério, mas entende a relutância do homem em assumir um adolescente incapacitado e um Jeremy irado, que faz todos os esforços para ser expulso do ensino médio. Eles continuam amigos, no entanto, e ele a ajuda, ocasionalmente, quando o salário dela acaba antes do final do mês. Ele também mantém o estoque de Antonio, com uma série de licenças de programas ultrapassados.

2039: O Congresso reage à crise econômica, aprovando a Iniciativa Jovem do presidente. Antonio, aos dezesseis anos, perdendo o interesse pelos seus estudos e pela robótica, passa a se interessar pela economia. Ele acompanha, com grande interesse, o debate nacional, e fica visivelmente irritado quando os conservadores religiosos criticam os motivos do presidente. Sylvia gostaria que Antonio passasse o seu tempo com interesses mais produtivos, que aplicasse o seu impressionante intelecto para aprender uma profissão útil. Ela sabe que ele é capaz de fazer uma grande contribuição ao mundo, apesar de suas limitações físicas. Ele ignora os apelos dela, dizendo que ela é apenas uma mãe influenciável. É verdade, mas ela ainda se preocupa. Enquanto isso, Jeremy aceita um emprego na mesma loja em que sua mãe trabalha, depois de quase perder a formatura do ensino médio. Salário mínimo, mas é melhor do que nada.

2040: Sylvia tem um envolvimento sério com outro homem. Como Jeremy assume parte da carga financeira, ela consegue reduzir o seu turno de sessenta para cinquenta horas por semana, o que lhe dá uma pequena margem para atividades sociais. Ela quase havia se esquecido do efeito rejuvenescedor de pequenos prazeres, como comer fora, ver um filme e segurar a mão de um

homem. Mas tudo termina abruptamente, quando o homem honra o pedido de Antonio, e o leva a uma visita à nova clínica de transição que foi inaugurada a um quilômetro e meio de distância. Antonio volta da consulta, ansioso por fazer a sua parte, servir ao bem estar comum e dar uma vida mais tranquila à sua mãe. Sylvia se recusa a ver este homem outra vez.

Quando mudava a página para ler as últimas postagens de Sylvia, Julia ouviu uma tímida batida à porta, seguida pelo som de uma voz de criança que vinha pela fresta abaixo da porta.

— Ti a Julia. Está acordada? — Tommy, em busca de um companheiro de brincadeiras. Ela afastou as cobertas, e foi em direção à porta.

— Sim, Tommy, estou acordada. E você? — ele não sabia como responder. — Espere um minuto, está bem?

Ele concordou com a cabeça, animado.

A casa dos Tolbert estava voltando à vida, e convidando Julia a deixar o seu casulo.

# CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

-A congressista vai recebê-la agora.

O recepcionista parecia ter pouco menos de trinta anos. Quando ele abriu a porta, Julia respirou profundamente, para obter o último aroma da colônia que havia brincado com seus sentidos durante a espera de cinco minutos. Julia havia dado uma dúzia de olhares ao terno perfeito do homem, e ao seu sorriso perfeitamente atraente. Ela se perguntou se ele teria sido contratado como um colírio para os olhos, para dar à representante no décimo mandato algo a esperar, todas as manhãs, antes de enfrentar uma barricada de lobistas grudentos e debates monótonos com outros congressistas arrogantes.

— Julia Davidson! — disse, Nicole Florea, já em pé. — A que devo a honra de receber uma de minhas colunistas favoritas?

Não havia ocorrido a Julia que um membro da Western State Coalition pudesse ser uma fã. Mas, então, ela se lembrou do relacionamento com seu editor. Qualquer amiga de Paul também deveria ser uma defensora de ideias progressistas, independentemente de sua filiação partidária.

— A honra é minha, Madame Florea — começou Julia.

— Por favor, chame-me de Nicole.

Durante anos, Julia tinha visto fotografias e filmes de coletivas de imprensa da congressista. De perto, no entanto, ela parecia ser muito mais velha. Qualquer agente publicitário de respeito teria procurado cuidadosamente fotos e trechos de filmes, para liberar para o público apenas as imagens mais elogiosas de uma mulher que havia passado a sua melhor idade já há uma década ou duas. Até mesmo uma população dramaticamente mais velha considerava a velhice um tabu, especialmente para as mulheres. Repetidas operações plásticas e uma custosa rotina de cuidados com o cabelo não podiam esconder uma estatura ligeiramente arqueada ou uma voz menor do que havia sido quando a militante política, agora com setenta anos, arrebatou o mundo político.

Depois das gentilezas usuais, Julia pediu permissão para gravar a conversa. Era uma cortesia jornalística que, se recusada, impediria a cobertura necessária a um político ou deixaria o jornalista livre para especular por que o político havia se recusado a comentar algum assunto que dominasse os noticiários. Nicole concordou, imediatamente.

— Imagino que você queira falar sobre Kevin Tolbert.

A pergunta surpreendeu Julia. Ela não havia mencionado Kevin, nem pretendia fazê-lo. Será que Paul havia advertido a congressista?

— Bem, na verdade, eu queria saber a sua opinião sobre a coalizão pela austeridade fiscal, do Senador Franklin — explicou Julia. — Eles têm se conduzido de maneira secreta, mas nós temos ouvido coisas sobre propostas pendentes que parecem...

— Loucas? — interrompeu Nicole. — É por isso que eu mencionei Kevin Tolbert. Ele é o líder, e eu não gosto da direção a que ele parece estar conduzindo as coisas.

A intensidade dela surpreendeu Julia. Nicole Florea sempre havia dado a impressão de ser consumadamente imparcial, como alguém disposto a ouvir todos os lados antes de chegar a conclusões ou fazer comentários em público. Neste caso, no entanto, ela parecia sedenta de sangue.

— Ele é inexperiente e arrogante — continuou Nicole —, e não é uma pessoa que possa contribuir com tal esforço, e muito menos liderá-lo.

— Eu pensei que o Senador Franklin estivesse liderando a coalizão — Julia tocou a tela de seu tablet, para encontrar a citação específica. — Aqui está: “Ele afirma ter convidado uma variedade de líderes a um diálogo, para examinar as melhores soluções para a nossa grave crise fiscal”.

— Humph.

— Eu estou surpresa pelo fato de você não ser uma das pessoas participantes — disse Julia, alterando a expressão de Nicole, de ressentimento cheio de angústia para satisfação pelo ego massageado.

— Já tenho muita coisa a fazer — disse ela. — Eu não tenho tempo para reuniões secretas que, provavelmente, não vão encontrar nenhuma nova solução.

— Posso perguntar por que você está preocupada com o Congressista Tolbert?

— Como eu disse, as suas ideias são loucas!

— Sei o que você quer dizer — Julia fingiu saber mais do que sabia, com a esperança de conseguir que a congressista abrisse a boca. — Você acha que ele tem uma agenda de progenitor?

— Sem dúvida — ela quase gritou. — Não me entenda mal. Eu não me envolvo nos detalhes, mas eu conheço um traidor quando vejo um. Kevin Tolbert é um traidor.

— Se você não se importa, eu gostaria de entender a sua participação na aprovação da agenda do presidente.

— Minha participação? Com toda modéstia, eu agi como um zagueiro — ela se vangloriou. — Pergunte a qualquer pessoa desta cidade, e você saberá. A Iniciativa Jovem estava acabada, antes que eu conseguisse o envolvimento da Western State Coalition. Os estados do leste e do norte apoiaram imediatamente o conceito. Mas os estados do sul montaram um ataque muito sério, acusando o presidente Lowman de sacrificar a dignidade humana no altar da estabilidade financeira, de tentar salvar o seu próprio pescoço político, sacrificando os cidadãos mais velhos, blá, blá, blá. Você conhece o roteiro.

— Desculpe a minha ignorância, mas você pode explicar que elementos da iniciativa eles menos apreciam?

— Alguns deles odiaram a coisa toda por motivos religiosos — explicou Nicole. — A vida humana é sagrada. O suicídio é um pecado. Esse tipo de coisa. Nós nos livramos dessas objeções rapidamente, como se fossem moscas desagradáveis. A separação da igreja e do estado.

Julia lembrou-se de fotografias de cartazes de protestos, sustentados por pequenos grupos de religiosos, do lado de fora da Casa Branca. Eles retratavam o presidente Lowman com um pequeno bigode preto, ao lado dos rostos de famosos idosos sobrepostos a cadáveres esqueléticos de campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, como Dachau e Auschwitz.

— Outros desempenhavam um papel de compaixão — continuou Nicole. — Muito mais difícil de ignorar. Eles afirmavam que a Iniciativa Jovem esnobava os desejos dos membros mais próximos da família, e exigiam uma provisão que tornasse a coaprovação necessária, antes que qualquer transição pudesse ser feita. Naturalmente, isso teria reduzido as economias estimadas, pelo menos à metade.

— À metade?

— Ou mais. Pense nisso, não é como fazer um pedido conjunto de cartão de crédito. Colocar o seu nome John Hancock ao lado do nome de mamãe, papai ou do seu cônjuge, seria como desligar o interruptor em uma cadeira elétrica. Mesmo que eles quisessem a transição, a palavra final é sua. Por isso, nós rejeitamos tão intensamente essa emenda.

— E como vocês venceram? — Simples matemática. Lembre-se, cada membro do Congresso estava diante de um eleitorado irritado, que exigia que algo dramático fosse feito para interromper o problema fiscal. Tudo o que tínhamos que fazer era mostrar-lhes a diferença entre as prováveis economias pela transição, com a coaprovação, versus as economias sem ela. A Iniciativa Jovem gerou mais de um trilhão de dólares em economias com benefícios sociais durante os últimos quatro anos. Você sabe como teria sido difícil votar contra esse tipo de economia? \

Julia ficou em silêncio, relembrando as palavras de Jeremy Santos. Ele disse que essa história era sobre pessoas reais. Ela calculou, retroativamente, tentando avaliar exatamente quantas dessas pessoas reais teriam sido necessárias para chegar ao valor de um trilhão de dólares. Pelo menos, quatro milhões.

— Eu estou absolutamente convencida de que nós fizemos o que era certo. Agimos com compaixão.

— Por que, compaixão? — perguntou Julia.

— Porque nós fizemos concessões, incluindo a exigência da aprovação dos entes queridos para todos os indivíduos menores de idade e mentalmente deficientes. Nós também exigimos que, a cada inscrição, seja recomendado que os voluntários à transição conversem sobre a sua decisão com seus entes queridos, antes de tomar uma decisão final. Isso, normalmente, está escrito com letras pequenas, mas está sempre ali.

Julia deve ter parecido pouco convencida, o que levou Nicole a continuar.

— Mas a principal razão pela qual a versão final é mais misericordiosa é o fato de que ela protege membros vulneráveis da família e impede que prejudiquem a si mesmos.

— Como?

— Encaremos, muitas pessoas minarão a sua própria estabilidade econômica, sem mencionar que drenarão a economia, por uma resistência religiosa ou emocional à morte de um ente querido. Os nossos críticos diziam que impedir a intervenção de um membro da família é cruel. Nós os convencemos de que essa é a abordagem mais misericordiosa. É verdade, os membros da família lamentam a perda, mas a herança da transição alivia a dor. Muito rapidamente, eles percebem a tolice de gastar bens perfeitamente úteis em uma existência completamente sem sentido.

Julia sentiu um súbito tremor, ao se lembrar de suas próprias colunas, escritas durante o auge do debate da Iniciativa Jovem. Ela havia dito que a autonomia individual deveria vencer os desejos familiares, que as transições deveriam continuar sendo uma decisão pessoal, e não uma discussão de grupo, e que os recursos limitados deveriam ser aliviados das despesas com cuidados médicos, para serem investidos no crescimento futuro.

A família Santos lhe veio à mente, motivando a pergunta seguinte de Julia.

— Você se preocupa com o impacto potencial da ação contra a NEXT?

— Eu me preocupo — respondeu Nicole. — Eu não consigo acreditar que eles sejam condenados de morte por negligência. Se essa decisão não for revertida nas apelações, então tudo é possível. Preste atenção ao que estou dizendo, esse rapaz não é nada, exceto um peão nas mãos de advogados ambiciosos, que sentem gosto de dinheiro na água.

Julia fingiu um olhar de ignorância.

— A última coisa de que precisamos agora é... — Nicole parou, como se percebesse que havia falado demais, e então redirecionou o pensamento. — A indústria da transição não pode se permitir um soco no olho agora, especialmente quando novatos ingênuos como Kevin Tolbert querem nos levar de volta à Idade das Trevas.

— Idade das Trevas? — perguntou Julia. — Como?

— Como eu disse ao seu colega...

*Colega?*

— …eu imagino que Tolbert vai recomendar créditos de impostos para progenitores, ou alguma bobagem similar. Posso dizer que ele não gosta da Iniciativa Jovem, por motivos religiosos, mas ele é inteligente. Ele atacará a Iniciativa em uma frente menos óbvia. Eu ainda não consigo acreditar que alguém desta cidade se opusesse ao único programa que conseguimos implementar e que está nos ajudando a galgar o caminho de volta à estabilidade financeira.

O som de uma porta se abrindo e o delicioso aroma da colônia do recepcionista interromperam o momento.

— Madame Florea — ele não disse mais nada.

— Obrigada, Jeffrey. Já estamos terminando.

A porta se fechou e o comportamento de Nicole deixou de ser o da política insensível e passou a ser o de uma velha maliciosa.

— Ele não é maravilhoso? Eu o contratei diretamente da escola de modelos. Excelente decoração para o escritório. Uma pena que ele joga no outro time, se você entende o que quero dizer.

— Ele é adorável — Julia não sabia o que mais poderia dizer.

Nicole se levantou, fazendo um sinal para que Julia fizesse a mesma coisa.

— Boa sorte com a matéria. Eu realmente espero que ela intercepte essa bobagem dos pontos brilhantes. Ligue para o Jeffrey se você tiver alguma outra pergunta, e faremos o que pudermos para ajudar.

Com a porta se fechando atrás dela, Julia se lembrou da breve referência de Nicole a um colega. Ela se aproximou do aroma agradável, sentado atrás de sua mesa.

— Desculpe, o seu nome é Jeffrey?

— Sim, senhora.

— Uma pergunta rápida, Jeffrey. Alguém mais do RAP Syndicate veio ver a Madame Florea recentemente? Talvez o Sr. Paul Daugherty?

— Só um momento, vou verificar — ele clicou no ícone do calendário, em sua tela, antes de procurar as anotações de compromissos recentes.

— Não há nenhum registro de um Sr. Daugherty ou do RAP Syndicate. Lamento.

— Ok. Bem, obrigada por verificar — ela se virou para sair.

— Eu tenho um registro de uma entrevista por telefone, com uma Srta. Garcia, na última sexta-feira à tarde.

Julia refreou sua reação.

— Mas não há indicação de sua filiação — continuou Jeffrey.

— Monica Garcia? — Julia já conhecia a resposta.

— Isso mesmo. Monica Garcia.

Um vulcão de ira ameaçou explodir, quando Julia percebeu que seu editor havia apostado dos dois lados. Ele havia designado a mesma matéria a duas jornalistas, sem dizer a elas, ou, pelo menos, sem dizer a ela. A percepção imediatamente esfriou a fúria de Julia, por trás de uma inundação gélida de insegurança.

# CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Kevin examinou e apagou uma sequência de mensagens inúteis de segunda-feira pela manhã, enquanto ouvia o relatório diário de Troy: o resumo usual das sessões do subcomitê e as reuniões agendadas para ouvir lobistas, agradecer a aliados, e cortejar oponentes. Mas ele não ouviu nada a respeito do único item que realmente o interessava.

— Alguma coisa sobre as projeções revisadas?

— Ainda não — disse Troy. — Nós acabamos de concluir o último ciclo de modificações para a proposta, na reunião de terça-feira, e o nosso contato no departamento do orçamento prometeu “mastigar” os números durante o fim de semana. Espero ter alguma novidade esta tarde.

— Eu tenho que saber que aquilo que estamos vendendo pode ser vendido, antes da apresentação de amanhã — disse Kevin, apreensivo.

Troy levantou os olhos de suas anotações para repreender, silenciosamente, seu chefe, por declarar o óbvio.

— Desculpe — Kevin protegeu a cabeça, fingindo defender-se da forma favorita de vingança de seu amigo.

— Você também deve saber que eu planejo conversar hoje, pessoalmente, com cada membro do subcomitê. Cada um deles negará o vazamento, mas você sabe, tão bem quanto eu, que pode ter sido qualquer um deles, ou um cônjuge, ou um membro da equipe, ou o amigo de um amigo que ouviu alguma coisa dita por alguém e que prometeu não dizer nada a mais ninguém. Boatos e especulações vão acontecer a partir do momento em que Franklin divulgar as propostas. Por isso, não se preocupe. Você está fazendo tudo o que pode.

— Eu sei — disse Kevin, parecendo resignado. — Algo mais?

Troy deu dois passos para trás, para abrir a porta.

— Mais uma coisa — um estagiário entrou, carregando seu tablet a uma distância esquisita, como uma criança que se aproxima da mesa com um copo de leite muito cheio. Com medo de derrubar a maior responsabilidade do seu cargo, o jovem parecia ansioso por, finalmente, entregar qualquer informação que tivesse obtido.

— Relaxe, Shaun — Troy colocou sua mão sobre um ombro tenso. — Conte-nos o que descobriu.

— Sim, senhor.

Shaun ficou em pé, perfilado, um hábito difícil de deixar, depois de quatro anos no Corpo de Cadetes do Texas A&M.

— À vontade, filho — brincou Kevin. — Vamos ouvir o que você tem aí.

— Como vocês se lembram, na semana passada, nós recebemos a maior doação para a campanha, até hoje. O Sr. Simmons me pediu que eu descobrisse o que pudesse a respeito do doador, e informasse vocês antes do almoço de hoje, com o Sr. Evan Dimitri.

Kevin e Troy trocaram um sorriso. A voz do rapaz era apropriada, para a sua postura rígida.

— O Sr. Dimitri tem um longo histórico de apoio a conservadores fiscais, mas muito poucas de suas doações se aproximam do valor que ele doou à campanha do congressista Tolbert.

— Qual foi mesmo o valor da doação? — Kevin não conseguia se lembrar de detalhes de uma conversa, obstinado, como estava, para adquirir conhecimentos a respeito do problema de Leah.

— Um quarto de milhão — disse Troy.

— Somente duas outras pessoas receberam uma quantia equivalente do Sr. Dimitri — continuou Shaun. — Incluindo o Senador Josh Franklin.

Kevin aceitou a informação como um elogio.

— É mesmo? Franklin?

A expressão no rosto de Troy esvaziou o momento.

— Qual é o problema? — perguntou Kevin.

— Nenhum — Troy tentou parecer otimista. — Eu só queria esperar para

fazermos a nossa avaliação, até que saibamos mais.

— Que mais há para saber? — pressionou Kevin. — Faz sentido que uma pessoa que apoia Franklin, e que defende os conservadores fiscais, dê o seu apoio a um congressista que o senador convidou para presidir um importante subcomitê que trata de desafios econômicos.

— É verdade.

— Não era você que previa que a coalizão de Franklin é um campo de provas para potenciais nomeações de gabinete, se ele conquistar a Casa Branca?

Troy ainda pareceu hesitante.

— Sim, era eu.

— Mas?

— Mas nós recebemos a doação um dia antes que Franklin pedisse a sua ajuda.

— Posso continuar, senhor? — Shaun ainda parecia preocupado com a possibilidade de derramar o leite.

— Continue — disse Troy.

— A única outra pessoa a receber uma doação tão grande foi a congressista Nicole Florea.

— Não foi Nicole Florea que presidiu o encontro que Franklin interrompeu, em Scottsdale? — perguntou Troy. — Aquela que olha você com uma expressão de poucos amigos, todas as vezes que vocês se encontram, desde que Franklin lhe convidou a fazer parte da equipe dele?

— Sei quem é — respondeu Kevin, imitando os braços cruzados de Troy, em uma demonstração de juízo reservado solidário.

— Obrigado, Shaun — disse Troy, para permitir a saída do auxiliar. — Bom trabalho.

— É verdade, excelente trabalho, Shaun — acrescentou Kevin.

Kevin seguiu Troy, deixando o escritório, para começar a caminhada rumo à sua próxima reunião. Quando chegaram à escada, Kevin colocou uma das mãos firmemente sobre o ombro de seu amigo, para impedir que eles continuassem caminhando.

— Uma última coisa.

— Diga.

— Preciso de informações sobre outro tema.

Troy pareceu desconcertado.

— Que outro tema?

— Certa mulher chamada Angie Tolbert está esperando um relatório sobre a sua opinião a respeito de Julia Davidson.

— Não estou entendendo. O que tem Julia Davidson?

— Meu palpite é que Angie quer uma explicação para a maneira como você estava olhando para Julia.

Troy sacudiu a cabeça.

— Um sujeito não pode gostar da companhia de uma mulher atraente sem que seus amigos suponham...

— Não, não pode. E você não vai me mandar para casa a uma esposa curiosa que não quer usar um pingo de sua inteligência, mas somente as suas próprias impressões. Angie acha que você gostou dela. O meu trabalho é levar-lhe os detalhes.

— Mas eu acabo de conhecer essa mulher!

— E? — pressionou Kevin.

A sobrancelha de Troy se levantou, demonstrando uma resistência.

Kevin olhou para o relógio.

— Você tem exatamente sessenta segundos para me dar alguma resposta, ou pode considerar o fim de nossa amizade. Eu me recuso a dormir no sofá esta noite!

Troy revirou os olhos, diante da ameaça.

— Ela não obrigará você a dormir no sofá.

— Alguma informação sólida. É tudo o que preciso. Ora, vamos, Troy, não me deixe no escuro.

Troy riu, e então procurou alguma informação adequada.

— Ok. Eu vou lhe dizer algo — disse ele. — Eu ouvi uma conversa telefônica entre Julia e seu sobrinho.

— Eu acho que Angie quer alguma informação sobre você e Julia, e não sobre Julia e o sobrinho dela — acrescentou Kevin.

— Deixe-me acabar — pediu Troy. — Durante a conversa com o sobrinho, eu pressenti um calor maternal, que me surpreendeu.

Kevin pareceu intrigado.

— Humm. Isso é bom. Você diria que surpreendeu você agradavelmente?

— Ok. Sim, me surpreendeu agradavelmente — concordou.

— Melhor — disse Kevin, piscando o olho.

— Julia se descreve como uma jornalista competitiva, cruel — continuou Troy — mas eu vi algo nos olhos dela, e ouvi algo na sua voz, durante aquele telefonema, que me disse que Julia é mais que um rosto bonito com um currículo impressionante.

— Como, por exemplo?

Troy hesitou, como se estivesse embaraçado de dizer mais alguma coisa.

— Vamos lá, Troy. Você sabe que Angie quer o resumo da história.

— Ok — cedeu ele. — Eu tive um sinal do que eu vejo quando Angie está com as crianças.

Kevin entendeu. E, o mais importante, agora ele tinha o que precisava.

— Perfeito! Ela vai adorar isso. Obrigado, amigo. Você me salvou do sofá!

Troy beliscou o braço do amigo.

— É melhor você começar a andar. Você não vai querer chegar atrasado.

◆

Uma hora mais tarde, Kevin estendeu a mão para o misterioso Evan Dimitri, que já estava sentado no salão de jantar do congresso.

— É uma honra conhecê-lo, Sr. Dimitri — o seu calor e entusiasmo usuais escondiam uma apreensão remanescente. — Espero que não tenha esperado muito tempo.

— Quinze minutos — uma censura.

Kevin olhou para o seu relógio, procurando confirmar que ele havia, na verdade, chegado antes do horário marcado. Lembrar o seu convidado do horário agendado seria falta de decoro. Pedir desculpas por alguma confusão não especificada seria uma demonstração de fraqueza.

— Bem, agradeço por você ter conseguido tempo para a reunião.

— Deu certo. Eu tinha várias outras reuniões no Capitólio, esta tarde — Dimitri explicou de uma forma direta.

Kevin se sentou diante do homem que encaixava congressistas no seu dia. O seu corpo sólido combinava com um queixo forte, abaixo de uma cabeça cheia de cabelos espessos e grisalhos. Ele usava um terno preto que lhe dava a aparência de um contador que jogava rúgbi. Aparentemente, ele havia desenvolvido suas

habilidades sociais, brigando com os oponentes em um campo enlameado.

— Quero expressar meu agradecimento pela sua generosa doação à minha campanha de reeleição — Kevin foi direto ao único item de sua agenda. — Como você, provavelmente, sabe, a próxima eleição deverá ser difícil, considerando nossos problemas econômicos, e…

— Guarde o discurso para a campanha — interrompeu Dimitri. — As eleições só são difíceis quando o outro candidato tem mais dinheiro para gastar em seu marketing. Considere a minha doação como a entrada para o que deverá ser uma campanha muito agressiva.

Kevin se sentiu lisonjeado, mas também desconfortável, como um garoto que recebe um abraço do valentão da escola, que o escolheu como seu novo amigo.

— Nós temos observado você, Sr. Tolbert — Dimitri continuou. — E pensamos que você tem grande potencial.

— Nós?

— Digamos apenas que você tem sido o tema de algumas conversas entre amigos que têm meios para lhe dar um futuro brilhante em Washington. E gostamos do que vimos até agora. Um firme conservador fiscal com o cérebro disposto a trazer ideias inovadoras e a vontade para correr em direção a questões difíceis, em lugar de fugir delas.

Kevin ficou em silêncio, esperando a próxima frase óbvia.

— Você me lembra Nicole Florea, quando era mais jovem.

Kevin reprimiu qualquer demonstração de que tivesse se ofendido com a comparação.

— É mesmo? Como?

— Pessoas como ela. Que confiam em seus instintos. E quando a sua influência mais era necessária, ela recompôs os exércitos.

— Ela os recompôs, para quê?

A pergunta motivou um riso sardônico.

— O que mais? — ele olhou ao redor, à procura do garçom, impaciente depois de quase três minutos sem atenção. Então ele percebeu que a anfitriã acompanhava um casal a uma mesa, a seis metros de distância, e fez um gesto, chamando-a. — Duas sopas do dia — pediu Dimitri, sem se dar o trabalho de confirmar com Kevin. — E mais pão.

Ele se voltou outra vez para Kevin.

— A medida mais importante de austeridade que já foi imposta aconteceu, graças à habilidade política de Nicole Florea. Se ela não tivesse conseguido a adesão dos estados do oeste, a agenda de Lowman teria sido destruída. E, o mais importante, a nossa crise financeira seria ainda pior do que é agora.

— Você tem certeza disso?

Dimitri ignorou a pergunta.

— Você sabe, tão bem quanto eu, que as coisas estão prestes a ficar muito mais graves. Precisamos de vozes novas, mais jovens, com ideias corajosas, como a que você planeja propor amanhã.

— Amanhã? — Kevin tentou parecer surpreso.

— Na reunião da equipe de austeridade, onde você vai apresentar a proposta dos Pontos Brilhantes.

*Será que ele está jogando verde? pensou Kevin.*

— Eu não tenho liberdade para comentar…

— Você já descontou o cheque? — Dimitri interrompeu.

— Como?

— Você já descontou o cheque da minha doação?

— Eu suponho que ele tenha sido depositado. Por que você pergunta?

— Então, tem liberdade para comentar, Sr. Congressista — o tom de jogador de

rúgbi mudou, de arrogante a reprovador. — Você planeja propor incentivos que farão com que seja mais fácil e mais provável que os cidadãos tenham e criem filhos. Você mostrará o impacto econômico anual de cada trabalhador para demonstrar por que a criação de uma nova colheita de contribuintes é essencial para a nossa estabilidade fi-nanceira de longo prazo. Estou certo?

Kevin assentiu, relutantemente.

— Entre outras ideias, sim.

— Bom. Gosto disso — ele pareceu um arquiteto que aprovava um último detalhe em um projeto intrincado.

— Fico contente — respondeu Kevin. — Mas posso perguntar como você sabe tanto a respeito de minha proposta? Cada membro do nosso subcomitê prometeu guardar em segredo completo nossas reuniões. Quem esteve falando com você?

Dimitri dissipou a pergunta, com um gesto.

— Não se preocupe. Eu não tenho muitos detalhes, apenas pinceladas gerais. O suficiente é que você saiba que será uma peça importante, quando Franklin agir. A sua proposta vai complementar um bom pacote.

— Complementar?

— Ela vai adicionar uma estratégia de longo prazo às medidas de curto prazo de que precisaremos, para evitar uma crise maior.

As peças do quebra-cabeças de Evan Dimitri começaram a se formar, na mente de Kevin. Um grande jogador, em meio a doadores de comitê na ação política. Um homem que apoiava candidatos conservadores fiscais, revisava previsões econômicas sigilosas, e recebia informações sobre a coalização de austeridade secreta, do senador Franklin. Kevin estava almoçando com um homem acostumado a controlar os cordões de várias marionetes.

Uma nova cesta de pão e dois pratos de sopa apareceram na mesa. Kevin não havia percebido a chegada do garçom.

Dimitri falou lentamente, concentrando-se em passar manteiga sobre uma fatia do pão quente.

— Ouça, Congressista. Você queria almoçar comigo para agradecer pela minha doação. Eu entendi isso, você diz “obrigado”, eu digo “de nada”. Considere a doação como uma expressão do meu apreço pelo que você está fazendo, para ajudar essa nação a evitar o colapso econômico. Essa doação vem sem expectativas.

Kevin se preparou.

— Mas vem com um pedido. Eu peço que você pense em termos de “isto mais aquilo”, ao invés de pensar em “isto ou aquilo”. Use a sua influência crescente para promover novas ideias sem minar as medidas de austeridade existentes, já postas à prova. Confie em mim, menino, esse método fará com que você chegue longe.

Aparentemente, Evan Dimitri havia escolhido a sua próxima marionete útil, e dado o primeiro puxão nos cordões. Enquanto colocava sua colher na sopa, Kevin sentiu uma súbita perda de apetite.

# CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Julia olhou uma última vez ao espelho sobre a pia, no toalete feminino, para inspecionar seu rosto e cabelo. A rápida caminhada pela avenida Independence havia submetido a sua cabeça descoberta aos ventos enérgicos de abril, bloqueados, apenas em parte, pelo edifício Longworth, situado entre os edifícios Cannon e Rayburn. A caminhada lhe havia feito bem, esfriando mais que as maçãs de seu rosto, agora coradas. A caminhada a havia ajudado a esfriar a cabeça, depois da dolorosa percepção de que Paul havia dado a Monica Garcia igual acesso à congressista Florea e, pelo menos Julia supunha, a Trisha Sayers.

A confiança abalada de Júlia foi fortalecida assim que ela entrou no edifício onde ficava o escritório de Kevin Tolbert. Ela se assegurou de que Monica não poderia ter igual acesso a uma pessoa conhecedora dos pontos brilhantes, uma desvantagem que seria impossível que a jornalista mais jovem superasse.

— Julia?

Espantada ao ouvir o seu próprio nome, segundos depois de passar pelo vestíbulo, Julia se virou, em direção à voz. Troy Simmons sorriu em sua direção, a dez metros de distância.

— Olá, Troy — Julia se surpreendeu pela ligeira melodia em sua voz.

— Nós não esperávamos você, pelo menos até daqui a mais uma hora.

— Eu acabo de deixar uma reunião no edifício Cannon — ela preferiu não mencionar Nicole Florea. — Ela acabou antes do previsto. Como eu tinha tempo extra, pensei em aparecer, para ter certeza de que conseguiria encontrar o escritório de Kevin.

— Eu estou indo para lá agora. Posso acompanhá-la? — ele lhe ofereceu o braço.

— Pode ir à frente — ela fingiu não perceber o gesto de cortesia dele.

Rapidamente, ele recolheu o braço estendido, para salvar o seu orgulho ferido, e então fez um gesto, com a mão aberta, em direção ao escritório número 202, no fim do corredor.

O escritório de Kevin Tolbert era o segundo menor, no edifício Rayburn House

Office. Nele, havia algumas pequenas escrivaninhas, ocupadas por estagiários de rostos jovens, diante de duas salas contíguas, ocupadas pelo congressista e pelo seu chefe de equipe. Os novatos estavam na camada inferior do congresso, e aceitavam quaisquer instalações que sobrassem, depois que os representantes veteranos tivessem terminado de competir por acomodações maiores, que tivessem ficado vagas pela aposentadoria ou perda de cargo de outros colegas. Um mundo muito diferente dos escritórios mais aprimorados de Nicole Florea, que havia aumentado o número de seus metros quadrados, vencendo várias rodadas da "dança das cadeiras". Julia achou muito pouco impressionante o espaço abarrotado e o arranjo funcional do complexo do congressista.

— Bem-vinda a Tolberton! — anunciou Troy.

— Tolberton?

— Sim, como Hobbiton — disse ele, com orgulho.

Ela não entendeu.

— Ora, vamos. A Terra-Média? O Condado? "Em um buraco no chão vivia um hobbit"?

Nada fazia sentido.

— Nós misturamos o mundo de Tolkien com o sobrenome de Kevin, e o resultado foi "Tolberton", como um rótulo adequado para a nossa morada no interior da terra.

— Entendo — disse ela, com indiferença.

— De qualquer maneira, estou esperando que Kevin volte logo de seu almoço. Ele tem uma importante ligação à uma e meia, antes da sua entrevista.

Julia seguiu os dez passos de Troy, entrando no seu buraco de hobbit. Rapidamente, ele tirou uma pilha de pastas que estavam em cima da única cadeira livre da sala.

— Você é mais que bem-vinda para esperar no meu escritório, se quiser.

Julia olhou para o seu relógio. Mais de uma hora para matar.

— Ou — Troy se fixou em sua aparente hesitação — nós poderíamos ir até o outro lado da rua. Você já esteve no Jardim Botânico?

Ela não havia estado.

— Uma maneira muito melhor de passar uma hora, em vez de ficar neste terrível escritório — disse ele.

— Eu não queria impor nada. Você tem trabalho a fazer, e...

— Você está brincando? — ele interrompeu. — Eu vou trabalhar o dobro, se recarregar as velhas baterias. Além disso, eu preciso ir até lá, antes que eles destruam o lugar, para o novo edifício de escritórios. Eu nunca estive lá, mas ainda assim, estou triste por saber que ele será destruído.

Todos os instintos diziam a Julia que recusasse o convite. Uma partida de tênis se travava em seu interior.

Não faça isso. Você poderia dar-lhe uma ideia errada.

Mas você poderia ficar sabendo de mais coisas a respeito da proposta dos Pontos Brilhantes.

Ele se tornará uma distração.

Ele parece muito doce.

— Na verdade, isso parece ser agradável — ela disse, com grande entusiasmo.

— Ótimo!

Os sessenta minutos seguintes voaram, enquanto eles conversavam casualmente, admirando o oásis de verde profundo e cores florais exibidos por todo o edifício de vidro.

— Então, você conhece Kevin há muito tempo? — perguntou Julia.

— Nós nos conhecemos no primeiro dia do sétimo ano do ensino fundamental — refletiu Troy. — Os dois éramos novos na cidade, e ambos condenados ao confinamento solitário no refeitório. Ele me viu primeiro, e se sentou à minha

mesa. A partir daquele momento nós ficamos amigos, dois meninos cheios de dúvidas, ansiando por se tornar adolescentes inseguros.

Ela riu, ao ouvir a verdade óbvia.

— E olhe para vocês agora. Obviamente, vocês ajudaram um ao outro, o tempo todo.

— Um pouco.

— Um pouco? Eu não conheço muitos homens que tenham conseguido o quanto vocês conseguiram. Vocês certamente encontraram alguma medida de confiança.

— Esse deve ser o Kevin. A confiança o encontrou.

— Como assim? — ela perguntou.

— Angie.

A reação de surpresa de Julia a fez parar, no caminhar.

— Ele começou a se encontrar com ela no ano em que me mudei para o outro lado da cidade. Ele não conseguia parar de falar sobre essa garota maravilhosa que eu nunca havia visto. Kevin lhe dirá que ela fez dele o homem seguro e confiante que você vê hoje. Eu só fui suficientemente sortudo para juntar as migalhas.

Ela exibiu uma expressão desconcertada.

— O que isso quer dizer?

Ele pensou, por um momento.

— Já ouviu falar de um “fazedor de chuva”?

— Alguém que consegue o grande negócio? — adivinhou Julia.

— Serve. Você poderia dizer que Kevin é o fazedor de chuva, o sujeito que faz as coisas acontecerem.

— Então, você é o quê?

— Eu acho que sou o Sam Gamgee — ele parecia orgulhoso de seu rótulo.

Um olhar vazio.

— Sam o quê?

— Desculpe. Outra referência a Tolkien. Sam Gamgee. O meu favorito, entre os seus personagens.

— Eu acho que deveria ler The Hobbit.

— Deveria. Mas Sam Gamgee aparece na obra mais longa de Tolkien, O Senhor dos Anéis.

Ela esperou mais explicações.

— Eu vou resumir mil páginas: Frodo Baggins recebe uma enorme tarefa, a de salvar a Terra-Média da destruição certa. Sam vai junto, para apoiar, encorajar e proteger seu amigo. Sem Sam, Frodo teria fracassado em sua busca. Mas, sem Frodo, Sam teria vivido sem nenhuma aventura.

Julia percebeu o orgulho de Troy na sua identidade, como o braço direito de Kevin.

— Eu admiro isso. Não são muitos os homens que têm tão calma confiança.

— Muito gentil por dizer isso, minha senhora — brincou ele.

— Vocês já quiseram trocar os papeis? Você sabe, ser o centro das atenções. Fazer que Kevin se submeta a você, e não o contrário?

— Sim. Mas não é a minha vocação.

— Vocação?

— A minha missão. A contribu ição exclusiva, que somente eu posso fazer — explicou ele. — Eu não poderia ocupar o lugar de Kevin, como ele não poderia ocupar o meu.

Julia sentiu uma dor de indignação, por Troy.

— Mas por que ele deve receber toda a atenção? Dar todas as ordens? Você parece tão inteligente, eloquente e bem sucedido como Kevin.

— Você se esqueceu de dizer “bonito” — brincou Troy.

— Definitivamente, igualmente bonito! — concordou Julia, enrubescendo levemente.

— Mais bonito — acrescentou ele, piscando um olho.

— Eu acho que não conheço muitas pessoas que se contentem em ficar na segunda cadeira — ela não tinha certeza se achava essa característica admirável ou fraca. — Isso não é — ela procurou uma palavra que não fosse humilhante — difícil?

— Às vezes — confessou Troy. — Mas eu me inspiro observando Angie. Ela é surpreendente e maravilhosa, como um Sam Gamgee que pode ter filhos.

Julia apertou os dentes, tentando não se ofender com o comentário abertamente sexista. Ela esperou um momento, para permitir que três idosas passassem.

— Então, Kevin colocou Angie na segunda cadeira? Cuide das crianças, enquanto eu conquisto o mundo?

Troy pareceu espantado pela reação.

— De maneira nenhuma. O único lugar em que vejo Kevin colocar Angie é um pedestal. Angie se coloca na segunda cadeira.

— Por que ela faria isso?

— Faria o quê?

— Você sabe. Vender-se barato. Ela é uma mulher inteligente, que poderia fazer qualquer coisa que decidisse. Por que ela deixaria de lado seus sonhos, para que Kevin pudesse...

— Ela disse isso? — perguntou Troy.

Julia ficou em silêncio.

— Angie disse que deixou de lado seus sonhos para apoiar Kevin?

— Bem, não exatamente — confessou Julia. — Outro dia, nós jantamos juntas e ela pareceu, não sei, menos confiante do que quando éramos mais jovens. Ela nunca foi assim antes. Acho que eu supus…

— Você supôs que nenhuma mulher inteligente preferiria criar filhos ou abrir mão de uma carreira, para apoiar seu esposo? — interrompeu Troy.

— Bem, sim — respondeu ela.

O som fraco do aparelho que soltava névoa encheu o silêncio tenso, enquanto as plantas ao redor recebiam um borrifar revigorante no início da tarde. Julia sentiu necessidade de fazer uma citação de suas próprias colunas.

Os dias da dominação patriarcal estão acabados.

A nossa geração de mulheres consegue ver um horizonte sem fim, porque nós estamos sobre os ombros de nossas corajosas avós.

*Mostre-me uma casa com mais de duas crianças, e eu lhe mostrarei uma mulher oprimida.*

— Posso lhe fazer uma pergunta? — tentou Troy.

— É claro que sim.

— Por que a minha segunda cadeira sugere uma calma confiança, mas a de Angie sugere fraqueza?

Julia percebeu a ofensa involuntária.

— Eu não quis sugerir...

— Ouça, Julia. Angie é a mulher mais forte que já conheci — continuou ele. — É preciso grande coragem e dignidade para servir.

Julia sentiu outra onda de raiva.

— Servir? Como um escravo?

— Um escravo não é melhor que o seu senhor — respondeu Troy.

— O que quer dizer isso?

— É algo que Jesus disse, que Ele veio para servir, e não para ser servido. Como eu disse ontem, ainda sou novo nessa coisa de cristianismo. Mas é uma das ideias que eu acho muito atraentes. Imagine um mundo de pessoas tentando se superar, umas às outras, em serviço, em amor, em sacrifício, e em honra. Certamente, esse mundo seria melhor que um mundo de pessoas que tentam se superar em espertezas e ardis. Você não acha?

Monica Garcia lhe veio à mente, instantaneamente. A seguir, Paul Daugherty. E então, ela mesma.

— Eu acho que nunca pensei dessa maneira antes.

— Eu tenho uma pequena amostra desse mundo, quando vejo Kevin e Angie em ação, um com o outro, e com as crianças. As migalhas são tão boas que fico com a boca cheia d’água, desejando todo o banquete.

Percebendo a hora, Julia sugeriu que começassem a volta. Quando se viraram para a saída, Troy estendeu seu braço, hesitante.

— Posso escoltá-la? — perguntou, com ar galante.

Houve um segundo desconcertado entre eles. A seguir, ela se permitiu um sorriso, antes de aceitar, conscientemente, a oferta dele.

# CAPÍTULO TRINTA E SEIS

-L amento tê-la deixado esperando.

Kevin estava do lado de fora da porta aberta do escritório de Troy.

— O meu telefonema da uma e meia da tarde demorou mais do que eu esperava.

— Está tudo bem?

A pergunta parecia ter peso, como se Troy soubesse que o telefonema dizia respeito a um parente doente.

— Tudo bem. Possivelmente, boas novas. Eu informo você mais tarde.

Troy olhou para Julia como um parceiro de dança, que, relutantemente, aceita o pedido de outro homem que lhe toma a dama.

— Bem, chegou a hora de nossa separação. Eu lhe agradeço pelo prazer de sua companhia.

Julia se levantou da cadeira colocada entre a escrivaninha cheia de papeis de Troy e a parede sem janelas. Ela estendeu a mão a Kevin.

— Obrigada por me conceder uma entrevista.

— Como eu poderia recusar? — disse ele, tirando Julia pela porta de Troy e levando-a através de sua própria porta, a um metro de distância.

— Meus filhos eram seus reféns, quando você fez o pedido.

— Eu imaginei que isso daria certo — disse ela, rindo.

— Eu queria lhe agradecer, outra vez, por dar a Angie e a mim uma muito necessária noite a sós. Ultimamente, a coisa tem sido um pouco estressante.

Ela perguntou a si mesma se a tensão estaria, de alguma maneira, relacionada com as potenciais boas novas do telefonema de Kevin, uma preocupação que nem ele nem Angie a haviam convidado a compartilhar.

— As crianças são maravilhosas. Você deve estar orgulhoso.

Ela esperava que o elogio parecesse sincero.

— E ocupado! Por alguma razão, as crianças não deixam de exigir atenção, só porque papai é eleito para o Congresso. Bastante egoísta, por parte delas.

Julia sorriu educadamente, ocupando o assento que Kevin lhe ofereceu. O espaço ainda era apertado, embora o seu escritório oferecesse um espaço um pouco maior que o de Troy, incluindo a área dos assentos, muito pequena, mas essencial para as várias ocasiões em que um congressista recebe convidados e colegas. Para descrever o escritório, Julia escolheria a palavra funcional. Uma sala mais apropriada para fazer as coisas do que para causar uma boa impressão.

Ela pegou o seu tablet na bolsa, e então olhou para a tela, que apresentava três arquivos recentes: as entrevistas com Jeremy Santos, Hannah Walker, e Nicole Florea. Ela apertou o botão GRAVAR, antes de se lembrar de seus modos.

— Desculpe. Você se importa se eu gravar a nossa conversa?

— Sim, me importo.

A resposta pegou Julia de surpresa. Ela não conseguia se lembrar de ninguém que tivesse recusado o pedido. Um pouco confusa, ela rapidamente apertou PARAR.

— Eu gostaria que a nossa conversa fosse extraoficial, por enquanto — explicou ele.

Julia começou a se sentir ultrajada. Extraoficial? Ela quis objetar, lembrar a Kevin que os políticos inteligentes ansiavam pelo tipo de exposição que uma matéria da RAP poderia proporcionar, ou, pelo menos, temiam o tipo de danos que ela poderia causar. De qualquer maneira, eles nunca se arriscavam a menosprezar um jornalista. Mas ela pensou um pouco mais. Eu farei mais progresso como uma amiga, buscando um favor, do que como uma repórter encurralando uma vítima.

— Eu estou envolvido em um tipo de trabalho altamente confidencial, e não posso me arriscar a, inadvertidamente, permitir que alguma coisa “vaze”. Estou certo de que você entende.

— É claro — Julia se forçou a dizer. Ela passou para o plano B. — Então, posso

pedir o primeiro furo?

— O que é isso?

— Você me daria uma vantagem de vinte e quatro horas, à frente dos outros jornalistas, para revelar o que conversamos.

Kevin pareceu estar examinando mentalmente o pedido, buscando possíveis problemas, antes de fechar o acordo.

— Ouça, Kevin — Julia apelou para a simpatia e a solidariedade, para fechar o acordo. — Isso, realmente, me ajudaria. Para ser honesta, ultimamente eu tenho estado em um período de seca. Eu pensei que uma matéria sobre os esforços de um jovem congressista para atacar problemas econômicos poderia ser bom.

Como ela esperava, Kevin pareceu lisonjeado pela sugestão.

— Parece algo razoável — disse ele. — Eu vou pensar um pouco a respeito, e lhe direi, no fim do dia — ainda cauteloso.

— Isso seria ótimo — conseguir a sua estória seria mais difícil do que Julia havia esperado.

— Estou correto em supor que você pediu uma entrevista porque ficou sabendo do meu papel na equipe de austeridade de Franklin?

A pergunta fez com que ela se sentisse como se a professora a tivesse flagrado espiando a prova de outro aluno. Ela decidiu confessar a verdade.

— Bem, eu confesso que isso teve algo a ver com o meu pedido.

— Diga-me o que você sabe.

— Não sei muita coisa. Apenas que Franklin convidou você para fazer parte de uma equipe de austeridade confidencial, e que você preside um subcomitê que explora algo relacionado a pontos brilhantes.

— Alguma ideia do motivo por que a equipe de austeridade foi formada?

— Eu suponho que seja uma nova fase do projeto SLASH de Franklin —

respondeu Julia. — Outro dia, eu li que a pesquisa sobre o epigenoma seria o próximo alvo dele, depois que o projeto foi rejeitado pelos seus constituintes.

— E quem lhe falou da proposta dos Pontos Brilhantes?

Julia temeu perder o controle da conversa, se é que o havia tido.

— Eu sinto, mas não posso revelar minhas fontes. Mas eu tenho uma lista de perguntas que gostaria de lhe fazer.

— Extraoficialmente?

— Sim — por enquanto, pensou ela.

Julia examinou seu tablet, para encontrar a lista de perguntas que havia preparado.

— Em primeiro lugar, há mais coisas envolvidas na coalizão da austeridade do que os nossos olhos conseguem ver?

— Isso depende. O que os seus olhos conseguem ver?

— Para ser honesta, um grupo de conservadores fiscais cruéis, cortando serviços vitais do governo.

— Nesse caso, sim, há mais coisas envolvidas do que os olhos conseguem ver — disse ele. — A nossa economia enfrenta problemas terríveis, mais do que você, provavelmente, perceba. Esperamos propor soluções antes que as coisas percam o controle.

— Perder o controle, como?

— Eu prefiro não comentar a respeito disso, no momento.

— Há algo acontecendo que os nossos leitores deveriam saber? — ela ficou um pouco mais parecida com a jornalista agressiva que costumava ser. — Eu detestaria pensar que o governo está escondendo informações do público.

— Nada está sendo escondido. Todas as informações que estamos discutindo estão acessíveis a qualquer pessoa que se interesse em procurar.

Julia examinou, mentalmente, uma lista de suspeitos usuais.

O relatório trimestral sobre as casas desocupadas?

A nuvem crescente da dívida nacional e pessoal?

Outra queda no mercado de ações?

Havia muitas possibilidades, uma vez que praticamente todas as influências políticas estavam se movendo na direção errada, durante anos. Qual delas motivaria um súbito pedido de cortes draconianos no orçamento?

— Procurar, onde? — perguntou ela.

— Novamente, eu preferiria não comentar, exceto para dizer que estou surpreso com a pouca atenção que os novos sindicatos têm dedicado à queda na fertilidade.

O tema não havia passado pela sua mente, mas o comentário a alertou.

— Não é verdade. Na semana passada eu escrevi uma coluna sobre esse tema. E nós tivemos aquele grande alívio, no último mês de agosto, a respeito da curva da população.

— É verdade, você está me corrigindo — ele concordou.

— Mas eu não entendo o que a fertilidade tem a ver com as medidas de austeridade.

— Você precisará entender isso sozinha. Próxima pergunta — disse ele.

Insatisfeita, ela olhou, com relutância, para a sua lista.

— O que são os pontos brilhantes?

— Uma referência ao processo de encontrar bolsões isolados de sucesso ou saúde, em meio a uma situação mais desanimadora — explicou ele. — Você

sabe, é como encontrar o raio de esperança, mas com relação à economia. Quando identificamos micro pontos brilhantes, podemos aprender muita coisa, a respeito de soluções potenciais, em um contexto mais amplo, ou, pelo menos, que comportamentos devemos encorajar, em lugar de dissuadir. O subcomitê específico que eu presido tem procurado intensamente os bolsões de força econômica. Eu acho que identificamos estratégias que darão a um paciente doente uma filiação a um spa, em vez de admiti-lo em uma unidade de terapia intensiva.

— Isso parece uma frase de efeito para um discurso — ela repreendeu.

— E muito boa, não acha?

— Talvez para um discurso, mas parece ingenuidade, para a política nacional. Você não pode dizer a um paciente doente que aguente e vá correr a maratona de Boston.

— Você tem razão — ele admitiu. — Ninguém pensa que uma única ideia possa mudar as coisas. A minha proposta fará parte de um pacote muito mais amplo.

Ela se lembrou da preocupação de Paul, de que a proposta dos Pontos Brilhantes, provavelmente, promoveria uma agenda radical de incentivo a progenitores. Nicole Florea havia dito a mesma coisa. Julia decidiu correr o risco.

— Eu acredito que você planeje propor a reintrodução dos créditos de impostos para famílias com filhos.

A declaração pareceu sobressaltar Kevin.

— Quem lhe disse isso?

— Não posso revelar minhas fontes — disse ela, sustentando o estratagema. — Mas você poderia confirmar ou negar essa parte de minha matéria. Supondo, naturalmente, que você decida falar oficialmente.

Ela prendeu a respiração, enquanto ele formulava uma resposta.

— Boa tentativa, Julia — disse ele. — Mas eu me recuso a dizer qualquer coisa a respeito de propostas específicas, e não vou confirmar especulações, nem de um lado nem de outro. Próxima pergunta.

A conversa prosseguiu de modo similar, durante quinze minutos em que Julia procurou detalhes e Kevin continuou irritantemente evasivo. Depois de quase meia hora, ela havia conseguido obter alguns poucos detalhes, nenhum dos quais poderia ser usado, uma vez que tudo continuava sendo extraoficial. Paul não ficaria feliz com isso.

Ela jogou a toalha, abandonando a lista de perguntas que havia preparado.

— Ora, Kevin. Você não pode me dizer nada?

Ele se recostou em sua poltrona, como um professor do ensino superior, esperando alimentar a curiosidade de um aluno, em lugar de darlhe as respostas.

— Qual foi a sua reação ao último censo?

— Não sei. Por que você pergunta?

— Como eu disse antes, todas as informações disponíveis estão para quem se interessar em procurar.

Julia sentiu que Kevin estava invertendo o jogo.

— Bem, como todas as pessoas, eu estou um pouco preocupada com a maneira como lidamos com tantas pessoas idosas. Mas, considerando a situação global, eu estou otimista. As taxas de natalidade continuam a diminuir. Isso deve reduzir o dreno dos escassos recursos.

— Que tipos de recursos?

— Combustível. Árvores, Alimentos. Tudo.

— Então, você acha que os alimentos são um recurso escasso?

— Ora, Kevin. Você sabe, tão bem como eu, que há milhões de pessoas passando fome.

— É mesmo? Onde? — pressionou ele.

— Não sei. Na África.

— Que parte da África?

— O que você quer, os códigos postais? — ela objetou. — Não sei quais são as partes. Onde você quer chegar?

— Você estudou Economia I? — ele perguntou.

— Sim.

— Então você conhece a lei da oferta e da demanda?

— Claro que sim.

— Você está ciente do fato de que, hoje em dia, é mais barato comprar uma caloria de comida do que em qualquer outra época da história?

Não, ela não sabia disso.

— Então, por que continuamos considerando os alimentos um recurso escasso? Eu concordo que há pessoas passando fome, no mundo. Mas quando você for específica a respeito do lugar em que essas pessoas passam fome, descobrirá, invariavelmente, que o problema é o resultado de uma guerra ou uma liderança corrupta.

— Há alguma razão para que nós continuemos falando sobre esse assunto? — perguntou Julia.

— Eu só quero dizer que nós não temos uma escassez global de alimentos, especialmente nesta nação, onde há mais pessoas obesas que famintas. Assim, quando você se refere a recursos escassos, você não se refere, na verdade, a dinheiro?

— Bem, você não estaria tentando fazer cortes nos custos federais, se nós estivéssemos nadando em dinheiro, não é mesmo?

— Isso mesmo. Agora, estamos de volta ao assunto principal — confirmou Kevin. — Neste país, o que temos é uma crise financeira, e não uma crise de recursos. Só para esclarecer.

— OK. Você venceu. Então, que seja. Escassos recursos financeiros.

— E você considera que os filhos são uma perda de dinheiro? — continuou ele.

— Dinheiro que seria mais bem gasto em…?. — a voz dele diminuiu, convidando Julia a concluir a sentença.

— Cuidados com os idosos, por exemplo.

— Então, precisamos de mais dinheiro para cuidar de nossos idosos. É isso que você quer dizer?

— Parece que estou conversando com Sócrates! — brincou ela. — Sim, precisamos de mais dinheiro, para coisas como a saúde pública. Isso não é óbvio?

— E de onde vem o dinheiro necessário para essas despesas?

Julia pensou que a resposta era extremamente óbvia.

— Dos impostos.

—Pagos por...? Outra lacuna para Julia completar.

— Pelos contribuintes, é claro.

— Errado — disse Kevin, como se estivesse matando uma mosca com uma revista. — O dinheiro vem de seres humanos. E quanto menos seres humanos estiverem envolvidos na economia, mais escasso esse tão importante recurso, chamado dinheiro, se torna. Em todas as últimas dez décadas, esta nação acompanhou o resto do mundo desenvolvido, por um caminho em direção à redução da população. A mesma realidade que está comprimindo o orçamento federal também está criando um excesso de casas vagas, uma queda na produção, e um sistema de saúde sobrecarregado. O nosso recurso mais escasso não é comida, árvores ou combustível. O nosso recurso mais escasso são as pessoas.

A ideia atingiu Julia como uma ofensa sacrílega a uma ortodoxia adotada por ela e por seus leitores, inquestionavelmente. Ela começou a procurar alguma falha no raciocínio de Kevin, mas parou, quando, de repente, ela entendeu o provável motivo que ele tinha.

— Espere um pouco — disse ela. — Você está considerando créditos de impostos para famílias com filhos, não está? — ela percebeu que se aborrecia

com a possibilidade. — Você quer voltar aos dias em que o governo metia o bedelho nos quartos dos Estados Unidos. Eu pensei que havíamos deixado esse tipo de bobagem há décadas. Suponho que você tenha ouvido falar que nós tivemos um movimento de liberação sexual neste planeta. Filhos são uma escolha, não uma obrigação. As mulheres são boas para muitas coisas, além de se tornarem fábricas de bebês!

No meio de sua crítica, Julia se lembrou de Angie. Ela se arrependeu imediatamente de sua frase, e o olhar de Kevin confirmava a ofensa.

— Sinto muito. Eu não quis dizer que...

— Você não precisa se explicar, Julia. Eu entendo o que você quer dizer. Você pensa que as mulheres como Angie estão desperdiçando seu potencial.

Julia ficou em silêncio, admitindo a acusação.

— Bem, com todo o respeito, eu discordo — continuou Kevin. — Muitas pessoas consideram a geração e a criação de filhos uma vocação nobre e altamente significativa. Mas deixemos isso de lado, no momento. Mais concretamente, as tendências de curto e de longo prazo fazem com que isso seja uma importante prioridade nacional.

Ela sentiu a necessidade de recuar, suavizando a agressividade de sua expressão, no calor do momento.

— Você sabe que eu admiro Angie profundamente. Eu não quero minimizar o que ela tem feito, nem o que faz qualquer mulher que escolhe a maternidade. A minha própria irmã decidiu ter um bebê. Nós dividimos a criação do meu sobrinho. Mas eu não acho que você possa coagir as mulheres a ter mais filhos, nesta época, você acredita nisso?

— Não, não acredito — respondeu ele. — Mas eu acredito que possamos fazer com que seja menos difícil fazê-lo. Podemos deixar de penalizar aquelas que estão dispostas a ter filhos, para recompensar as que não os têm. Examine os números, Julia. O nosso esquema de impostos torna mais difícil o que já é difícil, e mais fácil o que é mais egoísta.

— Então, as pessoas como eu são egoístas?

Agora Kevin é que parecia lamentar suas palavras.

— Eu não quis dizer isso. Há muitas razões válidas pelas quais as pessoas evitam o casamento e a maternidade. Mas o número de pessoas que escolhem não ter filhos é maior do que em qualquer outra ocasião da história humana. As tendências são claras, Julia. Se não tivermos, em breve, um dramático salto na taxa de natalidade, em poucos anos seremos muito parecidos com o Japão, a Rússia e a China.

Ele se levantou e olhou pela janela, como um pai protetor, identifi-cando uma tempestade em aproximação.

— Com base no último censo, eu temo que já tenhamos ido longe demais para conseguir voltar.

Julia se levantou para se unir a ele, observando o topo da Rotunda do edifício do Capitólio, pouco acima de uma fila de árvores, aproximadamente mil metros abaixo.

— Você pode achar difícil acreditar nisso, mas as pessoas como eu também amam o nosso país.

— Eu sei — disse ele.

Eles continuaram olhando pela janela, durante vários segundos, como dois médicos discutindo qual seria o melhor tratamento para o mesmo paciente.

Julia foi a primeira a falar.

— Ouça, Kevin. O RAP Syndicate vai publicar uma matéria a respeito do comitê de austeridade de Franklin, incluindo algo a respeito da proposta dos Pontos Brilhantes.

Ele olhou para ela.

— Com ou sem os fatos?

— Com ou sem a sua perspectiva — respondeu ela. — Uma perspectiva que eu preferiria incluir, se possível.

Ele olhou de novo pela janela.

— Eu tenho uma ideia — disse ela. — Se você concordar em me dar acesso aos temas das discussões, antes de qualquer outra pessoa, eu garantirei espaço, em minha matéria, para permitir que você apresente a sua ideia, em suas próprias palavras. Nove milhões de leitores.

— Todos dispostos a atirar pedras.

— É provável. Mas, pelo menos, eles terão uma chance de ouvir o seu lado da discussão. Isso não acontecerá com nenhum outro sindicato. Você nunca sabe, você poderia até mesmo atrair alguns para o seu lado. Essa é a sua especialidade, não é?

Um profundo suspiro levantou os ombros arqueados dele.

— Combinado.

— Mesmo?

— Por que não? De qualquer maneira, eu estarei travando uma difícil batalha. Eu bem poderia fazer isso no meu próprio terreno.

— Então, podemos passar a conversar oficialmente?

— Ainda não — disse ele. — Mas se você ficar em DC até amanhã, eu poderia conseguir lhe dar o tipo de acesso que outros jornalistas ficariam loucos para ter.

O rosto de Julia se animou.

— Por exemplo?

— Você gostaria de estar presente na apresentação da minha proposta, amanhã de manhã?

Cinco minutos depois, Julia estava do lado de fora do edifício, com o cabelo voando em meio ao vento gelado, digitando uma mensagem para Paul Daugherty, em que tentava comprar prazo.

BOAS NOTÍCIAS. ESTAREI NA REUNIÃO COM A EQUIPE DE FRANKLIN PELA MANHÃ!

# CAPÍTULO TRINTA E SETE

Já eram quase dez horas quando Matthew chegou ao trabalho, duas horas mais tarde do que havia pretendido. Dúzias de guardanapos amarrotados, ao lado de canecas quase vazias de café morno lhe diziam que havia sido uma manhã agitada. Se ele tivesse chegado mais cedo, Sarah lhe teria pedido que começasse a trabalhar antes do seu turno. Desapontado, ele se lembrou de que havia tido umas noites difíceis e teve boas razões para ignorar o despertador. Ele precisava das horas extras de sono mais do que precisava do dinheiro extra.

Matthew havia passado grande parte dos dois dias anteriores batalhando com os nervos inquietos de sua mãe. Tudo havia começado no domingo. Ele sabia que seria arriscado deixá-la sozinha durante o período necessário para que ele se encontrasse com o Padre Tomberlin. Alguma coisa deve tê-la desorientado, fazendo com que ela se esquecesse de suas instruções anteriores à partida.

— Donny não vai estar aqui com você, mamãe — ele havia explicado. — Mas eu prometo que não vou demorar. Eu vou visitar o Padre Tomberlin.

O rosto dela se animou.

— Você se lembra do Padre Tomberlin, não lembra?

Um aceno com a cabeça lhe disse que ela se lembrava.

— A que horas é a missa? — perguntou ela.

Matthew não se preocupou em contar-lhe que o padre estava aposentado ou que ele não mais celebrava a missa na igreja de St. Joseph. Nem julgou necessário explicar-lhe o verdadeiro motivo da sua visita.

— Eu não vou à missa — respondeu ele. — Eu só vou conversar com o Padre Tomberlin. Devo estar de volta antes das duas da tarde — ele lhe mostrou um pequeno relógio, com o seu dedo imitando o ponteiro das horas, movendo-se do número onze até o dois. — Eu deixei um sanduíche para você, em cima da mesa da cozinha. Basta tirar o papel celofane, quando você tiver fome, Ok?

O sanduíche continuava intocado, quando Matthew chegou à casa, a primeira de duas instruções esquecidas.

— Se você precisar de alguma coisa, ou sentir medo, basta dizer: “Ligar para

Matthew" e o telefone ligará para mim. Se você se esquecer disso, basta pressionar o meu rosto nesta tela — ele havia dito, apontando para um grande tablet que estava ao lado da cadeira dela. — Um toque, e estarei falando com você, em cinco segundos.

Tudo esquecido, evidenciado pelos olhos inchados que o saudaram, quando ele a encontrou chorando, no canto do quarto dela. Aparentemente, ela o havia procurado, em cada polegada de sua pequena casa, dúzias de vezes, durante as duas horas e meia anteriores, tendo acabado desistindo diante da conclusão equivocada de que o seu filho estava perdido, ou a havia abandonado, ou havia morrido.

Matthew passou o resto do domingo segurando a mão de sua mãe, em uma garantia tangível de sua promessa de nunca mais deixá-la sozinha outra vez. Não funcionou. Ela passou grande parte da noite entrando e saindo do quarto, revivendo a sua busca frenética de um filho que poderia desaparecer a qualquer momento. Somente na noite de segunda-feira ela pareceu de volta à sua condição normal, ligeiramente confundida. Foi quando ele cometeu um erro ainda maior.

Ele levantou o assunto, quando estava sentado ao lado dela, enquanto ela via televisão, um filho hesitante abordando um tema difícil. Incapaz de olhá-la nos olhos, ele tirava o som da TV durante os intervalos comerciais, para lançar fragmentos do que ele havia pretendido que fosse um roteiro coerente e cuidadosamente elaborado.

— Eu dei um grande passo hoje, mamãe — começou ele, com os olhos fixos na tela. — Eu entreguei minha inscrição à Universidade de Colorado.

Ela olhou para Matthew, satisfeita com a lembrança do seu sonho para ele.

— Eu sempre disse que você deveria ser um professor. Ela parecia ser a versão antiga dela mesma, uma mãe orgulhosa adulando seu filho irrepreensível.

— Eu sei — continuou ele. — Você me convenceu de que era uma boa ideia ver se eles me admitiam, em período de teste. Eu tive notas muito boas no Front Range Community College.

— Eu me lembro. Eles vão aceitar você. E você se sairá muito bem.

— De qualquer maneira, se eu for aceito, nós teremos que tomar algumas

decisões importantes.

Ela não disse nada. O canto do olho dele percebeu uma cabeça assentindo, em concordância distraída.

O comercial terminou, e Matthew devolveu o som à televisão. Ele usou os dez minutos do drama na tela para decidir como explicaria o segundo de quatro assuntos.

— Eu já lhe disse quanto custam os estudos? — perguntou ele, tirando o som no comercial seguinte. Ambos observaram belas mímicas promovendo um novo perfume ou um automóvel de luxo.

— O que é isso?

— Educação. Eu estava vendo quanto vai ser necessário para a educação, o acesso à tecnologia, o alojamento no campus — ele percebeu que a cabeça dela se virava para ele. — Todas as despesas para frequentar a universidade em tempo integral.

— Alojamento no campus? — um ligeiro pânico surgiu na voz dela.

Ele fingiu não ouvir.

— Então, no total, pelo que consigo avaliar, são aproximadamente sessenta mil por ano. Um quarto de milhão, até me formar. Então, a pós-graduação.

— Por que você precisa do alojamento no campus? — perguntou ela. — Você não pode morar aqui, em casa?

— Claro que poderia — recuou ele. — Eu só estou checando todas as opções. Você sabe, só por garantia.

A respiração dela voltou ao normal.

— Entendo.

Ele aumentou o volume, no meio de um segundo comercial, fingindo ter interesse nele, porque não estava pronto para mencionar o terceiro assunto.

— Eu recebi uma resposta automática do escritório de auxílio financeiro da universidade, que incluía sugestões sobre como pagar a escola — continuou ele, dez minutos mais tarde, com a luz oscilante das imagens silenciosas refletindo-se no seu rosto esforçado. — O meu trabalho pode cobrir cerca de dez por cento dos custos, se você deixar de tomar alguns dos seus remédios mais caros.

Ela não reagiu. Já fazia algum tempo que ela não sabia mais qual remédio tratava qual moléstia. De qualquer maneira, Matthew saberia o que era melhor.

— Eles não oferecem muitos empréstimos para o curso de quatro anos — continuou ele. — Toda essa coisa de austeridade praticamente eliminou essa opção. E não podemos esperar nenhum tipo de bolsa de estudos, uma vez que eu terei muita sorte em ser aceito em período de teste.

Como ele esperava, ela pareceu se lembrar de uma oferta, feita muitos anos antes.

— E o dinheiro que o seu avô nos deixou? Não podemos usar parte desse dinheiro?

— É uma possibilidade — respondeu ele. — Mas, atualmente, nós usamos esse dinheiro para viver.

O programa voltou. Em dez minutos, Matthew faria à sua mãe a pergunta mais difícil de seus trinta e três anos. Ele usou o tempo para ensaiar, mentalmente, a sua argumentação.

*ESPÍRITO BOM. CORPO MAU.*

“Jesus... foi um místico que abraçou a morte”, havia dito o Dr. Vincent. “Os maniqueístas ensinavam que o corpo físico é mau, uma cela de uma prisão, que nos afasta de nossa verdadeira natureza...” Nós decaímos.

*DAR AOS OPRIMIDOS A LIBERDADE PARA TEREM SUCESSO.*

Um intervalo comercial, e um toque na tecla para emudecer a TV lançaram Matthew na água profunda, de seu quarto e último assunto.

— O material que recebi dizia que muitos estudantes recebem fundos da generosidade de entes queridos que passam pela transição.

Ele não disse mais nada, esperando alguma indicação de reação, de uma maneira ou de outra. Um soluço, sugerindo que ele havia cortado o coração dela com uma faca. Ou, talvez, um prolongado silêncio, enquanto ela contemplava uma ideia que poderia já ter considerado, ainda que remotamente.

Eles ficaram juntos, silenciosamente olhando para a tela. Matthew sentia uma sensação de alívio, satisfeito por ter concluído sua missão. Ele não havia sugerido que sua mãe se submetesse à transição. Ele apenas havia mencionado o que outras pessoas haviam feito, em circunstâncias similares. A escolha, como a lei exigia, deveria ser inteiramente dela.

— Ei, Matt! — o som animado da voz de Sara o trouxe de volta ao momento, e o lembrou de seu dever com várias dúzias de canecas e guardanapos abandonados. — Rapaz! Você teria sido útil esta manhã. Foi um pandemônio!

— Lamento. Fui dormir tarde — foi bom ouvir Sarah reconhecer a falta que ele havia feito. — Vou cuidar daquelas mesas ali.

Ele observou o único cliente que ainda estava ali, um atleta de boa forma física, admirando a mesma blusa vermelha e o mesmo jeans justo que cativavam Matthew todas as vezes que eles saíam para renovar o guarda roupas de Sarah. Ele ficou aborrecido por ver outro homem olhando para ela, da mesma maneira como ele a havia olhado, em incontáveis ocasiões. Ele ficou ainda mais aborrecido ao ouvir o rapaz mais jovem, mais forte, que, provavelmente tinha uma bolsa de estudos, convencê-la a um jantar e um filme e, supôs Matthew, o resto. O momento lembrou Matthew da sua posição, na base da hierarquia masculina, onde, provavelmente, ele permaneceria, considerando a reação de sua mãe à opção da transição.

Ela havia chorado como ele nunca a havia visto chorar antes. Foram várias horas, até acalmá-la, prometendo que ele não havia dito que ela deveria fazer a transição, concordando que o suicídio era um pecado mortal, convencendo-a a

tomar algo que a ajudasse a dormir.

Como ela pode se esquecer de tomar o remédio, mas se lembrar da defi-nição de um pecado mortal? ele perguntou a si mesmo, adicionando lenha à fogueira de ira que ele havia alimentado, durante boa parte da noite.

A porta se abriu, quando um segundo cliente entrou na cafeteria. Matthew percebeu que Sarah passava o dorso de sua mão pelos ombros largos do jovem, ao mover-se em direção ao balcão, onde dois outros empregados estavam tentando restaurar o lugar à sanidade de antes do horário do rush.

— Olá, Sr. Adams — era a voz do Dr. Thomas Vincent. — Como vai?

Matthew sorriu pela providência de ver o professor outra vez, em um dia em que ele precisava muito de um confidente.

— Olá, Dr. Vincent. Muito bem, e você?

— Não posso me queixar. E mesmo que me queixasse, ninguém prestaria atenção! — ele riu do próprio comentário.

— Você está com pressa, esta manhã, ou tem um minuto? — perguntou Matthew.

Thomas Vincent olhou para o relógio.

— Tenho vinte e dois minutos até a próxima aula. Vou dividi-los com você. Deixe-me pegar minha bebida e já vou falar com você.

Matthew olhou para Sarah, que já estava acenando com a cabeça, aprovando o atraso no início do turno, um favor que ambos sabiam que ela lhe devia, depois de ter reduzido seus três últimos turnos.

Ele usou os primeiros minutos em uma conversa inútil, a respeito do clima e do jogo do fim de semana, que a equipe da UC por pouco perdera, tentando parecer estar à vontade com o professor. Thomas logo detectou a trapaça.

— O que está perturbando você, Matthew?

— É assim, tão óbvio?

— Receio que sim.

Ele decidiu não mencionar sua mãe, para evitar contaminar uma pergunta que seria melhor formulada no mundo estéril do abstrato.

— Eu sei que você não mais obedece aos ensinamentos da igreja — começou ele — mas estava pensando, qual é a sua opinião sobre o pecado mortal?

Os olhos de Thomas se fixaram em Matthew, acima do topo de seu copo descartável. Gentilmente, ele soprou a espuma, antes de provar a bebida.

— Qual pecado mortal?

— Não sei. Digamos, o suicídio — temendo a implicação, Matthew rapidamente adicionou outro. — Ou a promiscuidade sexual.

— Há vinte anos, eu teria dito que sou contra ambos, mas me tornei um pouco parcial com relação ao segundo — ele riu silenciosamente. — Além disso, tenho certeza de que a promiscuidade se encaixa nos pecados perdoáveis, e não nos pecados mortais. Um pecado mortal… — ele fez uma pausa, e fechou os olhos, como se tentasse alcançar uma lembrança distante. — Deixe-me relembrar isto, "Um pecado mortal rompe a conexão entre o indivíduo e a graça salvadora de Deus". O suicídio, definitivamente, se qualifica.

— Você considera que é suicídio, se alguém se oferece à transição? — perguntou Matthew. — Eu quero dizer, a igreja consideraria isso um pecado mortal?

— Provavelmente, sim — confirmou Thomas. — Essa é outra razão pela qual eu não posso mais aceitar os ensinamentos católicos.

— Então, você considera as transições uma coisa boa?

O Dr. Vincent pareceu despertar, subitamente.

— Nós não estamos tendo uma conversa hipotética, estamos, Matthew?

Matthew hesitou.

— Não, senhor. Durante o fim de semana, eu tive duas conversas que me colocaram em uma posição difícil.

— Com quem?

— Minha mãe — ele olhou pela janela, para esconder seus olhos mentirosos. — Eu... quero dizer, ela está considerando uma possível transição. Ela quer que eu use os bens dela, para pagar a faculdade.

— É mesmo? Ela quer financiar o seu sonho?

— Sonho meu e dela. Ela sempre quis que eu me tornasse um professor.

— Mas? — incitou Thomas.

— Mas estou tendo dificuldades com a ideia. Ela sempre foi muito religiosa. Ainda reza o rosário, nos seus dias bons.

— E você se pergunta se oferecer-se para a transição é a mesma coisa que cometer suicídio?

— O sacerdote antigo dela, o Padre Tomberlin, diz que o corpo humano é sagrado. Eu discordo, é claro, mas me preocupa a possibilidade de que a igreja a rejeite, se ela decidir ir em frente. A possibilidade de renegarem o batismo dela, ou algo assim.

Thomas observou a hora.

— Ouça, Matthew, eu preciso ir à aula agora, e não quero apressar a nossa conversa. Vamos marcar um encontro para quando tivermos mais tempo. Eu vou deixar a cidade esta tarde, para uma série de palestras em Chicago, mas terei horas disponíveis na semana que vem.

Matthew assentiu, distraidamente, enquanto tentava dissipar a insegurança.

Se ele convencesse sua mãe a fazer a transição, será que ela estaria cometendo suicídio, um pecado mortal?

Se ele a convencesse algum dia em que a demência estivesse obstruindo a mente sã, será que ele estaria cometendo o pecado mortal do assassinato?

O Dr. Vincent se levantou e começou a seguir em direção à porta, dando uma ligeira piscadela em direção à blusa vermelha de Sarah. Desesperado por

orientação, Matthew falou, em voz alta, para não perder a atenção do professor.

— Por favor, responda-me isso. Você ajudaria a sua própria mãe a fazer a transição, se ela lhe pedisse isso?

Thomas parou e se virou para Matthew. Ele não disse nada, por um momento, fechando lentamente o zíper de sua jaqueta de couro, como se estivesse empurrando uma resposta para cima, vinda do centro do seu ser.

— A minha mãe fez a transição em 39, pouco depois que meu pai morreu. Isso foi antes que eles recomendassem a aprovação dos entes queridos, por isso ela nunca discutiu o assunto, nem com meu irmão, nem comigo.

Ele disse isso de tal m aneira que Matthew supôs que não era algo que o Dr. Vincent gostava de comentar. Mas ele precisava saber, por isso fez, cautelosamente, uma última pergunta.

— Você a teria ajudado, se ela lhe tivesse pedido?

Thomas começou a esfregar o queixo, da maneira como Matthew o tinha visto fazer na sala de aula. Quinze segundos depois, veio a resposta.

— Sim. Lembre-se do que discutimos antes, Matthew. Todos nós decaímos. Por que eu impediria que minha mãe evitasse um processo tão desagradável? Sim, eu penso que a teria ajudado.

Ele se virou para sair. A porta mal se havia fechado atrás dele, quando se abriu outra vez. O Dr. Vincent lançou a seu provável protegido uma última ideia.

— Lembre-se, Sr. Adams. Não existe algo como um pecado mortal. Apenas escolhas difíceis.

Matthew voltou a limpar as mesas. O conselho do Dr. Vincent era exatamente o que ele precisava ouvir. Então ele perguntava a si mesmo por que se sentia pior, e não melhor?

# CAPÍTULO TRINTA E OITO

Uma brisa gelada soprou do rio Potomac, fazendo com que Julia apressasse o passo e convertesse o que ela havia tencionado que fosse uma caminhada rápida de trinta minutos em uma vigorosa corrida entre monumentos que a protegiam do vento. Ela havia planejado acordar cedo e começar a esboçar as anotações e as gravações de entrevistas, dando início à matéria. Mas outro sonho exaustivo e a diferença de duas horas no fuso horário haviam conspirado contra suas melhores intenções. Várias tentativas infrutíferas de escrever um parágrafo inicial haviam se convertido em um esforço indiferente de escrever um esboço. Depois de quase uma hora, Julia desistiu, e decidiu usar o transporte público para ir de seu hotel até o National Mall, onde esperava dissolver o nó em sua mente.

Ela começou a sua caminhada no Jefferson Memorial, olhando para o impressionante busto de granito do Dr. Martin Luther King Jr. O percurso de quinze minutos diminuiu para seis, quando Julia correu, em busca da proteção do frio oferecida pela forma do líder de direitos civis assassinado. Os seus olhos pareciam olhar além da Tidal Basin, em direção ao pai fundador da nação, Thomas Jefferson. Ela considerou a ironia dos escravos, trabalhando na plantação de Jefferson, enquanto ele escrevia as famosas palavras da Declaração da Independência, que, posteriormente, foram a semente do sonho do Dr. King.

Soprando seu hálito quente em suas mãos, Julia se admirou de quão longe a sua nação havia chegado, nos quase trinta anos, desde que o memorial a King havia sido construído e dedicado à lembrança de um homem que personificava a consumação da visão do fundador.

Todos os homens são criados iguais. Apesar do aborrecimento de um pronome masculino, ela admirou o progresso que a ideia permitia.

E são dotados, pelo Criador, de certos direitos inalienáveis. Ela se perguntou por que Jeff erson havia enraizado a sua grande ideia, na intenção de um Criador. A autonomia pessoal teria sido igualmente evidente? Os direitos inalienáveis de uma pessoa não incluiriam o seu próprio corpo, a escolha de sua própria descendência, e o fim de sua própria existência?

Julia achou estranho que o homem reconhecido pela separação entre a igreja e o estado tivesse incluído um argumento religioso no seu documento mais importante, e que o memorial que celebrava os direitos humanos usasse a forma

de um antigo pastor. Todos sabiam que soluções inovadoras, como a Iniciativa Jovem, teriam sido impossíveis na geração de Jeff erson ou na do Dr. King. A geração dela, por outro lado, desfrutava os benefícios de cortes ativistas e políticos pragmáticos, que haviam conseguido separar a política nacional dos ideais religiosos.

O vento diminuiu um pouco, oferecendo a Julia a motivação para continuar com sua corrida. Supondo que conseguisse chegar ao Lincoln Memorial em, aproximadamente, sete minutos, ela deslizou suas mãos adormecidas para dentro da fina proteção dos bolsos de seu agasalho de correr. Ela começou a correr, em ritmo lento, para dar à sua mente tempo para pensar a respeito das conversas do dia anterior.

Nicole Florea havia descrito Kevin Tolbert como uma pessoa radical, que queria minar a Iniciativa Jovem, propondo ideias loucas e impraticáveis.

Apesar de parecer razoável e eloquente, Kevin havia, realmente, dado a impressão de estar ansioso por promover ideias que Julia considerou ingênuas. Mesmo que fosse verdade o fato de que o principal recurso escasso eram os jovens, e mesmo que alguém conseguisse convencer as mulheres a gerar mais filhos, seriam necessárias décadas até que esses filhos pudessem fazer alguma contribuição séria para a economia. A Iniciativa Jovem havia gerado economias fiscais imediatas, acompanhando o sentimento público. Os valores dos progenitores, por outro lado, eram contrários às suposições comuns e contra o novo sonho norte-americano.

E então, também havia Trisha Sayers. Julia havia gostado do passeio pelo complexo de escritórios da empresa dela, Her Look Inc. A entrada, e todos os corredores, exibiam fotografias, em tamanho natural, de glamorosas modelos, empertigadas nas mais modernas passarelas, uma espécie de rua da lembrança da mudança gradual na moda feminina, durante a década anterior. Depois de oferecer a Julia o belo passeio, a estrela convertida em magnata da moda a convidou a jantar em um dos melhores restaurantes, com vista para o rio Potomac. Foi ali que Julia relembrou a crítica de Trisha à perspectiva dos pontos brilhantes.

— Eu não consegui acreditar, quando Anderson aprovou novas pesquisas, depois da apresentação de Tolbert — explicou ela, enquanto bebia vinho com uma graça elegante, que Julia achou impressionante.

— Quero dizer, ele realmente acha que podemos vender uma ideia tão ultrajante?

— Ultrajante, como? — Julia havia perguntado.

— Ele quer levar as mulheres como nós de volta à Idade Média, e nem mesmo pareceu embaraçado quando disse que deveríamos penalizar aqueles que preferem não ter filhos. Como se o governo tivesse o direito de nos forçar a perder nossas silhuetas, para limpar narizes!

Julia se lembrou da ação ininterrupta da noite que havia passado com Tommy, Joy, e Leah e do alívio que havia sentido, ao deixar a casa dos Tolbert, na tarde de domingo, sabendo que passaria aquela noite em um quarto tranquilo de hotel. Ela também se lembrava da expressão no rosto de Angie, quando Joy saltou no colo de sua mãe, durante a sua reunião, na manhã de domingo. Angie havia gostado do descanso, claramente, mas também havia sentido falta da fonte de sua exaustão.

— A propósito, a sua silhueta é adorável! Você já foi modelo?

— Obrigada. Não, nunca fui modelo — Julia enrubesceu ligeiramente antes de prosseguir. — Kevin Tolbert chegou a dizer, literalmente, que deveríamos penalizar os indivíduos sem filhos?

— Quase. Ele disse que deveríamos facilitar a vida dos que escolhem ter filhos.

— Por quê?

— Ele afirma que devemos considerar o tempo e o dinheiro que dedicamos à criação de filhos como um investimento na nossa estabilidade econômica, no longo prazo. Na verdade, ele quer que nós subsidiemos a paternidade!

Julia se lembrou de ter pensado que a risada sarcástica de Trisha maculava seu rosto adorável.

— Foi por isso que eu liguei para o Paul.

*Trisha ligou para o Paul? Eu pensei que tivesse sido o contrário.*

— Eu sabia que a RAP lidaria bem com a estória, mas nunca imaginei que ele designasse uma potência como a famosa Julia Davidson! Eu sou uma grande fã da sua coluna.

Julia saboreou a lembrança do elogio, ao subir os degraus em direção a um impressionante Abraham Lincoln, sentado em estoica contemplação. Ela não estava tão ofegante como imaginara, o que a lembrava da queda de 1600 metros de altitude, de Denver a DC. Ela se aproximou dos pés do décimo sexto presidente, enquanto corria no mesmo lugar, para manter a pulsação. Virando-se à esquerda, ela viu o texto do discurso mais famoso do presidente, inscrito na parede sul. Ela se aproximou para ler as 271 palavras familiares.

HÁ OITENTA E SETE ANOS, OS NOSSOS PAIS FIZERAM NASCER, NESTE CONTINENTE, UMA NOVA NAÇÃO, CONCEBIDA EM LIBERDADE, E DEDICADA À PROPOSIÇÃO DE QUE TODOS OS HOMENS SÃO CRIADOS IGUAIS...

Antes que ela chegasse às referências de Lincoln à sangrenta batalha de Gettysburg, um som familiar interrompeu a leitura de Julia. Ela tocou o fone de ouvido. Uma mensagem de voz de Paul Daugherty.

— Oi, Joia. Temos problemas, mas não se preocupe. Tenho uma ideia. Ouça o anexo, e então me ligue.

Julia abriu o zíper do bolso, para tirar um pequeno aparelho, e tocou na opção TOCAR ANEXO. Ela não reconheceu a voz, provavelmente a voz de um assistente de pesquisas anônimo, ou de um dos incontáveis acadêmicos independentes, pagos por serviços prestados, pelo RAP Syndicate.

“Oi, Paul. Eu examinei a questão dos progenitores, que você sugeriu, e achei algo que você poderá considerar útil. Parece que alguém no Capitólio, chamado Simmons, pediu para ver os números, na expectativa de apresentação de uma força tarefa iminente”.

*Troy Simmons? Julia espantou-se.*

“Esse Simmons pediu que a equipe de pesquisa confirme ou repudie algo chamado... deixe-me ver... aqui está... algo que ele chamou de “tendência dos pontos brilhantes”. Infelizmente, eu só consegui acesso a um dos lados da conversa. Eu não tenho as perguntas, só as respostas. Veja só. O resumo mostra bolsões de crescimento econômico, completamente opostos às tendências gerais. Com base no que eu consigo apreender, os dados parecem correlacionar alta fertilidade e baixo número de transições com força econômica. Parece algo sólido, à primeira vista, mas não posso imaginar. Em alguma parte, deve haver uma falha na análise. Eu vou manter você informado, à medida que nos aprofundamos no estudo, mas queria que você soubesse o que consegui. Você sabe para onde deve enviar perguntas”.

A mensagem terminou, levando Julia a tocar a imagem de Paul, para retornar a ligação.

— Oi, Joia. Recebeu minha mensagem?

— Sim. Eu ouvi direito? A proposta dos Pontos Brilhantes tem mérito?

— Opa... devagar, Nelly! — disse Paul. — Não vamos tirar conclusões precipitadas. Tudo o que sabemos, no momento, é que algum analista, em algum lugar, deu a um auxiliar anônimo do congresso alguns dados que respaldam uma proposta que não vimos.

— Troy Simmons.

— Quem?

— Ele não é um auxiliar anônimo do congresso. Eu o conheço. O nome dele é Troy Simmons, e ele é o chefe da equipe de Kevin Tolbert. Nós passamos uma hora juntos, na tarde de ontem.

— Puxa. Você realmente se infiltrou! — Paul pareceu genuinamente impressionado. — O que você ficou sabendo?

— Não muito. Sujeito inteligente. Parece autêntico.

— Um progenitor? — perguntou Paul.

— Não. Bem, não como você quer dizer. Mas acho que é seguro supor que ele se

inclui no campo contrário à Iniciativa Jovem.

— E quanto a Tolbert?

Julia hesitou. Será que ela poderia confiar a Paul os detalhes de uma conversa extraoficial?

— Nada oficial, ainda.

— Algo extraoficial?

— Na verdade, não. Como eu disse no meu texto, ele me convidou para participar da reunião da coalizão de austeridade, esta tarde. Espero obter algumas informações úteis.

— Ouça, Joia. O grupo editorial está no meu encalço, aqui. Eles esperam uma matéria proativa em breve. Eu lhe disse que tenho o meu melhor pessoal trabalhando na matéria, e que a entregaremos, com nossa excelência usual.

— O melhor pessoal? Quem mais? — Julia se ouviu perguntar.

— O melhor pessoal, ora. Mas tenho que lhe dizer que estou ficando nervoso aqui. Eu coloquei meu pescoço a prêmio, para lhe dar esta joia, Julia. Por favor, diga-me que você vai dar conta.

Julia não conseguia se lembrar de outra ocasião em que Paul parecesse tão ansioso por uma matéria.

— É claro que vou dar conta, Paul! Mas, por que o pânico? Há algo que preciso saber?

— Não! — ele retrucou. — Há algo que eu preciso saber. Você consegue me produzir uma matéria que conecte essa proposta dos Pontos Brilhantes à fonte?

— Fonte?

— Você sabe, culpa por associação.

— Não sei se estou entendendo o que você quer dizer — confessou ela.

Paul assumiu a postura vocal de um mentor, ensinando a sua jovem aprendiz, o

que fez com que Julia se irritasse enquanto ouvia.

— As pessoas se preocupam muito mais com estarem aliadas às tendências, do que com estarem certas. Tudo o que você precisa fazer, querida Joia, é escrever uma matéria que permita compor detalhes a respeito dos bolsões de crescimento econômico e tendências demográficas, com a realidade mais importante da situação.

— Que é...?

— Que é o fato de que as pessoas que estão propondo essas mudanças estão desesperadamente atrasadas. Que é isso! Aumento de fertilidade? Redução nas transições? Que tipo de bobagem é essa, nesta época?

A ideia tinha mérito. Seria fácil associar a proposta dos Pontos Brilhantes com o título da matéria que lhe havia sido designado, Progenitores. Ela cumpriria a sua promessa, de permitir que Kevin apresentasse a sua proposta, com as suas próprias palavras, e estava confiante de que também conseguiria conectar as ideias a uma mentalidade religiosamente extrema.

—Não se preocupe, Paul — disse ela. — Eu lhe prometo que o grupo editorial ficará satisfeito.

— Ótimo — respondeu ele. — Porque a atenção de todos está nesse assunto, querida.

A ligação terminou.

Julia pensou em quatro milhões de voluntários para transição, quando seus olhos pousaram sobre as palavras que o Presidente Lincoln havia dito, a respeito de heróis nacionais anteriores.

DESSES HONRADOS MORTOS, RECEBEMOS AINDA MAIOR DEVOÇÃO POR AQUELA CAUSA PELA QUAL ELES DERAM A ÚLTIMA E PLENA MEDIDA DE DEVOÇÃO — E, POR ISSO, AQUI DECIDIMOS QUE ESSES MORTOS NÃO TERÃO MORRIDO EM VÃO.

# CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Julia entrou no escritório de Kevin dez minutos antes do início da reunião do comitê de austeridade, às duas horas da tarde. Um pequeno grupo de estagiários corria, lidando com as ordens de última hora de Troy.

— Você substituiu o gráfico de tendências de ontem pelo que eu enviei esta manhã? — perguntou ele para a nuca de uma cabeça que estava olhando para uma tela de computador.

— Sim, senhor — o rapaz mudou a tela. — Aqui está.

Troy se aproximou, confirmou a alteração, e assentiu com a cabeça.

— Obrigado, Shaun.

Ele colocou a mão no ombro do estagiário.

— Acho que estamos prontos para enviar.

— Ótimo, porque a reunião começa em oito minutos! — disse Shaun, movendo seu dedo ao ícone ENVIAR, no canto direito superior da tela. Ele congelou a mão estendida. — Fale agora, ou cale-se para…

— O nosso tempo se esgotou — disse Troy. — Envie — um comandante enviando, relutante, os seus soldados em uma condição de inferioridade.

O estagiário tocou a tela, colocando o documento confidencial em treze tablets digitais, que logo estariam reunidos em uma sala de reuniões próxima.

Julia observou Troy por um momento, um homem na divisa entre a arrogância e o desconforto.

— Olá, Troy.

Ele se virou para a voz dela, e ofereceu um sorriso acolhedor.

— Olá, Srta. Davidson — ele parecia um homem ansioso por acompanhar uma adorável debutante ao baile.

— Enervante, não é? — perguntou ela.

— Pode apostar que sim.

— Eu tenho o mesmo sentimento, cada vez que envio uma coluna. Eu sei que poderia ser um pouco melhor, se apenas tivesse alguns minutos adicionais para modificar uma palavra aqui e ali.

Ele sorriu.

— É apenas a apresentação mais importante que Kevin poderá dar na vida. Eu deveria ter um tempo interminável para os ajustes, você não acha?

— Tenho certeza de que está excelente.

Ele deu uma última olhada pela sala, aparentemente verificando uma lista mental. Confirmado o último item da lista, Troy correu ao seu escritório, para pegar o paletó do terno que estava pendurado acima de sua cadeira.

— Vamos? — convidou ele, enquanto tentava vestir, desajeitadamente, a segunda manga.

— Você não está esquecendo o seu chefe?

— Ele já foi, há quinze minutos. Queria confirmar a sua presença com Anderson.

— Anderson?

— Brent Anderson. Ele administra a coalizão de austeridade para Franklin.

— É aquele a quem chamam o Bisturi de Franklin?

— Ele mesmo. Mas eu gosto dele. Ele conseguiu minimizar os discursos para que o comitê seja ágil.

— Ele aprovou a minha presença? — perguntou Julia.

— O escritório enviou o OK na noite passada, em resposta à mensagem de Kevin, explicando o seu acordo. Você comparece como nossa convidada, com a condição de que tudo o que ouvir na reunião continuará sendo extraoficial, até que o Congressista Tolbert aprove a sua divulgação.

A descrição fez com que Julia se sentisse claustrofóbica, sentindo-se presa nos muros da liberdade de imprensa. Ela tentou se sentir otimista, dizendo a si mesma que valeria a pena.

— Certo. Alguma preocupação?

— Não. Kevin apenas quis confirmar pessoalmente com Anderson, para evitar mal entendidos. Kevin tem bons instintos a respeito dessas coisas.

Troy passou à frente de Julia para abrir a porta.

— Você primeiro.

Ela passou pela porta, enquanto Troy agradecia, rapidamente, à equipe de colegas exaustos, que desejavam boa sorte e que ficavam para trás, no escritório.

Um lance de escadas e alguns metros mais à frente, eles entraram em uma sala, em que havia vinte cadeiras em volta de uma longa mesa de reuniões. Cadeiras menores estavam junto às paredes, dos dois lados. Julia percebeu imediatamente Kevin Tolbert inclinado ao lado de um homem à cabeceira da mesa, supostamente Brent Anderson. Ela também reconheceu a mulher sentada junto ao meio da mesa e que, vendo que Julia entrava na sala, se dirigiu a ela.

— Desculpe-me, Troy — disse Julia. — Preciso cumprimentá-la.

Troy pareceu preocupado.

— Você conhece Trisha Sayers?

— Nós nos vimos, uma vez — disse ela, casualmente. — Volto logo.

Julia continuou examinando a sala, enquanto Trisha elogiava sua blusa e seus sapatos. Alguns outros rostos pareciam vagamente familiares, rápidas imagens vistas pela televisão, sempre que o Congresso se reunia para ouvir o discurso do Presidente a respeito da Condição da Nação. Grad ualmente, o trigo começou a se separar do joio, à medida que outros membros oficiais da coalizão se uniram a Tolbert, Anderson, e Sayers à mesa de reuniões. Os doze outros assistentes encontraram cadeiras junto às paredes. Como Troy, a maioria deles abriu sobre as pernas um tablet, de onde poderiam transmitir sugestões oportunas para a tela de um chefe, a um metro de distância.

O silêncio invadiu a sala, extinguindo a conversa informal, à medida que cada membro observava a hora. Trisha tocou a mão de Julia, um gesto de nova-melhor-amiga e, ao mesmo tempo, uma despedida condescendente. Julia seguiu rapidamente para o assento livre ao lado de Troy, que ergueu a cabeça em um discreto aceno.

— Desculpe. Está tudo bem? — perguntou ela.

— Chegou a hora — sussurrou ele, ansiosamente.

Ao contrário de seu anfitrião, Julia sentiu um repentino fluxo de confiança. Sendo a única jornalista na sala, ela havia conseguido acesso exclusivo a uma apresentação que, provavelmente, iria provocar tremenda controvérsia. No decorrer da hora seguinte, ela receberia as informações necessárias para escrever a mais importante matéria de sua carreira, uma matéria que poderia levá-la ao topo do império jornalístico da RAP. Esse seria um dia excelente.

— Quero agradecer a todos por sua pontualidade — começou Brent Anderson. — Todos vocês sabem que o que vou dizer é totalmente contrário a cada fibra do meu ser, mas preciso postergar o nosso início por alguns minutos.

Troy levantou a cabeça e olhou diretamente para Kevin. Ambos pareciam perturbados pela quebra de protocolo.

As portas se abriram, e o Senador Franklin entrou, com um séquito de cinco ou seis pessoas.

— Parece que esse atraso não será necessário — disse Anderson. — Acho que até mesmo o meu chefe tem medo de chegar atrasado a uma de minhas reuniões — acrescentou ele, com um ligeiro riso.

— Peço desculpas a todos — disse Franklin. — Por favor, continuem.

— Eles não nos disseram que Franklin estaria presente — sussurrou Troy a Julia.

Todos os olhos observaram Josh Franklin sentando-se ao lado de Trisha Sayers, para óbvio deleite dela, enquanto os outros recém-chegados ocupavam as cadeiras livres junto à parede.

— Antes da apresentação de hoje, eu gostaria de retomar um tema de nossa

última reunião — Anderson olhou, de relance, para o seu tablet. — A coalizão votou, por dez a três, em favor da proposta da confirmação de consentimento neutro, apresentada pelo Representante McGurn. Mas, esperando alcançar o consenso unânime, nós pedimos ao congressista que recomendasse um linguajar alternativo, que conciliasse preocupações expressadas pela minoria. Vou deixar o Sr. McGurn explicar.

— Vocês encontrarão o texto revisado no seu tablet — começou McGurn. — Por favor, abram o documento intitulado Consentimento Neutro Versão Dois e acompanhem a leitura.

Ele leu o documento em voz alta. Apesar do linguajar de advogado, Julia entendeu os pontos principais. A coalizão de austeridade fiscal desejava recomendar que fosse mais difícil que os voluntários para transição fugissem da coaprovação. Meras assinaturas digitais não mais seriam suficientes. As clínicas teriam que obter confirmação pela impressão digital de uma pessoa neutra.

— Acredito que adicionar a exigência da digital satisfará as preocupações do Dr. Richert a respeito de possíveis abusos ao sistema.

— Doutor? — perguntou Anderson.

Nenhum comentário. O médico exibiu um aceno de cabeça, solitário, como se relutantemente coagido a aceitar acréscimos de pouca importância a uma proposta inútil.

— Todos a favor do linguajar modificado? — apressou Anderson.

Uma dúzia de mãos se levantaram. Anderson também levantou a sua, tornando unânime a recomendação.

— Feito — ele entregou a reunião a Kevin. — Representante Tolbert.

Julia olhou para o nome na placa sobre a mesa, diante do homem de olhar intenso, que havia motivado a proposta da digital. Ela digitou DR. BRYCE RICHERT no seu campo de pesquisa, para obter mais informações a respeito do homem misterioso, porém, obviamente, influente. Imediatamente, detalhes encheram a sua tela: chefe do departamento de obstetrícia e ginecologia de uma rede de hospitais regionais, com cinco filhos adultos e uma dúzia de netos.

Julia escreveu um lembrete para si mesma: Pesquisar Dr. Richert.

Ela se virou, para ver que Kevin estava em pé. Ele examinava os representantes como um esquiador que se preparava, mentalmente, para a sua primeira descida da montanha.

— Vocês devem ter recebido, em seus tablets, um resumo executivo de minha apresentação, pouco antes que começasse esta reunião.

Ele olhou para Troy, que, com um piscar de olhos, confirmou a entrega.

— Por favor, abram o documento intitulado Proposta dos Pontos Brilhantes, se desejarem acompanhar.

Julia percorreu a mesa com os olhos, tentando apreender indicações com a linguagem corporal dos participantes. A postura de Trisha, de maneira pouco surpreendente, evocava imagens de uma criança teimosa, sem respirar, diante de um pouco de espinafre no seu prato. O Senador Franklin, por outro lado, parecia ansioso por obter novas informações a respeito da ideia inovadora do jovem congressista.

Foi então que ela perdeu o foco. Pouco além do ombro de Franklin, ela viu o rosto arrogante de uma das convidadas do Senador. Era Monica Garcia, aparentemente satisfeita por ter sido vista por Julia.

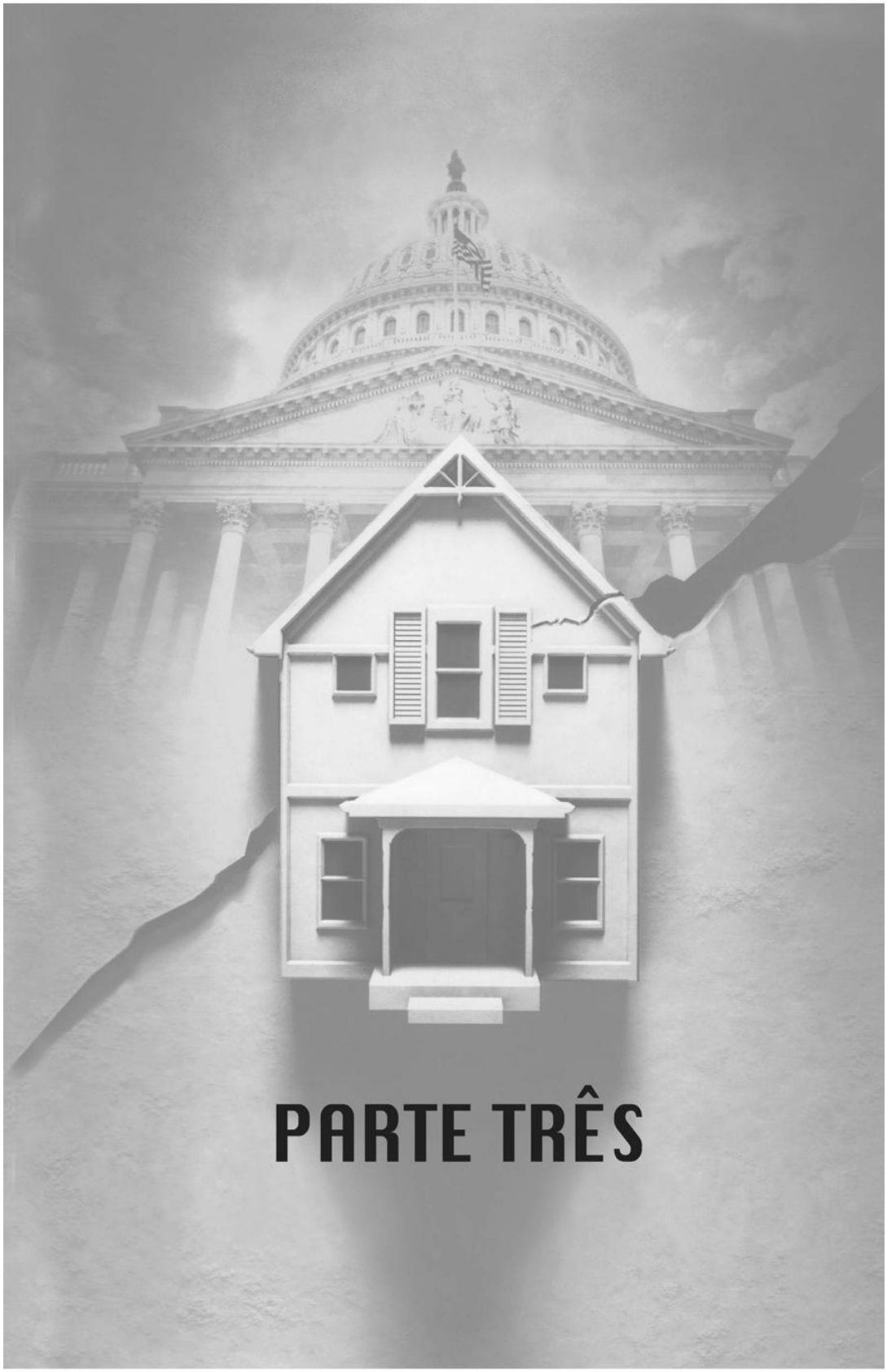
*Como ela conseguiu entrar aqui? Julia pensou furiosa. Rapidamente, ela chegou à única conclusão disponível. Paul havia dado à ela as migalhas, conectando-a a Nicole Florea e Trisha Sayers. Como sempre, ele havia reservado a cereja do bolo para Monica.*

Rapidamente, a raiva se converteu em alarme. O acesso a um candidato à presidência ofuscaria qualquer coisa que Julia pudesse escrever, do ponto de vista de um mero congressista, que estava em seu primeiro mandato. Ela se perguntou se Paul realmente pretendia publicar sua matéria. Será que toda a sua tarefa era uma piada?

Não seja ridícula! ela repreendeu a si mesma. Por que ele perderia o meu tempo e o dele? Por que se preocuparia em me irritar, pedindo progresso? Por que sugerir um ângulo para a matéria e um título tão perfeitamente adequa dos à minha reputação?

Julia se dispôs a deixar para trás o início de uma paranoia, lembrando-se dos fatos. Monica podia ter o que fosse necessário para receber o favor de um Senador, mas não tinha os instintos jornalísticos necessários para escrever uma exposição convincente de toda uma subcultura, como a dos progenitores. Julia podia ter sido forçada a permanecer no curral durante os últimos tempos, ela disse a si mesma, mas ainda era a mais experiente e mais forte componente da equipe da RAP, e Paul Daugherty sabia disso.

Movendo os olhos de volta a Kevin, quando ele dava início à apresentação mais importante de sua vida política, Julia reconheceu que era chegada a hora de escrever a estória mais convincente de sua pálida carreira.



# PARTE TRÊS

# CAPÍTULO QUARENTA

Kevin fez uma pausa diante de sua porta, observando o vapor de sua respiração se dissipar no ar frio da meia-noite. Ele teria preferido passar por sua porta cinco horas antes, com os gritos excitados de crianças saudando seu pai, coroando o bolo de um dia verdadeiramente maravilhoso. Ele imaginou sua querida esposa à sua espera, ansiosa por ouvir a respeito da grande apresentação. Ele lhe daria um longo beijo, como parabenizando a si mesmo por um trabalho bem feito, e também agradecido por um resultado melhor que o esperado.

Ele sabia, é claro, que Angie e as crianças estariam dormindo. Por isso, ficou debaixo do brilho tênue de uma única lâmpada, exalando longos fluxos de úmida alegria sob a sua luz, um menino contente recompensando-se com pequenas maravilhas.

Obrigado, orou ele, em silêncio, sorrindo para o alto, antes de estender a mão para abrir a porta.

Como era de se esperar, ele entrou em uma casa escura. Colocando seu tablet sobre a mesa junto à entrada, foi à cozinha, esperando encontrar algo para comer que fosse digno do momento. Ele abriu a geladeira, e encontrou o conteúdo usual de condimentos, laticínios e frutas. Nada emocionante, como sobras de bolo. Pegando a caixa de leite, já aberta, ele abriu a despensa, em busca de um cúmplice perfeito. Uma caixa dos cereais favoritos de Tommy estava colocada sedutoramente ao nível dos olhos. Normalmente, papai não podia comer esses cereais, mas Kevin decidiu que essa noite era diferente. Esse dia merecia a simples recompensa do sabor crocante submerso em leite gelado.

Ao saborear sua terceira colherada, Kevin percebeu a forma adorável de sua esposa que vinha em sua direção. Os braços estavam cruzados, como os de um policial que flagra um ladrão. Um sorriso culpado fez com que uma gota de leite escorresse do canto de sua boca. Ela riu silenciosamente, e se aproximou.

— O que vou fazer com você?

Os olhos dele se moveram, para cima e para baixo, admirando a fina camisola.

— Eu aposto que posso pensar em alguma coisa.

Uma minúscula covinha apareceu, por baixo de um discreto rubor. Angie se esgueirou por trás de Kevin e o abraçou pelas costas.

— Deu tudo certo hoje? — ela perguntou.

— Muito bem — ele deixou a tigela de lado e se virou, em seu banquinho, para olhá-la, passando suas mãos pela cintura dela, e puxando o seu corpo para perto. — Tão bem, que eu queria celebrar. Eu imaginei que você estivesse dormindo, por isso me contentei com essa tigela roubada. Mas você parece muito mais atraente!

— Comporte-se — ela fingiu protestar. — Primeiro me conte o que aconteceu.

Ele deu um tapinha no banquinho ao seu lado, convidando sua esposa a se sentar.

— Eu tive quinze minutos para apresentar o caso e quinze minutos para perguntas — começou ele — mas as perguntas e a discussão duraram duas horas!

— Isso é bom?

— Não pensei que fosse, no início. Havia muitas objeções que se tornaram discussões. Quando acabou o tempo que me havia sido dado, percebi que toda a proposta estava sendo destruída. Mas em vez de interromper a discussão, para pedir os votos, Anderson continuava aumentando o nosso tempo. Ele olhava para Franklin…

— O Senador Franklin estava lá? — interrompeu Angie.

— Estava.

— Você ficou nervoso com isso? — ela acariciou o braço de Kevin.

— A princípio. Eu queria resolver quaisquer objeções do comitê, antes que ele visse o projeto. Mas então, eu percebi que Anderson olhava para Franklin momentos antes de cada vez que aumentava o nosso tempo. Um ligeiro aceno com a cabeça era o sinal para que Anderson mantivesse a conversa viva.

— Durante duas horas? Eu pensei que você havia dito que Anderson respeitava muito o cronograma.

— Exatamente! Eu imaginei que havia apenas uma razão possível para que Anderson mantivesse a conversa em andamento. Uma votação rápida teria

acabado com a minha ideia. Franklin deve ter desejado que eu vencesse cada objeção.

— E você venceu?

— Um número suficiente delas, para ganhar o dia — a voz dele tinha um tom de falsa vanglória. — Você está olhando para um sujeito que passou o dia derrotando gigantes!

— Como Trisha Delisha?

— Ela foi a que mais falou. Não importava o que eu dissesse, ela respondia com uma reclamação hostil, e, normalmente, insensata.

— Ainda não entendo por que essa mulher está na coalizão.

— Eu lhe explico o motivo. Ela será importante, quando chegar a hora de sair a público com as propostas de austeridade. Franklin não é bobo. Ele sabe que o remédio descerá com muito mais facilidade se apresentado com uma colher de açúcar, como Trisha Sayers.

Um olhar gelado disse a Kevin que Angie não havia gostado da comparação.

— De qualquer maneira, nós tivemos nove votos. Dois além do que precisávamos, para incluir o conceito dos pontos brilhantes no pacote final de propostas.

— Pacote?

— Eu imagino que Franklin vai querer apresentar três ou quatro boas ideias para combater a crise, cada uma delas visando um segmento econômico diferente. É assim que ele vai conseguir uma ampla base de apoio.

Ambos ficaram em silêncio por um momento, com os dedos de Angie apertando os de Kevin, em uma demonstração de orgulho pelo que seu marido havia conseguido.

— E quanto à ideia da transição? — ela perguntou.

— Eles acabaram comigo, nesse assunto, há uma semana. Tentar reduzir as

transições seria demais.

— Eu pensei que a ideia era reproduzir o que acontece nos pontos brilhantes — as suas palavras pareciam cheias de preocupação.

— A política é a arte de conseguir o que você pode — disse ele. — Eu consegui a metade do que queria. Franklin vai propor um pacote que inclui créditos de impostos para os novos pais. Essa é uma grande vitória, que deve facilitar a escolha da paternidade.

Uma ligeira demora.

— Tenho certeza disso. E você deve se orgulhar disso.

— Mas? — ele incentivou.

— Bem, eu só estava pensando se uma das características dos pontos brilhantes terá tanto impacto sem a outra. Você tem certeza de que apenas o aumento da fertilidade vai ajudar? Quero dizer, você e eu fomos necessários para fazer um bebê. Nenhum de nós poderia ter criado um filho sozinho.

Kevin olhou nos olhos de Angie, tentando decidir se ela o estava seduzindo ou instruindo.

— Não é a combinação das duas coisas que cria a força econômica? Uma sem a outra me parece, não sei, como um único cônjuge tentando criar meio bebê.

O comentário ofuscou a celebração de Kevin.

Como pude cometer um engano tão óbvio?

Era um erro grave na lógica, supor que a alta taxa de fertilidade fosse a responsável por 50 por cento do crescimento econômico dos pontos brilhantes. Nunca havia ocorrido, nem a ele nem a Troy, que, normalmente, pensava em tais coisas, que as duas coisas fossem partes cruciais de um único todo. Uma sem a outra poderia ser inútil.

— Eu não tinha pensado nisso — confessou ele, com tristeza.

Angie deu um tapinha no ombro de Kevin.

— Bem, não vamos nos preocupar com isso agora. Só por que você tem outra batalha a travar amanhã, isso não quer dizer que não possamos celebrar a vitória de hoje.

Ela o virou no banquinho, e subiu no colo dele, para abraçá-lo fortemente, enquanto uniam as pontas de seus narizes.

Os olhos se encontraram; os dela brilhando em um convite, os dele submersos em apreensão.

— Eu deveria telefonar para o Troy — disse ele.

Ela pegou a mão dele e a colocou sobre o seu joelho.

— Eu acho que isso pode esperar.

Ele a beijou suavemente.

— Kevin Tolbert — disse Angie, enquanto se afastava. — Não era isso o que eu tinha em mente.

Ela pressionou fortemente os lábios contra os de seu marido, segurando firme em suas mãos.

# CAPÍTULO QUARENTA E UM

Julia trocou seu copo vazio por um pequeno travesseiro e um cobertor cuidadosamente dobrado. Ela nunca havia se sentido mais agradecida por um upgrade em sua vida, o que deve ter sido exibido em seus olhos, à medida que agradecia ao comissário de voo.

— Dia difícil? — perguntou ele.

— Dia longo — respondeu ela. — Na verdade, semana longa.

Ele sorriu, educadamente, e se ofereceu para encher o copo. Ela recusou, esperando usar o voo de três horas de volta para casa para mergulhar na abençoada inconsciência. Tão logo Julia encontrou e ocupou seu assento na primeira classe, sentiu o peso físico e emocional dos últimos dias. Diminuiu grande parte da adrenalina que ofuscava a sua tensão, e o seu corpo, finalmente, se permitiu desfrutar da breve recuperação das tensões de pisar em ovos junto a uma amizade distante, combater o desejo por um homem charmoso e participar de uma reunião confidencial de pessoas influentes em Washington. Uma soneca era exatamente o que ela precisava, antes de atacar a sua próxima tarefa, cheia de adrenalina: vencer Monica Garcia diante do comitê editorial.

Ela se lembrou da dor da presença de sua rival, na reunião da coalizão de austeridade, perguntando-se se Monica havia feito com o Senador Franklin o mesmo acordo que Julia havia feito com Kevin, o acesso preferencial, em troca de uma representação justa. Ou será que, com suas artes de sedução, Monica havia simplesmente caído nas graças de um membro da equipe de Franklin, que faria uma agradável adição ao harém crescente? De qualquer maneira, o jogo havia mudado.

Enquanto o álcool começava a convidar seu corpo ao relaxamento, Julia se lembrou da limitada experiência jornalística de sua oponente. Monica poderia cobrir razoavelmente bem os fatos básicos de uma matéria. Mas Paul queria um artigo com nuances cuidadosas, mas, ao mesmo tempo, agressivamente condenador. Para conseguir isso, seria necessário algo além de ambição declarada. Seria preciso um intelecto ganhador de um prêmio Pulitzer.

Ela queria concluir uma lista mental dos elementos da matéria, mas seu cérebro se recusava a cooperar. Julia encontrou o canal de sinfonias na tela embutida no assento à frente do seu, e fechou os olhos enquanto a Orquestra Filarmônica de Londres lançava ondas gentis de beleza sobre a sua mente inquieta.

Cinco minutos ou uma hora depois, Julia se sentiu sufocada e desesperada em busca de ar, com os membros se agitando freneticamente, para combater o puxão de uma corrente sem água. Como havia acontecido antes, a figura indefinida de um homem continuava incapaz ou indisposta a resgatá-la de um turbilhão que ela não entendia, mas sabia que era maligno.

Um riso sem alegria invadiu seus ouvidos adormecidos. A princípio, ela supôs que vinha da figura que desaparecia à distância, o homem a quem ela havia suplicado. Mas ela percebeu que o som vinha de baixo. Era um riso perverso e satisfeito, o tipo de riso que pode acompanhar a respiração de um homem voraz, que estupra uma criança inocente ou devora o banquete de um canibal.

— Não me deixe — gritou ela, com o coração quase na boca, ao homem que mal era visível à distância. — Por favor, ajude-me!

Ele não fez nenhum movimento, além de estender uma mão que ela não conseguiria alcançar.

A textura do couro irritando a ponta dos dedos de sua mão direita fez com que Julia despertasse do pesadelo. Ao abrir os olhos, ela viu que seu braço se estendia em direção ao assento 2B, cinquenta centímetros à frente, e o rosto do seu ocupante se virava para ela, em aparente irritação pelos seus golpes inquietos.

— Sinto muito — disse Julia em voz baixa, tentando se localizar. — Um pesadelo.

Ela se virou à esquerda, agradecida por ver um assento vazio. Virando-se à direita, ela viu uma luz piscando na asa, em meio a uma opressiva escuridão. Ela encontrou e tocou em um ícone azul claro, no descanso para o braço, para acender a lâmpada. Ela precisou de um momento para perceber que a Serenata n. 12, de Mozart, invadia seus ouvidos, com a Orquestra de Câmara da Europa tentando acalmar o seu coração agitado.

Ela pegou o tablet que estava ao seu lado e rapidamente abriu o documento que havia iniciado, depois de visitar a terapeuta de Maria.

SONHOS: HOMEM, SOMBRA, MEDO, RAIVA, ABANDONADA.

DRA. MORELAND: “Eu acho que o seu subconsciente pode estar conduzindo você a algo importante… algo a ver com o seu pai... converse com alguém que possa ajudá-la a conhecer o rosto de seu pai”.

Ela havia capturado e ignorado as anotações, como uma sugestão pouco promissora para uma matéria que ela não quisesse escrever.

*Os sonhos refletem insegurança e uma carreira em declínio, ela disse a si mesma. Eles nada têm a ver com conflitos mais profundos ou mensagens misteriosas do meu subconsciente.*

*Ou será que tinham?*

*Julia acrescentou três palavras.*

DESCENDO AO INFERNO

Enquanto ela olhava para a frase, um ligeiro tremor fez com que ela apertasse fortemente o travesseiro. Tocando em um ícone da tela, que dizia A FAZER, Julia acrescentou, relutantemente: “Visitar a Dra. Moreland outra vez” à sua lista, uma pequena ação que lhe deu a sensação de assumir novamente o controle.

Julia procurou algo com que ocupar a mente, durante os noventa minutos restantes do voo para casa. Três toques mais tarde, ela avaliou duas opções, as últimas postagens de Sylvia Santos ou a primeira de seu filho. Ela escolheu o arquivo chamado REFLEXÕES DE ANTONIO.

**14 de agosto, 2035: Hoje, eu inicio o meu diário, intitulado Reflexões de Antonio. Ontem eu completei doze anos. Mamãe e Jeremy me conseguiram esse tablet, muito bacana, que se conecta à minha cadeira. Eu posso digitar usando apenas o meu dedo bom. Eu sou lento, mas vou ficar mais rápido. O que mais tenho para fazer? Eu tenho um zilhão de pensamentos presos dentro de minha cabeça. Mal posso esperar para começar a escrevê-los. Obrigado por estar lendo isto, quem quer que você seja. Prepare-se para a história mais assombrosa de todas. A minha!**

**15 de agosto, 2035: Provavelmente, você quer saber sobre o início de minha vida. Ela começou de maneira praticamente normal. Mamãe diz que eu era um cavalheiro perfeito, quando bebê. Eu quase nunca chorava. Isso é bom, uma vez que ela precisava descansar para os dias difíceis que viriam. Eu ainda não choro muito. Mamãe faz isso por nós dois. Ela tenta não deixar que eu veja, mas eu sei mais do que ela pensa. Eu sei que papai foi embora por minha causa. Eu sei que ela não pode fazer horas extras por minha causa. E eu sei que ela nunca voltou a se casar por minha causa. Mas ela gosta de mim, mesmo assim. Eu sei disso, porque vejo nos olhos dela, não porque ela me diga.**

Desde que eu consigo me lembrar, nós gostamos de um jogo que mamãe inventou. Ela tenta me desafiar, lendo uma definição no dicionário. Eu ganho um ponto quando adivinho corretamente, e ela ganha um ponto quando eu erro. Eu estava ganhando, por 1236 a 843, antes de perder a capacidade de falar, há dez meses. Nós recomeçamos o jogo ontem, testando um programa substituto de voz que Jeremy baixou no meu tablet. Ela leu: “Não mais em uso ou fora de moda”. Eu conhecia a resposta antes mesmo de perguntar que metade do dicionário ela estava lendo. Eu digitei OBSOLETO e uma voz de computador leu a palavra. Mamãe chorou, eu acho que porque sentia saudades do nosso jogo. Eu apenas olhei para Jeremy, que estava rindo histericamente, porque havia escolhido uma voz de menininha. Mamãe o obrigou a corrigir a voz. Agora eu tenho a voz de um intelectual britânico. Muito melhor.

Você já deve saber que eu tenho uma doença rara. Você sabia que várias pessoas tiveram um problema similar, no passado? Procure se informar sobre um sujeito

chamado Stephen Hawking. Ele conquistou o Prêmio Albert Einstein de Física, cerca de cinquenta anos antes que eu nascesse. Hoje em dia, dificilmente alguém tem essa doença. As pessoas rejeitam crianças como eu, enquanto ainda são zigotos ou embriões. Eu sempre me perguntei que tipo de criança mamãe poderia ter tido, se tivesse feito a seleção. Será que Jeremy teria uma bela irmã, em lugar de um irmão inválido? Será que papai teria ficado? Será que eles morariam em uma casa grande, e não nesse apartamento apertado? Uma coisa é certa. Provavelmente, mamãe não teria inventado o nosso jogo de palavras.

Naquele primeiro mês, Antonio escreveu duas dúzias de postagens, algumas mais longas que outras. Cada uma delas era como uma janela para a mente de um rapaz adolescente, preso em um corpo muito inepto. Julia ficou sabendo que ele adorava um programa ultrapassado de robótica, que havia recebido do amigo de sua mãe, e que agora estava ocioso, depois que ele perdera a capacidade de mover um mouse. Havia vários comentários que ela achou surpreendentes, mas que teria considerado típicos para qualquer outro adolescente. Fantasias sexuais inapropriadas a respeito das poucas jovens que seu irmão trazia para casa. Ele registrou como se sentia, quando elas recuavam ao ver a sua aparência, apertando polidamente a mão dele, mas procurando evitar olhá-lo nos olhos. Alguns poucos textos descreviam pequenos prazeres da vida, como o sabor de um milk shake de banana e a emoção de começar a ler o próximo livro de sua série favorita. O seu vocabulário e a amplitude de seu conhecimento sugeriam um ágil intelecto, talvez alguém que teria sido um excelente revisor ou assistente de pesquisas. Essas eram algumas habilidades, ela descobriu, que ele começaria a usar em breve.

**10 de maio, 2036: Esta manhã, mamãe me levou com ela a uma reunião na base de operações da campanha presidencial de Lance Lowman. Foi muito legal! Uma mulher de aparência importante explicou diferentes oportunidades para a participação de voluntários. Veja só — agora, eu sou um voluntário oficial, um especialista na campanha online para o homem que esperamos que seja o próximo presidente dos Estados Unidos. Eu envio mensagens do meu tablet a uma lista de possíveis doadores. Eu lhes peço que façam uma doação de cem dólares, para um grande esforço na mídia, que a campanha espera lançar pouco antes da eleição. Esta tarde, eu enviei**

**dez mensagens, e então chequei o sistema. Dois dos dez já doaram! Eu vou tentar enviar cem mensagens por dia, nos próximos meses. Eu aposto que consigo gerar cem mil dólares, e sozinho! Mamãe diz que precisamos de uma pessoa como Lowman na Casa Branca, para expandir o progresso e mantê-la em um emprego decente. Eu pedi que Jeremy me ajudasse a ir mais cedo para a cama hoje. Mal posso esperar para começar amanhã!**

Julia se lembrou do entusiasmo nacional com a campanha de Lance Lowman. Ele havia conseguido conservar o entusiasmo de uma nação volúvel com o que acabou sendo um auge econômico, porém de vida curta. Até mesmo os que viviam próximos à linha de pobreza se uniram à campanha dele, ansiosos por acelerar o movimento ascendente. Lowman prometeu uma década de crescimento, se o seu partido assumisse o poder. Ele removeria regras inconvenientes para ajudar o mercado a se aproveitar das inovações da tecnologia genética, o que, por sua vez, faria flutuar todos os barcos, erguendo o nível de água de cada segmento da economia. Ele também prometeu reduzir os impostos que haviam aumentado, graças à rápida expansão dos custos com benefícios sociais. Estava claro que a família Santos acreditou em cada palavra.

Julia examinou várias páginas que refletiam a contagem de mensagens enviadas por Antonio e as doações geradas por elas. A seguir, ela se concentrou em uma postagem que o jovem, agora com treze anos de idade, considerou a mais importante daquele ano.

**8 de novembro, 2036: Nós ficamos acordados, durante grande parte da noite, esperando os resultados da eleição. O Governador Lowman é, agora, o quadragésimo-nono presidente dos Estados Unidos. Nós comemoramos, comendo as famosas panquecas com pedaços de chocolate da mamãe, antes que ela saísse para trabalhar e Jeremy fosse para a escola. Nancy (minha enfermeira, durante o dia) também deve ter ido dormir tarde. Ela parece tão atordoada como nós. Mas é maravilhoso saber que eu ajudei a fazer história.**

A euforia após a eleição marcou o auge da breve vida de Antonio. Depois de

doze meses, as circunstâncias começaram a minar qualquer sensação de importância que ele tivesse sentido, com a vitória de Lowman. O mercado da tecnologia genética sofreu uma queda, fazendo com que sua mãe perdesse o emprego e obrigando a família a morar com sua tia e tio, durante seis meses. Jeremy detestou o lugar, envolveu-se em brigas na escola, e detestava qualquer orientação do tio Marcos, que "Não é o meu pai!" Antonio gostaria de poder conversar com seu irmão sobre o que ambos estavam sentindo. Mas uma sentença em uma pronúncia britânica a cada dois minutos não conseguia acompanhar o veneno veloz de Jeremy, que estava envenenando toda a casa e partindo o coração de sua mãe.

Julia encontrou apenas quatro rápidas postagens de 2038, todas sugerindo que Antonio havia começado a ficar cada vez mais pessimista a respeito da vida.

**Março: Estou começando a duvidar que mamãe consiga outro emprego decente.**

**Junho: Mamãe disse que teve que fazer outro corte no orçamento. Teremos que nos mudar.**

**Julho: O novo apartamento tem um cheiro horrível.**

**Setembro: Pobre Jeremy. Ele detesta a sua nova escola ainda mais do que detestava a última.**

Julia preencheu os detalhes, com as lembranças do diário de Sylvia. A família havia se mudado para um apartamento de aluguel baixo, em um distrito de baixo nível de escolaridade, onde Jeremy continuava a ser consumido pelo rancor. As coisas melhoraram ligeiramente, quando Sylvia começou a sair com um homem da igreja, que a ajudava, financeiramente, de vez em quando. Mas o relacionamento deixou de ter futuro, depois que o homem passou algum tempo no apartamento, observando a vida com um rapaz muito incapacitado e um irmão mais velho que estava irado com Deus e com o resto do mundo.

"Quem poderia culpá-lo?" escreveu Antonio, com resignação, em novembro.

Antonio pareceu redescobrir seu diário de Reflexões juntamente com uma nova obsessão, na primeira parte de 2039.

**7 de fevereiro, 2039: O plano do presidente, para salvar a economia, parece estar ganhando impulso. Surpreendentemente, ele está recebendo pouca resistência no Congresso, apesar da condenação pelo Vaticano e alguns pregadores do sul. Mamãe diz que a proposta dele jamais irá decolar, mas ela tem sido crítica e rancorosa desde que perdeu o emprego na área de tecnologia genética. Eu li os detalhes pela internet, ontem à noite. Isso me tomou uma hora. Eu acho que gosto da proposta, uma estratégia de bom senso para combater o déficit e incentivar novos investimentos econômicos, permitindo, ao mesmo tempo, que aqueles que forem suficientemente corajosos para fazer isso participem da solução, e não do problema.**

Julia continuou a leitura, em que várias postagens forneciam informações do progresso do que viria a ser chamado de Iniciativa Jovem.

**2 de março, 2039: Ontem, o plano do presidente foi aprovado em um importante subcomitê da Câmara dos Deputados. Agora ele deverá ir a votação em todo o Congresso, daqui a algumas semanas.**

**10 de abril, 2039: Um Senador do Texas propôs uma emenda ao plano do presidente, sugerindo que fossem adicionadas duas restrições. Os adultos devem declarar que se apresentaram como voluntários, livres de qualquer coação. E os menores de idade somente poderão se apresentar como voluntários com a aprovação do pai e da mãe, se estes estiverem vivos. Ambas as condições foram aceitas como mudanças razoáveis.**

**17 de maio, 2039: Alguém apelidou a versão do Senado para o plano do presidente de Iniciativa Jovem, porque, teoricamente, diminuiria a idade**

**média da população dos Estados Unidos. Os meios de comunicação continuam usando o apelido; então acho que "vai pegar".**

**21 de junho, 2039: Uma semana histórica. A Iniciativa Jovem foi aprovada nas duas casas do Congresso, por uma maioria de dois terços. Os economistas já estão projetando significativos índices de economia e crescimento.**

**30 de agosto, 2039: O primeiro mês da Iniciativa Jovem trouxe uma transferência de riquezas sem precedentes. Uma alta porcentagem de beneficiários diz que planeja usar o dinheiro para pagar as dívidas. Mas alguns são empreendedores que, se supõe, investirão em novos negócios para estimular a economia.**

**30 de setembro, 2039: NEXT Inc. anunciou que, no decorrer dos próximos meses, planeja comprar e reformar edifícios comerciais vagos em importantes mercados, para abrir clínicas especificamente destinadas a atender a crescente demanda por serviços de transição. O programa acabou se tornando mais popular do que era esperado, e o número de médicos dispostos a facilitar o processo simplesmente não é suficiente. NEXT diz que planeja contratar médicos auxiliados por especialistas em transição, em vez de continuar enviando as pessoas a consultórios e hospitais já existentes.**

Antonio continuou a acompanhar o crescimento da infraestrutura da NEXT, desde as primeiras clínicas em Nova York, Los Angeles, e Phoenix até chegar a comunidades cada vez menores. A empresa conseguiu alcançar o seu objetivo de abrir trezentas clínicas em doze meses. Milhares de empregos de elevados salários foram criados, uma vez que os empreiteiros para os projetos de reformas e os profissionais de cuidados com idosos subiam, na cadeia alimentar, para se tornar especialistas em transição. E tudo isso era financiado por uma enxurrada de dinheiro que, anteriormente, gotejava das contas de aposentaria e poupanças para gastos médicos.

Um som fraco, "ping", interrompeu a leitura de Julia. As luzes da cabine

gradualmente se intensificaram, e os outros passageiros da primeira classe acordaram, com a voz do capitão, que convidava os comissários aos preparativos para a aterrissagem. Julia olhou para o relógio em seu tablet. Estavam adiantados.

Esperando a próxima voz no intercomunicador, Julia fechou o arquivo REFLEXÕES para guardar o tablet na bolsa de mão, que estava junto aos seus pés. Com o toque em um botão, seu encosto voltou para a posição vertical, enquanto ela pensava sobre os últimos anos de vida de Antonio. Ele parecia genuinamente entusiasmado, cada vez que a Iniciativa Jovem conseguia vencer um obstáculo. Ele acompanhava o progresso da indústria de transição como um adolescente que esperava, ansiosamente, o primeiro dia das atividades de verão. O que ele teria pensado a respeito do processo de Jeremy? O que ele teria dito a homens como Kevin Tolbert que, segundo supunha Julia, teriam restringido o seu direito a se oferecer como voluntário?

Ela fechou os olhos, enquanto as rodas encontravam a pista. Uma imagem lhe veio à mente, recordando o seu sonho da descida ao inferno. Forçando-se a reabrir os olhos, ela pensou em um adolescente ansioso pela morte, e perguntou a si mesma que tipo de imagens viam os olhos de Antonio Santos, quando se fechavam.

# CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Já eram quase dez horas da manhã, quando Julia se forçou a sair da cama e entrar no chuveiro. Tendo chegado a casa em algum momento entre a meia-noite e a manhã, ela havia desligado o despertador instintivamente, antes de cair em um sono acolhedor. Ela esperava acordar cedo e começar a escrever, possivelmente concluindo uma primeira versão antes do jantar. Já não seria possível. Um começo tardio se combinava com o bloqueio de escritor. Às quatro da tarde,Julia estava olhando letargicamente para um parágrafo que continha um texto forçado e incômodo.

Eu aposto que as palavras estão fluindo sem esforço, na página de Monica.

Ela ouviu um toque à sua porta fechada, seguido pela voz animada de Maria.

— Ei, Mana. Você já está pronta?

— Pronta?

— Eles vão chegar daqui a meia hora — continuou Maria.

— Qyem?

— Como, quem? — Maria abriu a porta, com o rosto se convertendo em uma reprimenda, depois de ver que Julia estava usando jeans e um suéter de ginástica. — Você não está nem mesmo perto de estar pronta. Você não leu o meu bilhete?

— Bilhete?

Maria cruzou os braços.

— Eu sabia que você havia chegado tarde, e não quis acordar você antes de ir trabalhar. Coloquei um bilhete ao lado de sua escova de dentes, de modo que você não deixaria de vê-lo.

Julia passou a língua pelos dentes, e enrubesceu diante de um descuido motivado pela exaustão.

— Desculpe, mana. O que dizia o bilhete?

Foi quando ela percebeu a roupa que Maria estava usando, uma pista clara para o

mistério.

— Fin tem um colega de quarto realmente bonito, chamado Craig Gilman. Eles querem ir dançar no clube esta noite.

Julia abriu os olhos, incrédula.

— E você disse que eu iria?

— É claro que sim! Muito trabalho e nenhuma diversão estão fazendo de você uma escritora aborrecida. Você precisa sair.

— Maria!

— Eu mencionei que ele é realmente bonito? — ela perguntou enquanto se dirigia ao armário de Julia. — Parece um professor de ginástica. Você vai gostar dele.

— Eu não estou a fim de…

— Vista isso — interrompeu Maria. — E ele vai adorar a sua figura. Confie em mim!

Julia olhou para o conjunto de saia e blusa, presente de sua irmã manipuladora, que esperava ajudá-la a participar da festa da vida. Ela só havia usado esse conjunto diante do espelho. Era um conjunto monótono, para os padrões de Maria, mas Julia nunca havia se sentido à vontade exibindo tanta pele.

— Ora, vamos, mana! — incentivou Maria. — Você sabe o que eles dizem. Se você tem um corpo bonito, exiba-o!

Julia olhou para a página em que havia escrito um único parágrafo, durante a última hora. Olhou de volta à sua irmã, imaginando-se na pista de dança.

— Eu pensei que você havia terminado o relacionamento com Fin — disse ela, abrindo o caminho para um “sim”.

— Ainda não — respondeu Maria. — Jared vai dormir na casa de um amigo hoje, e não vai ficar sabendo. Vamos. Eu disse que você gostaria de ir. Não faça de mim uma mentirosa.

— Você é uma mentirosa — bufou Julia, enquanto acenava com a cabeça e aceitava as roupas.

— Vou lhe emprestar meus sapatos pretos de salto! — disse Maria, entusiasmada, ao sair correndo do quarto.

Vinte e cinco minutos depois, Julia ouviu a campainha, enquanto estava diante de seu espelho de corpo inteiro. Um fluxo de entusiasmo se encontrou com preocupação, quando ela virou, de um lado a outro, inspecionando cada ângulo. A roupa lhe dava uma misteriosa sensação de poder, como se a sua feminilidade fosse uma chave que poderia abrir incontáveis possibilidades. Ela ouviu Maria cumprimentar os convidados à porta. O som de vozes masculinas aumentou a sua inquietude e também a sua confiança.

A sensação lhe trouxe à mente a emoção que ela tinha visto no rosto de Angie, quando estava comprando a surpresa rendada para Kevin. Ela imaginou a expressão de admiração nos olhos de Kevin, um homem enfraquecido e encorajado pela forma atraente de sua esposa. Será que Angie havia sentido a mesma sensação de poder e possibilidade?

A beleza do rosto de Angie foi rapidamente substituída por outro rosto. Julia pensou em Monica Garcia, uma mulher que usava o poder feminino para abrir uma gama diferente de possibilidades, provavelmente usando a sua sedução para chegar ao círculo mais íntimo do Senador Franklin e usando sua provocação para conseguir tarefas importantes junto ao RAP Syndicate.

Julia sentiu um conflito, ao considerar a sua imagem no espelho, mas era tarde demais para trocar de roupa.

— Aqui está ela — cantou Maria, quando Julia se aproximou do quarteto de olhos masculinos cheios de admiração. — Ela não está linda?

— Olá, Julia — disse Fin. — Eu quero lhe apresentar ao meu colega de quarto, Gil.

— Gil? — Julia ouviu a sua própria voz. — Fin e Gil?

— Foi ideia de Fin — explicou Craig Gilman, enquanto Fin exibia um grande sorriso. — Mas pode me chamar de Craig, se preferir.

— Não. Gil, é um bom nome — respondeu Julia, voltando-se lentamente para a piscadela de Maria. — Muito prazer.

— Vamos? — disse Maria, estendendo o casaco a Julia.

Julia relaxou um pouco, uma vez que o casaco abrigava seus ombros e coxas nus, libertando Gil para, finalmente, olhar para o rosto dela.

— Você está linda — disse ele, em tom excessivamente ávido, quando passavam pela porta.

A noite foi uma catástrofe. Craig Gilman se revelou como o oposto de Jonathan Sowell.

Jonathan lia os livros certos e bebia o vinho certo. Craig passou a noite se vangloriando de sua última vitória em jogos virtuais.

Jonathan havia rejeitado uma oferta para voltar ao quarto de Julia. Craig convidou Julia ao seu apartamento, antes que eles tivessem terminado a primeira dança.

Jonathan havia mostrado mais interesse por Maria do que por Julia. Craig teria, alegremente, ficado com qualquer uma das duas, ou com a garota que servia no bar, ou com qualquer mulher disposta.

— Parece que tudo está indo bem! — sussurrou Maria, ao ouvido de Julia, quando os quatro estavam no bar, esperando novas doses. — Eu lhe disse que ele era quente!

Julia não disse nada, envergonhada demais com a sua própria estupidez para culpar Maria, ou Fin ou até mesmo Gil. É claro que ele havia previsto divertir-se mais tarde. Por que outro motivo ela teria usado uma roupa tão sedutora? Por que outro motivo ela teria correspondido ao seu toque, enquanto dançavam? Por que outro motivo ela teria rido de suas piadas idiotas?

— Eu sabia que você gostaria dele — foram as últimas palavras de Maria antes de voltar à pista de dança, onde saboreou a atenção do professor de Jared. Julia se lembrou da dor no rosto de Jared, devido às brincadeiras de seus amigos. Ela se lembrou da decisão de Maria de terminar o relacionamento, em respeito aos sentimentos de seu filho. Julia sabia que isso não aconteceria tão cedo.

— O que você acha de sairmos daqui? — o hálito de Gil estava carregado de álcool, quando ele colocou a mão na cintura dela.

— É uma boa ideia — ela afastou o corpo da pata dele. — Eu preciso começar a trabalhar cedo. É melhor voltar para casa.

Um olhar espantado dominou o rosto de Gil, ao perceber a rejeição.

— Casa? — explodiu ele, indignado.

— Obrigada por uma noite tão divertida — acrescentou ela, rapidamente. — Mas eu preciso ir para casa.

Nem Gil nem Maria falaram, durante todo o caminho para casa. Fin tentou aliviar a tensão, com uma pergunta tola, mas ninguém respondeu. Ambos estavam irritados pelo abrupto fim da sua diversão. Julia entrou sozinha pela porta, e o trio foi de carro até a casa de Fin, onde ele e Maria poderiam terminar o que haviam começado na pista de dança e, supunha ela, Gil acabaria tomando um banho frio.

Fechando a porta atrás de si, Julia aspirou profundamente o silêncio pacífico, um bálsamo para o ruidoso fingimento que ela havia tolerado nas últimas horas. Ela havia aprendido que tanto ela, como a sua irmã, podiam dominar a caixa de areia da Terra dos Homens, onde as mulheres controlavam, facilmente, o sexo masculino. Usar as roupas certas era tudo o que era necessário para obter prazeres sem compromisso, mas ela queria algo mais que um rapaz ofegante à procura de uma mulher excitada. Ela sentia que a sua feminilidade tinha um propósito além de um tremor erótico com um homem já velho demais para se comportar como um adolescente, jogador de vídeo games.

Voltando para sua camiseta de ginástica favorita, Julia pegou o tablet e foi para a cama. Depois de ter passado o dia inteiro ignorando mensagens, agora ela queria limpar a agenda, para ter um novo começo na manhã seguinte. Ela deletou três alertas automáticos de notícias, antes de abrir a quarta mensagem.

*DE TROY SIMMONS: Gostei muito de nossa conversa na segundafeira. Gostaria muito de vê-la outra vez, na sua próxima visita a DC.*

Julia sentiu um sorriso se formando em seus lábios.

# CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Julia ficou debaixo do cobertor, como uma menina mantendo a cabeça abaixo da superfície da água. Não funcionou. Ela continuava acordada, mesmo depois de quase trinta minutos tentando cair em um sono profundo. Ela vacilava entre sensações opostas, o seu corpo ecoando a brincadeira rítmica com Gil na pista da dança, enquanto seu coração relembrava os olhares de admiração de Troy Simmons durante o passeio que fizeram no Jardim Botânico. Contra a sua vontade, o subconsciente de Julia parecia tentar fundir as duas experiências tão diferentes em uma única fantasia romântica. Ele queria a emoção da satisfação sexual, mas também sonhava com o amor puro, até mesmo nobre.

Ela afastou as cobertas, para recuperar o fôlego. Foi quando ouviu o som familiar de uma mensagem recém-chegada.

*DE PAUL DAUGHERTY: Oi, Joia. Eu preciso de informações sobre a sua viagem. Dê-me alguma informação que eu possa usar, para conseguir-lhe um pouco mais de tempo.*

— Conseguir-me um pouco mais de tempo? — gritou ela para o tablet, abandonando o seu plano de começar a trabalhar bem cedo pela manhã. Em vez disso, ela iria se deitar muito tarde.

Julia pegou o telefone e apertou a imagem de Paul.

— Você está acordada. Ótimo! — o tom de voz dele não combinava com as palavras. Ele parecia nervoso, como um homem desajeitado sendo forçado a sapatear.

— Que horas são? — perguntou ela.

— Não sei. Meia-noite e pouco?

— Por que tenho a sensação de que você está em pânico? — ela perguntou.

Uma breve pausa.

— Paul?

— Estou aqui. Estou pensando.

— Pensando em quê? — ela se preparou.

— Em muita coisa que tenho a dizer.

— Muita coisa a dizer, a respeito do quê? — ela engoliu a irritação e a ansiedade que sua voz demonstrava. Outra pausa.

— Ok. Eu vou lhe confiar uma informação, Joia.

— Eu me sinto honrada! — disse ela, com sarcasmo.

— Comporte-se e ouça.

— Desculpe. Pode falar.

— Total confidencialidade — ele insistiu.

— Entendo.

— RAP foi vendido.

— O quê? Por quê? — perguntou ela.

— Quem sabe? Dívidas demais. Cada vez menos assinantes. Uma queda nos anunciantes. Provavelmente, as três coisas.

— O que isso quer dizer, para nós? — para mim?

— É difícil dizer. Provavelmente serei substituído.

— Por quê?

— Novo dono quer dizer uma nova direção editorial — ele pareceu envergonhado. — Eu sou a antiga direção.

— Compradores conservadores?

— De maneira alguma. Todos mais esquerdistas que eu.

— Não há ninguém mais esquerdista que Paul Daugherty.

Eles riram, de forma nervosa.

— Aparentemente, os tempos estão mudando.

Julia esperou alguns segundos, para evitar parecer ansiosa por conhecer o seu próprio destino.

— Você sempre foi uma excelente autora, Joia.

*Lá vem bomba, ela pensou.*

— Ah, que diabo. Eu devo grande parte do meu sucesso, nos primeiros dias, ao seu trabalho.

Era a primeira vez em que ela ouvia Paul reconhecer a contribuição de Julia, na sua subida pela escada do RAP Syndicate.

— Mas essa indústria não vive de lembranças — ele parou, somo se já tivesse dito o suficiente.

— E? — pescou ela. Ninguém mordeu a isca.

— Paul? Não é só isso, não é mesmo?

— Isso é tudo o que posso dizer, Joia — murmurou ele.

— Por favor, Paul. Simplesmente, diga.

— Eu acho que essa seria uma boa oportunidade para que o seu nome aparecesse junto a uma grande matéria. É por isso que eu tenho insistido tanto no tema dos pontos brilhantes. Como eu disse, essa indústria não vive de lembranças.

O seu estômago ficou tenso, enquanto ela ouvia o que ele havia evitado dizer.

— É a minha coluna, não é? — perguntou ela.

—Eu não disse nada a respeito da sua coluna — respondeu Paul.

— Eu vou perdê-la?

Outro silêncio

— Quando?

— Não sei.

— Quando? — desta vez, mais alto.

— Eu poderia ter grandes problemas, se…

— E eu posso perder o meu emprego, Paul! Por favor, conte-me o que eles disseram.

Ele praguejou.

— Ok. Mas não fui eu quem lhe contou.

Ela passou os minutos seguintes tentando acreditar no que estava ouvindo. Dentro de poucas semanas, os novos donos do RAP Syndicate cancelariam o seu contrato para a coluna semanal. Aparentemente, os números “respeitáveis” não eram suficientemente bons. Eles queriam abrir espaço para uma nova estrela em ascensão, da esquerda política.

— Quem? — perguntou ela.

Paul não sabia.

— Monica? — ela supôs.

— Não há a mínima chance.

A seu favor, é preciso dizer que Paul parecia incomumente ansioso por usar qualquer influência que ainda tivesse para causar aos novos donos a melhor impressão possível a respeito de Julia. Eles não se importavam com o prêmio Pulitzer que ela havia ganhado, em tempos passados. Mas teriam dificuldade de ignorar um furo de reportagem pouco lisonjeiro a respeito das medidas de austeridade de Franklin, antes do anúncio esperado de sua candidatura à presidência.

— O tempo é curto, Joia — explicou Paul. — Eu preciso de alguma coisa

realmente boa, e logo. Qualquer dia eu poderei deixar o cargo de diretor editorial para assumir o de redator chefe. Eu não terei muita influência, quando isso acontecer.

Engolindo em seco, Julia agradeceu a Paul pelo que ele havia feito, e ainda faria, para deixá-la em uma boa posição. Em seguida, ela encerrou a chamada.

# CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Uma sensação renovada de urgência levou Julia a ir até a cozinha para ferver um pouco de água. Ela preparou uma caneca de chá descafeinado com leite, e a levou ao sofá, na sala ao lado. Dormir não mais era uma opção, e ela se sentou para ler e reler o esboço de uma matéria que lhe havia parecido inadequada, doze horas antes.

**OS PROGENITORES**

(VERSÃO 3)

PARTE UM = HISTÓRICO DA CRISE FISCAL: Dois trabalhadores produtivos para cada idoso. Uma proporção inaceitável.

PARTE DOIS = IMPACTO DA INICIATIVA JOVEM: Quatro milhões de transições ajudaram a equilibrar a balança. Redução de despesas com cuidado de idosos e mais capital nas mãos de jovens trabalhadores e empreendedores.

PARTE TRÊS = A EQUIPE DE AUSTERIDADE DE FRANKLIN: Reuniões a portas fechadas com políticos e líderes nos campos dos negócios, em busca de soluções.

PARTE QUATRO = A CONTROVÉRSIA DOS PONTOS BRILHANTES: Agenda radical de progenitores recebendo atenção inesperada. Afirma que aumentar o nível nacional de fertilidade é melhor que aumentar o número de transições. (Nota: Citar Kevin Tolbert, conforme acordo.)

PARTE CINCO = CRÍTICOS CÉTICOS: A proposta dos progenitores enfrenta oposição, uma vez que políticos influentes em Washington e líderes comerciais a criticam, como sendo impraticável e ingênua. (Note: Citar Trisha Sayers e Nicole Florea.)

Julia fechou o esboço e abriu o primeiro rascunho em que estivera trabalhando, antes da desastrosa expedição de pesca com Gil. Como ela esperava, as palavras eram um desapontamento. A matéria parecia um esqueleto sem carne, perfeitamente estruturada, mas sem vida. Ela relembrou o conselho de Paul: “As

pessoas se preocupam muito mais com estarem aliadas às tendências, do que com estarem certas". Ela tinha que encontrar uma maneira de retratar as pessoas que apoiavam a proposta como pessoas desesperadamente ultrapassadas.

Ela bebeu um gole de chá, considerando os próximos passos. Ela tinha prometido incluir a perspectiva de Kevin, nas palavras dele, em troca do acesso com prioridade. Mas Kevin era inteligente demais para aparecer como ingênuo ou ultrapassado. Ela precisava de algo mais.

Examinando o seu esquema, uma vez mais, ela teve uma ideia. Ela colocou a caneca sobre a mesa ao lado, para liberar os dedos para a digitação.

PARTE SEIS = CULPA POR ASSOCIAÇÃO: Incluir um exemplo da cultura dos progenitores, para mostrar a agenda que eles esperavam impor aos outros.

Ela se lembrou do cavalheiro de aparência peculiar, sentado à sua esquerda, durante a apresentação de Kevin, na última terça-feira. Ela se lembrava de que ele parecera ser o mais favorável, entre todos os presentes, e ela havia escrito o nome dele com um lembrete para investigar o seu histórico.

O Dr. Bryce Richert era um obstetra e ginecologista de sucesso. Vários dados indicavam a personificação de uma agenda radical de progenitor. Ele ganhava bem, trazendo bebês ao mundo. Ele tinha cinco filhos, que lhe haviam dado uma porção de netos. E ele parecera incomodado com uma emenda de pouca importância a uma política de aprovação de transições, como se aceitasse, relutante, uma melhoria a um programa que ele preferiria encerrar.

Julia procurou e encontrou o contato correto para enviar uma rápida mensagem.

*PREZADO DR. RICHERT: Eu sou amiga de Kevin Tolbert e estou escrevendo uma matéria para o RAP Syndicate a respeito da proposta dos Pontos Brilhantes, em que estarão incluídas muitas citações do congressista. Eu gostaria muito de acrescentar a sua perspectiva, se o senhor estiver disponível para uma breve conversa, nos dois próximos dias. O senhor escolhe o horário.*

*Agradeço, antecipadamente, a atenção ao meu pedido. Julia Davidson*

A seguir, ela enviou outra breve mensagem.

*PAUL: Estou muito perto. Preciso de apenas mais duas curtas entrevistas para acrescentar o que trará vida à matéria. Por favor, consiga-me um pouco mais de tempo. Muito obrigada!*

Sentindo o fluxo criativo outra vez, Julia começou a trabalhar novamente em sua matéria. O resumo das tendências econômicas poderia ser movido para o meio da matéria. A abertura precisaria captar a atenção do leitor e criar uma urgência quase conspiratória. As palavras vieram rapidamente.

**OS PROGENITORES**

Artigo de Julia Davidson (RAP Syndicate)

Uma coalizão de influentes conservadores esteve se reunindo, atrás de portas fechadas, com o candidato à presidência, Senador Joshua Franklin, para explorar incentivos econômicos que irão aumentar a fertilidade entre mulheres em idade de reprodução. Os críticos estão protestando, acusando o grupo de promover uma agenda radical, disfarçada de esforços para estabilizar a nossa vacilante economia. Que tipo de agenda? América, eu lhe apresento os progenitores.

Ela se recostou e bebeu outro gole de chá, enquanto admirava o perfeito gancho de abertura. Uma hora depois, ela havia concluído todo o primeiro rascunho. Só faltavam duas partes: os comentários oficiais de Kevin Tolbert e um retrato cuidadosamente elaborado de um progenitor desesperadamente-ultrapassado,

chamado Dr. Bryce Richert.

# CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Angie não conseguia se lembrar de já ter se sentido com tanta raiva.

Deve ser algum engano, ela disse a si mesma. Kevin jamais faria algo desse tipo, sem falar comigo antes.

Mas ele tinha feito. Assim dizia o aviso oficial, em preto e branco digital.

*Aos pais de Leah Angelica Tolbert:*

*Nós estamos felizes em informá-los de que Leah recebeu aprovação preliminar para participar de um Grupo Alpha para receber quatro infusões de GE633, um produto para reforço do DNA, em desenvolvimento nos Laboratórios Genhance. Esse tratamento obteve permissão para testes em indivíduos humanos, depois de obter sucesso em três espécies intimamente relacionadas. O tratamento terá início, uma vez que os pais apresentem assinaturas digitais, reconhecendo o seu entendimento de que essa terapia particular de reforço da genética é classificada, atualmente, como experimental. Queiram, por favor, ler em anexo a descrição detalhada do histórico do tratamento, o processo e os riscos. Sintam-se à vontade para agendar uma consulta, caso desejem compreender melhor os potenciais benefícios de GE633 na melhoria das condições de Leah.*

*Kimberly Johnson, Assistente do Dr. Wayne Galliger*

— Você acredita nisso? — expeliu Angie a Joy, de dois anos de idade, que estava espiando mamãe por cima de uma tigela de cereais Fruity Pebbles. — Uma assistente sabia de um tratamento arriscado para Leah antes que a sua própria mãe soubesse!

A sobrancelha de Joy se ergueu, em um eco solidário ao desgosto de sua mamãe.

Angie tocou na imagem de discagem rápida de Kevin, para lançarlhe uma

avalanche de perguntas. Quando ele havia conversado com o Dr. Galliger sobre Leah? Eles não haviam concordado que não lhes cabia “consertar” o seu bebê? E, o mais importante, como ele podia ter agido pelas costas dela, a respeito de algo tão importante?

— Oi, linda — a sua saudação exclusiva para as ligações de Angie. — Desculpe, estou ocupado. Mal posso esperar para falar com você.

Um breve toque a convidou a deixar uma mensagem. Ela desligou, recusando-se a mencionar o assunto em uma gravação de trinta segundos.

Angie voltou a olhar para a mensagem, na tela de seu tablet. O nome Dr. Wayne Galliger parecia vagamente familiar, mas ela não conseguia descobrir como. Ela decidiu abrir o anexo, para ler a respeito dos supostos benefícios do GE633 e os riscos que ela não tinha intenção de correr.

Os Laboratórios Genhance se descreviam como a principal companhia de investigação epigenética do mundo, com uma enorme lista de remédios e terapias para aprimorar as vidas de pacientes que sofressem de anormalidades genéticas ou deficiência mental. Uma pesquisa mais recente se havia concentrado em conter e, potencialmente, reverter, a demência decorrente da idade. Testes de GE633 em primatas com danos cerebrais haviam conseguido aumentar dramaticamente a memória e, para surpresa dos pesquisadores, expandir várias funções mais avançadas nos cérebros dos animais. Macacos mentalmente deficientes haviam alcançado e, em alguns casos, superado seus colegas, depois de poucas infusões da fórmula. Foi então que os pesquisadores apelidaram o tratamento de “reforço cerebral”. Recentemente, o FDA [órgão governamental norte-americano para controle de alimentos, drogas e cosméticos] havia permitido que Genhance expandisse os testes a pacientes humanos com demência decorrente da idade e retardamento mental de origem genética. Embora os primeiros resultados tivessem sido promissores, a maioria dos participantes era de pacientes idosos, com pouco a perder, caso os tratamentos falhassem.

Leah não era uma paciente idosa, e ela tinha uma vida inteira a perder.

A voz de Kevin interrompeu o crescente desconforto de Angie.

— Oi, linda. Eu lhe disse recentemente o quanto eu...

Ela atendeu o tele fone antes que o toque costumeiro pudesse terminar seu pensamento.

— Oi, querida. Vejo que você tentou ligar.

— Oi, Kevin — não querido. Não meu bem. Simplesmente Kevin.

— Qual é o problema?

Ela detestava essa pergunta. Felizmente, para ele, ele já estava com problemas.

— Fale-me dos Laboratórios Genhance.

Um breve silêncio.

— Eu já tentei.

— Não, você não tentou — disse ela, com mais segurança do que sentia.

— O que está acontecendo?

— Você verificou as suas mensagens, ultimamente?

— Não, desde a noite passada — confessou ele. — Hoje, isso está uma loucura. O presidente da Câmara disse que quer uma votação sobre outra medida provisória do orçamento e...

— Kevin Tolbert — ela não queria saber dos detalhes do dia dele. — Você tem algumas coisas a me explicar. Verifique as suas mensagens agora mesmo!

Com o polegar, ela esmagou o ícone do rosto sorridente dele. Era a primeira vez em que ela batia o telefone para ele, desde que estavam na faculdade, e ele se esquecera do terceiro aniversário do seu primeiro encontro. Agora, como naquela ocasião, ela se sentia vingada, mas ligeiramente enjoada. Pelo menos, desta vez, ela tinha certeza de que ele ligaria de volta.

— Oi, lind… — ela apertou, imediatamente, o ícone de chamada.

— Você não pode ter verificado as suas mensagens em dez segundos.

— Angie! — ela reconheceu o tom de quando Kevin sufocava a sua raiva com

os filhos. — Eu não estou em um lugar onde possa verificar mensagens. Diga o que há de errado.

— “Aos pais de Leah Angelica Tolbert...” — relutantemente, ela leu a primeira sentença, fez uma pausa, e continuou até ter lido toda a carta.

— Oh — a voz dele se suavizou. — Ouça, meu bem, eu sei o que você está pensando.

— Eu estou pensando que você parece disposto a fazer com que o seu bebê corra riscos, por causa da ligeira chance de que você possa consertá-la. Nós já conversamos sobre isso, Kevin. Ela não é…

— Correção — ele int errompeu. — Nós tentamos conversar sobre isso, mas você não quis ouvir. Você me interrompeu dizendo algo como normal não é sempre bom.

De repente, Angie se lembrou por que o nome do Dr. Wayne Galliger parecia familiar. Foi Kevin que o mencionou, durante aquele jantar. Ela havia ficado aborrecida demais com a sugestão, para ouvi-lo.

— Eu tentei lhe falar sobre o processo de aplicação, mas você não quis ouvir.

— Processo de aplicação? — desta vez, ela decidiu ouvir.

— O Dr. Galliger é o líder na pesquisa epigenética na Genhance. Troy o conhece e sugeriu que entrássemos em contato. A princípio, eu não me interessei, mas Troy disse que ele tem uma reputação estelar.

— Com paciente de demência decorrente da idade, não com bebês.

— Com capacidade mental reduzida, o que é exatamente o que estamos enfrentando com Leah. Ele me disse…

— Você se encontrou com ele? — outro acesso de indignação.

— Nós falamos por telefone. Ele me deu trinta minutos de que ele não dispunha, porque ele acredita que bebês como Leah podem obter benefícios ainda maiores dos tratamentos, porque os cérebros mais jovens têm mais elasticidade.

— Maiores benefícios que os de quem? Os macacos? — zombou ela.

— Melhores que os pacientes de demência.

— Ele também explicou os riscos?

Uma pausa.

— Sim, explicou.

— E?

— E eu disse que faria a inscrição de Leah para garantir uma vaga, mas que nunca sequer consideraria a possibilidade de seguir adiante, até que você e eu pudéssemos obter mais informações, juntos.

Ela suspirou com a chegada do Kevin com quem ela havia se casado.

Nenhum deles falou durante vários momentos, permitindo que a distância entre eles diminuísse.

— Eu lamento muito, Angie — disse Kevin. — Eu não fazia ideia de que eles responderiam tão cedo à inscrição. Eu pensei que teria muito tempo para conversar sobre isso com você.

Ela respirou fundo e deu uma piscadela para Joy, que estava tentando lamber o leite no fundo de sua tigela enquanto olhava as vacilantes expressões faciais de mamãe.

— Prometa que você vai, pelo me nos, pensar no assunto — continuou Kevin.

Era uma promessa que ela não queria fazer. Mas ela conhecia bem o seu marido. Ele precisava explorar todas as possibilidades.

— E você, me promete uma coisa?

— É claro que sim.

— Nós vamos nos encontrar com o Pastor Mubar antes de tomar qualquer decisão.

— Gostei dessa ideia — ele respondeu. — Marque um horário.

# CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Matthew sentiu os dedos frios de sua mãe apertando o braço dele, em dúvida, da mesma maneira como quando os dois negociaram, para andar pelo passeio coberto de neve, até o carro. Mas aqui, não havia o risco de escorregar no gelo; eles estavam sentados em segurança, em uma bela sala, dez minutos antes da consulta marcada. Ainda assim, ele sentia a vaga ansiedade dela.

Ele moveu a sua mão, colocando-a sobre as dela, e deu um tapinha gentil. “Relaxe, mamãe”, disse ele, para tranquilizá-la. “É apenas uma reunião para nos informarmos. Não precisamos tomar nenhuma decisão hoje”.

Matthew se perguntou quanto a sua mãe entendia do que estava prestes a acontecer. Três anos antes, eles haviam visitado várias instalações da sua região para cuidados com idosos, para explorar opções. Ela havia implorado que ele não a colocasse no que ela chamou “um lar para velhos”. Ele havia prometido que isso não iria acontecer. Naturalmente, ele não poderia, naquela ocasião, ter previsto a velocidade da deterioração dela. Ele olhou ao redor, satisfeito por estar sentado em uma sala mais parecida com uma elegante sala de estar do que com uma ala de um hospital esterilizado.

Ele estendeu a mão para a mesinha diante deles, para examinar uma seleção meticulosamente organizada de revistas, colocando cada uma de volta ao seu lugar, depois de olhar as capas. Ele encontrou um título promissor.

— Tome, mamãe — disse ele, soltando os dedos que agarravam seu antebraço. — Por que você não dá uma olhada nesta revista, enquanto eu pergunto quanto tempo mais vai demorar?

Matthew se levantou do sofá e caminhou em direção à mesa de carvalho escuro da recepção. Uma mulher estava sentada com pernas cruzadas nos tornozelos. Pressentindo a aproximação dele, ela levantou os olhos da tela.

— Peço desculpas, Sr. Adams — disse ela, de maneira interessada. — Devem ser apenas mais alguns minutos.

— Não há problema — disse ele, sentindo-se mal com a invasão. — Eu só precisava de uma desculpa para esticar as pernas.

Ela pareceu perceber o seu desconforto.

— Sua mãe está se sentindo um pouco ansiosa?

Ele assentiu com a cabeça.

— Isso é normal. Não se preocupe. Tenho certeza de que o Sr. Kohl vai deixá-la tranquila. Um dos homens mais gentis que é possível encontrar, e ele tem mais experiência que qualquer dos outros conselheiros. Vocês vão gostar dele.

Matthew colocou as duas mãos nos bolsos e sorriu, diante da promessa de um cúmplice.

— Tome — disse ela. — Por que o senhor não aproveita o tempo para examinar alguns dos nossos pacotes?

O folheto parecia elegante, como um convite para um casamento, o papel cor de pérola, em alto relevo com moldura prateada.

Matthew voltou à área de espera e se sentou, ao lado de sua mãe. Ela ainda não havia aberto sua revista. Ele virou os ombros ligeiramente, para impedir que ela visse o folheto. Um gesto tolo, percebeu ele, uma vez que ela não fazia um exame de vista há muitos anos. Ela não teria conseguido ler aquelas letras tão pequenas.

Os preços eram muito mais elevados do que Matthew havia previsto, especialmente com os dois ou três serviços de bônus que ele insistia que ela recebesse. Ele queria o melhor para sua mãe, e por isso havia escolhido Aspen House.

Aproximou-se um homem que, à primeira vista, parecia deslocado. Matthew havia esperado que o consultor parecesse um banqueiro com um corte de cabelo impecável, e não um professor de piano ou encanador aposentado. Ele mancava levemente e tinha um sorriso acolhedor. Ele estendeu a mão, não para Matthew, mas para sua ansiosa mãe.

— Olá, Sra. Adams — ele engoliu as mãos frágeis dela em suas grandes luvas. — Eu estava ansioso por conhecê-la.

*Ansioso, desde quando? Matthew perguntou a si mesmo, enquanto olhava para o único nome no crachá dele: CHARLES. Porém Ele estava mais para um Chuck.*

— Matthew nos contou muita coisa sobre a senhora — Matthew se lembrou do questionário online. Chuck devia saber muitas coisas a respeito de sua mãe.

Ele levantou a mão para colocá-la sobre o ombro de Matthew.

— Podemos perceber que o seu filho a ama muito — Matthew achou que a voz parecia a de um tio favorito.

A Sra. Adams olhou nos olhos de seu filho, que lhe piscou um olho, de maneira tranquilizadora.

A tensão começava a deixar o corpo dela.

Chuck iria fazer um aconselhamento excelente, em meio a um processo difícil de tomada de decisão.

— Posso lhes oferecer uma xícara de café, ou chá? Talvez um copo de água?

— Eu não quero nada, obrigado. E você, mamãe? — perguntou Matthew.

Ela acenou timidamente com a cabeça. Um bom sinal.

— Ela gosta de chá com leite — disse Matthew, em nome dela.

Momentos mais tarde, eles estavam em um pequeno consultório, onde Chuck despejava leite gelado na porcelana que havia colocado diante de sua convidada.

— Eu mesmo gosto muito de uma boa xícara de chá — começou ele. — Alivia uma alma ansiosa.

— Como Beethoven — respondeu ela.

Matthew voltou-se para sua mãe, em surpresa alegria. Ele não conseguia se lembrar da última vez em que a tinha visto beber seu chá quente, ouvindo música clássica. Essa era a maneira favorita com que ela se revigorava, depois de chegar do trabalho. Uma lembrança agradável, que ele supusera que ela tivesse perdido.

— Ou os Beatles! — Chuck lançou a isca, levando-a a exibir um sorriso divertido.

*Esse sujeito é muito bom, maravilhou-se Matthew.*

Chuck se esticou ligeiramente, para cruzar as pernas, enquanto olhava para uma tela digital, embutida na mesa.

— Se não houver problema, Sra. Adams, eu gostaria de começar, pedindo-lhe que complete alguns detalhes que faltaram no formulário de inscrição.

— Detalhes que faltaram? — perguntou Matthew. — Eu não acredito ter deixado de responder a nenhuma das perguntas.

— E não deixou. Peç o desculpas pelo inconveniente. A nossa empresa acaba de acrescentar algumas perguntas relativas à política de consentimento. A bobagem legal usual — ele girou os olhos, fingindo exasperação.

— Entendo — disse Matthew, hesitante.

— Ok. Em primeiro lugar, eu vou precisar de alguma prova de que você realmente tem mais de dezoito anos, minha jovem.

Um silêncio momentâneo foi seguido por uma risada unânime.

— Isso não será um problema — disse Matthew, pegando a bolsa de sua mãe. — Eu vou escanear a sua cédula de identidade, enquanto você passa para a pergunta seguinte.

— Ótimo — Chuck continuou. — Por estranho que pareça, eu realmente preciso confirmar que a senhora tomou essa decisão com lucidez.

A palavra decisão fez com que mamãe olhasse para o seu filho.

— Hmm, nós ainda não tomamos uma decisão — explicou Matthew. — Nós queríamos esperar essa consulta, para fazê-lo.

— Oh, desculpe — Chuck entendeu. — Engano meu. Eu deveria ter dito que preciso confirmar que a senhora é capaz de tomar uma decisão com lucidez.

Ela colocou a xícara de volta sobre a mesa, enquanto se movia, silenciosamente, em sua cadeira.

— É claro, qualquer pessoa que ama Beethoven e os Beatles não pode ser louca — brincou o consultor. — Por isso, eu me sinto à vontade para atestar a sua sanidade.

Ela ofereceu um ligeiro aceno de confirmação.

— E, finalmente, eu preciso saber que qualquer decisão que você faça de usar os serviços de Aspen House será cem por cento espontânea e voluntária.

Uma expressão de confusão dominou o rosto dela.

— Ele quer dizer que ninguém vai obrigar você a fazer nada que você não queira fazer — explicou Matthew. — Essa vai ser a sua decisão, mamãe. Não pode ser a minha decisão, nem a de qualquer outra pessoa. Você está entendendo?

Ela moveu a cabeça lentamente, para cima e para baixo, sem convicção.

— Muito bem — disse Chuck, em tom jovial. — Eu só preciso de uma impressão digital de cada um de vocês — ele virou a tela para Matthew, que pressionou, firmemente, entre as linhas.

Ele ofereceu à Sra. Adams a mesma oportunidade. Ela hesitou.

— Algum problema? — perguntou ele.

— Mamãe? — incentivou Matthew.

Ela se levantou e caminhou, lentamente, em direção à porta.

— Onde você está indo? — perguntou Matthew.

— Eu gostaria de ver o quarto, antes de tomar uma decisão.

Por que ela quer ver o quarto? Matthew perguntou a si mesmo.

— Eu realmente quero que meu filho termine a sua faculdade — explicou ela. — Eu sei que ele vai ser um excelente professor. E ele não pode fazer isso, se tiver que tomar conta de mim.

Parecia que ela entendia o que estava acontecendo, afinal, apesar da expressão de confusão no seu rosto, todas as vezes que Matthew havia tentado explicar. Ela

havia, realmente, ligado os pontos entre essa decisão e a sua possibilidade de buscar o seu sonho.

— Eu gosto desse lugar — continuou ela — e gosto do senhor, Sr. Charles.

O consultor sorriu, diante do que, aparentemente, supôs ser uma venda garantida.

— Mas, antes de mais nada, eu gostaria de ver onde vou morar.

Morar? pensou Matthew. Oh não!

— Lamento, Sra. Adams — Chuck pareceu ansioso por corrigir qualquer mal entendido. — Mas, a senhora entende, não é, que não moraria aqui.

Ela olhou para ele, da porta entreaberta, confusa com o comentário.

— O que o senhor quer dizer?

— Aspen House não é mais uma casa de repouso. Nós somos uma clínica de transição.

Ela não entendeu.

— Nós já conversamos sobre isso, mamãe — interferiu Matthew. — Eu lhe disse que a única maneira pela qual o dinheiro pode ir para a minha educação é a sua transição. Não podemos pagar a sua assistência médica e a minha educação.

Ele viu a mente que amava a música de Beethoven e que gostou das provocações bem-humoradas de Chuck afundar, de novo, em uma névoa de confusão.

— Transição?

— Sim, mamãe! — Matthew começou a falar mais alto. — Milhões de pessoas na sua idade decidem fazer a transição, em vez de sofrer. Libertar-se de um corpo decadente, para ajudar outras pessoas, é uma coisa heroica. Você quer ser heroica, não quer?

A sua voz mudou. Não era mais um filho honrando a sua mãe, mas um pai instruindo seu filho.

— Mas a vida é um dom.

— A transição também é — ele se lembrou da conversa com o Profes sor Vincent —, eu já falei com um sacerdote a respeito disso. Ele disse que não é um pecado. É sacrifício próprio.

— O Padre Tomberlin disse isso?

Matthew não disse nada.

— Ele disse que não é pecado?

Mais silêncio.

Ela olhou nos olhos de seu filho.

Ele se esforçou para olhar nos olhos dela.

Ela se voltou para Chuck, que estava digitando algo rapidamente na tela, e de volta a Matthew.

— Você quer que eu faça isso? — a pergunta que ele esperava que ela nunca lhe fizesse.

— Eu lhe disse, mamãe. É a sua decisão. Eu não posso tomá-la por você.

— E você conversou sobre isso com o Padre Tomberlin?

— Conversei.

— Não é um pecado mortal?

Matthew desviou os olhos.

— Não, mamãe, não é um pecado.

— Olhe para mim, Matthew.

Ele olhou para ela. — Você sempre quis que eu fosse um professor, não é mesmo?

Um único aceno de cabeça.

Os ombros dela se encolheram, ainda que ligeiramente. Ela tirou a mão da maçaneta da porta e caminhou de volta à sua cadeira. Chuck se levantou ligeiramente de sua cadeira, em cortês deferência.

Nenhum dos homens respirou, durante vários segundos.

— Mamãe?

Ela baixou a cabeça, e estendeu o polegar, em resignada aprovação.

# CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Talia Mubar percebeu uma mancha no casaco esportivo de seu marido, e se aproximou para examiná-la mais de perto. Mostarda, como ela suspeitava.

— Seth Mubar! — ela o repreendeu. — Onde é que você conseguiu derrubar mostarda nesse casaco? Eu mandei lavá-lo, na semana passada, para tirar a mancha de molho de churrasco.

O Reverendo Mubar não prestou atenção, enquanto ela mergulhava o seu guardanapo em um copo de água, ao lado de seu cardápio, ou quando ela começou a esfregar a mancha. Ele tinha os olhos fixos nas portas do restaurante, como se estivesse esperando alguém.

— Não se preocupe com a mostarda — disse ele. — Eu preciso lhe contar uma coisa.

— Então fale — respondeu Talia, continuando a esfregar. — Meus ouvidos e minhas mãos conseguem trabalhar ao mesmo tempo. Eu não quero que você pareça um vagabundo confuso. Pelo menos, não quando estivermos juntos!

Ele fingiu se ofender com a alfinetada afetuosa.

— Você se lembra de nossa reunião com Angie Tolbert?

— É claro. Uma moça doce.

— Ela me telefonou ontem, para pedir outra reunião. Desta vez, com o marido.

— Que bom. Eles querem conversar outra vez sobre o bebê? — perguntou Talia.

— Sim — disse ele, parecendo ligeiramente desconfortável. — Eles têm que tomar uma decisão importante, e querem a nossa opinião.

Ela se recostou, deixando a limpeza, para inspecionar o seu trabalho.

— Não adianta! — concluiu ela. — Tire o casaco.

— O quê?

— Você não vai usar esse casaco em um encontro comigo. Eu quero que o meu marido esteja apresentável em público.

A palavra encontro pareceu deixá-lo ainda mais desconfortável. Mas ele obedeceu, tirando o seu casaco favorito, que servia de babador.

— Sobre esse encontro — começou ele. — Eu tenho uma confissão.

— Seth Mubar! — ela não precisava ouvir nem mais uma palavra. — Você os convidou para jantar conosco, não é?

Um aceno de cabeça, envergonhado.

Ela olhou para a entrada.

— É por isso que você está olhando aquelas portas como um vigia sobre um muro?

Um sorriso estúpido.

— Já me comportei melhor — ele disse de maneira defensiva —, não é mesmo?

— Em relação às oito noites que planejamos namorar, passamos apenas duas noites sozinhos. Você encaixou uma sessão de aconselhamento em cada uma das seis. Em duas delas, nós encontramos membros da igreja, e você os convidou para que se sentassem conosco. E você passou a maior parte das outras três ocasiões atendendo telefonemas e resolvendo crises — ela fez uma pausa.

— Eu sei.

— O que vai ser, desta vez?

— Acho que a primeira opção — ele admitiu.

Ele viu que Angie estava entrando. Percebendo o rosto dele, Talia se virou a tempo de ver Kevin seguindo sua esposa.

— Parece que vamos começar a trabalhar — disse Seth, pesaroso.

— Parece que você está de castigo, Sr. Mubar! — brincou Talia, enquanto sorria e acenava ao querido casal.

Seth sabia que a sua esposa não se importava tanto quanto fingia se importar. Ambos sabiam que essas interrupções faziam parte do trabalho de um pastor.

— Eu vou compensar isso para você — disse ele, enquanto se levantavam para saudar os convidados que se aproximavam.

— Ah, vai, sim — ameaçou ela.

— Olá, Congressista Tolbert — Seth estendeu a sua mão em direção à de Kevin. — Estou muito feliz por conseguirmos esse encontro.

Kevin pareceu embaraçado, enquanto Angie aceitava um abraço de Talia.

— Por favor, Pastor, chame-me de Kevin.

— Só se você me chamar de Seth.

— Feito.

Eles apertaram as mãos, demoradamente, e com um aperto extra, para selar o pacto.

Eles se sentaram ao redor da mesa, enquanto um garçom atento corria para encher dois novos copos. A conversa oscilou entre temas insignificantes, para ocupar o tempo, até que pudessem fazer seus pedidos. Talia e Angie apresentaram um ardente relatório sobre seus respectivos filhos, enquanto Seth e Kevin encontravam mais interesses em comum do que qualquer um deles teria esperado. Ninguém que observasse teria suposto que a cena era uma sessão de aconselhamento entre pastor e membros da igreja, mas um reencontro entre conhecidos distantes que rapidamente se tornavam melhores amigos.

Tendo sido servidas as saladas, Kevin aproveitou a oportunidade para cumprir a promessa que fizera a Angie.

— Nós pedimos essa reunião, porque Angie e eu estamos diante de uma importante decisão — ele colocou a sua mão na de Angie. — E confiamos na sua sabedoria a respeito desse tipo de questão.

— Que tipo de questão? — perguntou Seth.

Kevin colocou a mão no bolso interno de seu paletó, para pegar a notificação de Genhance, e a leu em voz alta.

— Entendo — os olhos de Seth se encontraram, momentaneamente, com os de sua esposa, esperando que eles lhe oferecessem seu habitual conselho silencioso. Mas ela parecia igualmente confusa e perdida. Ele se voltou para Kevin. — Eu suponho que vocês estejam discordando.

— Eu não diria que estamos discordando — disse Kevin, instintivamente.

— Nós discordamos completamente — disse Angie, olhando diretamente para o rosto de Seth.

Kevin enrubesceu ligeiramente.

— É verdade.

Seth olhou novamente para Talia, que parecia incomumente neutra. Então, ele se virou para Angie.

— Diga-me por que você está considerando a possibilidade de fazer os tratamentos.

Ela olhou para Kevin, que aceitou a transferência.

— Ela não está — começou ele. — Eu fiz algumas pesquisas para ver se existe alguma coisa que pudesse dar à Leah uma chance de vida normal.

— O que você quer dizer com normal?

— Você sabe. Escola. Um emprego. Talvez casamento e uma família — respondeu Kevin.

— Por que você quer que ela tenha essas coisas? — perguntou Seth.

A pergunta motivou uma reação de Angie.

— Nós dois queremos que Leah tenha essas coisas. Mas eu não estou disposta a correr os riscos. Esse é um tratamento experimental.

— Quais são os riscos? — interrompeu Talia.

Angie olhou para Kevin.

— Galliger me disse que, até hoje, muitos participantes sentiram uma melhoria gradual — a longo prazo — na acuidade mental.

— Galliger? — perguntou Seth.

— Desculpe-me. O Dr. Wayne Galliger lidera a Pesquisa Epigenética para os Laboratórios Genhance. Ele é considerado uma das autoridades mais prestigiosas do mundo em incapacidades cognitivas. Ele conduziu a fase de desenvolvimento para o GE 633 e está supervisionando, pessoalmente, os testes.

Seth assentiu discretamente, incentivando Kevin a continuar.

— De qualquer maneira, ele me disse que um pequeno número dos pacientes testados sofreu mudanças dramáticas, incluindo a cura de partes do tecido cerebral que haviam sido consideradas mortas ou excessivamente danificadas para que pudessem ser reparadas.

— Essas coisas me parecem mais benefícios potenciais do que riscos.

Kevin aceitou ser redirecionado de volta à pergunta original de Talia.

— Ele disse que cerca de vinte por cento dos pacientes passam por ganhos dramáticos, de curto prazo, seguidos por uma piora acentuada. Alguns acabaram, inclusive, em coma.

Talia e Seth suspiraram, ao mesmo tempo.

— Uma decisão difícil — admitiu Seth. — Você ama a sua bebê, e quer o melhor para ela. Você encontra um programa que parece promissor, mas descobre riscos graves.

— A mesma decisão que as pessoas enfrentam, todos os dias, quando decidem se vão aceitar os riscos de uma operação para remover um tumor mortal.

A comparação de Kevin incomodou Angie, claramente.

— Mas Leah não tem um tumor mortal. Essa não é uma decisão de vida ou morte. É uma decisão a respeito de tentar consertá-la ou não.

Kevin reagiu visivelmente à acusação indireta de Angie. Eles pareciam ter tido

essa discussão antes.

— Eu não estou tentando consertá-la! — disse ele a Seth, falando ligeiramente mais alto. — Eu só quero aquilo que for melhor para ela.

Seth pegou um pouco de salada. Kevin e Talia o acompanharam, criando um desvio perfeito da tensão crescente. Angie se recusou a participar do banquete.

— Conte-lhes o resto — insistiu Angie.

O garfo de Kevin parou, a caminho de sua boca. Lentamente, ele o baixou até o prato.

— Nós verificamos o nosso seguro, para saber a respeito da cobertura para tratamentos experimentais — começou ele. — Considerando o risco de um coma, eles exigem a aprovação prévia dos pais para a transição da criança, caso seja necessário. Eles querem evitar um período indefinido com aparelhos custosos para a manutenção da vida.

Talia engasgou.

— Eles fazem transição em crianças?

— Eles nunca trataram nenhuma criança — explicou Kevin.

— Mas eles acharam necessário fazer a transição de cerca de dez por cento dos participantes idosos.

— Eu não vou assinar nenhum papel dizendo que eles podem matar a minha filha, caso o tratamento dê errado.

Talia assentiu, em solidariedade materna, enquanto olhava para seu marido, que parecia assustadoramente indeciso.

— Nós concordamos — disse ela, preventivamente.

A mão de Seth formou um gesto de não vamos tão longe, inclinando-se em direção a Angie.

— Você se lembra do que conversamos no meu escritório? — perguntou ele. —

A respeito do fardo que Leah será para a sua família?

A pergunta pareceu incomodar Angie, até que ela percebeu a sábia piscadela de Seth.

— Acredito que sim — respondeu ela. — Você me perguntou se eu sentia raiva de Leah.

A cabeça de Kevin oscilou entre Angie e Seth, claramente ofendido pela sua menina.

— Raiva de Leah?

— Então, você me perguntou se eu estava com raiva de Deus, por não ter protegido minha filha de sua síndrome do X frágil.

Kevin se recostou em sua cadeira, parecendo menos aborrecido, mas ainda alarmado.

— Você disse que criar Leah seria uma grande quantidade de trabalho, e algo muito caro — continuou Angie.

Talia, finalmente entendendo o rumo que a conversa estava seguindo, decidiu acompanhar a emboscada.

— Você se lembra do que eu disse?

Angie fez uma pausa, e então assentiu.

— Sim.

— Leah pode envergonhar vocês em público, especialmente à medida que ficar mais velha. Ela pode até mesmo vir a ser uma fonte de tensão no seu casamento.

— Espere um pouco — Kevin não conseguiu continuar ouvindo. — Por que vocês estão dizendo essas coisas?

— Por que são a verdade — respondeu Seth, firmemente. — Porque elas são a realidade na criação de uma criança incapaz, um “débito”.

— O que você disse? — perguntou Kevin, visivelmente irritado com o uso de

uma palavra tão insultante para descrever a sua preciosa garotinha.

Seth mostrou seu brilhante sorriso para Angie e Talia. Elas sorriram e assentiram, em silenciosa satisfação, por terem, tão facilmente, acionado a armadilha.

— Isso incomoda você, não é mesmo, meu amigo? — perguntou Seth, colocando uma mão pastoral sobre o ombro de Kevin.

Ele assentiu, com a comoção cedendo, aparentemente reconhecendo a trama.

— É claro que me incomoda.

— Bom — respondeu Seth. — Então, eu penso que podemos mudar de assunto, agora.

— Mudar de assunto? — protestou Angie. — Mas nós temos muitas perguntas. Nós devemos tomar uma decisão sobre o teste na próxima semana.

Talia estendeu a mão por cima da mesa, para tocar a mão de Angie.

— Querida, a decisão já foi tomada.

Angie olhou para Kevin, cujos olhos travavam uma batalha perdida contra as lágrimas que os invadiam.

— Eu tenho o palpite de que o seu marido vai entrar no quarto de Leah, quando vocês chegarem à sua casa, e abraçá-la muito forte, esta noite — predisse Talia.

Uma lágrima solitária escapou das defesas de Kevin, uma bandeira branca de rendição à conquista amistosa.

Seth parafraseou a advertência que havia feito a Angie, em seu escritório.

— Os filhos são um presente de Deus, cada um deles um reflexo único e exclusivo Daquele cuja imagem ostentam. Você quer me matar quando eu a chamo de “débito”. Isso me diz que tudo, em você, sabe que Leah possui valor infinito e dignidade. Você sabe que o valor dela não está baseado na capacidade que ela tem de ir à escola, de conseguir um emprego, ou até mesmo de ter o que você chamou de uma vida familiar normal. Ela é bela, não porque vai estar na

lista acadêmica do reitor, ou ser uma líder de torcida, ou vencer um concurso de beleza, mas porque ela é um ícone singular e exclusivo do próprio Deus.

Kevin fungou, para recuperar uma compostura em perigo, evitando olhar para Angie.

— Você tem razão.

— Eu também sou pai, Kevin. Eu sei como é querer consertar o que está errado, na vida de seu filho. Nós temos esse sentimento, porque nós somos criados à imagem de outro pai, um pai que faria qualquer coisa para restaurar os seus filhos rebeldes e danificados.

Angie e Talia pegaram seus guardanapos, em lugar de combater as lágrimas.

— A pequena Leah é parte de um retrato sagrado que Deus está pintando, e que se chama “a família Tolbert”. Ele planeja pendurar esse quadro em alguma galeria, para revelar parte de si mesmo — continuou Seth. — Leah não precisa ser consertada. Ela precisa ser exibida.

O som de narizes fungando continuou, enquanto o garçom substituía os pratos vazios de salada pelos pratos principais. Foi então que Talia percebeu uma pequena porção de molho de salada descendo pela camisa de seu marido.

# CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Os olhos de Angie se abriram para os raios brilhantes da luz do sol da manhã que se esgueiravam pelas frestas da cortina fechada de sua janela. Suas pupilas dilatadas se ajustaram gradualmente até que ela pudesse ver os números angulosos em um mostrador digital há 40 centímetros de seu nariz. Ela começou a se mover na direção do relógio para confirmar a hora, quando então percebeu o calor agradável do braço direito de Kevin em volta de seu tronco e a perna direita dele repousando sobre a parte de cima da sua. Ela abandonou a sua rotina, escolhendo em vez disso se aconchegar ainda mais no abraço de Kevin e entrelaçar os seus dedos com os dele para puxá-los lentamente até os seus lábios. Ela sorriu, lembrando-se do acordo que fizeram na noite anterior.

“Vamos desligar o despertador e dormir até acordarmos”, ela havia sugerido.

Ela não pôde acreditar na concordância imediata dele. Nenhuma reunião até a hora do almoço. Momento para desfrutar o café da manhã com a família como eles tinham todas as quartas-feiras quando moravam no Colorado. “Troy pode dar conta do que surgir”, ele havia dito. “Preciso ficar em casa de manhã”.

Ela beijou gentilmente os nós dos dedos de Kevin e procurou ouvir os sons das crianças agitadas. Não ouvindo nada, ela soube que o relógio interno de Joy ainda não havia alcançado sete e meia. Angie voltou a fechar os seus olhos para ter um outro momento feliz de sono.

O som seguinte que ela ouviu foi a voz abafada de Tommy instruindo a sua perplexa irmã menor, que, parecia, não esperava ver sua mãe e seu pai dormindo na cama.

— Shh — ele disse. — Eles “tão domindo”.

O barulho fez Kevin acordar em um sobressalto.

— Ei, amigão! — ele resmungou para Tommy. — Como vai meu campeão essa manhã?

— Shh — ele aumentou o volume em vários decibéis. — Mamãe “tá domindo!”

Angie abriu seus olhos para acabar com a quietude forçada do irmão mais velho. Um sorriso gigante se formou no rosto de Joy enquanto ela pressionava seu nariz contra o nariz de sua mãe.

— Bom dia, linda! — Angie sussurrou para a sua nova fonte de raio de sol. — Você acordou?

O sim vigoroso de Joy com a cabeça fez começar o dia. Kevin beijou Angie no rosto antes de rolar para fora da cama se espreguiçando e bocejando. Angie vestiu seu roupão antes de pegar Joy pela mão e se dirigir à porta de Leah procurando ouvir algum som de movimento. Tommy sentou-se em seu lugar habitual no chão do banheiro da suíte para observar o papai se barbear.

Quinze minutos depois a família Tolbert se sentou em torno da mesa da cozinha ouvindo Joy papaguear os sons das palavras que Tommy falava com as mãos dobradas e a cabeça inclinada sobre uma tigela de aveia instantânea.

— Obrigado pela comida.

— “Bigado pela mida” — Joy repetia.

— Obrigado pela nenê Leah.

— “Bigado o enê iah.”

— Amém.

— “Mém.”

Angie dava de mamar para a Leah enquanto observava Kevin colocar o suco de maçã. Ela mandou uma piscada de reafirmação em sua direção, indicando que o momento da verdade tinha chegado. Eles haviam concordado em contar para Tommy durante o café da manhã, mas não tinham combinado quem falaria primeiro. Ele piscou de volta aceitando a tarefa.

— Tommy, sua mãe e eu precisamos falar com você sobre algo muito importante.

Até mesmo uma criança de cinco anos poderia perceber a incerteza de Kevin.

Angie se lembrou das perguntas deles ao pastor Seth durante a sobremesa. A notícia era demais para se colocar nos ombros de uma criança tão jovem? Eles deveriam esperar até que Tommy tivesse idade suficiente para entender mais plenamente?

Não. Eles deveriam contar a ele imediatamente.

Tommy engoliu um bocado de mingau de aveia para abrir caminho para o que parecia ser uma conversa importante.

— O que é, papai?

— Eu quero te contar algo sobre a nenê Leah — Kevin começou.

Tommy colocou sua colher na mesa, e então pegou seu copo de suco. Ele o esvaziou em um só gole, como se fosse uma virada de uísque na expectativa de uma má notícia, e então virou-se diretamente para seu pai para lhe dar a sua atenção total.

— Há várias semanas atrás nós descobrimos que a Leah tem algo chamado de síndrome do X frágil — ele fez uma pausa. Não veio nenhuma pergunta. — É uma doença genética...

Angie limpou a sua garganta, lembrando Kevin para manter a linguagem simples.

— Quero dizer, é algo que torna a Leah diferente dos outros bebês.

Tommy não se mexeu, prestando atenção em cada palavra.

— Você já notou alguma coisa diferente com a Leah?

Ele apertou os olhos em concentração. Nada veio à sua mente, então ele moveu a sua cabeça lentamente de um lado para outro em sinal de não.

— O que o seu pai está tentando dizer, Tommy — Angie acrescentou —, é que a Leah pode não conseguir fazer todas as coisas que a Joy pode fazer quando ela tiver dois anos ou as coisas que você pode fazer agora quando ela completar cinco anos.

Tommy virou-se para olhar para Joy, e depois para a Leah.

— Como pipi na pivada e andá de biciqueta?

— Mais ou menos isso — Kevin continuou. — Na verdade nós não sabemos o

que ela será e não será capaz de fazer. Nós só sabemos que será mais difícil... quer dizer... pode não ser tão fácil para a Leah fazer certas coisas quanto é para você e para a Joy.

Tommy balançou a cabeça em concordância, mas não pareceu entender.

Kevin olhou para Angie em busca de mais ajuda.

— Você se lembra quando Joy começou a andar? — Angie perguntou.

Ele balançou a cabeça afirmativamente outra vez enquanto levantava a sua mão.

— Eu tinha este tanto.

— Está certo. Você completou quatro anos uma semana antes de Joy dar os seus primeiros passos — Angie abriu um sorriso grande, relembrando a emoção no rosto de Tommy observando a sua irmãzinha caminhando desajeitadamente até os braços abertos da mamãe, treze meses antes. — Provavelmente Leah será muito maior que a Joy quando ela der os seus primeiros passos.

— Oh — a preocupação de Tommy parecia aumentar em vez de diminuir.

— Você se lembra quando você aprendeu o alfabeto? — Kevin perguntou, aproveitando a estratégia bem sucedida de Angie.

Tommy balançou lentamente a cabeça em sinal de sim.

— Isso também vai demorar mais tempo para a Leah.

Sentindo que a Leah estava parando de mamar, Angie mudou a nenê de posição e começou a dar uns tapinhas de leve nas suas costas. Ela tentou se lembrar do que havia lido sobre a capacidade intelectual das crianças portadoras de um X frágil. Será que ela iria aprender o alfabeto? Será que ela algum dia conheceria a alegria de ler o seu livro favorito, de escrever uma historinha, ou de colorir entre as linhas? Ela parou de dar os tapinhas para apertar Leah mais perto de si, afligindo-se ao pensar na lista desanimadora de limitações que a sua filha poderia conhecer.

Mudando a sua atenção do terceiro ou quarto exemplo de Kevin de como a Leah poderia ser diferente, Tommy notou o rosto de Angie.

— Não chore, mamãe — ele disse.

O leve som do arroto de Leah iluminou o momento.

— Muito bem! — Angie comemorou enquanto tentava segurar a sua emoção. — Eu aposto que ela está se sentido melhor agora.

Tommy se levantou da sua cadeira e caminhou na direção de Angie e da nenê. Então ele se virou para Kevin com um semblante angustiado de preocupação debaixo de um bigode de suco de maçã.

— Você entende o que nós estamos tentando te dizer, Tommy? — Kevin perguntou.

Ele fez um leve e ansioso sinal de sim com a cabeça.

— Você tem alguma pergunta?

Ele estendeu a sua mão para tocar na de Leah, mas então puxou-a de volta. Ele parecia nervoso em tocá-la, como se de repente ela tivesse se tornado mais frágil do que ele podia compreender.

— Tommy? — Kevin incitou. — O que você está pensando, amigão?

Um tremor inquieto encheu a sua voz.

— Isso quer dizer que...? — ele fez uma pausa.

— Isso quer dizer o que, querido? — Angie perguntou enquanto estendia o braço para esfregar as suas pequenas costas.

Ele engoliu em seco, parece ndo forçar a si mesmo a fazer uma pergunta que ele esperava que eles não respondessem.

— Eu ainda poderei abraçá-la e beijá-la todos os dias?

# CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

-D eve ser o Troy — Kevin supôs antes que o aplicativo pudesse anunciar o nome de quem estava ligando.

— Por que ele ligaria para o número de casa em vez do seu telefone? — Angie ainda estava desfrutando o “abraço em grupo” lançado pelo decreto de Tommy. Leah sentada em seu colo, curtindo o abraço combinado de Joy e Tommy, claramente menos frágil do que o seu irmão mais velho havia temido.

— Eu desliguei o meu telefone — Kevin confessou.

Angie sorriu como uma mãe orgulhosa de seu filho por amarrar os seus próprios sapatos.

— Mas é melhor eu atender esta ligação — ele continuou. — Troy não usaria o número da nossa casa a menos que fosse importante.

Kevin deixou de lado as desculpas desnecessárias de Troy por ligar tão cedo.

— Está tudo bem?

— Eu acho que sim — Troy começou. — Eu acabei de falar por telefone com o Dr. Richert.

— Bryce Richert?

— Ele parecia bastante aborrecido.

Kevin esperou pela especificidade habitual de Troy. Silêncio.

— Só isso? Nenhum detalhe? Ele só está aborrecido?

— Eu tentei, mas ele insistiu em falar com você diretamente. Ele nem mesmo me deixou agendar uma hora. Ele quer que você ligue agora de manhã.

Kevin lançou um olhar de relance para Angie, seu rosto equilibrando a curiosidade sobre seu marido e o prazer pelos seus filhos. Com um sorriso largo ele fez sinal de que não era nada grave, levando-a a ignorar a crise em seu telefone.

— Me ligue com o consultório dele — Kevin ordenou enquanto deixava a mesa

da cozinha e ia para a sua mesa de trabalho.

— Em um segundo — Troy respondeu. — Tem mais.

— Mais?

— O gabinete do senador Franklin perguntou se vocês poderiam se encontrar em particular para o almoço.

— Hoje? — Kevin perguntou.

— Meio-dia. No McGuffey's.

Kevin reconheceu o nome do restaurante imediatamente. O McGuffey's havia se tornado tanto famoso quanto infame no "folclore" da capital do país. Famoso como o lugar que presidentes eleitos escolheram para se reunir com potenciais assessores de gabinetes indicados, grandes doadores de campanhas, e celebridades que deram apoio. Infame como o lugar em que o presidente Lowman havia pedido a demissão do seu ex-secretário de imprensa. Todos sabiam que a sobremesa no McGuf-fey's geralmente incluía algum tipo de comunicado de imprensa.

Dando um tempo a Kevin para que ele absorvesse a notícia, Troy continuou explicando que ele já havia transferido o almoço planejado de Kevin com o subcomitê de Pontos Brilhantes. A ligeira mudança na linguagem de proposta teria que esperar até o final da tarde.

— Nos deixe orgulhosos, deputado — Troy acrescentou.

Kevin olhou de volta para Angie, que já havia começado a dirigir o processo de arrumação, Tommy insistindo que ele poderia levar a embalagem de leite pela metade enquanto Joy colocava seu copo de canudinho vazio no balcão da cozinha. Ele decidiu não contar a ela sobre a reunião no almoço. Fossem as notícias boas ou más, ele preferia explicar detalhes a especular sobre possibilidades.

Ele esperou em silêncio enquanto Troy transferiu a ligação para o consultório do Dr. Bryce Richert.

— Deputado Tolbert?

— Por favor, me chame de Kevin — seu pedido costumeiro. — Eu entendi que você precisava falar comigo sobre um assunto urgente.

— Sim, eu preciso. É sobre a entrevista do RAP.

Kevin procurou em sua mente uma conexão. Nada.

— Entrevista do RAP?

— A história sobre a proposta dos Pontos Brilhantes — disse o Dr. Richert, fazendo apertar o estômago de Kevin.

— Como você sabe sobre isso? — ele perguntou. — Eu tive apenas uma discussão preliminar com uma jornalista. Sem detalhes.

— Julia Davidson?

— Isso mesmo. Nós tivemos uma conversa informal e sigilosa.

— Você também a convidou para comparecer na apresentação de terça-feira — Richert acrescentou com irritação.

— Com a aprovação de Anderson e com um acordo de que ela não poderia publicar nada sem a minha expressa permissão. Por quê? O que aconteceu?

— Eu passei cerca de três horas com a Sra. Davidson ontem. Eu fui levado a acreditar que você a incentivou a me entrevistar.

Kevin estudou mentalmente a sua conversa com Julia.

— Não, senhor. Eu nunca mencionei você ou qualquer outro membro do subcomitê.

Um breve silêncio disse a Kevin que o Dr. Richert estava redirecionando a sua raiva.

— Eu acho que na verdade ela nunca disse que você propôs a entrevista.

— O que ela disse na verdade? — Kevin sentiu a sua própria indignação aumentando.

— Ela disse que estava escrevendo uma história sobre a proposta dos Pontos Brilhantes que incluiria comentários substanciais do deputado Tolbert. Ela me disse que você a havia convidado a comparecer na apresentação da coligação de austeridade. Eu vagamente me lembrei do rosto dela assim que nos encontramos na fazenda.

— A fazenda? Você a convidou para ir à sua casa?

— Para almoçar. Ela disse que queria incluir a minha esposa na entrevista, ver fotos dos filhos e netos, esse tipo de coisa. Eu achei que foi uma boa ideia uma vez que nós estamos falando de paternidade encorajadora.

Kevin não disse nada enquanto avaliava se a entrevista era boa ou má notícia, se Julia havia mantido ou quebrado a sua palavra.

— Ela tirou várias fotos tanto da casa quanto do consultório.

— Você a levou ao seu consultório também? — Kevin ficou ainda mais inseguro.

— Ela disse que isso ajudaria a me mostrar em meu contexto profissional. Que demonstração poderia ser melhor a favor de uma proposta de fertilidade do que um ginecologista-obstetra que fez o parto de tantos bebês quanto eu? Kevin teve que concordar. Mas então ele se lembrou de que o Dr. Richert havia ligado porque estava aborrecido com alguma coisa.

— O que você achou da entrevista?

— Nada boa — a raiva voltou para a voz do médico. — Com certeza nada boa. É por isso que eu liguei para o seu gabinete tão cedo esta manhã.

— Continue.

— Eu duvido muito que a Sra. Davidson ou o sindicato RAP planejem apresentar a sua proposta sob uma perspectiva positiva.

Sem surpresa.

— Me conte o que aconteceu — disse Kevin.

— Tudo começou bem. A Sra. Davidson se mostrou genuinamente interessada na decisão da Carol e minha de termos uma família tão grande. Perguntou sobre o lado bom e o lado ruim, o nosso orçamento para alimentação, esse tipo de coisa — ele fez uma pausa. — Mas quanto mais perguntas ela fazia menos confortável eu ficava quanto à pauta dela.

— Como o quê? — Kevin quis saber.

— A bobagem de sempre. Como nós justificamos trazer tantas crianças a um mundo com recursos escassos. Se eu me sentia mal por Carol ter se privado de sua carreira para criar filhos. Se a nossa religião se opunha ao controle de natalidade. Você conhece a ladainha.

Ele conhecia.

— Bem, depois de termos andado pelo meu consultório e dela ter tirado uma foto do nosso mural de bebês eu senti que o tom das suas perguntas mudaram de levemente antagônico para notoriamente hostil.

— Mural de bebês? — Kevin perguntou.

— Desde o meu primeiro parto eu tenho tirado uma foto de cada bebê. Nós temos acrescentado estas fotos em uma montagem no corredor entre a sala de espera e a minha sala de exame. Já devem ser aproximadamente duas mil.

— Ela tirou uma foto das suas fotos?

— Sim. Você deveria ver. Muito impressionante. Eu não dei muita importância a isso naquele momento.

— E agora?

— Agora me preocupo. Eu senti como se este mural a tivesse transformado de Jekyll em Hyde. Isto também pareceu ter colocado uma ideia na cabeça dela.

— Que tipo de ideia?

— Não tenho certeza. Mas eu acho que ela não queria a foto para mostrar o quanto eu contribuí para o mundo. É mais como se eu estivesse trazendo a desordem a ele.

As entranhas de Kevin se apertaram ainda mais.

— Eu apostaria o meu último dólar de que a Sra. Davidson quer retratar a sua proposta como algo que iria aumentar a crise financeira em vez de ajudar a resolvê-la — ele deixou o comentário se acomodar, e então continuou. — Tenha cuidado, Kevin. Eu já vi isso antes, lá atrás, nos anos de 2038 e 2039. Eles não vão jogar limpo.

Kevin se lembrou dos primeiros esforços do Dr. Richert em se opor à Iniciativa Jovem. Ele havia feito parte de um pequeno, mas ruidoso grupo de profissionais médicos que condenava as transições subsidiadas como uma violação da ética médica. Poucos deram ouvidos. Toda a imprensa jornalística que fez a cobertura desta matéria usou golpes baixos rotulando-os como cruzados moralizantes mais interessados em um fluxo constante de pacientes que pagavam pelo atendimento particular, do que na saúde geral dos cofres púbicos.

— Me desculpe, Dr. Richert — ele estava sendo sincero, tanto pela situação atual como pelo seu silêncio na época.

— Me chame de Bryce — o colega com raiva tinha se tornado um aliado íntimo.

— Eu estava tentando ser pró-ativo, Bryce. Eles pretendem fazer uma história com ou sem o meu incentivo. Eu fiz um acordo. Eu dei a Julia acesso antecipado em troca de uma garantia.

— Que tipo de garantia?

— Ela deve permitir que eu defenda a nossa proposta em minhas próprias palavras em relação a qualquer outra coisa que ela inclua na história.

— E você espera que o RAP jogue limpo?

— Eu espero que a Julia Davidson jogue limpo.

— Você já leu alguma coluna anterior dela? Eu acho difícil que ela de repente se torne neutra depois de uma carreira bem sucedida tentando destruir tudo aquilo em que pessoas como nós acreditam.

— Eu não espero que ela mude os seus preconceitos. Mas eu acho que ela fará o possível para ser imparcial.

— Por quê?

Kevin hesitou em explicar, mas decidiu que Bryce merecia saber.

— Ela e minha esposa foram as melhores amigas nos tempos de escola. Eu não espero que a integridade jornalística seja persuadida a apoiar as minhas ideias. Mas acho que os sentimentos duradouros de uma amizade de infância possam motivá-la a levar isso em consideração.

— Bem. Não se esqueça. Irmãos atiram uns nos outros durante a guerra civil. Você não acha realmente que a amizade esteja acima das manchetes, acha?

Esta foi uma pergunta que Kevin não pôde responder. Ainda.

# CAPÍTULO CINQUENTA

Kevin se desculpou constrangido enquanto sorria para o manobrista depois de procurar em sua carteira uma gorjeta adequada. Ele tinha se esquecido de sacar dinheiro antes de correr para o restaurante.

— Posso lhe pagar na saída?

O rapaz fez uma aceno de cabeça respeitoso, mas pareceu incerto depois de notar o bicho de pelúcia manchado de sorvete e três cadeirinhas na parte de trás do veículo. Não parecia pertencer aos círculos de onde o típico homem influente lhe daria os habituais cinquenta dólares.

— Não se preocupe com isso, senhor — Kevin não conseguiu decifrar bem se o tom era de descontentamento ou de pena. — É um prazer servir.

Pena.

Virando-se para a porta, Kevin parou para desfrutar alguns momentos antes de entrar no restaurante McGuffey's. Dentro ele iria cumprimentar entusiasticamente o principal rival para a indicação à presidência. O senador Joshua Franklin havia solicitado uma reunião particular, significando que ele tinha algum assunto importante a tratar. Neste exato momento o senador poderia estar segurando o rascunho de uma declaração para a imprensa anunciando sabia-se lá o que, mas requerendo que um último detalhe fosse tratado durante uma conversa no almoço com um ascendente astro político do grande estado do Colorado.

Kevin havia prevenido a si mesmo. Mantenha as suas expectativas baixas. Conselho ao qual ele estava lutando para dar atenção.

— Boa tarde, deputado Tolbert — a recepcionista estava de pé atrás de um pedestal de carvalho esculpido usando um vestido preto de gala e sapatos de salto alto. Havia levado menos de um segundo para o sistema de reconhecimento de rostos encontrar a sua imagem em sua lista de reservas. — O senador Franklin está aguardando. Posso pegar o seu paletó?

Kevin riu para si mesmo enquanto a mulher entregava o seu paletó a outra recepcionista. Ele estava muito longe do carrinho de cachorro quente onde ele e Troy tinham as suas reuniões de estratégia de campanha diárias.

— Por favor, siga-me — ela disse, contornando o seu posto.

Ele seguiu a mulher através de um labirinto de mesas ocupadas por vários membros da elite de Washington: secretário disso, diretora daquilo, conselheiro legal para tais e tais comitês de ação política, cada um deles imerso em uma conversa que trocava o cenário de um distrito eleitoral em favor de outro. O destino do programa de seguro saúde de alguém, a angariação de fundos para a merenda escolar, o pagamento de impostos, as regulamentações de negócios, a concessão de bolsas para pesquisa, ou qualquer uma das outras incontáveis prioridades do mundo real dependendo de quão bem aqueles que desfrutavam a especialidade do dia do McGuffey's jogassem o jogo do almoço do poder.

A recepcionista se aproximou da mesa do senador Franklin, onde ele estava sentado com outros dois convidados em vez de sozinho como Kevin tinha esperado. Aparentemente "almoço em particular" tinha mais de um significado possível.

— Kevin! — disse o senador, oferecendo o seu aperto de mão de comício político. — Fico feliz por você ter podido se juntar a mim com tão pouca antecedência.

— Naturalmente — ele olhou para o terceiro e quarto convidados, reconhecendo os dois.

— Eu creio que você já conheceu Kari.

Kevin sorriu nervoso para a auxiliar atraente que ele tinha visto pela última vez saindo da sua varanda depois de uma visita não anunciada à sua casa.

— Nós nos encontramos brevemente — ele reconheceu.

— Eu também gostaria de apresentar você a um amigo muito bom do nosso partido, Evan Dimitri.

O homem estava sentado imóvel, não demonstrando estar impressionado com o senador Franklin, nem com Kevin Tolbert, nem provavelmente com nenhum dos

outros políticos que recebiam o seu generoso apoio.

— Já nos encontramos — disse Dimitri, incomodado com as formalidades sociais. — Pare de perder tempo.

O senador tomou o seu assento como um aluno de escola repreendido, deixando apenas uma única abertura. Kevin tomou o seu lugar ao lado de Kari Samson. Tão logo ele se sentou ela se inclinou ligeiramente mais perto e colocou a sua mão no antebraço dele.

— Bom vê-lo outra vez, Sr. Deputado.

Kevin apanhou o menu que estava sobre a mesa em uma tentativa de criar um pouco mais de distância entre si e o olhar sedutor dela.

— Eu espero que você não se importe de eu ter convidado Kari e Evan para se juntarem a nós — Franklin começou. — Mas eu quero avançar rapidamente sobre algo e achei que seria melhor para você ouvir diretamente da "boca do cavalo". O cavalo é o Evan, é claro, e não a moça encantadora.

Franklin riu enquanto colocava a sua mão de um modo divertido sobre o ombro nú de Kari.

— Boca do cavalo? — Kevin perguntou, virando-se na direção do rosto severo de Dimitri.

— Diga a ele, Evan.

— Já ouviu falar da Fundação Saratoga?

— Eu acho que não — Kevin confessou.

— Bom. Nós gostamos de ser discretos. Voamos abaixo dos radares.

— É uma das mais generosas máquinas de arrecadar fundos por trás das principais corridas pelo mandato nacional — interveio Franklin.

— Você vai explicar isso ou sou eu? — Dimitri pareceu perturbado. Franklin ficou acanhado. — Bem, eu dirijo a fundação. O nosso evento mais importante de captação de recursos ocorrerá daqui há alguns meses. Nós vamos fretar um

navio de cruzeiro para cerca de setenta dos mais ricos doadores para ações políticas. Nós planejamos dois dias para eles interagirem com caras como Josh e você.

*Ele acabou de me colocar na mesma categoria que Joshua Franklin? Kevin pensou.*

— A melhor maneira de conseguir doadores empolgados sobre a sua campanha é deixá-los ter voz ativa dentro da sua pauta — continuou Dimitri.

— Ter voz ativa nela?

Dimitri revirou os olhos como se estivesse falando com uma criança ingênua.

— Pequenos presentes vem de pessoas pequenas querendo animar os seus comícios e votar para a sua reeleição — ele explicou. — Mas o dinheiro grande, o tipo que ganha eleições nacionais, vem de pessoas como eu.

Kevin acreditava nisso, especialmente à luz do presente anterior de Dimitri.

— Doadores sérios querem alguma palavra sobre a maneira como aqueles que estão no cargo investem o nosso apoio financeiro.

Ele se lembrou de um almoço anterior quando Dimitri tinha “pedido” que Kevin mantivesse a sua mente aberta para uma série de soluções econômicas. Ele havia sugerido que o conceito de pontos positivos iriam “comple-tar” um pacote de ideias, como o acompanhamento em um prato principal.

— Eu preciso saber se você está interessado — Dimitri acrescentou desnecessariamente.

— Claro que ele está interessado — Franklin disse em um tom morno, olhando para Dimitri para ter a certeza de que estava tudo bem para continuar. — O deputado Tolbert é um rapaz esperto. Ele fará uma grande contribuição para o evento. Exatamente o tipo de astro ascendente que os doadores gostam. Jovem. Brilhante. Persuasivo.

Kevin não disse nada enquanto observava uma conhecida troca de olhares entre Franklin e Dimitri.

— Eu acho que ele seria uma grande adição para mais outra coisa — Kari sugeriu.

— Não vamos nos precipitar, minha jovem — disse o senador com um sorriso de oportunidade fotográfica. — Eu ainda nem recebi a nomeação. Ainda é muito cedo para se pensar em cargos no gabinete ou companheiros de chapa!

*Companheiros de chapa? A cabeça de Kevin começou a girar.*

— Eu quero que você explique a proposta dos Pontos Brilhantes — Dimitri ordenou. — Explique a pesquisa, os benefícios a longo prazo, as mudanças de políticas específicas, a coisa toda.

As palavras finalmente saíram.

— Eu ficaria honrado.

— Eu planejo torná-la uma grande parte do plano de austeridade — Franklin acrescentou. — E eu quero que os doadores fiquem entusiasmados com o conceito. Mas eu também quero que eles fiquem entusiasmados com você, Kevin. Mesmo se nós não pudermos vender a sua ideia eu estou confiante de que nós podemos vender você.

— Não puderem vender a minha ideia? — Kevin sentiu uma repentina onda de cautela. — Mas eu pensei que você disse...

Dimitri foi direto ao ponto.

— Ouça, Tolbert. As pessoas querem se sentir bem sobre o nosso futuro. Elas gostam de otimismo sobre um amanhã melhor, e tudo isso.

Ele fez uma pausa ao notar um garçom que passava.

— Quatro especialidades do dia — ele gritou, mostrando quatro dedos.

— Uma meia po rção para mim, por favor — acrescentou Kari, batendo em sua barriga firme como se para sugerir que ela precisava perder alguns quilos.

— Onde eu estava? — perguntou Dimitri.

— Oh, sim. A sua proposta Pontos Brilhantes envia todas as mensagens corretas. Celebrem os jovens. Invistam no futuro. Brinquem com os seus netos. Quem não doaria para esta visão?

— E isso irá equilibrar os aspectos mais difíceis do meu plano — acrescentou Franklin. — Nós precisamos do impacto financeiro das transições, mas aproximadamente quarenta por cento da nossa base diz que eles queriam que houvesse uma solução melhor.

— E há! — disse Kevin, encorajado por um sentimento que ele não tinha ouvido Franklin reconhecer antes. — Na verdade, o meu primeiro projeto da proposta Pontos Brilhantes incluía duas metades de um todo. Os bolsos econômicos mais fortes mostram tanto alta fertilidade como baixas transições. Eles se combinam para gerar o impacto. Você sabe, um mais um igual a três.

Dimitri olhou com desaprovação para Franklin.

— O que isso significa? — ele perguntou, como um homem encontrando uma mosca morta em sua sopa.

— O senador não viu a proposta do meu primeiro projeto — disse Kevin antes que Franklin pudesse responder. — Ele não conseguiu ouvir tudo da pesquisa porque Anderson adiou a metade do que eu apresentei. Em resumo, os pontos econômicos mais brilhantes incluem duas tendências principais, mais crianças e menos transições.

Franklin abaixou a sua mão que estava no ombro de Kari e se inclinou.

— Eu vi a pesquisa, Kevin — ele começou. — Mas não podemos arriscar perder as poupanças garantidas e o aumento de capital que as transições criam. Se formos precisar de alguma coisa, será de mais transições, e não menos.

O coração de Kevin se abateu quando Evan Dimitri retomou a condução da conversa.

— Você ouviu falar de uma recente alegação de morte por negligência contra a NEXT Inc. Transition Services?

— Claro. Um menor e sua mãe.

— Este caso tem deixado muitos dos nossos doadores nervosos.

— Nervosos?

— Sim, Sr. Tolbert. Nervosos. Você faz alguma ideia dos desdobramentos legais potenciais desse caso? Sem mencionar a consequência política que isso poderia acarretar.

— Receio que eu não esteja entendendo — Kevin confessou.

— Há uma conversa entre alguns em nossa base de que deveríamos rever a ética das transições.

Kevin segurou a sua língua, resistindo ao impulso de mostrar que concordava.

— É um momento perigoso deixar que uma pesquisa como a sua jogue gasolina sobre esta chama crepitante — acrescentou Franklin. — Especialmente quando o nosso pacote de austeridade projeta um crescimento dramático em vez de diminuir esta prática durante a próxima década.

— O quê? — o choque excedeu a serenidade de Kevin. — Você quer aumentar as transições?

— Claro — respondeu Franklin. — Você já viu os números do censo. De que outra maneira podemos impedir uma outra queda livre econômica?

O cérebro de Kevin lutou por uma refutação rápida e óbvia. Não houve nenhuma.

Uma luz pareceu se acender dentro da cabeça de Dimitri.

— Entendi — ele disse com conhecimento de causa.

— Entendeu o quê? — perguntou Franklin.

— Estou surpreso com você, deputado — disse Dimitri a Kevin, com uma expressão facial irônica. — Pensei que a sua equipe tivesse pesquisado a minha empresa antes de você descontar o cheque da minha doação.

— Eles pesquisaram. Com base no seu padrão de doar a conservadores fiscais

não vimos razão para cavar ainda mais.

— Então você não faz ideia da razão pela qual eu ficaria incomodado com a possibilidade de reduzir as transições?

Kevin olhou fixamente quando Franklin mudou de posição em seu assento, aparentemente constrangido por uma inadvertência não dita.

— A empresa do Sr. Dimitri possui a patente sobre PotassiPass.

Kevin não reconheceu o nome, provocando a explicação adicional de Franklin.

— É o soro de injeção letal usado pelas clínicas de transição NEXT.

# CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Julia não marcou nada para quinta-feira para que pudesse permanecer no seu quarto de hotel. Ela planejou usar o dia todo escrevendo a sua entrevista de quarta-feira. Ela sempre havia feito o seu melhor trabalho quando estava criando e alcançando os seus marcos mentais. Hoje ela iria finalizar todas as seções exceto uma de Os Progenitores . Na sexta-feira ela iria cruzar a linha final gravando e inserindo uma conversa autorizada com Kevin Tolbert.

Às duas horas da tarde Julia se viu relendo o mesmo parágrafo perfeitamente elaborado que ela havia lido uma hora antes. Quaisquer ajustes adicionais, ela percebeu, não acrescentariam nada. Ela havia até mesmo encontrado tempo para selecionar as fotos ideais para incluir em cada seção. Havia sido uma manhã excepcionalmente produtiva graças às anotações inacreditavelmente úteis capturadas no dia anterior. Ela se congratulou sobre a decisão de voltar cedo para a capital para falar com o Dr. Bryce Richert.

Então fechou o documento e abriu outro, caindo em seu padrão instintivo de usar o ímpeto de um marco produtivo para impulsioná-la a outro. Examinando a lista para encontrar o tópico mais promissor para a sua próxima coluna, Julia se lembrou da venda pendente da RAP. Ela imaginou como seria entregar todos os seus nove milhões de leitores leais ao próximo escritor do momento. A motivação de criação morreu, substituída por um olhar de perplexidade.

*Por que a RAP cortaria a minha coluna quando tantos leitores adoram as coisas que eu escrevo? Ou adoravam?*

*Nenhum outro colunista irá atrair tantos assinantes quanto eu. Ou atrairia?*

*Eu tenho certeza de que conseguirei uma oportunidade ainda melhor em outro lugar. Será que conseguiria?*

A bola de neve foi aumentando enquanto Julia fazia seu exercício na esteira, e a seguiu no chuveiro onde ela esperava derreter a ansiedade na água quente de relaxamento e calor obstinado de autoconfiança. Sem mudanças.

Ela ouviu um toque de celular enquanto escovava seus cabelos recém lavados e olhava inquisitivamente para a mulher no espelho. Amarrando a faixa em torno da cintura ela encontrou o celular no fundo da sua bolsa.

Duas mensagens haviam chegado durante a sua ausência de quarenta minutos.

— Paul? — ela disse depois de apertar o botão RETORNAR LIGAÇÃO.

— Joia! — ele parecia agitado. — Onde você esteve?

— Você quer dizer nos últimos vinte minutos?

— Trinta e um! — ele corrigiu.

Ela deu uma olhada na hora registrada na mensagem dele para confirmar.

— Trinta e um, então. Eu estava no chuveiro, se isso importa.

— É uma hora da tarde... pelo amor de Deus!

— Três horas na capital — ela explicou. — Estou em um quarto de hotel onde quase terminei a história do progenitor.

— Bom — o ar pareceu se soltar do seu balão inflado, sua voz baixando gradualmente enquanto falava. — É por isso que eu liguei. As coisas estão se agitando rápido por aqui.

— Rápido como? — ela se segurou esperando notícias devastadoras.

— Eles anunciaram a venda para a diretoria da redação esta manhã.

Ela não disse nada.

— Nenhuma notícia ainda sobre as repercussões, mas eu estou preocupado.

— Sobre? — ela perguntou.

— Sobre o meu emprego. A sua coluna. Tudo.

— O que você precisa? — perguntou Julia, como uma pessoa se afogando esperando resgatar outra.

— Eu preciso de um artigo muito consistente de sua parte. E eu preciso disso rápido.

Julia colocou a mão em cima do seu tablet fechado. Ele continha 90 por cento do que Paul queria. Mas os 10 por cento restantes representavam uma promessa que

ela havia feito a Kevin Tolbert, a proposta dele em suas próprias palavras.

— A história está escrita, Paul — ela disse para fortalecer a confiança hesitante dele. — Eu só preciso de mais um dia para acrescentar o pedaço final.

— Graças a Deus! — ele respirou aliviado. — Me envie.

Ela hesitou.

— Eu não posso.

— Como assim você não pode?

— Eu ainda não tenho a liberação para usar as partes mais importantes.

— O que você quer dizer com liberação? — ele perguntou com desconfiança.

— Eu fiz um acordo, Paul. Kevin Tolbert me deu a garantia de uma exclusiva. Nós teremos vinte quatro horas até que o furo de reportagem seja publicado.

— Vinte quatro horas antes do quê?

— Antes que as propostas de austeridade de Franklin venham a público — ela explicou. — Confie em mim. Valerá a pena esperar mais um dia.

— Um dia?

— Um dia — ela disse esperançosamente. — Eu tenho uma entrevista autorizada com Tolbert de manhã. Deverei tê-la inteiramente escrita amanhã até o fim do dia.

Ela ouviu um resmungo abafado do outro lado da linha, provavelmente Paul fazendo uma contagem regressiva a partir do seu prazo de cópia final.

— Eu preciso disso até às cinco horas.

— Você irá receber — ela sentiu a rede sendo retirada debaixo de si.

— Bom. Eu consegui um lugar de destaque para este artigo — ele disse. — Reportagem de capa no caderno atenção à cultura do fim de semana.

*Reportagem de capa? Julia pensou com prazer.*

— A diretoria da redação começou a salivar quando eu lhes disse o que estava por vir.

— Espere — o que Paul estava dizendo de repente começou a fazer sentido. — Você não tinha ideia de quando eu terminaria a história.

— Eu teria se você tivesse atendido o seu telefone! — ele respondeu na defensiva. — Eu tive que agir rápido ou nós teríamos perdido a nossa janela. Talvez a única janela que iremos conseguir.

Julia sentiu uma ligeira oscilação em sua corda bamba.

— Eu preciso de uma prévia, Joia. Se você não pode enviar, então leia para mim.

— Ler?

— Sim, leia. Eu quero ouvir o que você já tem.

Julia detestava ler a sua própria escrita em voz alta. A sua voz nunca carregava a força das suas palavras tão poderosamente quanto um texto preto sobre uma tela branca. Mas ela relutantemente começou, ganhando confiança com cada parágrafo ao ouvir os sorrisos largos audíveis de Paul mais pronunciados. Ela fez uma pausa no meio para perceber as reações do seu único ouvinte.

— Bom gancho de abertura — ele disse de forma tranquilizadora. — Adorei a maneira como você retratou Franklin. Aquele cúmplice arrogante!

Ela continuou, finalmente chegando à parte onde descrevia a lareira do Dr. Richert cheia de fotos de filhos crescidos e suas proles de netos.

— Muito bom — reagiu Paul. — A personificação da Cidade do Progenitor!

Ela continuou lendo, colocando uma ênfase especial nas descrições demoníacas do Dr. Bryce e Carol Richert, cheias de uma zombaria sutil quanto à sua justificativa vazia para superpovoar um planeta superlotado.

— “Cada bebê nascido traz uma boca para alimentar mas duas mãos para trabalhar”.

— Ele realmente disse isso?

— Cada palavra. Nem um segundo de hesitação. Ele realmente acredita nisso.

— Assustador! Perfeito! — exclamou Paul.

— Espere até você ver a foto que eu tirei em seu consultório. Aqui está ela.

Três cliques em seu tablet enviam a imagem para a caixa de entrada de Paul.

— Brilhante! — ele reagiu quatro segundos depois. — Isso é real?

— Ele estimou duas mil fotos de recém-nascidos, cada uma delas pendurada lado a lado no corredor do seu consultório.

— É isso! — exclamou Paul.

— É isso o quê?

— É isso o que precisamos para a tela do título! Apenas pense, Joia, uma manchete limpa: OS PROGENITORES em letras maiúsculas sobrepondo esta imagem. Isto deverá evocar pesadelos em seus fãs solteiros e despreocupados!

Julia imaginou e gostou da ideia.

— A única coisa que a deixaria melhor é uma foto de uma Sra. Richert mais jovem e desfigurada com um bebê pendurado em seu peito! — ele riu com irreverência. — Você não conseguiu nada assim, conseguiu?

— Não seja ridículo! — ela retrucou com bom humor.

— Não importa. Esta imagem sozinha diz tudo. Os leitores odiarão o plano de Franklin antes mesmo de ouvirem o que está nele! Os diretores da redação vão adorar isto. Bom trabalho, querida!

*De volta ao topo, ela pensou.*

Paul respirou de forma longa e profunda demonstrando satisfação e alívio. Ele não disse nada por vários momentos.

— O que foi? — ela perguntou.

— Eu te devo desculpas, Joia — as palavras não vieram facilmente.

— Pelo quê?

Um longo silêncio. Ela esperou, certa de que Paul estava procurando palavras para confessar sobre Monica Garcia.

— Eu não sei. Acho que simplesmente me esqueci de quão boa você poderia ser.

— Obrigada, Paul. Mas você não me deve desculpas. Eu é que devo a você o meu agradecimento. Eu sei que você se arriscou entregando a mim a tarefa deste artigo. Eu apenas espero que isso tenha êxito.

Outra pausa na conversa.

— Uma última coisa — disse Paul. — Eu acho que precisamos de uma apólice de seguro só por precaução.

— Seguro? O que você quer dizer com isso?

Uma leve hesitação, do tipo que os mentirosos usam para se darem bem em suas lorotas.

— Eu acho que nós precisamos dar um passo além de descrever a proposta dos Pontos Brilhantes como demoníaca, e zombar da cultura do progenitor — ele refletiu. — Afinal de contas, o plano de austeridade de Franklin será o seu subterfúgio de abertura na busca da presidência.

— Estou ouvindo — disse Julia.

— Há boatos de que Franklin pediu ao deputado Tolbert para esboçar e apresentar todo o seu plano.

— Mesmo? — Julia compreendeu por que Tolbert era um jovem líder impressionante e articulado, o tipo de pessoa que Franklin gostaria de ter ao seu lado quando estiver conduzindo uma coletiva de imprensa e explicando grandes ideias. Tudo o que faltava a Kevin era uma plataforma nacional, um terreno comprovado para mais influência. Algo que Franklin estava numa posição de oferecer.

— Todo líder visionário precisa de um membro de equipe prescindível — Paul acrescentou.

— O que você quer dizer com prescindível?

— Sabe. Se o plano de austeridade for bem recebido, Franklin irá parecer brilhante e Tolbert subirá um degrau. Mas se o plano fracassar, Franklin poderá se distanciar de quaisquer elementos impopulares.

— A proposta Pontos Brilhantes? — ela se deu conta. — Ele a quer no pacote, mas quer saber como ela será recebida.

— Este é o meu palpite. Bem, precisamos cobrir as nossas bases, independentemente de Tolbert se tornar um sucesso ou um fracasso.

Julia ficou tensa.

— Cobrir as nossas bases?

— O que você escreveu até agora deixará um gosto muito ruim na boca dos leitores. Mas a culpa por associação é uma coisa. A culpa real é outra.

Ela não entendeu.

— Esta história precisa fazer mais do que deixar um gosto ruim. Ela precisa arruinar a reputação da principal voz a favor dos ideais dos progenitores.

— Espere um instante, Paul. Você sabe que eu nunca joguei esse jogo. Eu estou tão disposta quanto qualquer um a retratar a estupidez como estúpida. Mas eu não vou forjar.

— Você não precisa forjar nada, Joia — interrompeu Paul. — Eu já recebi uma sujeira sobre Kevin Tolbert que irá afiar os dentes da sua história de forma significativa.

Quatro rostos inundaram a mente de Julia. Primeiro o de Angie, então o de Tommy, o de Joy, e o de Leah.

— Que tipo de sujeira? — ela perguntou.

— Estará na sua caixa de mensagens amanhã bem cedo.

# CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

-O nde você esteve?

Kevin sentiu um nível de frustração na voz de Troy que teria levado seu amigo a esfregar um ponto calvo na cabeça de Kevin se eles estivessem na mesma sala. Ele olhou para o visor no seu celular, o mesmo celular que tinha permanecido em seu carro durante a última hora. Seis novas mensagens. Cinco delas de Troy.

— Desculpe amigão — ele disse. — Eu dei uma caminhada depois do almoço. Eu precisava pensar.

— Imaginei que o seu almoço teria terminado há horas atrás.

Kevin olhou as horas.

— Foi isso mesmo. Desculpe.

— Você já disso isso — um breve silêncio transformou a fúria em alarme. — Há algo errado? O que aconteceu?

Essa era a pergunta que Kevin tinha passado as últimas horas tentando responder para si mesmo. O que tinha acontecido durante o seu almoço com Franklin e Dimitri? Eles o haviam cortejado ou o acuado? Ele foi convidado a entrar nos corredores do poder ou foi expulso da fábrica de ideias e de soluções? E mais importante, será que ele deveria aceitar a oferta de Franklin?

— Bem, ele começou me pedindo para apresentar o conceito dos Pontos Brilhantes para um grupo de grandes doadores, algum evento patrocinado por um grupo chamado... — ele tentou se lembrar do nome exato. — Algo como Fundo Saratone.

— A Fundação Saratoga? — Troy perguntou.

— É isso. Você já ouviu falar?

— Ouvir falar? Sim, já ouvi falar. É a Fort Knox da arrecadação de fundos para campanhas. Todo conservador fiscal no senado deve a sua eleição à Fundação Saratoga. Ele pediu para você falar no evento de captação de recursos deles?

— É o que eles disseram — respondeu Kevin.

— Eles?

— Evan Dimitri estava com ele.

— Aha! — disse Troy, como se achasse no chão uma peça de quebra-cabeças perdida.

— O que foi?

— Isso explica a súbita generosidade do nosso doador misterioso — Kevin não conseguia se lembrar de um momento em que Troy tivesse parecido tão animado. — Bom trabalho, Sr. Deputado!

Uma sensação incômoda impediu que Kevin se juntasse à comemoração.

— Isso não é tudo — ele continuou.

— Eu aposto que não. Conte-me tudo!

— Franklin me pediu para supervisionar o processo do projeto original para todo o plano de coalisão de austeridade.

— De jeito nenhum!

— Ele também quer que eu o apresente durante a sua coletiva de imprensa na próxima semana.

— Mas que... — Troy respirou fundo. — Kevin, você faz alguma ideia do que isso significa?

— Não tire conclusões precipitadas, Troy — advertiu Kevin. — Eu vejo bandeiras vermelhas em cima de tudo isso.

— Bandeiras vermelhas? Você deve estar brincando. A menina mais bonita da escola acabou de piscar para você e você está relutante em piscar de volta?

A analogia causou uma risada que aliviou parte da tensão que vinha se formando em Kevin por horas. Mas a conversa com o Dr. Richert sobre Julia o lembrou de que Washington, DC, atraiu os discípulos de Maquiavel e os clones de Dorian Gray. As coisas raramente eram o que aparentavam ser. Especialmente quando

envolviam doadores misteriosos e convites lisonjeiros.

— O que aconteceu ao Troy Simmons que nunca confia em ninguém e que permanece cético até o final? — perguntou Kevin.

— Você está certo, claro — reconheceu Troy. — Mas eu passei quase quatro horas imaginando o pior, depois o melhor, e então o pior novamente. Então você vai perdoar um pouco do meu entusiasmo à luz do que parecem ser notícias muito boas.

— Veremos.

— Veremos? Me diga que você disse sim.

— Franklin me disse isso.

— Você honestamente considerou dizer não?

— Não sei, Troy. Alguma coisa não parece estar certa.

Troy refreou o seu entusiasmo para oferecer a Kevin espaço para respirar, deslizando confortavelmente para a sua posição de confidente chefe.

— Estou ouvindo.

— Evan Dimitri me deixa nervoso, para começar. Ele se mostra como um cara acostumado a manipular os outros.

— O dinheiro é um marionetista muito eficaz — confirmou Troy. — Mas você sabe como pilotar os jogadores do poder. Por que a preocupação com Dimitri?

— Seu interesse adquirido em fazer crescer a indústria da transição, para começar.

— O quê?

— A empresa dele possui a patente do principal soro usado pela NEXT.

— Você quer dizer...? — sugeriu Troy.

— O cheque que nós depositamos veio até nós com os cumprimentos das

próprias transições que viemos aqui combater e acabar — a admissão mandou uma leve náusea ao estômago de Kevin, uma sensação que Troy pareceu compartilhar durante um longo silêncio.

— Sinto muito, Kevin.

— Pelo quê?

— Nós deveríamos ter pesquisado sobre Dimitri mais atentamente.

Eu odeio que você tenha sido pego de surpresa.

— A culpa não é sua. Se eu me lembro bem, você foi o cauteloso. Eu acho que eu estava ansioso demais para acreditar no meu próprio otimismo.

— Então o que você disse quando descobriu?

— Eu segurei a minha língua. Eu queria ouvir tudo o que eles tinham a dizer.

— E?

— E Franklin fez questão de enfatizar o quanto era importante para o seu plano incorporar uma grande variedade de ideias. Eles gostam do conceito dos pontos brilhantes porque irá completar o pacote com algo otimista e positivo para compensar a expansão proposta da indústria da transição.

Um outro longo silêncio.

— Foi quando Franklin disse que quer que eu escreva e apresente o plano completo. Colocar o seu braço em volta de mim como seu melhor amigo e potencial companheiro de chapa.

— Ele mencionou companheiro de chapa?

— Kari mencionou isso. Mas ele não descartou.

— Kari?

— Kari Samson, a assessora favorita de Franklin. Ela estava junto com eles, no almoço — ele fez uma pausa. — Não pergunte.

— Você realmente precisava dar uma caminhada!

— Honestamente não sei o que fazer, Troy. Franklin parece estar me entregando as chaves do reino, abrindo portas de influência que eu não consigo imaginar serem abertas de nenhuma outra maneira.

— Você acha que Deus pode estar agindo através de uma das suas maneiras misteriosas que levam a sua marca?

— Talvez. Como alguém poderia ter certeza? — Kevin perguntou a si mesmo em voz alta. — Mas o que eu sei é que não posso vender apólices que farão crescer uma indústria que eu considero maligna.

— Você disse isso a ele?

— Não diretamente. Mas ele disse que tinha lido a minha proposta original, incluindo a parte sobre restringir a transferência da riqueza da transição à caridade.

— Então ele sabe como você se sente a respeito da Iniciativa Jovem?

— Ele sabe.

— Então só há uma explicação — sugeriu Troy. — Ele está testando a sua lealdade.

— Eu pensei nisso, o que me colocou em uma posição difícil. Se eu prender a respiração para apoiar o plano completo de Franklin isso poderia abrir portas para uma influência maior. As portas, como você sugeriu, o próprio Deus pode estar abrindo por razões que eu ainda não entendo.

Kevin reconheceu uma série de batidas fracas do outro lado da linha, indicando o hábito de Troy de bater com um lápis quando está desembaraçando um problema espinhoso.

— Ouça, Kevin. Alguém tem que escrever o plano de Franklin, certo?

— Sim, Troy. Alguém tem que escrever o plano. Aonde você quer chegar?

— Você, diferente de qualquer outra pessoa em quem eu possa pensar, elaboraria

uma linguagem que poderia mudar o debate levemente na nossa direção.

— Se eu aceitar a tarefa, suponho que poderia tentar.

— E alguém tem que apresentar o plano de Franklin, certo?

— Ou o próprio Franklin poderia apresentá-lo.

— Se for você, a proposta Pontos Brilhantes ganharia a ênfase que ela merece. Eu não sei com certeza, Kevin, mas acho que dizer sim para esta oferta poderia ser dos males o menor. Poderia ser o desvio que permitirá que você faça mais e melhor do que seria possível no caminho principal.

— Ou poderia levar a lugares que eu não quero ir — disse Kevin com hesitação.

Troy esperou, sentindo que havia mais.

— Depois que Dimitri pediu licença do almoço Franklin me pediu para ficar por mais alguns minutos. Eu imaginei que ele percebeu a minha hesitação e quisesse fechar o acordo.

— O que ele disse?

— Ele disse que tinha pensado seriamente na minha proposta original e entendeu que eu poderia estar desconfortável defendendo certos elementos do seu plano. Então ele me pediu para pensar em uma linguagem que parecesse restringir as práticas como aquela que levou ao processo judicial contra a NEXT.

— Isso poderia ser bom — interveio Troy.

— Eu também pensei assim, até que ele explicou a ideia. Ele sugeriu requerer algo chamado confirmação de consentimento neutro para cada voluntário da transição em vez da minha proposta de que todo dinheiro vá para caridade.

— O que isso quer dizer?

— Nas palavras dele, nós protegeríamos os voluntários potencialmente vulneráveis de pressões indevidas por parte de membros de família gananciosos que estivessem tentando preservar uma herança.

— Eu gostei de como isso soa — disse Troy.

— Eu também, a princípio. A política atual pede que as clínicas recomendem discutir a decisão com um ente querido. A política revisada requereria que cada voluntário da transição encontrasse uma pessoa neutra disposta a confirmar que a pessoa tomou a decisão enquanto estava com a sua mente sã, e sem qualquer pressão indevida.

— O que há de errado com isso?

— A definição de pessoa neutra, para começar. Qualquer pessoa com uma ligação de parentesco ou inclinação religiosa seria considerada parcial, e, portanto, não se qualificaria.

Kevin ouviu um gemido baixo vindo de Troy.

— Então uma esposa que discorda da decisão de seu marido não se qualificaria como neutra?

— É como eu entendo.

— Um filho adulto com uma profunda ligação emocional ou um irmão que considere suicídio, diante da religião deles? — Ambos tendenciosos. Nem um nem outro seriam suficientemente neutros para expressar conse ntimento ou oposição.

— Oh.

— Eu imagino que a NEXT já tenha começado a implantar uma política similar. Franklin vislumbra uma rede de profissionais imparciais dispostos a rever caso após caso, como se fossem um bando de auditores verificando planilhas. Ele vê a exigência criando mais empregos.

Troy considerou as implicações.

— Tudo o que isso faria é proteger algumas clínicas de transição desleixadas de processos judiciais custosos. “Não nos culpe! Nós temos formulários de consentimento neutros assinados; estão bem aqui!”

— Exatamente — confirmou Kevin. — Eu tenho a impressão de que é isso que

Franklin quer. Ou deveria dizer o que Evan Dimitri espera.

Um longo silêncio enquanto os dois homens consideravam as opções.

— Então o que você vai fazer?

— Ainda não tenho certeza. Precisamos orar pedindo sabedoria.

— Eu tenho orado.

— Eu acho que vou para casa. Verei você no gabinete de manhã.

— Até lá, então — respondeu Troy. — Oh, e não se esqueça, você tem uma entrevista com Julia Davidson agendada às nove e meia.

O lembrete provocou um gemido. Ele tinha se esquecido completamente da sua obrigação de andar na prancha.

— Você quer que eu a agende para outro dia?

Kevin se lembrou do seu acordo. Julia havia prometido deixá-lo apresentar o seu conceito a nove milhões de leitores em suas próprias palavras.

— Não — o volume de sua voz aumentou. Uma ideia estava se formando em sua mente. — Eu farei isso.

Assim que terminou a ligação com Troy, Kevin ligou para o Dr. Bryce Richert.

# CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Antes que Julia pudesse alcançar a maçaneta da porta do lado do passageiro, Troy se colocou na frente desta mulher pequena para fazer as honras.

— Permita-me.

Ela não se irritou com a oferta, para sua própria surpresa. Julia sempre havia se ressentido com homens que tratavam as mulheres como criaturas desamparadas, fosse oferecendo para acondicionar a sua bagagem em um avião ou segurar a porta para ela quando entrava em um prédio. Em vez de frágil, no entanto, a oferta de Troy fez com que ela se sentisse preciosa.

Um sorriso involuntário levantou a sua voz.

— Puxa, obrigada cavalheiro.

Troy fechou a porta depois de verificar que as pernas dela estivessem em segurança dentro do carro. Julia revirou os olhos para si mesma. Puxa, obrigada cavalheiro? Que horror!

Fingindo verificar a sua maquiagem no espelhinho, Julia observou Troy passar por detrás do carro. Ele parecia se mover devagar, como se usasse os poucos momentos para fortalecer a sua confiança hesitante. Ela fez o mesmo, perguntando a si mesma por que tinha mudado de ideia e aceitado o convite de Troy para o café da manhã.

*Tive outro pesadelo sobre descer ao inferno. Uma verdade que ela não quis compartilhar.*

*O meu voo chegou muito tarde ontem à noite. Uma mentira exposta com muita facilidade.*

*Preciso me preparar para a minha entrevista com Kevin.*

*Preciso do tempo para pesquisa.*

Cada desculpa tinha a sua aparência de legítima, porém ela não tinha usado nenhuma delas.

*“Eu gostaria disso”. As palavras haviam escapado antes que ela conseguisse*

*pará-las.*

Troy fechou a sua própria porta quase com tanto cuidado quanto havia fechado a de Julia.

— Você está encantadora — isso soou mais como uma pergunta do que um elogio, como se ele tivesse ficado sem tempo enquanto pensava no que dizer em seguida. Uma boa escolha, o elogio confirmando que tinha sido uma boa ideia usar cabelos soltos. Deixar os cabelos presos teria dado a ela mais autoridade durante a entrevista. Deixar os cabelos soltos combinava com a aparência que Troy pareceu admirar no dia em que eles se conheceram na igreja de Angie. — Eu gosto do seu cabelo assim.

Ela ficou feliz por ele não poder ver o seu sorriso, já que estava com os seus olhos fixos no espelho retrovisor do lado do motorista, esperando uma abertura no trânsito que os deixasse sair do meio-fio em frente ao hotel.

Julia notou que Troy estava usando o mesmo terno escuro, camisa social branca, e a gravata da qual ela se lembrava, a mesma que ele esteve usando no dia em que eles haviam passeado pelo Jardim Botânico. Dando uma segunda olhada rápida, as listas em sua gravata poderiam ter sido de um tom diferente de azul. Mas o efeito permanecia o mesmo, aquele de um simples funcionário do congresso concentrado demais em uma lista infindável de tarefas para se preocupar com a variedade de seu guarda-roupas. Um corte de cabelo simples, um queixo bem barbeado, com um carro nada esportivo para completar o pacote. Troy Simmons era um homem tão completamente leal à sua rotina quanto ao seu melhor amigo, que se tornara seu chefe.

Ela pensou no contraste entre Troy e a série de encontros que Maria havia arrumado para ela. Como o mítico Narciso, eles amavam os seus próprios reflexos. Eles se esforçavam muito para evitar os hábitos estabilizantes e os padrões estabelecidos que definem a masculinidade madura. Eles insistiam em usar os estilos da última moda para impressionar a mulher da última moda disposta a acomodar as políticas vazias de uma cidade que ela havia rotulado de Terra dos Rapazes: nenhuma exigência quanto ao seu tempo, nenhuma limitação no quarto, e com certeza nenhum bebê no futuro. Rapazes fugindo dos fardos da fidelidade que Troy parecia ansioso por assumir.

— Você tem visto Angie? — ele perguntou enquanto embicava o carro no

trânsito rumo ao oeste.

A pergunta pegou Julia de guarda baixa.

— Não nessa viagem — ela nem tinha se dado ao trabalho de dizer a Angie que ela estava na cidade. Como ela pôde esquecer que Kevin iria mencionar isso? — Eu queria almoçar com ela, mas preciso sair correndo para o aeroporto depois da entrevista.

— Eu acho que ela está doente.

— Doente? Alguma coisa grave? — ela se sentiu ainda mais culpada.

— Não. Kevin me ligou há poucos minutos. Disse que ela estava se sentindo um pouco enjoada de forma que ele precisava cuidar de Leah antes de ir para o gabinete. Ele não parecia preocupado.

— Isso irá atrasar a nossa entrevista? — ela olhou para o relógio no painel e verificou quanto tempo tinha até o horário marcado do embarque.

— Não. Ele estará lá às nove e meia em ponto.

Com o suposto problema contornado, Julia disse a si mesma para relaxar e tentar aproveitar a companhia de Troy. Desde que conseguisse alguns comentários oficiais de Kevin antes do seu voo, ela poderia cumprir o compromisso de enviar a sua história completa a Paul até o final do dia.

— Angie é uma guerreira — ele continuou. — Dura como prego, mas macia como uma pena.

A estima na voz de Troy parecia a de um aluno apaixonado pela professora da primeira série; uma paixão platônica com a mulher que poderia gentilmente afastar os meninos da frivolidade infantil e atraí -los para as atividades da sala de aula. Julia sentiu uma pontinha de inveja saudável, com ciúme da influência de Angie em vez da admiração de Troy.

— Eu sei o que você quer dizer — ela admitiu.

Uma leve garoa salpicou o para-brisa ao se aproximarem do brilho impreciso das incontáveis lanternas dos carros à frente.

— Isso não parece bom — reclamou Troy ao olhar para o relógio. — Pode ser que precisemos abandonar o Plano A.

— Plano A? — ela perguntou em voz alta.

— Eu queria levar você para esta padaria histórica do outro lado da cidade chamada Heller. Já esteve lá?

Ela não tinha.

— As melhores rosquinhas do mundo!

*Guarda-roupa sem graça, corte de cabelo simples, carro tedioso, e procurando rosquinhas para impressionar uma mulher, Julia pensou com um sorriso.*

— Rosquinhas?

— Não é qualquer rosquinha! — ele se opôs. — Rosquinhas da Heller. Ótima padaria com um ótimo ambiente. O lugar foi aberto em 1922 quando Roosevelt era presidente.

— Warren Har ding foi o presidente em 1922 — Seu sorriso brilhou além, o que pareceu ter um efeito tranquilizador sobre Troy.

— Harding? Tem certeza?

— Bastante.

— Não importa. Vou continuar com Frankin Delano Roosevelt. Dá às rosquinhas um sabor mais significativo.

Eles riram enquanto ele dava seta para entrar à direita.

— Então qual é o Plano B?

— Uma cafeteria na esquina — ele disse renunciando à derrota. — Eu prometi a você que lhe levaria à entrevista no horário marcado, então estou abandonando o que poderia ter sido, pelo que precisa ser.

Ele se virou para ela com um sorriso caloroso.

— Ok — ela disse. — Mas você fica me devendo uma rosquinha da Heller.

*Não acredito que você acabou de dizer isso!*

— Combinado! — um olhar de surpresa extasiado. — Vamos extrapolar. Pode ser que eu até peça uma recheada com geleia para você!

Depois de um percurso de cinco minutos pelas ruas laterais da capital e um passo apressado pela chuva fina, Julia se viu sentada em uma mesa sozinha enquanto Troy encolhia os ombros se desculpando em sua direção. Ele estava no final de uma longa fila de fregueses que esperavam para pedir o café da manhã. Troy insistiu que ela relaxasse perto da lareira artificial enquanto ele desafiava os perigos da agitação matinal no Café Capitol Java. Levaria vários minutos até que o seu príncipe valente chegasse com o seu chá e bolinhos de framboesa.

Ela checou seu celular para ver se havia mensagens, encontrando duas.

DE MARIA DAVIDSON: Oi Mana! Não estou mais brava com você caso queira saber. Preciso da sua ajuda. Jared sabe sobre o encontro com Fin. Não sei como. De novo ele não quer falar comigo. Você pode ligar para ele? Pode ser que ele fale com você. Abraços!

Julia suspirou com a loucura de sua irmã, e então mandou uma resposta rápida.

*Eu vou tentar ligar para ele do aeroporto daqui a umas quatro horas, se você prometer terminar com Fin.*

Ela pressionou a tecla ENVIAR enquanto olhava de volta para Troy, a quem pegou olhando fixamente para ela. Ele pareceu momentaneamente constrangido, saltando para frente para preencher um espaço vazio de duas pessoas na fila que a sua falta de atenção havia criado. Julia riu desta cena uma tanto cômica antes de voltar para a sua caixa de mensagens.

CONFIDENCIAL DE PAUL DAUGHERTY: Estou enviando um anexo, a prometida sujeira sobre Kevin Tolbert.

Ela rolou o texto até o fim da mensagem. Sem anexo. Julia escreveu uma mensagem rápida.

*Recebei a sua mensagem. Você se esqueceu de juntar o anexo antes de enviar. Tente outra vez.*

Ela fez uma pausa, relendo o pedido que não queria fazer. Sua história era forte e limpa. Qualquer sujeira que Paul tivesse ou não tivesse poderia manchar a sua reputação jornalística, sem mencionar a carreira do amigo de Troy.

— Aqui está — disse Troy, colocando duas canecas e um prato na mesa. Ele parecia impressionado com a sua própria visão de equilíbrio.

Ela fechou os olhos e pressionou ENVIAR. Decisão tomada, ela voltou a sua atenção para seu bonito pretendente.

Notando o semblante dela, ele perguntou:

— Está tudo bem?

— Sim — ela assentiu com a cabeça mais vigorosamente do que requeria. — Apenas verificando mensagens. Nada importante. Isso parece gostoso!

Ele tomou o seu assento enquanto lançava um olhar na direção da lareira de pedra fria.

— Bem, não é da Heller — ele censurou. — Mas como prêmio de consolação eu posso garantir que nós vamos conseguir chegar ao gabinete no horário marcado para a entrevista.

O toque do celular indicando uma nova mensagem invadiu o momento enquanto

eles saboreavam as suas bebidas.

Julia ignorou o som desconfortavelmente.

— Você precisa verificar isso?

— Tenho certeza de que pode esperar — ela disse, forçando os seus olhos a permanecerem fitos nos dele.

— Vá em frente — ele apontou o aparelho. — Eu entendo. Confie em mim, eu tenho a minha própria coleira digital para ouvir e obedecer!

Uma risada intencional mudou o olhar dela para baixo.

DE MARIA DAVIDSON: Combinado! Sem Fin. Obrigada, Mana!

Satisfeita, ela olhou de volta para um Troy carinhosamente paciente, que estava dando a sua primeira mordida em uma rosquinha meramente adequada.

— Estou querendo te falar uma coisa — ela disse.

Ele levantou uma sobrancelha curiosa, com a boca cheia demais para uma resposta apropriada.

— Eu gosto do jeito que você fala do Kevin e da Angie. Você realmente admira o que eles têm, não é?

Um gole de café o ajudou a engolir o que estava em sua boca.

— Admiro mais quem eles são — ele explicou. — Eu tenho sido bem íntimo deles há muito tempo, antes das crianças e das coisas, e das homenagens. É fácil ficar impressionado com qualquer um dos dois separadamente. Mas eu fico muito admirado com os dois juntos.

— Eu me lembro de você dizendo isso da última vez que falamos — ela refletiu. — Conte-me mais.

— Eu não quero insinuar que eles sejam perfeitos. Confie em mim, eu sei. Eu sou o cara que manteve por perto um travesseiro e um cobertor extras para as vezes em que Kevin esteve brigado.

— Ele dorme no seu sofá?

— Não mais. Mas ele fazia isso no início do casamento deles. Eles tiveram alguns períodos difíceis naquela época.

Julia nunca havia considerado o que uma briga entre Angie e Kevin poderia ocasionar. Ela tinha imaginado rusgas de cinco minutos com reencontros apaixonados. Não discussões pesadas em que se tivesse que sair de casa e passar a noite fora.

— Mas as coisas se acalmaram quando ele ficou menos arrogante e ela se tornou mais confiante.

— Mais confiante? — ela perguntou com surpresa. — A Angie de quem me lembro sempre pareceu ser muito sóbria.

— Talvez confiante seja a palavra errada. Que tal satisfeita? Sim. É isso que eu quero dizer. Ela pareceu se tornar mais segura do amor de Kevin, ao mesmo tempo em que ele se tornou mais seguro do apoio dela.

A palavra apoio provocou uma leve onda de ofensa, mas Julia deixou passar ao lembrar o que havia atraído Troy ao cristianismo.

— Duas pessoas tentando servir melhor uma à outra. Não é isso o que você disse antes?

— Exatamente. Duas pessoas ajudando uma à outra se torna mais como Jesus Cristo, que... — ele fez uma pausa, fechando seus olhos como que procurando um texto mental. — Deixe-me ver se eu consigo me lembrar das palavras exatas.

— Do quê?

— Algo que o apóstolo Paulo escreveu — ele disse. — “Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo”. — uma ligeira pausa. — Espere, deixe-me pensar por um momento.

Ela tirou um pedaço do bolinho enquanto ele atacava a sua memória que falhava.

— Desculpe, eu não consigo me lembrar do resto exatamente. Mas tem algo a ver com Jesus se humilhando a ponto de morrer em uma cruz.

Julia se sentiu genuinamente impressionada, tanto com a sua declamação como com a sua consideração aparentemente genuína para uma condição estranha ao seu mundo e ao seu pensamento.

— Eu pensei que você acreditava que Jesus era Deus.

— Eu acredito.

— Então por que a ênfase sobre a humilhação? Você não chamaria Deus de humilde

Ele pareceu intrigado pelo comentário.

— É claro que eu chamaria Deus de humilde.

— Sério? Mas ele é o chefão, o rei da montanha e aquilo tudo.

— Que fez a si mesmo o mais inferior dos inferiores.

— Eu não entendo — Julia confessou. Como você concilia estas coisas?

— Eu não posso conciliá-las — ele admitiu. — Mas eu já vi isso em ação.

— Kevin e Angie?

— Às vezes. Eu sinto como se estivesse observando alguém pintá-los em um retrato de uma beleza misteriosa pendurado na parede de uma galeria. Eles parecem retratar uma cena que eu nunca testemunhei pessoalmente, mas que eu sei que existiu ou existirá. Talvez as duas coisas.

Era um lindo sentimento que Julia queria poder entender.

— A maneira como eles reagiram à notícia sobre a Leah é um grande exemplo — ele parou de repente, como se tivesse dito algo errado.

— Leah? — Julia perguntou. — Há algo de errado com a Leah?

Troy abaixou a sua cabeça em um arrependimento constrangido.

— Desculpe. Não deveria ter dito nada. Acho que presumi que a Angie havia contado.

— Me contado o quê? — sua mente se voltou para a sua primeira olhada na foto de Leah na parede do corredor e da noite que ela havia cuidado das crianças. Alguma coisa tinha parecido estranha, mas ela tinha sido incapaz de indicar o que poderia ser.

Ele hesitou, parecendo pesar os riscos e as recompensas por ter deixado escapar um segredo.

— Você precisa me garantir que vai manter segredo total. Não só para a imprensa. Você não pode revelar a Kevin ou a Angie que você sabe de alguma coisa.

— Eu prometo — ela respondeu, ansiosa para saber o que a sua antiga melhor amiga deixou de compartilhar por não confiar nela o bastante.

— Leah tem uma doença genética que afeta a percepção mental — Troy explicou. — Eles descobriram há algumas semanas atrás quando receberam o seu perfil genético.

Julia sentiu a sua respiração acelerar com um sentimento de arrependimento vago. Será que ela tinha dito alguma coisa a Angie ou a Kevin sobre alguma situação semelhante? Será que ela tinha escrito uma coluna que eles poderiam ter lido, censurando pais que recusaram exames genéticos prévios? Será que ela tinha mantido distância do bebê depois de perceber algo incomum ou pouco atraente? Será que ela tinha feito as três coisas?

— Sinto muito ouvir isso — ela disse finalmente. — Como eles estão aceitando a notícia?

— É isso o que eu quero dizer. Eu ajudei Kevin a pesquisar opções e encontramos um tratamento experimental que poderia melhorar a capacidade cerebral da Leah. Mas eles decidiram que não tomarão este caminho.

— Por quê?

— Ele apresenta riscos bem sérios — ele explicou. — Eles falaram com o pastor Mubar. Você se lembra dele?

Ela se lembrava.

— Depois disso, eles decidiram que Deus lhes deu Leah como um presente para cuidar e uma obra-prima para mostrar em vez de um problema para consertar.

Julia deu um gole em sua bebida enquanto as palavras extraordinariamente misteriosas se acomodavam em sua mente.

O telefone de Troy tocou. Ele deu uma olhada rápida para a tela.

— É o Kevin. É melhor eu atender. Dê-me licença por um instante.

Julia usou a interrupção para absorver tudo o que Troy havia dito.

A decisão que criou o problema de Leah: Como eles puderam ignorar o processo de rastreamento?

A dor de cabeça que Angie deve estar suportando. Por que ela não pôde me contar?

A motivação que está por trás da proposta dos Pontos Brilhantes de Kevin. Isso não é mera teoria para ele. É pessoal.

Ela ouviu o toque familiar da sua caixa de mensagens.

DE PAUL DAUGHERTY: Desculpe, Joia. Imagens anexo.

Julia abriu a primeira, com data de vinte e quatro de abril. Ela se lembra de ter voado para a capital no mesmo dia para o encontro da noite das meninas com Angie. A foto mostrava Kevin em sua própria varanda da frente colocando uma jaqueta sobre os ombros de uma mulher jovem e atraente usando um vestido curto e sapatos de salto alto. O rosto dele parecia nervoso. O dela triunfante.

Ela rapidamente abriu a segunda imagem. Tinha sido tirada na quinta-feira,

menos de vinte e quatro horas antes. A mesma mulher atraente usando uma blusa sem mangas sentada ao lado de Kevin. Eles pareciam estar jantando juntos em um restaurante cinco estrelas, com a mão dela pousada afetuosamente no antebraço dele enquanto olhava para ele com um desejo melancólico.

Ela abriu um terceiro anexo, um documento em texto presumivelmente fornecendo detalhes das indiscrições de Tolbert.

— Boas notícias!

A voz de Troy interrompeu a apreciação estupefata de Julia. Ela rapidamente fechou a tela.

— Kevin disse que está pronto e que vai nos encontrar em seu gabinete em alguns minutos. Vamos?

# CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Ao entrarem no prédio do gabinete do congresso, Troy parou e sacudiu os respingos de chuva do paletó que ele havia segurado sobre a cabeça de Julia quando correram da cafeteria até o carro.

— Desculpe — disse Julia. — Está encharcado!

— Não tem problema — ele respondeu. — Um pequeno preço a pagar para proteger seu lindo cabelo.

Ela teria apreciado o elogio se não fosse pelos pensamentos de Kevin com outra mulher se prolongando em sua mente. Pobre Angie.

— Por aqui — ele disse.

Julia entrou no gabinete vazio de Kevin enquanto Troy pendurava seu casaco encharcado em uma cadeira.

— Fique à vontade — ele disse em tom amável. — Tenho certeza de que Kevin estará aqui há qualquer momento. Ele nunca conseguiu dirigir na chuva.

Ela foi até a janela sem olhar nada em particular enquanto juntava os seus pensamentos.

*Pense, garota. Pense!*

Ela precisava avaliar a situação com uma objetividade imparcial, para tirar de sua mente qualquer preocupação que sentia por Angie e pelas crianças.

*Coloque o seu chapéu de jornalista!*

Kevin Tolbert era um político vital para a sua história. Um homem que havia concedido acesso privilegiado em troca de declarações oficiais que ela receberia durante os vários minutos seguintes. O fato de que ele poderia ser um porco infiel era irrelevante para a sua pauta. Possivelmente até vantajoso.

Ela se afastou da janela, com seus olhos vagueando pelo gabinete de Kevin sem nenhum alvo específico em mente. Eles pousaram em uma foto de Angie e das crianças colocada atrás de um grande arquivo em cima de sua mesa. Sua aversão a bisbilhotar cedeu à curiosidade, levando-a na direção de uma pasta cheia do

que parecia ser uma coleção de papéis bagunçados. O fato de estar colocada em cima de outros documentos que pareciam importantes sugeria que Kevin havia dado uma analisada neles recentemente, possivelmente enquanto trabalhava em detalhes de sua proposta chamada de Pontos Brilhantes.

Ela abriu o arquivo. Uma pilha de papéis de vários formatos, tamanhos e cores. Olhando rapidamente para a porta para se certificar de que não tinha ninguém olhando, Julia pegou uma cartolina amarela que estava no topo de tudo.

Escrito com giz de cera colorido sem simetria se lia a frase NÓS AMAMOS VOCÊ PAPAI. Na parte de baixo à direita aparecia uma série de nomes com a inequívoca letra de Mestre Tommy Tolbert: MAMÃE, TOMMY, JOY E A NENÊ LEAH. Cada nome estava acompanhado de uma representação em desenho de cada um. O primeiro era alto com cabelo comprido pintado com lápis de cor, depois um menino baixinho com franjas despenteadas ao lado de uma menina ainda mais baixinha com cachos dourados. A figura final acima do nome espremido de Leah aparecia com uma chupeta desproporcional em uma mão enorme.

Ela separou muitas outras páginas cuidadosamente preservadas, cada uma provocando um sorriso maior do que o último, seguido de uma raiva imediata por um homem que iria magoar sua amiga Angie e seus filhos preciosos. Os filhos preciosos dele!

*Algo não se encaixa, ela pensou. Julia não conseguia imaginar Kevin traindo Angie por um capricho. Talvez as inseguranças que ela havia sentido em Angie refletissem uma tensão não declarada no casamento. E se o estresse da situação de Leah tivesse empurrado Kevin contra algum limite, fazendo-o ansiar pelo tipo de aventura despreocupada que os outros rapazes desfrutavam sem qualquer remorso? Independentemente disso, ela sentiu que algo tinha que ser feito.*

Ela ouviu a porta externa se abrir. Colocando o tesouro de Tommy de volta rapidamente, e fechando a pasta, ela se encaminhou casualmente para a cadeira.

*Eu não posso ignorar isso.*

Ela pensou em contar a Kevin sobre as fotos. Ela iria pedir, e não exigir uma explicação. Ela poderia até prometer manter a evidência confidencial se ele concordasse em acertar as coisas restaurando a fidelidade que Angie tinha como

certa e que Troy admirava. Julia odiava a ideia de incluir o escândalo em seu artigo. Ela o enterraria se ele simplesmente confessasse tudo.

Então ela se lembrou do quanto precisava da cooperação de Kevin para terminar a sua história. Ela não poderia arriscar levá-lo a um silêncio de auto proteção.

A voz de Troy interrompeu a consideração de Julia.

— Aqui estamos nós. Eu creio que todos já se conhecem.

Ela olhou na direção da porta. Kevin entrou na sala. Ele não estava sozinho.

— Oh — disse Julia. — Eu não sabia que o senhor participaria da reunião, Dr. Richert.

— Bom vê-la outra vez, Srta. Davidson — ele respondeu friamente.

— Eu achei que seria uma boa ideia que o Bryce se juntasse a nós tendo em vista a conversa anterior que vocês tiveram — Kevin explicou. — Como você sabe, ele tem sido um membro chave da equipe de austeridade. Eu espero que você não se importe se ele participar.

Kevin era melhor no jogo do que Julia havia presumido.

— Claro que não — ela mentiu. — Quanto mais participantes e informações, melhor.

— Vou deixar vocês à vontade então — Troy pediu licença e saiu da sala.

Os três se sentaram.

Julia pegou a sua bolsa, então fez uma pausa para olhar para o anfitrião.

— Posso gravar a nossa conversa?

— Certamente — Kevin respondeu. — Você vai precisar disso para capturar os meus comentários palavra por palavra.

Julia conteve uma reação.

— Nós raramente incluímos comentários palavra por palavra, mas eu com

certeza pretendo resumir as suas palavras com precisão.

— O nosso acordo, Julia, foi que eu concederia a você uma entrevista exclusiva em troca da oportunidade de explicar o meu caso em minhas próprias palavras.

— Sim. Mas...

— Palavra por palavra — ele insistiu.

Um longo jogo de silêncio se seguiu. Julia falou primeiro, dando a vitória a Kevin.

— Tudo bem. Palavra por palavra.

— Ótimo — ele sorriu. — Eu dei a Troy a minha declaração oficial para ser enviada. Ela deve chegar em sua caixa de entrada em breve, juntamente com as minhas instruções.

— Instruções?

— Para resumir, você pode publicar informações obtidas durante a reunião de coalisão de austeridade se você incluir os meus comentários em sua história. Caso contrário, o Sindicato RAP terá notícias dos meus advogados. Talvez dos do Franklin também.

Julia considerou a ameaça. A última coisa que ela precisava era de uma intimação judicial para criar as suas primeiras impressões nas mentes dos novos proprietários do RAP. Ela estava tentada a contra ameaçar referindo-se às fotos, mas decidiu que precisava desta carta debaixo da manga.

— Eu entendo. Incluirei a sua declaração como entregue.

— Ótimo — ele disse presunçosamente.

— Bem. Visto que temos tempo, você se importaria que eu fosse adiante e fizesse algumas perguntas suplementares?

Sem objeções.

— É verdade que você foi solicitado a esboçar o projeto e apresentar todo o

plano de Franklin?

Ele lançou um olhar para o Dr. Richert, que pareceu agradavelmente surpreso com a possibilidade.

— Sim, é verdade — ele confirmou. — Suponho que você não possa me dizer como soube disso.

Ela ignorou a pergunta.

— Você acha que essa tarefa lhe garantirá um bom cargo no ministério dele?

— Ele é um senador, não o presidente.

— Ainda — ela acrescentou.

Eles ficaram sem falar por vários segundos.

— Eu não faço ideia do que o senador Franklin pretende — ele disse, quebrando o silêncio. — Presumo que ele queira alguém para articular claramente a urgência da nossa crise fiscal, e da necessidade de soluções ousadas.

— Então você disse sim?

— Eu disse que ajudaria a elaborar o plano.

— O plano inclui todas as suas sugestões?

— A maior parte delas — ele confirmou.

— E quanto às transições? A sua oposição à Iniciativa Jovem será incluída no plano?

Ele respirou fundo como um professor particular irritado pela atenção distraída de uma criança.

— Eu pensei que esta história fosse sobre a proposta dos Pontos Brilhantes.

— E é — ela concordou. — Mas parece relevante que o homem que defende os incentivos à paternidade também queira acabar com as transições.

— Como você ligaria as duas coisas? — o Dr. Richert perguntou a Julia, não podendo mais esconder a sua irritação.

Ela olhou para ele fixamente. Elas estavam ligadas? Ela sempre havia presumido que o dogma religioso motivava o antagonismo de reprodutor. Mas ela nunca havia identificado as suas questões domésticas com nada que lembre uma filosofia coesa.

— Você tem alguma ideia do por que e como a queda na fertilidade e a propagação das transições estão ligadas? — a pergunta do Dr. Richert carregava o teor de uma palestra.

— Bryce, eu não tenho certeza de que este seja o momento ou o lugar para... — Kevin começou.

— O momento e o lugar perfeitos! — o Dr. Richert interrompeu. — Eu estou enjoado e cansado das bobagens estúpidas que estes repórteres papagueiam sem nenhuma ideia do significado ou da importância do que está em jogo.

Kevin fez um gesto como se para dissuadir o médico do seu discurso acalorado.

— Por favor, Dr. Richert, continue — Julia sugeriu na esperança de capturar um deslize útil.

— A vida humana não é uma mercadoria para administrar Srta. Davidson — ele continuou. — É um tesouro a se preservar.

— Você não se importa — Kevin interveio —, eu gostaria de manter esta conversa limitada às razões a favor e os benefícios da minha proposta Pontos Brilhantes.

O Dr. Richert deixou a ponta da sua cadeira e voltou a se encostar, em um gesto de desculpas respeitosas.

— Claro, me perdoe.

Julia reprimiu qualquer reação, sabendo que ela colocaria o médico em seu devido lugar muito em breve. Ele poderia expressar as suas opiniões no gabinete de Kevin, mas ela teria a última palavra impressa.

Quando a tensão se dissipou, Kevin se sentou de volta em sua cadeira como um cavalheiro sulista balançando em sua varanda enquanto se lembrava de uma história.

— Eu já contei a vocês sobre Eric Shepherd?

Julia tirou os olhos do furioso Dr. Richert para olhar para um Kevin estranhamente relaxado.

— Eu acho que não.

— Eric Shepherd era o menino que praticava bullying na escola Kinyon Elementary. Embora ele não fosse o maior garoto da sexta série, ele era com certeza o mais malvado.

Tanto o Dr. Richert quanto Julia se acomodaram melhor para ouvir a história.

— Eric dominava o pátio da escola Kinyon. Ele organizava o jogo de futebol americano diário na hora do recreio. Somente meninos, claro. Na verdade, somente meninos grandes. Eric até mesmo escolheu o capitão do outro time antes de dar a si mesmo o direito de escolher primeiro os jogadores.

O Dr. Richert sorriu, reconhecendo a realidade muito familiar dos jovens na Terra dos Rapazes.

— Um dia um menino novo chegou à escola. Ele não parecia apreciar ou reconhecer o incontestável território de Eric. Em vez de perguntar se poderia jogar em um dos times de futebol americano, este menino ignorou a panelinha do futebol e começou a recrutar meninos e meninas para um torneio diário de futebol do tipo não americano.

— De repente Eric tinha uma concorrência pelo domínio do pátio da escola. E ele não gostou disso. Especialmente porque alguns dos garotos maiores deixaram o seu feudo para se juntar às crianças magricelas jogando um esporte inferior. Quando isso aconteceu, ele decidiu que tinha chegado a hora para refazer a sua imagem.

— Ele parou de praticar o bullying? — Julia quis saber perguntando em voz alta.

— Oh não. Um dia depois da aula ele esperou atrás de algumas árvores

esperando pegar o menino novo sozinho. Ele começou a bater no menino até virar poupa. E funcionou. Eric se restabeleceu como alguém a se temer, atraindo todos os meninos maiores de volta ao futebol americano.

— O menino se machucou muito? — perguntou o Dr. Richert.

— O suficiente para os outros garotos entrarem na linha.

— O Eric se deu mal? — perguntou Julia.

— O menino explicou o que aconteceu à professora, o que a fez mandar tanto Eric como o jogador de futebol machucado para a sala da inspetora de alunos para um seminário conjunto sobre como ter um bom relacionamento, completando com uma palestra sobre a política da escola de tolerância zero em relação a brigas.

— As coisas ficaram melhores por uma ou duas semanas. Mas Eric não estava satisfeito com apenas intimidar os garotos grandes para que voltassem ao seu jogo. Ele também queria as meninas e as crianças pequenas torcendo nas linhas laterais em vez de jogarem futebol não americano.

— Eles obedeceram? — perguntou o Dr. Richert.

— Não até Eric bater no menino novo pela segunda vez.

— Por favor me diga que a inspetora de alunos da escola interveio nesse momento.

— Claro que interveio. Ela suspendeu o menino novo pela briga.

— O quê? — Julia reagiu. — Por quê?

— Para evitar um conflito com a mãe de Eric.

— A mãe de Eric?

— Sim. Veja bem, a mãe do garoto que praticava bullying era a professora.

— Você está brincando! — Julia esbravejou.

— Estou falando sério. Bem, o ciclo continuou pelo resto do ano letivo. Isso

continuou acontecendo até mesmo no ano seguinte.

Julia ficou indignada.

— Eu odeio os que praticam bullying!

— Mas as coisas melhoraram na sétima série — continuou Kevin. — Foi quando eu conheci o Troy. — Eu imagino que você era o menino novo — o Dr. Richert disse orgulhosamente.

— Troy era muito maior do que o Eric. Ele também preferia o futebol que não era o americano.

— A mãe de Eric ou a inspetora de alunos da escola chegaram a ser denunciadas? — Julia perguntou.

— Elas não foram, e este é o motivo de eu ter compartilhado a história.— ele fez uma pausa, olhando diretamente para Julia. — Julia, sempre tem havido pessoas que usam o seu tamanho ou posição para abusar das pessoas pequenas só porque elas não gostam da maneira que a pessoa aparenta, ou fala, ou pensa. Ou talvez porque eles sejam “débitos”. Ou pior, progenitores.

Ela sentiu o golpe.

— Agora espere um pouco Kevin...

— Deixe-me terminar Julia — ele interrompeu. — Eu não sou tão ingênuo quanto você ou a RAP gostariam de acreditar. Eu sei o que você está fazendo aqui.

Ela não disse nada.

— Eu aceito os seus preconceitos. Tudo bem. Tudo o que eu peço é que você represente as minhas ideias de forma precisa.

— Eu sou uma jornalista respeitada Kevin! — ela não conseguiu se conter.

— Sim, você é. E eu tenho certeza de que você é uma boa jornalista. Mas nenhum de nós é imparcial. Nem você nem eu.

— Certamente eu também não! — o Dr. Richert se interpôs com uma risada.

— Parte dos meus conceitos é a crença de que o governo existe para fazer com que seja mais difícil os valentões vencerem. As nossas políticas atuais, ao contrário, dão aos valentões uma carta branca.

— A quais valentões você está se referindo?

— Aqueles que têm um medo irracional das crianças, seria um bom exemplo. Eles promovem as políticas de impostos que tornam quase impossível pagar o custo extra de criar filhos.

Julia começou a falar, mas algo no rosto de Kevin dizia que ela não deveria fazê-lo.

— E então há valentões que querem desenvolver uma indústria que vitima os membros mais pobres e mais vulneráveis da sociedade. Oitenta por cento dos voluntários da transição são pobres, inválidos, ou ambos.

Ela pensou momentaneamente nos periódicos da Santoses, mas tirou-os rapidamente da cabeça.

— Nós vivemos em um mundo onde os fracos e os muito magros tem pouca escolha a não ser jogar conforme as regras estabelecidas pelos grandes e poderosos. Aqueles que equipam o jogo contra a dignidade da vida humana.

— Ninguém obriga as pessoas à transição.

— E ninguém obrigava as crianças a desistirem de jogar futebol não americano ou torcer para o Eric. Elas faziam isso voluntaria-mente... senão!

Kevin respirou fundo para recuperar o seu comportamento calmo de antes. Não funcionou.

— Eu não culpo Eric ou os garotos que faziam o que ele queria. Mas eu culpo os adultos que sabiam o que estava acontecendo e não fizeram nada para intervir. Eu fico indignado com líderes e políticas que facilitam os ataques aos fracos!

— Então eu devo dizer que você se opõe às transições por motivo de um trauma da infância? — Julia perguntou.

Ele não gostou do sarcasmo.

— Você dirá que a Iniciativa Jovem torna fácil fazer o que é errado e torna difícil fazer o que é certo.

— A pior tirania — resmungou o Dr. Richert debaixo de sua respiração.

— O que é essa frase? — perguntou Kevin.

— É algo que Edmund Burke disse: “Leis ruins são o pior tipo de tirania”.

— Exatamente! Eu quero consertar, melhorar, substituir, ou me opor a leis e programas que obrigam os nossos cidadãos mais fracos, mais vulneráveis a fazer escolhas que do contrário jamais fariam.

— Que tipo de escolhas você quer que eles façam? — Julia tentou parecer solidária.

— Naturais, escolhas de bom senso — ele respondeu. — Como se casar e criar uma família. Como proteger a dignidade de cidadãos que estão envelhecendo em vez de fazê-los se sentir culpados cada vez que respiram. Como proteger os nossos inválidos em vez de rotulá-los de débitos sem valor.

Kevin limpou a sua garganta para esconder uma voz embargada. Um silêncio incômodo se sucedeu.

— Há tanto para dizer, mas esse não é o momento nem o lugar — o Dr. Richert riu. — Este foi um discurso muito melhor do que eu planejava!

— Desculpe — Kevin parecia constrangido pela sua emoção. — Eu não tinha a intenção de pregar.

— Não precisa se desculpar — Julia sentiu o profundo amor de Kevin pela nenê Leah. O pensamento forçou a sua mente de volta a Angie. De volta à mulher misteriosa acariciando o papai de Tommy. Ela sentiu um repentino desejo de encerrar a reunião.

— Ouça, eu acho que tenho tudo o que preciso. E você disse que Troy me enviaria a sua declaração completa?

— Correto.

— Então eu quero agrade cer a ambos pelo seu tempo. Com exceção de uma possível declaração de esclarecimento aqui e ali estou confiante de que poderei elaborar uma história que seja justa e equilibrada.

— Espero que sim — Kevin respondeu calorosamente.

— Duvido muito — proferiu com veemência o Dr. Richert.

Julia deixou a sala mais abruptamente do que tencionava. Cinco minutos depois ela chamou um taxi para levá-la ao aeroporto. Quando o taxi saiu do meio-fio ela escreveu uma mensagem curta para o seu editor.

*Você terá a minha história mais tarde, hoje à noite.*

# CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Os sintomas vieram de repente e gravemente. Por quase duas horas, enquanto esperava para entrar no consultório do Dr. Ryan, a imaginação de Angie criou um cenário de pânico após outro.

Ela se lembrou de que perdeu sua tia Cheri, que havia morrido aos trinta e cinco anos, deixando o primo de Angie, Andrew, então com três anos de idade, sem uma mãe. Câncer de fígado. No momento em que Cheri notou algum sintoma, a doença já havia se espalhado demais para que pudesse fazer uma cirurgia.

Sua avó havia morrido vítima de câncer de mama com a idade relativamente jovem de cinquenta e sete anos, fazendo com que os médicos da família recomendassem mamografias anuais para a sua mãe, para a sua irmã, e para ela mesma. “A detecção precoce ainda é a melhor defe-sa,” eles disseram. Mas Angie havia estado tão ocupada com a eleição de Kevin e cuidando das crianças que ela tinha negligenciado este conselho nos últimos dois anos. Apesar de uma pré-disposição genética para o câncer, ela sempre havia se sentido bem e nunca se preocupou.

Até agora. Apesar de uma noite inteira de sono, Angie havia acordado sentindo uma exaustão debilitante que a teria mantido na cama se não fosse por um enjoo intenso que a obrigou a ficar agarrada ao vaso sanitário do banheiro da suíte. Ela esvaziou seu estômago na terceira ou quarta violenta ânsia de vômito. Foi quando Kevin a ajudou a voltar para a cama.

— Eu acho que você está com febre — ele havia dito enquanto acariciava gentilmente o rosto dela.

*Um bom sinal? Parecia improvável que câncer provocasse febre. Mas então ele poderia enfraquecer o sistema imunológico e tornar uma infecção mais provável. O que quer que fosse, Kevin insistiu para que ela procurasse um médico. Ele marcou uma consulta para ela e começou a cancelar a sua reunião da manhã. Mas Angie disse para ele não fazer isso. Ele concordou relutantemente, e em vez de cancelar a reunião, fez com que um dos estagiários do gabinete ficasse com as crianças enquanto outro a levaria de carro até o médico e a traria de volta.*

— Provavelmente seja só uma gripe — ele presumiu.

*Alguma coisa mais séria, ela temeu silenciosamente.*

Vinte minutos depois de fornecer uma amostra de urina e de suportar uma leve picada no dedo, Angie se sentou esperando pelo médico. Ela sentiu um arrepio enquanto passava os dedos pela borda do seu maxilar inferior para confirmar uma glândula sensível e inchada. Ela abaixou a sua mão, colocando-a dentro de sua blusa para mais um autoexame do seus seios delicados.

Duas batidas rápidas na porta anunciaram a entrada aguardada do médico.

— Bom dia, Angie — dizia o Dr.Ryan casualmente. — Sentindo-se melhor?

Ela ofereceu o lamento mais animado que conseguiu reunir.

— Um pouco. Mas...

— Bom, bom — ele interrompeu enquanto deslizava um banquinho para perto de si. Percorrendo detalhes mostrados em seu tablet digital, o médico rapidamente absorveu a informação. Ele olhou para Angie, e então voltou a baixar o olhar. Ela presumiu que ele precisava de mais um instante para encontrar as palavras certas.

— Vamos começar com as boas notícias — ele começou. — Está bem no início, de forma que nós temos várias opções não invasivas.

*Opções? Opções para o que?*

— A maioria das mulheres na sua situação escolhem uma prescrição oral em vez de uma remoção vaginal.

Angie lutou para achar a sua voz sufocante.

— Por favor, Dr. Ryan — ela conseguiu dizer. — Apenas me diga qual é o problema. Qual é a gravidade?

Um olhar intrigado.

— Você não sabe? — Ele perguntou.

— Sabe do que?

Um olhar constrangido.

— Desculpe. Eu presumi que a enfermeira já tivesse lhe dito.

*Por que você esperaria que a enfermeira me dissesse que eu tenho um tumor?*

— Você está grávida, Angie. — Sua voz se tornou grave. — Mas está muito no início, duas semanas, de forma que você tem várias opções.

Sua voz vacilou entre alívio e raiva, alegria e medo.

— Mas eu ainda estou amamentando Leah.

— Leah?

— Minha filha.

— Entendo. Um conto da carochinha. Você pode engravidar enquanto amamenta. Desculpe-me.

*Desculpe-me?*

— Mas como eu disse, você tem várias opções ótimas.

— Acabar com a gravidez? — Um tom de indignação.

Ele olhou sem entender, como se jamais alguém tivesse feito esta pergunta antes. “Bem, eu apenas supus que–”

— Por favor não suponha, doutor — ela disse com firmeza.

— Sim, senhora. Mas... — Ele fez uma pausa. — Mas a senhora está com mais de trinta anos agora e já tem dois filhos.

— Três! — ela corrigiu.

— Certo. Três filhos. — O lembrete levantou a sua sobrancelha.

Ambos ficaram sentados em silêncio por um bom tempo enquanto Angie digeria a notícia.

*Quatro filhos! Ela já conseguia ouvir as piadas.*

*Ninguém jamais contou a vocês como os bebês são feitos?*

*Vocês dois precisam comprar uma televisão!*

*Eu suponho que Kevin Tolbert espere reproduzir um time inteiro de futebol.*

Pensar em Kevin a fez sorrir. Duas semanas? Este bebê foi concebido na noite em que eu vesti a surpresa de Kevin. Na noite em que Julia pôs as crianças na cama.

Pensar em Julia deixou o seu estômago enjoado ainda mais tenso.

— Outro bebê? — Julia reagiria de forma condescendente. — Sério? De propósito?

Não tinha sido de propósito. Eles não estavam tentando conceber, e estavam até nervosos quanto à possibilidade por conta da doença da Leah. Angie já havia começado a pensar em opções de controle de natalidade para usar assim que a nenê desmamasse. Ela havia planejado discutir sobre elas com Kevin assim que a vida se acalmasse um pouco.

Angie ouviu o Dr. Ryan falando:

— Posso pelo menos explicar os riscos?

Ela se sentiu assentindo com a cabeça.

— Quanto mais velha a mulher fica, mais difícil se torna dar à luz a um bebê saudável, a menos, é claro, que ela se submeta aos exames prévios.

Estava claro que ela não havia feito os exames.

— Nos casos como o seu eu geralmente prescrevo um estimulante oral que impede que o embrião se fixe.

As palavras causaram um arrepio na espinha de Angie.

— Impedir que o embrião se fixe?

— Um modo melhor de dizer que você abortaria naturalmente.

Isso parecia tudo menos natural.

— Bem — ele continuou. — Eu desaconselharia continuar esta gravidez. A criança em potencial poderia ter sérios problemas de saúde.

A frase criança em potencial incomodou Angie. Era como se o médico estivesse descrevendo uma espécie sub-humana em vez da semente que floresceu do amor dela e de Kevin.

— Problemas como a síndrome do X frágil? — perguntou Angie.

Ele pareceu surpreso com a pergunta. — Bem, sim, esta é uma possibilidade. Juntamente com muitas outras.

Angie afastou o seu olhar e pensou em Kevin. Ela tinha desejado que ele viesse com ela, mas se sentiu feliz por ele não ter vindo. Seu marido já estava debaixo de muita pressão. Ele não teve tempo de lidar com uma suposta gripe que supostamente era câncer e que acabou se tornando um quarto filho. Um quarto filho! Mas ele teria que lidar com isso. Ambos teriam.

— Não. Obrigada.

— Desculpe? — perguntou o Dr. Ryan.

— Eu não tenho nenhum interesse em uma prescrição para acabar com a gravidez. — Ela sentiu uma angústia crescente.

Ele afastou o banquinho para longe de sua paciente.

— Eu entendo — ele disse dando-se por vencido. — Mas eu acho que devo prosseguir e solicitar um perfil genético uterino para que possamos conversar novamente daqui a algumas semanas.

Ela começou a se opor, mas uma série de perguntas internas a manteve em silêncio.

Que bem poderia advir de saber as fraquezas genéticas de um bebê antes do parto?

Teria sido melhor saber sobre os problemas da Leah antes do parto?

Isso os teria tentado a intervir ou simplesmente os tornado melhor preparados?

— Bem — ela disse finalmente, e então suspirou. — Suponho que não faça mal algum saber o que esperar.

— Nós podemos discutir as suas opções novamente tão logo tenhamos todas as informações.

Ela sentiu que esboçou outro assentimento hesitante.

# CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Sarah jamais tinha estado mais encantadora ao se encaminhar na direção de Matthew. Os cabelos compridos castanhos que ela puxou para trás fazendo um rabo de cavalo, agora caíam sobre os seus ombros, emoldurando um rosto que ele considerava uma mistura perfeita de inocência e sedução. Mas os seus olhos azuis profundos não o notaram, pois estavam fixos, em vez disso, no homem que estava segurando a sua mão ao deixarem a mesma cafeteria de que Matthew se aproximava.

— Oi Sarah — ele disse antecipadamente. — Já acabou o expediente?

Transcorreu um momento de reconhecimento.

— Oh, oi Matthew. Não. Eu não trabalho hoje. Eu só estava me encontrando com Ian. Vocês já se conhecem?

A forma escultural estendeu a sua mão enorme que estava livre.

— Ian Fletcher — Uma declaração indiferente em vez de um cumprimento amigável.

— Matthew Adams — ele devolveu, perguntando a si mesmo se um homem assim era capaz de se sentir ameaçado pela concorrência, se uma garota como Sarah considerasse Matthew como uma opção.

— Indo para o trabalho? — Sarah perguntou.

— Na verdade não. Vim comemorar. — Tinha esperança que fosse com você, ele pensou.

— Comemorar o que? — ela perguntou enquanto Ian tentava retomar a caminhada deles. Os dedos dela apertaram para conter o avanço dele.

— Eu acabei de vir do escritório de admissões.

Sarah sorriu, prevendo a boa notícia.

— O que eles disseram?

— O orientador de matrícula examinou os meus registros e disse que eu poderia

usar todas as seis das aulas comunitárias da faculdade como eletivas se eu for aceito.

—E? — ela o incentivou a prosseguir.

— Parece que eles irão me admitir em período de experiência.

Sarah saltou para frente com um abraço de parabéns enquanto Ian revirava os olhos.

O corpo dela desapareceu antes que os braços de Matthew pudessem se fechar para apreciar o abraço. Não foi nenhum pouco como ele havia imaginado.

— Parabéns, cara, — ofereceu Ian enquanto procurava de volta os dedos de Sarah.

E o momento passou. Matthew não sentiu nenhuma mudança no comportamento de Sarah em relação a ele. Talvez fosse tolice, mas ele esperava que a notícia pudesse facilitar a sua subida na escada de possibilidades. Não mais o Matt funcionário da cafeteria, mas Matthew Adams, professor em formação.

Ele ficou de pé sozinho observando o casal indo embora antes de se virar na direção da entrada do Campus Grinds. Ele não abriu a porta. Em vez disso caminhou de volta até o pátio de estacionamento.

Trinta minutos depois Matthew se viu sentado em frente ao Donny na mesa da sua cozinha, abrindo uma lata de cerveja em comemoração.

— Obrigado pela bebida, cara! — disse Donny enquanto levantava um brinde silencioso.

— Obrigado por olhar a mamãe essa manhã — disse Matthew. — Que horas ela se deitou para cochilar?

— Logo depois do almoço. Ela deve se levantar a qualquer momento. — Donny pareceu estar deslocado, como que presumindo que Matthew teria preferido comemorar com a sua mãe.

— Ótimo — Matthew respondeu categoricamente.

Os dois se sentaram em silêncio por um bom tempo, dando goles em suas latas de cerveja.

— Um grande dia — disse Donny desajeitadamente. — Vida de faculdade, pode chegar!

Matthew forçou um sorriso.

— Quando você começa?

— Setembro. Bem, há uma orientação para novos alunos no final de agosto. Mas as aulas só começam em setembro.

Donny parecia não saber o que perguntar para manter a conversa.

Mal tendo concluído o ensino médio ele não tinha noção de como expressar a sua curiosidade sobre a elevada esfera do ensino superior.

— Você vai precisar de mais ajuda com a sua mãe?

Matthew não disse nada.

— Faz alguma ideia de quais serão os dias?

Seus olhos se cruzaram com uma expressão pensativa.

— Desculpe. Eu não quero presumir nada. Pode ser que você queira contratar outra pessoa. É só que, eu não sei, eu meio que senti que ela está começando a se lembrar de mim. Ou pelo menos se sentindo à vontade comigo.

Matthew olhou para o outro lado.

— Como esta manhã. Eu senti que ela estava se sentindo para baixo, talvez um pouco deprimida. Eu perguntei se tinha alguma coisa errada, como já fiz antes. Somente desta vez, em vez dela se afundar sozinha em sua cadeira, ela olhou nos meus olhos. Foi como se, eu não sei, como se ela quisesse se abrir comigo.

— Ela se abriu com você? — perguntou Matthew.

— Não exatamente. Mas ela se aproximou de mim. Ficou bem perto. Então ela apertou as minhas mãos, e disse “Obrigada.”

— Pelo quê?

— Não sei. Mas foi como algum tipo de grande avanço. Como se nos tornássemos amigos ou algo assim.

— Ela não conhece você, Donny — Matthew disse friamente.

Donny pareceu momentaneamente magoado, mas a sensação passou depois do seu próximo gole da bebida.

— Provavelmente você tenha razão. Mesmo assim, eu posso ajudar se você precisar assim que você começar a faculdade.

Matthew deu um assentimento de gratidão com a cabeça antes de se juntar ao seu parceiro solitário em outra bebida.

— É melhor eu ir — e rapidamente se esvaiu em um “Até a próxima vez.”

Assim que Donny saiu, Matthew se arrastou até a porta do quarto de sua mãe. Ela estava parcialmente aberta, então ele se inclinou para ouvir e obter pistas. Respiração lenta e baixa significaria um sono profundo. Expirações profundas com longos intervalos significaria que ela acordaria em breve.

— Oi filho.

Já acordada.

— Oi mãe. Nós te acordamos?

— Eu nunca caí no sono — ela confessou.

— Mas Donny disse...

— Eu precisava de um tempo sozinha. Tempo para pensar.

Ela parecia extraordinariamente lúcida, especialmente considerando que ela havia perdido o seu cochilo da tarde. Um dos seus dias bons.

— Sobre o que? — ele perguntou.

— Sobre você. Seu futuro.

Ele entrou no quarto e se sentou na beirada da cama dela para ajudá-la a apoiar um travesseiro para ter um ângulo melhor para conversar.

— Então, o que eles disseram? — ela perguntou, batendo gentilmente no braço dele.

— Eu estou dentro, mãe! Eles disseram que eu provavelmente serei aceito para um período de experiência no outono. Eles vão até analisar os meus créditos de faculdade comunitária.

Ela deu um sorriso largo, nem um pouco surpresa. Uma outra batidinha no braço dele lhe disse que ela estava muito orgulhosa de seu filho.

Ele começou a contar mais, mas parou de repente.

— Que mais? — ela perguntou.

— Nós podemos conversar sobre o restante mais tarde. Você precisa descansar.

— Eu não estou cansada — ela insistiu.

— Donny disse que você parecia para baixo. Você está se sentindo bem? Precisa de alguma coisa? — Ele se sentiu ansioso por servir a mulher que estava realizando os seus sonhos.

— Eu estou bem — ela disse, se movendo para o criado-mudo. — Mas eu preciso que você me ajude com isso.

Ela lhe entregou uma carta.

— O que é isso?

— Chegou enquanto você estava fora. Eles pediram a minha impressão digital e deixaram esta carta comigo. Disseram que era só para os meus olhos. Mas os meus olhos não são tão bons quanto costumavam ser.

Matthew ficou com raiva. Ele havia dado a Donny instruções explícitas para interceptar qualquer correspondência ou mensagens.

— Eu não a quero mexendo com as contas ou ficando confusa com as

comunicações médicas — ele havia dito.

— Eles queriam a sua impressão digital? — ele perguntou, desdobrando a página. Seus olhos pousaram no cabeçalho. Lia-se em um grande timbre dourado CASA ASPEN acima de letras muito menores que diziam UMA SUBSIDIÁRIA DA NEXT INC.

*Cara Sra. Adams:*

*Esta carta foi enviada em embalagem inviolável em antecipação ao seu compromisso de transição agendado para o dia 2 de junho de 2042. Devido a mudanças no ambiente legal nós adotamos uma nova política interna requerendo uma segunda confirmação para todos os voluntários. Precisamos nos encontrar com a senhora e com alguém que a senhora confie que esteja disposto a aceitar a responsabilidade legal no caso improvável de uma reclamação de morte ilegal contra a Casa Aspen após o seu compromisso. Um amigo íntimo ou um parente é preferível. Quem quer que a senhora escolha será solicitado a atestar que a senhora tomou a decisão de transição sem qualquer pressão indevida, e que a senhora agiu assim enquanto estava com a mente sã. Também é essencial que a pessoa NÃO esteja incluída entre aqueles que herdarão qualquer parte dos seus bens. Assim que a senhora tiver o nome da pessoa, por favor entre contato conosco por e-mail ou por telefone para agendar um encontro conjunto. Pedimos desculpas por qualquer inconveniência que esta solicitação adicional possa criar. Eu confio que a senhora entende que o nosso objetivo é impedir que processos judiciais levianos interrompam as intenções dos nossos estimados clientes.*

*Atenciosamente,*

*Dr. Paige Trenton*

*Médico responsável*

A cor sumiu do rosto de Matthew.

— Você entende o que isso significa, mãe?

Ela assentiu lentamente com a cabeça.

Matthew limpou a sua garganta, nervoso.

— E?

— Eu não sei. É por isso que eu queria um tempo para pensar.

— Você pensou em alguém?

— Alguém para que? — ela perguntou.

— Alguém para dar a segunda confirmação.

Os olhos dela se entristeceram, como se ela esperasse uma reação diferente de Matthew.

— Eu suponho que você terá que fazer isso — ela respondeu. — Quem mais eu tenho?

— Eu não posso fazer isso, mãe — ele disse, com o desespero aumentando em sua voz. — Diz bem aqui que a pessoa não pode ser um beneficiário da sua herança.

— Herança? — Ela perecia confusa.

— Os seus bens. O dinheiro que você está me dando para a faculdade.

— Sim. Eu quero que você vá para a faculdade. Um dia você será um ótimo professor. —

— Mãe! — Ele estava perdendo a janela de coerência dela. — Preste atenção. Esta carta significa que você precisa pedir a alguém além de mim que aprove a sua transição. Você entende?

Um outro aceno lento de cabeça dizendo que sim gradualmente mudou para um tímido não.

— Desculpe filho — ela disse. — De repente eu estou me sentindo muito cansada. Talvez eu devesse me deitar.

— Nós precisamos resolver isso agora.

Mas ele sabia que era tarde demais. A aparência pálida familiar no rosto dela disse a ele que não adiantava ir mais além.

— Ok — ele disse, pegando o travesseiro dela. — Deixe-me ajudá-la com isso.

Ele se levantou, dobrou a carta, e a colocou em seu bolso antes de apagar a luz.

— Matthew — ela disse quando ele começou a fechar a porta.

Ele voltou.

— Eu te amo filho.

— Eu sei mãe. Eu também te amo.

Momentos depois Matthew ligou para o número que estava na parte de baixo da carta enquanto tentava se lembrar do nome do cavalheiro sociável de quem a sua mãe parecia ter gostado tanto.

— Serviços de Transição da Casa Aspen. Como eu posso direcionar a sua chamada?

— Eu preciso falar com Chuck — Matthew disse com voz fraca.

# CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

–Q ue bom te ver! — Maria parecia perturbada. — Estou muito ansiosa. Como foi?

— Eu consegui o que precisava — Julia respondeu sem fazer rodeios, perguntando a si mesma o motivo do interesse ávido e repentino pelo seu trabalho. — Na verdade, mais do que eu queria.

— Mais do que você queria? Por que, o que foi que ele disse? Ele não quer falar comigo de jeito nenhum.

Julia se lembrou da sua promessa quebrada de ligar para Jared do aeroporto.

— Oh, mana — ela suspirou enquanto colocava a sua mala no chão da cozinha. — Desculpe-me. Eu me esqueci de ligar para o Jared. Eu tive que correr diretamente da entrevista com Tolbert para o aeroporto e começar a escrever o... — Ela parou a sua explicação. Maria não estava interessada em manchetes ou dilemas jornalísticos. Ela só queria saber de acabar com o silêncio de seu filho que estava emburrado. — Eu vou entrar e falar com ele logo depois de...

— Por favor, Julia — Maria suplicou. — Não dá para esperar mais.

Foi então que ela notou os sapatos de Maria cintilando debaixo de seu roupão que ia até o tornozelo.

— Não me diga que você tem um encontro esta noite.

Maria baixou a cabeça, e então lentamente abriu o roupão revelando outra roupa nova e sedutora. Ela mostrou um sorriso constrangido.

— Fin?

— Eu preciso terminar a relação de um modo adequado — Maria explicou. — Eu não poderia simplesmente terminar com ele por telefone. Isso seria de muito mau gosto!

— O que é de muito mau gosto — reagiu Julia — é esperar que o seu filho perdoe e esqueça na hora que você quer, só para em seguida você poder ter um último encontro com o professor dele sem se sentir culpada. Se é que é a última vez que você vai sair com ele.

— Eu te disse. Eu estou terminando com o Fin. — Uma longa pausa. — Mas eu quero fazer isso de um modo que manterá as nossas opções abertas.

Julia apertou os lábios enquanto pegava a sua mala de viagem.

— Aonde você vai?

— Eu não tenho tempo para isso, Maria. Lide com o Jared você mesma pelo menos uma vez. Ele é seu filho, não meu!

Julia ignorou os apelos de sua irmã por todo o caminho até o quarto, onde ela se trancou para resolver a sua própria crise mais urgente. Se Paul Daugherty não recebesse a sua história completa antes das dez horas, ela poderia dizer adeus ao futuro no Sindicato RAP. Ela olhou para o relógio. Faltavam apenas duas horas, e ela ainda não tinha decidido qual esboço finalizar e enviar.

As duas versões da sua matéria continham caracterizações e fotos selecionadas da entrevista com o Dr. Richert retratando-o como sendo típico de uma subcultura ameaçadoramente influente de pessoas que rejeitavam o bom senso, e que, dada a oportunidade, iriam pedir a outras pessoas para fazerem o mesmo. Só a foto de capa, o Dr. Richert de pé diante de uma parede cheia de bebês de reprodutores, iria atiçar a chama de desprezo contra o que quer que o seu grupo quisesse. Mas ela também citava conservadores fiscais altamente respeitados como Nicole Florea e Trisha Sayers. Elas descrevem o fardo econômico que os reprodutores acrescentavam à sociedade quando deixavam de fazer os pré-exames genéticos no início da vida e desestimulavam as transições no final dela.

As duas versões da história sugeriam que a filosofia que estava por trás da proposta Pontos Brilhantes veio de um preconceito extremo e religiosamente motivado, e que isto promovia políticas ambientalmente irresponsáveis em nome da austeridade fiscal. Ela até mesmo conseguiu proteger a sua integridade jornalística incluindo citações extensas do autor da proposta Pontos Brilhantes, um astro político ascendente e o principal membro da equipe de Franklin, o deputado Kevin Tolbert.

Seu dilema, ainda não resolvido, era se ela deveria incluir as fotos e as informações que Paul havia enviado mais cedo naquele dia. Se ela as usasse para sugerir que Tolbert carecia de credibilidade junto aos seus próprios apoiadores devido a recentes acusações de infidelidade, milhões de leitores, sem mencionar os novos proprietários da RAP, admirariam a sua abordagem “não faça

prisioneiros.” Isso iria impulsionar a sua carreira, colocando-a diretamente de volta entre a elite jornalística.

Mas isso também destruiria o lar feliz de Angie.

Julia decidiu dar a si mesma o luxo essencial de um banho pós voo, acalmando os seus nervos e clareando a sua mente para a tarefa que estava à sua frente. Ela ouviu e ignorou três batidas separadas na porta, a primeira vez enquanto ela penteava seus cabelos molhados, outra enquanto amarrava o cinto de seu roupão mais confortável, e a terceira enquanto ligava o seu computador.

— Vá embora, Maria. Eu não tenho tempo...

— Sou eu, tia Julia — disse Jared através da porta fechada. — Minha mãe saiu. Posso entrar?

Julia olhou para o brilho da tela do computador que atraía a sua atenção. Ela precisava de mais que um banho de chuveiro para resolver o seu senso de urgência desanimador. Ela precisava de duas horas inteiras no teclado.

Abrindo a porta ela viu a mancha de lágrimas recém-limpas no rosto de Jared. Ela levou a mão gentilmente ao rosto dele. “Dia difícil?”

— Eu a odeio! — Ele entrou no quarto.

— Você não odeia a sua mãe, Jared.

Ele caminhou silenciosamente na direção da cama e se sentou na beirada.

— Por que você não poderia ter sido a minha mãe?

A pergunta surpreendeu Julia. Ela se sentiu ao mesmo tempo lisonjeada e consternada.

— Sua mãe é uma pessoa linda.

Ele fungou o que havia restado de um choro anterior. — Exatamente. Esse é o problema.

— Eu não quis dizer nesse sentido — ela continuou. — Eu quero dizer que a sua

mãe tem um espírito de doçura. Ela tem uma centelha para a vida que faz com que as outras pessoas gostem de estar ao lado dela. Eu sei que gosto.

Uma breve pausa.

— Eu acho que você também gosta.

Os olhos de Jared pareceram ficar marejados. Ele os fechou apertados para conter as lágrimas.

— Ela é uma pessoa linda, mas não é uma pessoa perfeita. — Julia olhou na direção de seu computador para proteger o ego masculino oscilante de Jared. — Aquela mesma centelha para a vida vem com uma inclinação para o erro.

— Eu que o diga! — Jared acrescentou zangado. — E também para a vergonha.

Julia hesitou. Dizer o quanto? Será que Jared tinha idade suficiente para saber? Isso ajudaria ou feriria o relacionamento dele com Maria?

—Ouça, Jared. — Ela começou de modo tímido. — O quanto a sua mãe te contou sobre a infância dela? A nossa infância?

Ele deu de ombros.

— Eu não tenho certeza do quando eu devo te dizer. Ou se você quer mesmo saber.

Ele assentiu com a cabeça ao ter a sua curiosidade despertada.

— Quantos anos você tem agora?

Jared revirou os olhos e deu um sorriso largo. — Faltam quatorze meses para eu ser um adolescente.

Julia deu uma olhada no relógio. Noventa minutos para o prazo final. Outra hora talvez? Não.

— Bem, Sr. Quase Adolescente, eu poderia tomar uma xícara de chocolate quente. E você?

Ele assentiu que sim com a cabeça ansiosamente.

— Você prepara as bebidas enquanto eu me visto. Então nós poderemos conversar.

Ela aproveitou os dez minutos durante os quais Jared fervia e mexia para examinar novamente a segunda versão da sua história. A suposta sujeira sobre Kevin Tolbert deixou seu estômago pesado. Julia fez de tudo para tirar o rosto de Angie de seu pensamento.

Separe, ela ordenou a si mesma. Reveja as duas versões através dos olhos dos seus leitores. Não dos de Angie. Não dos de Paul. Não dos novos proprietários da RAP. Somente dos seus leitores!

— O chocolate quente está pronto — anunciou Jared enquanto entregava para Julia a caneca favorita dela. O vapor rompia uma mini montanha de creme e chantilly, transformando-a em uma ilha de espuma desmoronando. Reivindicando o seu lugar na beirada da cama, ele encarou a sua tia com ouvidos abertos.

— Eu não tenho muito tempo — Julia começou — mas eu acho que você precisa saber de algo que a sua mãe provavelmente nunca vai te contar. Algo que pode ajudar você a entender. Talvez até a perdoar.

Ela começou com as partes que Jared já sabia. Que o avô dele as havia deixado antes de Maria conhecer o pai. Que a avó dele era uma mulher forte e independente que jamais se casou outra vez. Então ela revelou a parte importante.

— Depois que o nosso pai nos deixou a sua avó começou a passar tempo com uma série de namorados.

— Como a mamãe faz?

— Sim. Mas a sua avó não tinha uma irmã morando com ela. Ela cometeu erros.

*Que tipos de erros? os olhos dele perguntaram.*

— Dois dos seus namorados se mudaram para morar com ela. Conosco.

— Sério?

—Sim. O primeiro ficou por quase três anos. Ele era bem legal. — Ela hesitou antes de continuar. — O segundo ficou apenas algumas semanas.

Será que ele tinha idade suficiente para ouvir o resto? Claro que tinha. Onze anos é a mesma idade que Julia tinha quando ela descobriu o que estava acontecendo.

— O segundo homem fez algumas coisas ruins.

*Vago demais.*

— Ele machucou a sua mãe.

Jared parou no meio de um gole, com uma raiva crescente em seus olhos. — Machucou como?

Outra demora. O que dizer?

— Ele a machucou de maneiras que podem fazer uma menina se sentir...

Ela não conseguiu dizer o resto.

— Com raiva? — ele introduziu.

Ela pensou por um instante. — Sim, com raiva. E insegura. E, bem, maculada.

Ele não entendeu.

— Suja. Isso fez a sua mãe se sentir suja.

A compreensão superou a curiosidade. O rosto de Jared assumiu um ar corajoso, um jovem valente ansioso para punir um adversário desconhecido, mas mau.

— Ele machucou você também?

Julia quis dizer não, para explicar que foi ela que pôs um fim no abuso ameaçando chamar a polícia.

— Ele tentou — ela confessou. — Ele se expôs a mim uma noite enquanto eu estava saindo do chuveiro. Isso me assustou. Me deixou enjoada. Mas isso foi algo menor comparado ao que aconteceu à sua mãe.

Julia terminou a sua bebida em silêncio enquanto Jared absorvia uma revelação que nenhum filho deveria ter que receber sobre um abuso que nenhuma menina deveria ter que suportar.

— Você está bem? — ela finalmente perguntou.

Um único assentir com a cabeça.

— Eu sempre amei a sua mãe, Jared. Eu apenas sinto não ter feito um trabalho melhor para protegê-la.

— Não era sua obrigação protegê-la.

— Eu sei — ela respondeu. — Mas eu ainda queria ter sido capaz de protegê-la.

— Era obrigação da vovó.

Julia concordou em silêncio.

— Não. Eu estou errada. Era obrigação do seu avô.

Julia olhou no rosto de Jared. Ele mostrava a indignação de um soldado destemido encontrando um perfeito covarde.

— Ele não estava por perto — Julia explicou. — Ele não pôde protegê-la.

Jared desviou o olhar, e então voltou a olhar para Julia. — Ele deveria ter estado lá. Os pais devem proteger os seus filhos.

Ela assentiu com a cabeça para afirmar o instinto nobre.

— Eu o odeio!”

— Você nunca o conheceu.

— Eu sei. Mas eu ainda o odeio.

A conversa terminou. Jared se levantou da cama e apanhou a caneca meio vazia de Julia antes de se dirigir para a cozinha. Julia se sentou pensativa, na esperança de ter feito a coisa certa.

— Tia Julia — disse Jared, olhando para trás, na porta. Ele tremeu mostrando-se hesitante, por um instante. “Posso te fazer outra pergunta?

— Claro.

— Se aquele homem machucou a minha mãe, sabe, a fez se sentir suja, então por que ela... — As palavras certas não vieram.

— Eu não sei, Jared. Eu não sei.

Ele respirou fundo e em seguida expirou com resolução. — Eu acho que vou esperar acordado, sabe, até ela chegar em casa.

— Eu acho que é uma boa ideia.

Julia voltou para a tela do seu computador. Ela tinha tempo suficiente para reler cada esboço antes de tomar uma decisão final. A primeira versão parecia consistente apesar de não ter o tipo de apelo de escândalo que Paulo preferiria. A segunda, com muita certeza, iria prejudicar a proposta Pontos Brilhantes. Mas também arriscava fazê-la parecer inconsistente, como os jornalistas que usavam a sujeira de estilo dos tabloides para vender jornais em vez de fatos confirmados para influenciar mentes.

Julia tomou a sua decisão. Seu dedo se demorou momentaneamente no segundo ícone. Outra olhada para o relógio. Não havia tempo para alterações adicionais.

Ela clicou, liberando a sua versão final de Os Reprodutores.

Uma versão sem a sujeira sobre Kevin Tolbert.

# CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

Odespertador tocou às seis e meia da manhã. Ao estender a mão para desligá-lo, Julia se lembrou do dia. Ela havia se esquecido de mudar o relógio para um horário mais apropriado para o fim de semana, talvez oito ou nove da manhã. Ao voltar ao seu travesseiro acolhedor ela se sentiu estranhamente descansada, até mesmo revigorada. Então ela se deu conta.

*Sem sonho!*

Pela primeira manhã em meses ela não conseguia se lembrar de nenhuma imagem perturbadora ou pânico noturno. Era como se uma dor de dente crônica de repente tivesse sido curada.

Ela passou vários minutos juntando mentalmente as pistas.

Por cerca de oito meses os pesadelos haviam se tornado progressivamente mais intensos e mais frequentes. Ela havia tentado ignorá-los como manifestações subconscientes de insegurança, ecos noturnos de sua carreira agitada. Será que completar uma grande matéria jornalística a tinha finalmente libertado? Finalmente matado o demônio interno?

A Dra. Moreland havia sugerido que os sonhos estavam de alguma maneira ligados ao seu pai ausente. Ela havia recomendado a Julia que colocasse um rosto no homem que ela não podia alcançar. Será que a conversa com Jared tinha furado um furúnculo escondido? Os pais devem proteger as suas filhas. Por que o dela não as tinha protegido?

Ou Troy Simmons era o seu anjo? Pela primeira vez em sua vida um homem parecia genuinamente apaixonado por ela em vez de apenas excitado com ela. Será que a atenção dele tinha alguma coisa a ver com uma noite de descanso ininterrupto? A sua atenção poderia trazer mais?

Sejam quais forem as razões, Julia aceitou o repouso de forma grata ao se enterrar debaixo do calor dos seus cobertores.

Uma hora depois ela acordou com os sons distantes de chiados e estalos. Então ela sentiu o fraco aroma de bacon chamando-a para a cozinha.

— Bom dia, tia Julia! — Jared sorriu para ela do alto da plataforma ao lado do fogão, onde ele estava cumprindo sua missão de não deixar a comida queimar.

— Bom dia, Jared. Que horas você foi para a cama?

— Por volta da meia-noite — ele respondeu. — A minha mãe chegou em casa por volta das onze. Nós conversamos por algum tempo.

— Fico contente. — Julia colocou o seu tablet adormecido em frente ao seu assento habitual. — Onde ela está agora?

— Comprando suco na loja. Deve estar de volta a qualquer momento.

— Precisa de ajuda? — ela se ofereceu.

— Não obrigado. Está quase pronto.

— Estou de volta — cantou a voz de Maria da porta da frente aberta. — Eu não sabia se você queria suco de toranja ou de laranja, então eu trouxe os dois.” Ela notou Julia. — Oh, bom dia dorminhoca.

— Bom dia, mana — Julia respondeu. — Vocês dois parecem estar se dando melhor.

Maria deu um beijo na bochecha de Julia. — Sim estamos. — Ela se inclinou para sussurrar no ouvido de Julia. — Eu não sei o que você disse a ele, mas eu agradeço. Você é a melhor.

Julia encostou sua cabeça na de Maria para aceitar o sentimento.

—Vamos comer — Jared anunciou.

— Parece fantástico! — Maria tomou seu lugar ao lado de Jared, de frente para Julia.

Depois de um gole de suco e duas mordidas de ovos mexidos, Julia escolheu matar a sua curiosidade.

— Então, como foi o encontro?

Maria fez uma careta. — Eu prefiro não falar sobre isso.

Jared segurou um sorriso.

— Falar sobre o que?

— Eu disse que não quero...— Maria fez uma pausa, olhando para seu filho com cara de zangada. — Você está gostando disso, não está?

Ele assentiu com a cabeça, com jeito travesso.

— Oh, por que não? — ela cedeu. — Está terminado com o Fin.

Julia olhou para um Jared obviamente satisfeito, e então olhou de volta para Maria.

— Então você terminou?

Silêncio.

— Com ou sem deixar opções abertas?

Os olhos de Maria se estreitaram.

— Sem opções.

Julia e Jared deram mais uma mordida enquanto esperavam ouvir mais.

— Ele me deu o fora, Ok? — Maria bufou. — Ele disse que não achava uma boa ideia nós continuarmos nos vendo.

— Por causa de Jared? — Julia perguntou, satisfeita com o fim.

— Não — Maria confessou. — Não por causa de Jared. Por causa da Beth.

— Quem é Beth?

— A senhorita Cline — Jared interveio. — Uma nova professora substituta. Muito bonita.

Maria fez um som de desaprovação enquanto revirava os olhos, com a picada da rejeição aparentemente ainda sensível.

— Sinto muito, mana — Julia a consolou enquanto segurava um sorriso. “Mas eu fico feliz que tenha acabado.

— Eu também! — Jared acrescentou entusiasticamente.

Maria fez beicinho. — Eu também, eu acho.

Julia aceitou a oferta de Jared de fatias de bacon perfeitamente transformadas em tiras uma segunda e uma terceira vez. Quando terminaram, ela se ofereceu para arrumar a mesa e lavar os pratos.

— Deixa que eu faço — insistiu Maria. — Vá dar uma relaxada.

Julia gostou da sugestão, pegando o seu tablet ainda apagado e se dirigindo para o sofá na sala ao lado.

Julia abriu seu arquivo e releu a história que tinha enviado para Paul dez horas antes, voltando toda a sua atenção para a parte que continha as citações, palavra por palavra, de Kevin Tolbert. Pareceu certo incluir os comentários embora ela soubesse que Paul iria torcer o nariz para isso. A história atingiu a marca, efetivamente marginalizando as críticas da Iniciativa da Juventude associando-as aos aspectos extremos da Terra dos Reprodutores. E estes elementos existiam. Os leitores precisavam saber sobre eles. Precisavam ser cautelosos.

Ela até mesmo esperava que a sua decisão salvasse a possibilidade de continuar a amizade com Angie — ou pelo menos proteger tanto a ela como às crianças de um escândalo.

Depois de ler o parágrafo final ela pensou em Troy. Ele iria odiar a história, provavelmente ficaria com raiva quanto ao dano potencial que a história causaria à proposta Pontos Brilhantes, sem mencionar as perspectivas políticas do seu amigo. Mas foi muito menos prejudicial do que poderia ter sido. Foi uma versão que ele poderia até ser capaz de perdoar.

—Eu quase me esqueci de te dizer — a voz de Maria interrompeu. — O seu celular começou a fazer som de alerta de mensagem nova ontem à noite por volta da meia-noite.

Julia se lembrou de ter colocado o celular para carregar, para deixá-lo se recuperar depois de um logo período de viagem.

— Você deve querer dar uma olhada. — Maria entregou o celular para a sua irmã. — Pode ser aquele amigo bonito do Kevin de quem você me falou.

Ela tocou na tela para achar uma série de mensagens de voz de um Paul Daugherty claramente incomodado.

23:37. “Você deve estar brincando comigo, Joia. Me ligue imediatamente. Nós precisamos fazer algumas mudanças.”

23:51. “Você está acordada? Nós precisamos conversar imediatamente!”

00:04. “O meu prazo de envio está há menos de trinta minutos, Joia. Você se lembra de que nós estaremos publicando esta história de manhã? Eu não posso esperar por você. Acho que posso fazer alterações suficientes para salvar o que você enviou. Ligue se você receber esta mensagem antes da meia-noite e meia. Caso contrário, leia a minha versão ligeiramente alterada no Weekend Journal pela manhã.”

*Weekend Journal? Ela olhou para a hora. Quase nove horas!*

*Versão ligeiramente alterada? Milhões de leitores já haviam lido a história enquanto bebiam sua primeira xícara de café. Uma versão da história que ela nunca tinha visto!*

Ela agarrou o seu tablet e abriu o jornal. Ali estava, o título da matéria da capa e a autoria, afixados sobre uma enorme imagem de fotos de bebês penduradas em uma parede.

**OS REPRODUTORES**

*O Plano Alarmante deles para o seu Futuro*

De Julia Davidson com Monica Garcia

— Com Monica Garcia! — ela gritou. — Não acredito que ele fez isso!

# CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

Angie fez o possível para manter as crianças quietas para que Kevin pudesse continuar dormindo. A sexta-feira tinha sido um dia longo e agitado. Ele havia permanecido no gabinete até muito depois da meia-noite dando alguns retoques finais na proposta de austeridade. Ele havia prometido que o senador Franklin receberia um esboço para analisar durante o fim de semana caso a previsão de orçamento revisada viesse a público na segunda-feira. Franklin iria querer convocar uma coletiva de imprensa em resposta ao consequente pânico para ganhar apoio em favor de um plano sensato de um líder decisivo.

Angie não dormiu bem apesar de ter ido para a cama cedo. É por isso que ela quase aceitou a oferta de Kevin para cuidar da choradeira de Leah logo de manhã, bem cedo. Mas ele parecia muito mais exausto do que ela. Além disso, o enjoo matinal costumava impedi-la de voltar para a cama para dormir. Então ela beijou a mão dele e insistiu que ele tivesse algum descanso bem merecido.

Sentada no sofá na sala de estar, Angie observava Leah pegar um dos pinos de boliche de Joy, enquanto Tommy e Joy davam um sorriso largo assistindo ao seu desenho favorito. A mente dela retomou o ponto em que havia parado enquanto ela se revirava na cama sem conseguir dormir durante a noite. Como contar a Kevin sobre a gravidez?

Com Tommy ela havia colado um pequeno bilhete de amor no seu teste de gravidez positivo e colocado dentro da embalagem do almoço dele. Ela se lembrou de ter ficado muito ansiosa por volta do meio-dia esperando o telefone tocar, esperando ouvir o grito eufórico dele em seu ouvido. A ligação nunca veio. Ele em vez disso apareceu na porta da frente segurando um buquê de flores. Eles jamais haviam se beijado tão profundamente.

No caso de Joy ela enviou um texto enigmático para Kevin descobrir enquanto verificava as mensagens entre os voos.

Três se tornam quatro!

Duas horas depois ela finalmente recebeu o seu grito eufórico.

Com Leah tinha sido menos dramático. Eles não estavam tentando conceber, então presumiram que o enjoo matinal fosse uma gripe, exatamente como acontecia dessa vez. Ela comprou um teste de gravidez na farmácia “só por precaução” no caminho para a casa dos pais de Kevin para uma refeição no dia de ação de graças, refeição que um enjoo estomacal não permitiu que ela desfrutasse. Eles se sentaram um ao lado do outro, no carro, incapazes de acreditar naquilo que os seus olhos viam, enquanto as duas crianças dormiam pacificamente no banco de trás. O pânico momentâneo quanto às exigências que viriam com um terceiro filho desapareceu no calor do abraço forte de Kevin.

— Olhe mamãe — Tommy sussurrou, lembrando-se finalmente das ordens de Angie para não fazerem barulho. — A nenê Ieah pegou o pino de boliche!

Um fluxo claro de baba já tinha começado a escorrer do lado do brinquedo. O plástico duro oferecia a fricção certa para aliviar as gengivas que formavam a dentição de Leah.

— Ela pegou mesmo! — disse Angie, juntando-se à mini comemoração com um fraco entusiasmo.

Quando Tommy voltou a sua atenção novamente para a televisão, Angie analisou mentalmente as suas opções imperfeitas.

Será que ela deveria esperar para contar a Kevin sobre a gravidez até que ele tivesse feito a apresentação da proposta de austeridade? A agitação prometia ficar mais louca antes de assentar a poeira, especialmente se Franklin fizesse de Kevin o rosto e a voz do plano. Ela sabia que seu marido conseguia lidar com a exposição em situações altamente estressantes. Mas ele jamais havia sido jogado em nada dessa magnitude antes. Além disso, esperar algumas semanas significaria que ela teria os resultados do perfil genético. Não seria melhor ter todas as informações primeiro?

Ou ela deveria contar a ele imediatamente? É isso o que ela queria fazer. Ela queria compartilhar a sua inquietação, e possivelmente obter confiança a partir da reação dele. Mas a resposta dele poderia muito facilmente ter o efeito oposto. A menor hesitação da parte de Kevin poderia transmitir um significado enorme, talvez não intencional. E se ele procurasse pistas dos sentimentos dela em seus olhos antes de revelar os seus próprios sentimentos? Será que ela poderia fazê-los brilhar com entusiasmo? Ou eles trairiam os seus temores? Se isso

acontecesse, os olhos dele afastariam os temores dela ou refletiriam estes temores como um espelho confirmando um defeito desagradável?

*Não seja ridícula! Angie punia a si mesma. Ela sabia como se sentiria magoada se Kevin escondesse dela uma revelação tão importante. É claro que ele merece saber imediatamente. Ela deveria lhe contar até o final do dia.*

Fosse por ter resolvido o seu dilema ou pela graça dos minutos que se passaram, Angie sentiu o seu enjoo diminuir o bastante para finalmente tirar as caixas de cereal de Tommy e de Joy da mesa e guardá-las na despensa. Ela notou um pacote fechado de bolachas salgadas Saltine Classics. Elas talvez acalmassem as ondas em seu estômago. Enquanto engolia a sua primeira bolacha, Angie olhou pela sala a procura de algo que afastasse uma outra luta interna quanto a se e como compartilhar a notícia. Seus olhos pousaram no tablet de Kevin que estava sobre o balcão da cozinha. Ela o ligou quando o colocou em frente à sua cadeira na mesa.

Ela abriu a pasta do noticiário diário, onde meia dúzia de opções apareceram. Ignorando tanto os ícones do Washington Times como do Wall Street Journal, Angie selecionou RAP, esperando encontrar algo de interesse na seção de estilo de vida do Weekend Journal. Apropriadamente, uma imagem do que deveria ter sido centenas de bebês recémnascidos encheram a tela.

Ela imediatamente notou a linha que continha a autoria do artigo.

Julia? Ela sorriu, satisfeita por ver o trabalho de sua amiga receber um posicionamento tão proeminente.

Passando os olhos pela sala de estar para confirmar que as crianças permaneciam suficientemente ocupadas, Angie se acomodou para desfrutar o raro luxo de ler uma extensa matéria enquanto saboreava uma bolacha salgada.

Mas o momento rapidamente se azedou ao ler o título do artigo.

## OS PROGENITORES

O Plano Alarmante deles para o seu Futuro

Desde a página de abertura Angie se sentiu menosprezada. As decisões mais significativas que ela já havia tomado, e mesmo a decisão que se colocava diante dela agora, pareceram parte de uma conspiração radical contra o bom senso.

As pessoas como Angie, a matéria explicava, se agarravam ao que elas chamavam de “a aliança conjugal”, uma relíquia piedosa substituída há muito tempo por acordos de parceria domésticos mais inclusivos e menos rígidos. Que exótico. Que estranho.

Aqueles que abraçavam os benefícios da ciência médica haviam aprendido a separar sexo dos bebês, para eliminar a remota possibilidade de uma concepção não planejada. Quando pessoas sensatas consideravam a paternidade, faziam testes de laboratório com os óvulos fertilizados antes de decidirem se e quais eles deveriam levar a termo. Os radicais religiosos, por outro lado, davam um salto de fé toda vez que faziam amor. Não que eles fizessem isso com muita frequência visto que, na opinião deles, o sexo era um mal necessário a ser feito de uma forma que mantinha o prazer erógeno a um mínimo.

A sobrancelha de Angie se enrugou com a descrição, sabendo o quanto ela e Kevin apreciavam a intimidade. Ela de modo algum lembrava a caricatura, mas mesmo assim se sentiu acusada.

Os progenitores, continuava a matéria, até mesmo se opunham à autonomia pessoal, como é evidenciado pela sua hostilidade comum para com a popular Iniciativa Jovem. Se for permitido que este grupo radical faça o que quiser, idosos e outros perderiam a liberdade de fazer a transição da riqueza para cidadãos mais jovens e mais saudáveis, não deixando a eles escolha a não ser continuar drenando os bens pessoais, estaduais e federais exatamente quando a economia mais precisa deles.

E assim a matéria continuava, um golpe após outro retratando o tipo de Angie como ignorante, ou negligente, ou ambos. Até mesmo o obstetra-ginecologista destacado na história, o Dr. Bryce Richert, apareceu como menos atraente do que a sua vida aparentemente nobre merecia. Angie se viu movendo a cabeça em concordância com a maioria dos seus comentários, mesmo quando ruborizava com as suposições dele, supostamente antiquadas. Suposições antiquadas dela.

Depois de ler dois terços do artigo, Angie passou o dedo na tela para mudar para

a página onde, para sua surpresa, ela viu uma grande imagem de Kevin acima de um texto que o descrevia como: “o idealizador por trás do que vários informantes de Washington chamam de proposta extrema”, apresentada durante “reuniões a portas fechadas conduzidas pelo senador Joshua Franklin”, nas quais ele defendia as “políticas econômicas chamadas de ‘Pontos Brilhantes’ que colocariam o governo no negócio de dar tratamento preferencial para aqueles que escolhessem a paternidade”.

Mais adiante na parte de baixo Angie encontrou uma longa citação de Kevin. Uma onda de orgulho acompanhou a leitura de Angie das mesmas palavras que ela tinha ouvido seu marido produzir no carro, na mesa da cozinha, em sua cama, e em frente ao espelho dele. Diferente do Dr. Richert, Kevin se saiu muito bem demonstrando ser articulado e equilibrado. Seu argumento a favor das estratégias de pontos brilhantes fazia total sentido, apesar das observações hostis antes e depois dos seus comentários, cumprimentos de Nicole Florea e Trisha Sayers.

— Bom dia, papai! — Angie ouviu Tommy e Joy chamando a atenção num salto antes de correrem na direção dos chinelos de Kevin. Ele piscou para Angie enquanto saboreava o ataque.

Ela deu uma outra mordida na bolacha e fez um sinal com o dedo mindinho.

— Com fome? — ela perguntou.

— Parece delicioso! — ele mentiu. — Mas eu acho que vou me servir de um copo de suco.

Seus olhos seguiram Kevin entrar na cozinha, e sua mão tocou gentilmente o braço dele quando ele passou. Ela começou a mencionar o artigo, mas mudou de ideia. Isso poderia esperar até depois de ele aceitar o convite silencioso de Joy para que se juntasse a ela se sentando com as pernas cruzadas no estilo indiano na frente da televisão. Enquanto Leah mordia o polegar estendido de Kevin, Tommy entrou na cozinha para encher a sua tigela vazia de Fruity Pebbles secos.

Angie virou a página: especulação sobre as intenções de Franklin e citações das habituais vozes de oposição.

Ela passou o dedo na tela novamente, desta vez encontrando imagens que a deixaram sem fôlego.

A primeira mostrava Kevin sentado ao lado de uma linda mulher em um restaurante chique, com a mão dela pousada carinhosamente sobre o pulso dele.

Angie lutou para ler o texto, algo sobre especulação de um relacionamento romântico entre o deputado Tolbert e uma assessora de Franklin.

A segunda foto mostrava a mesma mulher de pé na varanda da frente de Angie aceitando a ajuda de Kevin com o casaco dela.

Quanto tentava imaginar qualquer explicação que não fosse a óbvia, ela sentiu o corpo de Tommy se inclinar ao seu lado.

— Viu, mamãe — ele disse com orgulho. — Eu disse a você que ela era uma mulher bonita.

# CAPÍTULO SESSENTA

Julia estava furiosa. Paul não havia meramente alterado a sua história. Ele a tinha sujado com cada grama de lama que Monica Garcia havia conseguido encontrar e lançar.

Ela passou a maior parte da manhã escrevendo e apagando bilhetes para Angie. O que dizer?

A especulação sobre Kevin não tinha sido obra dela. Tinha sido ideia do seu editor.

Como se isso fosse aliviar a dor de ver aquelas fotos incriminadoras.

O tom depreciativo e os golpes contundentes não refletiam os sentimentos de Julia. Eles vieram de sua coautora mais jovem e menos refinada.

Coautora! Ela se lembrou com raiva. Paul não tinha o direito de misturar a minha história com as bobagens da Monica!

Mas ele tinha. Milhões de leitores haviam passado aquela manhã balançando as suas cabeças em um desprezo coletivo que finalmente recebeu voz através de uma jornalista bem conhecida. Eles reconhecidamente iriam associar a justificação por seu desdém com Julia Davidson: a mesma escritora que havia zombado do mundo de Peter Pan na Terra dos Rapazes agora dava permissão para elevar o rótulo ridículo de progenitor, da sarjeta dos sussurros zombadores para o ápice da condescendência respeitável. Um novo leproso havia sido expulso da sociedade adequada. Um bom alívio para uma outra subcultura de mente pequena. Vida longa para a elite civilizada!

Até o meio-dia Julia havia deixado sete mensagens furiosas para Paul, sendo que nenhuma delas teve retorno. Ela recusou o convite de Jared e Maria para saírem para comer pizza. Estava sem apetite. Em vez disso ela optou por acalmar a sua mente inquieta e entorpecer a sua cabeça latejante mergulhando em um banho quente antes de se deitar para uma soneca.

◆

— Está tudo bem! — Julia ouviu o grito de Maria no mesmo momento em que ela notou seus próprios braços se agitando violentamente. — Você está em casa, na sua cama. Acalme-se, querida!

O ritmo do seu coração acelerado diminuiu gradualmente enquanto Julia enchia de oxigênio os pulmões que tinham estado prestes a explodir. Sua mente finalmente acordou junto com seu corpo.

HOMEM

SOMBRA

MEDO

RAIVA

O pesadelo não tinha ido embora. Ele tinha simplesmente errado um desvio.

— Você está bem? — Maria perguntou com olhos preocupados. — Eu nunca vi um pesadelo tão ruim. Estou preocupada com você.

— Eu fiquei embaixo d'água de novo — Julia explicou de modo ofegante. — Mas não consegui voltar à superfície.

A memória provocou um arrepio de medo.

Maria se sentou na cama esfregando o braço inquieto da irmã. Julia notou Jared de pé na entrada da porta do quarto olhando ansiosamente.

— Você está bem, tia Julia? — ele perguntou.

— Eu vou ficar bem. Só me dê alguns minutos.

Eles fizeram isso.

Julia pegou o bloco de notas do seu criado-mudo, mas o colocou de volta imediatamente. Ela fechou os olhos, esperando uma última olhada nas imagens assustadoras antes que elas desaparecessem inteiramente de sua mente.

Como antes, ela viu a imagem fixa e sombria de um homem estendendo a sua mão na direção dela enquanto ela se distanciava cada vez mais. Ela gritou para ele inutilmente. Ela sentiu o puxão para baixo. Desesperada para respirar, ela tentou nadar para longe da risada sádica que ecoava desde as profundezas.

Seus olhos se abriram num sobressalto em reação a algo que ela jamais havia notado antes. Ela os fechou novamente, confirmando o que não podia ser.

Exatamente quando Julia sentiu que estava se afogando ela virou os olhos para baixo, para longe da sombra que desaparecia e na direção de qualquer que fosse o destino sombrio que chamava embaixo. Foi quando ela viu o rosto. Um menino. Alguém que ela reconheceu, mas não conseguia se lembrar de onde, com sua expressão oscilando entre uma raiva obstinada e um terror frenético, ao mesmo tempo em que suas mãos se fechavam ora num gesto suplicante, ora serrando-as de forma desafiadora.

Com a imagem do rosto distintivamente preservada, Julia vasculhava a sua mente buscando pistas.

Onde ela tinha visto o menino antes? Um amigo de Jared? Não. Muito mais velho do que ele.

O que ele tinha a ver com os seus sonhos assombrosos? Alguma coisa? Nada?

Ele também havia gritado para o homem misterioso?

Julia havia tentado salvá-lo antes de cair vítima do seu pedido de socorro desesperado?

Por que as aparências de desafio e terror? Por que os gestos de tentar agarrar e cerrar as mãos?

E então ela se lembrou. Ela tinha visto o seu rosto antes.

Ela andou até a cômoda e pegou seu tablet para rapidamente abrir a pasta enviada por Jeremy Santos. Dois cliques depois ela olhava atentamente para a foto de Jeremy sentado ao lado de sua mãe e seu irmão na noite anterior à transição de Antonio.

*Antonio Santos!*

Ela abriu o diário de Antonio e começou a percorrer as páginas antes de localizar o registro final, não lido. As últimas palavras registradas de Antonio.

**17 de agosto de 2041: Meu último dia vivo. Em algumas horas eu finalmente deixarei as posições de débitos. Mãe, eu sei que você está chateada. Mas eu tenho idade suficiente para decidir o meu próprio destino agora, e é isso o que eu quero. Eu já terminei. Você e Jeremy também. Sem mais preocupações sobre mim, dia e noite. Sem mais humilhações por mim ou vergonha para você. Eu agradeço por tudo o que você fez. Mas eu quero que você e Jeremy aproveitem as suas vidas. Diga a ele que eu espero que ele deixe de sentir raiva de Deus para que eu possa vê-lo seja lá em qual céu exista. Eu sei que você vai chegar lá depois de ficar firme ao meu lado em todas as circunstâncias. Você tornou a vida tolerável.**

Se você tiver notícias do papai outra vez, diga a ele que eu disse adeus. E que eu o odeio. Eu sei que ele é o homem sem rosto nos meus sonhos, aquele que nunca atende quando eu peço socorro. Fico feliz porque não terei mais pesadelos. Eles me assustam mais do que eu admiti. Eles fazem com que eu me sinta como se estivesse me afogando, sendo sugado para longe da vida que eu deveria viver. Mas está acabado agora. Eu não quero mais pensar no que, ou sobre o que deveria ser, ou poderia ser. Estou pronto para partir. Adeus mundo cruel. Tenha um bom dia!

Julia se sentou olhando fixamente para a página, tentando dar sentido ao que parecia além da compreensão. Antonio Santos tinha sido assombrado pelo

mesmo sonho!

Ela olhou no espelho para pedir uma explicação. Nada veio. Ela olhou de volta, desta vez notando o dia do registro final de Antonio. Era uma data que continha um significado que ia além da inclusão nos documentos legais, descrevendo o incidente de morte ilegal. Algo mais pessoal.

Julia fechou o arquivo e abriu seu calendário para descobrir alguma pista, talvez um registro de compromisso ou uma nota de diário sugerindo algo único sobre 17 de agosto de 2041. Nada de importância apareceu.

Um som de batidas interrompeu seus pensamentos.

— Ainda está bem? — Maria perguntou, metendo a cabeça para o lado de dentro da porta.

— Eu acho que sim — Julia começou. — Mas não tenho certeza.

Ela queria compartilhar os detalhes com sua irmã. Mas ela hesitou, ainda tentando decidir se tinha sido empurrada para um profundo mistério ou estava simplesmente ficando louca.

— Por acaso a data 17 de agosto de 2041 significa alguma coisa para você? — Julia perguntou.

— Deveria?

— Eu não sei. Estou tentando entender algo. Algo que poderia ter alguma ligação com os meus pesadelos.

O comentário pareceu disparar uma reação, como se provocando um pressentimento.

— Espere um pouco — Maria saiu do quarto às pressas, deixando Julia sozinha com seus pensamentos.

*Será que eu preciso de um psiquiatra? Julia se questionou. Ou devo chamar um padre?*

Ela se lembrou do pastor de Angie. Ela imaginou se ele poderia ter alguma

experiência que fosse capaz de desvendar o significado espiritual dos sonhos.

*Não seja ridícula, ela disse a si mesma. Deve haver uma explicação racional. Talvez nós dois tenhamos visto o mesmo filme assustador. Lido o mesmo romance de terror.*

— Eu achei! — disse Maria, voltando para o quarto. — 17 de agosto de 2041.

— Do que se trata? — Julia perguntou.

— Eu escrevi uma nota em meu diário nesta data que pode ajudar. “Julia acordou a noite passada gritando. Ela teve um pesadelo muito ruim”. Eu acho que foi o seu primeiro. Pelo menos o primeiro que me acordou.

Julia se sentiu chocada com o que compreendeu. Eu herdei o pesadelo de um menino que estava morrendo?

— Isso ajuda em alguma coisa? — Maria perguntou casualmente.

A cabeça de Julia se moveu para cima e para baixo em um silêncio atordoado.

# CAPÍTULO SESSENTA E UM

Julia não conseguia se lembrar de duas semanas mais caóticas. Mesmo antes que ela pudesse absorver elogios da matéria do seu fim de semana, as comportas se abriram, trazendo uma grande tarefa atrás da outra para a sua mesa. Os novos proprietários da RAP claramente gostaram do seu trabalho. Mas eles também precisavam de todas as mãos disponíveis para lidar com o incêndio da cobertura solicitada depois que o gabinete de orçamento do congresso divulgou as projeções revisadas. Um ciclo de notícias na noite de segunda-feira alimentou uma queda do mercado na manhã de terça-feira. Todo setor da economia conhecido em Wall Street teve uma queda dramática por seis sessões consecutivas. Nem a conversa defensiva do presidente em seu lar, nem a coletiva de impressa perfeitamente cronometrada do senador Franklin tinha conseguido debelar o pânico.

Apesar do alarme generalizado, Julia se sentiu agradecida pelo turbilhão de atividade. Isso a havia deixado ocupada demais para pensar em Angie. Isso também deu a ela uma desculpa conveniente para recusar os repetidos pedidos de Paul Daugherty para se encontrarem. A última coisa que ela queria fazer era conversar com o homem que, apesar de salvar a sua carreira, tinha perdido o respeito dela.

Mas ela não poderia evitá-lo para sempre, e os conflitos deveriam ser resolvidos pessoalmente. Assim Julia aceitou a oferta de Paul para se sentar em frente à sua mesa, se familiarizando com o que provavelmente seria um fraco pedido de desculpas enterrado em algum lugar dentro da sua vangloria auto-satisfeita.

— Nós estamos de volta ao topo, Joia — Paul começou depois de insistir que Julia aceitasse o brinde dele ao seu sucesso. — Exatamente ontem Bobbie mencionou você, e disse que você está fazendo um trabalho fantástico!

— Bobbie? — ela perguntou.

— Roberta Grantwood. Você sabe, a nova editora chefe.

— Você a chama de Bobbie?

— Bem, não cara a cara. Sra. Grantwood cara a cara. Mas eu gosto do som de Bobbie. Mas, sei lá, soa melhor para a editora chefe.

Julia se mudou para a sua cadeira enquanto fingia dar um gole em sua bebida.

— O que é isso, amor... — disse Paul para preencher o silêncio. — Não me diga que você ainda está chateada com a história do progenitor. Olha, me desculpe, está bem? Mas eu fiz o que tinha que ser feito.

Ela cruzou as pernas sem uma palavra.

— Como você pode estar brava quando o que eu fiz te colocou de volta no topo? Tanto você quanto Monica.

— Eu vejo que isso não te prejudicou nem um pouco também — Julia examinou as novas instalações do escritório.

— O que eu posso dizer? Eu bati enquanto o ferro estava quente e todos ganharam.

O comentário lembrou Julia do motivo dela ter vindo.

— Todos?

— Não se preocupe com Tolbert — disse Paul. — Ele já está crescido. Ele vai seguir em frente. Eles sempre fazem isso. Você tem questões maiores para considerar.

Ele levantou uma única sobrancelha curiosa.

— Eu deveria dizer, oportunidades maiores para levar em conta — ele continuou. — Pediram-me que designasse você para a próxima grande matéria do fim de semana. Outro escândalo fervilhante, que é ainda mais suculento do que o último.

Seus olhos baixaram.

— Você se lembra da história do processo judicial que eu te entreguei antes da coisa do progenitor?

Julia se aconchegou na cadeira com a menção.

— Aquela história sobre a mulher que morreu tentando impedir a transição do seu filho em débito — ele acrescentou.

Julia estremeceu, se ofendendo por um rosto que ela não conseguia esquecer.

— Bem. Dizem os boatos que Franklin tentou intervir no caso de morte ilegal contra a NEXT Inc. Parece que ele tem conexões financeiras de algum tipo. Como você gostaria de destruir a reputação daquele nazista cortador de orçamentos antes que ele se torne o homem mais poderoso do mundo? Monica está ansiosa por esta tarefa. Mas eu disse a Bobbie que você é a melhor garota para o trabalho.

— Eu sou uma jornalista, Paul — ela protestou. — Não uma mercenária sensacionalista.

Ele praguejou.

— Eu sei disso, Joia. Mas Bobbie adorou a maneira como você acabou com aquela besteira de pontos brilhantes antes que visse a luz do dia. Ela só quer que você mire um pouquinho mais alto dessa vez.

— Mais alto do que o quê?

— Mais alto do que um deputado bode expiatório novato.

— Bode expiatório?

Paul cobriu a sua boca como um menino percebendo que tinha falado demais.

— O que você quer dizer com bode expiatório? — Julia exigiu.

— Esquece.

— Paul — ela pressionou. — Diga-me o que você quis dizer quando mencionou que Kevin Tolbert foi um bode expiatório.

Silêncio.

— As fotos que você enviou de Kevin e aquela garota. Como você as conseguiu?

Ele se levantou da cadeira e passou por Julia para fechar a porta. Ele se virou para ela, abaixando a sua voz.

— Você não ouviu isso de mim. Combinado?

— Fale logo, Paul! — ela disse com raiva.

— Tudo bem. Tudo bem — as palmas das mãos abertas se levantaram para bloquear a linha de fogo dela. — Aquelas fotos foram encenadas.

— O quê? Como? Por quem?

— Não tenho certeza. Eu acho que foi o gabinete de Franklin. Você sabe, caso as coisas desandassem com Tolbert.

— Mas elas não desandaram, pelo menos não tinham desandado quando a história foi divulgada.

— Eu sei. Mas Monica usou a mágica dela para obter cópias. Não me pergunte como — ele voltou para a sua cadeira. — Bem, uma vez que elas estavam em meu poder eu senti que nós devíamos ao público a sua divulgação.

— Mas você disse que elas foram encenadas.

— Eu sei disso agora. Eu não sabia naquele momento. Eu tomei uma decisão baseada na informação disponível na época. Então me processe.

— Eu prefiro matar você! — Julia confessou. — Você faz alguma ideia...?

Ela desistiu de falar. Era inútil continuar com a conversa.

— Deixa pra lá — ela disse calmamente, colocando o seu copo na borda da mesa dele enquanto se levantava.

— Vamos, Joia — ele suplicou. — Não fique assim. Se não machuca não é falta. Tudo acabou bem. Além do mais, você pode ditar as suas próprias regras agora. Você quer fazer mais matérias? Você pode. Prefere continuar com o trabalho da coluna semanal? É toda sua. Qualquer coisa que você quiser.

Ela foi em direção à porta.

— Você sabe o que eles dizem, Joia — Paul continuou. — O fim justifica os meios. Você poderia ter perdido o seu emprego se eu não tivesse puxado o

gatilho.

Julia olhou para trás para Paul deliberadamente e falou quatro palavras assustadoramente gratificantes.

— Paul, eu me demito.

# CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

Em sua nona tentativa, a ligação de Angie foi parar no correio de voz de Kevin. Ela sentiu o seu coração batendo em suas têmporas, desesperada para falar com seu exilado companheiro, namorado, parceiro, e amigo de coração partido. Por que ela não tinha acreditado nele? Como ela poderia ter deixado que ele suportasse a humilhação das últimas semanas sozinho? Exatamente quando ele precisava mais dela, ela tinha confiado menos nele. O remorso dela se aprofundava com cada toque de telefone torturante.

— Por que ele não responde? — ela perguntou em voz alta, já sabendo o motivo. Angie tinha ignorado os telefonemas de Kevin todos os dias desde que ele havia começado a fugir com Troy após o longo discurso emocional dela. Ela não quis ouvir outra explicação implausível. Ela até ignorou o apelo de Troy para dar a Kevin uma chance, para ouvir o seu lado da história.

Kevin havia deixado dez mensagens de voz no dia seguinte à discussão deles, e que havia diminuído gradualmente para uma no sétimo dia. Já havia se passado quarenta e oito horas desde a sua última tentativa. Aparentemente ele estava compreensivelmente convencido de que Angie foi sincera em todas as palavras brutais que agora deixavam um resíduo amargo em sua boca.

Ela tinha sido forte.

Ela tinha sido corajosa.

Mas ela tinha estado errada.

“Oi, linda. Desculpe, estou com um imprevisto. Não vejo a hora de falar com você.”

Angie se confortava um pouco com o fato de Kevin não ter mudado a saudação especial dela. Uma saudação que ela não se achava mais digna de receber.

“Oi, querida. Sinto muito, muito...”. Ela não conseguiu continuar, um profundo choro sobrepujando seu texto ensaiado. “Por favor, por favor me ligue”, ela finalmente conseguiu.

Ela olhou de volta para a mensagem de Julia.

DE JULIA DAVIDSON: Angie. Me ligue imediatamente. Acabei de saber que as fotos de Kevin e aquela mulher foram encenadas. Me perdoe. Eu estraguei tudo.

Julia tinha compartilhado tudo o que sabia pelo telefone. Uma colega chamada Monica Garcia havia dado as fotos ao editor de Julia. Era verdade que a garota nas fotos havia se oferecido a Kevin. Mas Kevin tinha recusado. Fim da história. A garota havia mandado alguém tirar as fotos para usar, caso Kevin viesse a se tornar um grande personagem. Como se constatou, ela havia reunido um estoque de "evidências" sobre uma grande variedade de parlamentares de Washington como parte de um desprezível pequeno negócio de venda de sujeira para os tabloides sensacionalistas e, quando possível, para as grandes agencias de notícias. O gabinete de Franklin descobriu o golpe depois de ler a história de Julia, e demitiu a assessora.

"E quanto ao dano causado à reputação de Kevin?" Angie tinha perguntado.

"A RAP publicará uma retratação no próximo fim de semana", Julia explicou. "Mas eu receio que eles já deixaram uma mancha que será difícil de remover."

Angie compreendeu. Haviam pedido a Trisha Sayers para apresentar o plano de austeridade no lugar de Kevin. Ela mal mencionou a ideia dos pontos brilhantes, segurando o seu nariz o tempo todo. O que Kevin havia planejado como uma estratégia de mudança de jogo para o crescimento econômico ficou reduzido a uma constrangedora nota de rodapé na estratégia maior de Franklin.

Qualquer esperança que Kevin havia tido de influenciar a crescente controvérsia sobre a Iniciativa Jovem do presidente parecia acabada. Extremistas religiosos não eram bem-vindos no palco nacional.

Como devem ter sido difíceis as últimas semanas para um homem que havia conhecido apenas o sucesso. Um homem que todos uma vez haviam amado e admirado. Ela podia ver a derrota em seus olhos enquanto assistia Kevin na tela da televisão errando bolas em curva lançadas por um corpo de jornalistas invasores. Ninguém perguntou sobre a sua visão ou sonhos para o futuro da América. Eles só queriam saber como a sua esposa havia reagido às fotos.

Angie pensou que Kevin jamais diria. Ela reagiu como uma tola ingênua!

Desistindo dos seus esforços para ligar para o celular de Kevin, Angie decidiu suportar o constrangimento de tentar o seu gabinete outra vez. Ela com

satisfação suplicaria a um assessor com o rosto cheio de acne para fazer seu marido atender a chamada se isso significasse que ela poderia falar com o amor de sua vida.

Uma voz atendeu depois de dois toques.

— Troy? — que alívio! — Que bom que você atendeu. Deixe-me falar com Kevin!

— Oi, Angie — ele pareceu surpreso. — Ele não veio para o gabinete hoje. Aliás, por três dias seguidos. Ele ainda estava dormindo quando eu saí do apartamento.

— Eu vou lá agora — ela desligou, ignorando o que quer que Troy estivesse tentando dizer.

Cinco minutos depois as crianças se sentaram amarradas nas três cadeirinhas no carro, ainda usando seus pijamas. Quando a porta da garagem se levantou ela engatou a ré e saiu sem se dar ao trabalho de olhar para trás. Foi quando ela ouviu a batida do tapa característico de Kevin. Espiando pelo espelho retrovisor ela viu o tronco de um homem segurando um buquê de suas flores favoritas fingindo estar sofrendo a dor de um impacto brusco.

As flores caíram no chão quando Angie saltou para os braços de seu marido. Ele puxou o corpo dela num abraço bem apertado enquanto seus lábios permaneciam teimosamente juntos.

— Papai! Papai!

Eles ouviram Tommy gritando de dentro do carro, forçando seus lábios a formarem sorrisos espelhados.

— Você está em casa!

— Oi, amigão — Kevin conseguiu dizer entre beijos encharcados pelas lágrimas que Angie derramava.

◆

Angie aceitou a oferta de Kevin para preparar um almoço gastronômico de sanduíches de pasta de amendoim com banana. Os dois saboreavam um ritual que cada um deles temeu estar perdido para sempre.

— Obrigado pela comida — Tommy conduziu a oração com os dedos entrelaçados.

— Bigado pea mida — Joy repetiu.

— Obrigado pela nenê Ieah.

— Bigado enê eah.

— E obrigado pelo papai — ele acrescentou. — Amém.

— Bigado papai, mêm.

Depois de comerem eles deitaram as crianças para um cochilo da tarde, e então se aconchegarem na cama juntos, onde Angie pressionou a si mesma tão perto quanto possível do homem que ela havia magoado tanto.

— Você consegue me perdoar?

— Claro que eu te perdoo — ele beijou o alto de sua cabeça. — Não foi culpa sua.

— Eu deveria ter acreditado em você.

— Eu deveria ter te contado sobre a visita daquela garota à nossa casa.

— Você me contou. Você disse que ela apareceu com documentos do gabinete de Franklin.

— Mas eu não te disse que ela me passou uma cantada. Eu deveria ter te contado isso.

— Por que você não contou?

— Eu não sei — ele disse. — Talvez porque isso tenha me deixado

constrangido. Até me assustou um pouco.

— Assustou você?

— Isso provavelmente não faz sentido. Mas quando aquela garota começou a dar em cima de mim, eu me senti como se tivesse levado um tiro de raspão por um rifle de um caçador. Como se eu tivesse sobrevivido por um triz.

— Você ficou tentado? — Angie perguntou. — Espere, não responda isso. Eu não quero saber.

Eles se abraçaram sem falar por um momento.

— Ficou?

Kevin mudou seu corpo de posição para olhar Angie nos olhos.

— Não, eu não fiquei tentado — ele a tranquilizou. — Mas fiquei lisonjeado. Foi isso que me assustou.

Ela se aninhou de volta em seu abraço.

— Eu acho que entendo. Ela é uma mulher muito atraente. E você é apenas um homem.

— Parece que a influência política inclui privilégios decadentes como parte do pacote. Como se isso fosse esperado. Como se não fosse grande coisa.

Ele fez uma pausa e moveu gentilmente o queixo dela para cima para que os seus olhos pudessem se encontrar.

— Para ser honesto, eu fico um pouco feliz por saber que pessoas tirem fotos como aquelas.

— Feliz? Você não pode estar falando sério.

— Não há nada como saber que você provavelmente será pego, para impedir que você faça algo estúpido.

Ela se sentou e apoiou as costas no travesseiro.

— Mas me deixa enfurecida que eles tenham feito isso com você. Quero dizer, você não fez nada de errado e eles destruíram a sua reputação, enquanto sabe-se lá quem nessa cidade faz o que eles bem querem sem sofrer um arranhão!

— Não se preocupe com a minha reputação. Desde que você saiba a verdade, eu sou um homem feliz.

Ela sorriu de volta, e então beijou a mão dele.

— Eu pedirei a Troy que entre em contato com alguns amigos em várias agencias de notícias para pressionarem a RAP a fazer um amplo pedido de desculpas.

— Julia disse que eles publicarão uma retratação na próxima semana.

— Nós tentaremos conseguir mais do que a habitual correção oculta — Kevin disse esperançosamente. — Ei, onde está a sua mãe? Eu presumo que ela tenha vindo.

— Voltou para o Colorado ontem. Meu pai insistiu. Ele queria que eu e as crianças nos juntássemos a ela.

— Aposto que ele quer me matar!

Ela riu, e então abraçou Kevin outra vez.

— Eu sinto muito.

— Você já disse isso.

Um silêncio breve e maravilhoso.

— O que você acha que vai acontecer agora?

— Tudo será esquecido em algumas semanas. E se não for, Deus tem mais alguma coisa reservada para fazermos — ele respirou fundo, um homem finalmente de volta ao lar depois de um longo exílio.

Angie decidiu que o seu momento havia chegado.

— Falando do que Deus tem reservado para nós — ela começou. — Eu tenho

novidades.

Ele se ajeitou na cama para se juntar a ela apoiando as costas no travesseiro.

— Que tipo de novidade?

A apreensão retornou à expressão dela.

— Você se lembra da gripe que eu senti há algumas semanas atrás?

Ele se lembrava.

— Eu nunca te contei o que o médico disse.

— Há alguma coisa errada? — ele perguntou ansiosamente.

— Não. Bem, não exatamente errada. Mas ele estava um pouco preocupado sobre complicações potenciais, então me pediu para voltar ao consultório na semana que vem.

Kevin esperou por mais.

— Bem, parece que — não, não parece que — eu estou com certeza grávida.

Ela abraçou a si mesma esperando a reação de Kevin, pela leve hesitação que jamais veio.

— Grávida? — ele gritou.

— Shhh! Você vai acordar as...

Os lábios dele silenciaram os dela antes que ela pudesse terminar a advertência.

— Nós vamos ter outro bebê! — ele disse antes de colocar os seus lábios de volta nos dela. — Por que você não me contou antes?

— Eu fiquei um pouco distraída pelo possível fim do nosso casamento — ela riu com a observação e com o alívio.

Kevin já havia começado a desenrolar a toalha do corpo de Angie. Seus movimentos ficaram mais lentos enquanto ele deliberadamente posicionava o

seu rosto sobre a barriga ainda plana de Angie, e então gentilmente beijou o casulo acolhedor de seu filho sem nome.

Foi sem dúvida nenhuma o beijo mais carinhoso que ela já tinha recebido. Mas isso também fez cócegas, provocando um riso de prazer.

A necessidade de Kevin de saber superou a sua relutância em interromper o lindo som. — Que complicações?

Ela hesitou.

— Por favor, meu bem, diga qual é o problema.

— Provavelmente nada — ela respondeu de forma tranquilizadora. — O médico apenas acha que seria uma boa ideia traçar um perfil genético desta vez. Você sabe, em função da Leah.

— Por quê?

Ela não respondeu, “só por precaução” não parecendo mais uma razão suficientemente boa.

— Não — ele disse decisivamente.

— Você não quer saber?

— Não. Não quero.

Nada mais precisava ser dito. Eles apenas se abraçaram com firmeza, derretendo o impasse de Angie em uma grata liberação.

A porta se escancarou, fazendo com que Kevin se apressasse a cobrir a sua noiva nua com um cobertor.

— Oi pessoal! — Kevin disse para Tommy e Joy enquanto eles corriam para a cama. — Pulem aqui e deem à sua mãe um grande beijo. Ela vai nos dar mais um bebê!

# CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

Julia fez careta ao olhar para o parágrafo quase terminado. Jeremy Santos merecia algo melhor. Sua mente percorreu um último exame das entrevistas gravadas e diários lidos desde o dia que ela havia se sentado do outro lado da mesa que sua mãe e seu irmão tinham uma vez compartilhado. Ela encontrou e digitou o que estava faltando.

Ainda há muita coisa obscura acerca do caso de Sylvia e Antonio Santos. Nós sabemos que as suas vidas terminaram no dia 17 de agosto de 2041. Nós sabemos que Antonio fez a transição voluntariamente, um caminho que alguns chamam de caminho de uma ovelha em vez de um herói. E enquanto muitos questionam a nobreza da sua decisão, milhões celebram o resultado da sua escolha. Um débito a menos nos livros. Mais uma propriedade liberta para fins produtivos. Uma conclusão razoável quando se está formulando planilhas. Um pouco mais complicado quando se está revendo fotografias.

Julia sentiu o seu próprio gesto de aprovação com a cabeça concedendo a permissão para se mudar para a cozinha. Ela notou seu sobrinho sentado no sofá da sala com seus ombros curvados para frente, olhando para a tela da televisão em sua rotina habitual depois da aula e antes de sua mãe chegar em casa.

— Oi, Jared. Gostaria de se juntar a mim em uma comemoração tomando um copo de — ela fez uma pausa para ver as opções na prateleira da geladeira — suco de toranja?

— O que estamos comemorando? — ele perguntou, aproximandose do balcão da cozinha.

— Estamos comemorando o meu sucesso. Eu acabei de terminar uma história muito importante antes do prazo previsto.

Ele lançou um olhar confuso.

— Mas eu achava que você estava desempregada.

Julia fez uma careta.

— Eu não estou desempregada. Eu sou uma jornalista independente.

— Certo.

— A RAP não é a única empresa de mídia no mundo. As pessoas sempre precisam de escritoras freelancer.

— Do que se trata?

Ela bebeu um pouco de suco enquanto considerava a resposta mais curta.

— Um processo judicial de morte ilegal.

Jared olhou com um olhar vago.

— É quando alguém afirma que uma pessoa fez algo errado para causar a morte de outra pessoa.

— Que outro tipo existe? — ele perguntou.

— O que você quer dizer?

— Bem, se você causou a morte de outra pessoa você deve ter feito algo errado. Certo?

Julia sorriu pensando na afirmação profundamente ingênua.

— Não é assim tão simples — ou é?

Jared deu de ombros enquanto tomava um gole de suco.

— Quando vai ser publicada? — ele perguntou educadamente.

— Eu preciso primeiro achar um editor disposto a comprar a história — ela inclinou o seu copo na direção do dele. — Mas este é um desafio para amanhã. Hoje, nós comemoramos o meu término.

— Parabéns, tia Julia — Jared ofereceu, com o som dos copos se tocando em um brinde tornando a festa oficial.

Ele ficou um momento olhando sem jeito para Julia.

— Volte para o seu programa de televisão — ela o liberou com uma leve risada. — Obrigada por compartilhar do meu grande momento.

Ela se sentou à mesa para verificar mensagens, esperando ter notícias de pelo menos um dos editores que ela havia contatado. Todos diziam que o trabalho freelancer poderia ser festa ou fome. Quase uma semana depois de ter saído do escritório de Paul Daugherty, ela ainda estava faminta pela sua primeira refeição.

Ela abriu a única mensagem em sua tela digital.

DE TROY SIMMONS: Eu não tenho a intenção de ser importuno, mas um nobre cavalheiro nunca se esquece de sua promessa de tratar uma dama com a melhor rosquinha recheada de geleia do reino. Espero vê-la em breve.

Momentos depois, Julia se achou pesquisando preços de passagens aéreas enquanto tentava elaborar uma razão plausível para justificar a sua presença em Washington, DC.

*2 de junho de 2042*

**Janet**

— Você está linda hoje — Chuck espelhava o sorriso de Janet com suas palavras atenciosas e tranquilizadoras.

Ela tinha estado ansiosa por ver Charles Kohl novamente. Ela apenas se arrependia de usar um vestido que não lhe fazia jus.

— Eu te disse, mãe — disse Matthew antes de se voltar à direção do Sr. Kohl, que estava assentando na frente de sua tímida convidada. — Nós passamos boa parte da manhã tentando achar o colar favorito dela.

— Quieto, Matthew — ela ordenou envergonhada.

— Bem, fico feliz que tenha achado — disse Chuck. — É encantador ver uma mulher atraente em sua melhor aparência.

Ela sorriu em um constrangimento agradecido.

Matthew beijou o rosto de sua mãe para formalizar a sua saída.

— Aproveitem a conversa — ele disse solidariamente.

— Tenho certeza que iremos — disse Chuck, dando gentilmente um tapinha no braço de Matthew para alertá-lo de que ele precisava desaparecer.

— Tchau, filho — Janet disse despreocupadamente.

— Adeus, mãe — ele respondeu depois de uma pesada pausa.

Os dedos de Janet se agitaram de forma tensa com o seu colar quando ela levantou os olhos para o rosto do atencioso cavalheiro.

— Então, diga-me como você está se sentindo com relação a tudo isso? — ele perguntou.

Seus lábios se apertaram e suas sobrancelhas se levantaram ligeiramente enquanto a sua cabeça se inclinava para o lado, uma garota tímida incerta de como responder.

— Você está nervosa?

Ela fez sinal de sim com a cabeça.

— Eu entendo. É normal se sentir apreensiva.

Ele desviou o olhar de Janet momentaneamente para olhar o relógio.

— Nós temos bastante tempo para ficar juntos — ele garantiu a ela. — Por que não falamos sobre você?

Ela pareceu estar momentaneamente confusa, com uma expressão vaga sobrepondo seu sorriso forçado. Então uma mudança, como se desejasse reter o momento presente e agradável.

— O que você gostaria de saber sobre mim? — ela perguntou.

— Qualquer coisa que queira me contar.

Soltando a borda de seu colar, Janet baixou a sua mão para pegar um objeto que Matthew havia posto sobre a mesa. A sensação na palma de sua mão parecia envolver uma falha de compostura.

— Você tem netos, Sr. Kohl? — ela perguntou.

— Por favor, Janet, me chame de Chuck — ele insistiu. — Um neto. Ele está prestes a se formar no ensino médio. Mas eu pensei que estávamos falando de você.

— Eu queria netos — ela continuou.

— Verdade? — Chuck perguntou sem surpresa.

— Eu tinha estas imagens na minha mente. Sabe, como potes e panelas espalhados por todo o chão da minha cozinha, enquanto meu neto fazia o maior barulho batendo com a minha colher de mexer favorita.

Chuck sorriu como um homem lembrando a performance do seu próprio neto.

— Eu vi a minha neta jogando futebol infantil... eu estava torcendo na lateral do campo quando ela fez o seu primeiro gol.

— Neta?

— Eu a imaginei como uma menina — ela refletiu. — Claro, eu teria ficado da mesma forma animada com o primeiro gol do meu neto!

O pensamento forçou Janet a sorrir.

— Eu tinha tantas fotos. Primeira comunhão. A apresentação do coral da escola. O padre Tomberlin dando uma bênção de confirmação — ela fez uma pausa. — Tantas fotos.

A porta se abriu. Tanto Janet quanto Chuck olharam na direção de um homem jovem mostrando um sorriso de desculpas.

— Desculpe-me pela intromissão — ele sussurrou enquanto andava na ponta dos pés em direção à cadeira de Janet. — Não se importem comigo. Eu só levarei um segundo.

— Não se preocupe — Chuck o tranquilizou. — Continue, Janet.

Ela olhou de volta para o seu anfitrião cortês.

— Eu sei que é uma coisa boba de se falar aqui, com você. Mas veio à mente.

— De modo algum — ele disse. — Não há nada de bobo em contar a um amigo sobre as suas esperanças e sonhos. Quem sabe, o que nós estamos fazendo hoje poderia tornar a possibilidade de netos mais do que imagens fracas em sua imaginação.

— Eu espero que sim — ela disse sem rodeios. — Você sabia que o meu filho pretende se tornar professor?

— Ele vai ser um bom professor.

— Sim, ele vai — ela assentiu com a cabeça. — Talvez depois que ele terminar os estudos encontre a garota certa e...

Ela não conseguiu terminar a frase, ou porque isso lhe causasse dor ou porque fugiu de sua mente.

— Janet? — Chuck chamou. — Você está se sentindo bem? Você está confortável?

Ela olhou para o jovem que cuidava do equipamento médico ao seu lado, e então olhou de volta para Chuck. Ela apertou o objeto na palma de sua mão com força antes de responder.

— Eu estou bem. Obrigada. O que eu estava dizendo?

— Você estava me contando sobre o seu filho. Como ele vai se tornar um professor.

— Oh sim.

Estas foram as suas últimas palavras coerentes. Ela olhou para Chuck por vários minutos, com seus olhos cada vez menos capazes de focalizar até que eles desapareceram por baixo das cortinas de pálpebras que caíam ansiosas para se fecharem. No momento certo, o jovem especialista em transição recebeu o peso

do seu corpo que afundava. Ele gentilmente amparou a sua cabeça para pousá-la na parte de trás da cadeira, e então apertou um botão que começou a sua reclinação gradual até a posição horizontal exigida para o procedimento de doação de órgãos.

Os joelhos de Janet se separaram indecentemente em reação a uma contração muscular final de sua vida que se esvaia relutantemente. O jovem juntou as pernas dela para restaurar a graça de uma dama e as mudou para o lado para colocar o seu cadáver na posição determinada.

— Ela se foi — disse Chuck enquanto olhava pelo espelho de duas faces para os olhos cheios de lágrimas de Matthew.

Matthew ouviu a porta se abrir ao seu lado enquanto a escuridão protetora se dissipava dando lugar à luz. Uma mulher de meia-idade o convidou para voltar para a sala de transição para dizer quaisquer despedidas finais antes deles começarem o que ela chamou de “próximo estágio” do processo. Em uma questão de minutos eles iriam começar a extrair partes úteis do corpo de sua mãe ainda quente.

Ele se aproximou do lugar onde Janet Adams havia confiado os seus sonhos a um quase desconhecido, a um homem que Matthew havia convencido a fornecer a exigida segunda confirmação. Terminadas as suas obrigações, Charles Kohl se moveu apressadamente para a porta, aparentemente ansioso para cumprir um próximo compromisso. Ele colocou a sua mão momentaneamente no ombro de Matthew. Era difícil dizer se ele tinha em mente as condolências pela perda de Matthew ou os parabéns pela sua realização.

“A recepcionista terá as suas cópias dos documentos necessários”, Chuck explicou antes de sair da sala.

Matthew chegou mais perto da figura sem vida de sua mãe para compreender um momento que ele havia imaginado há meses. Ele iria tocar a mão dela, a primeira que os seus dedos infantis haviam segurado. Ele iria acariciar o seu rosto, o primeiro que os seus lábios recém-nascidos tinham sentido. Acima de tudo, ele iria receber o agradecimento silencioso dela por libertar a sua alma aprisionada de uma prisão decadente. Ela tinha sido resistente, mesmo aterrorizada. Mas ele havia lhe dado a solução que ela precisava para descartar a forma material para uma existência superior e puramente espiritual.

Ele interrompeu a sua aproximação a meio metro da mesa. Seus membros gelaram devido a algo que parecia ser medo.

*Você condenou a alma imortal dela!*

— Não. Eu a libertei — ele sussurrou de volta.

— O que disse? — perguntou o especialista em transição, virandose das suas preparações.

— Nada — Matthew respondeu. — Desculpe. Prossiga.

O jovem retornou aos seus deveres, soltando o braço enrugado do corpo sobre a cama que logo se tornaria uma mesa de açougueiro. Ele notou um som que atraiu os dois conjuntos de seus olhos para baixo, e então se ajoelhou para apanhar um objeto que havia aparentemente escapado do punho fechado do corpo.

— Você gostaria de ficar com isso? — ele perguntou. — Ou devo colocar com o restante das coisas dela?

Matthew estendeu a mão para pegar o que o homem segurava, para aceitar um item que ele com tanta frequência colocava na palma da mão de sua mãe.

— As contas do rosário dela — Matthew explicou. — Elas sempre lhe trouxeram conforto quando eu tinha que deixá-la.

O homem voltou ao seu trabalho sem expressar outra palavra.

Esfregando a fileira de contas em seus dedos, Matthew sentiu a forma de uma minúscula cruz ligada a elas. Era um símbolo que tinha lembrado a sua mãe de uma outra morte, uma que ela acreditava que tinha ocorrido para pagar pelo pecado da humanidade. Pelo pecado dele.

O seu corpo se enrijeceu.

— Aqui está — ele disse, devolvendo o rosário ao especialista em transição. — Coloque junto com as outras coisas dela. Eu não o quero.

O homem aceitou o objeto com indiferença quando Matthew sentiu um ímpeto de raiva alcançar o seu crescente pesar.

Ele deixou a sala sem tocar na mão de sua mãe e sem acariciar o seu rosto.

Ele saiu insultado com a ingratidão que ela havia demonstrado.

Trinta minutos mais tarde, Matthew se aproximou da sua porta da frente, com a sua mente vacilando entre pensamentos da vida que de repente se tornara possível, e pensamentos da morte que a tornaram assim.

Enquanto estava teclando o seu código de segurança em sua fechadura, Matthew notou um pedaço de papel encravado entre a maçaneta e o batente da porta. Ele o desdobrou, reconhecendo o estilo de escrita rabiscada de dezenas de bilhetes anteriores.

*OI, MATT!*

*NÃO TENHO CERTEZA DO QUE ACONTECEU. NÃO É HOJE O MEU DIA DE CUIDAR DA SUA MÃE? LIGUE SE VOCÊ AINDA PRECISAR DE MIM. DIGA A ELA QUE EU A VEREI EM BREVE.*

*DONNY*

Matthew dobrou o bilhete e o enfiou no bolso.

Então ele se sentou na varanda, colocou a cabeça em suas mãos, e chorou como um órfão.